
Um amor
avassalador.
Daniel
um romance de
MAG STAEL

Daniel

um romance de

MAG STAEL

Copyright © 2021 Mag Stael

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal. Copyright © 2021 Mag Stael Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

Sinopse

Playlist

Prólogo

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

Epílogo

Outros trabalhos da autora

Redes sociais

SINOPSE

O advogado renomado Daniel Freitas é um homem frio, atormentado por questões mal resolvidas do passado. Várias mulheres anseiam por uma noite em sua cama, e ele está acostumado a viver seus desejos sexuais sem nenhum peso na consciência, as possuindo sem promessas de amor. Tudo seguia como o planejado, até que em uma noite ele conhece Júlia.

Seus instintos entram em alerta de que deve ficar longe da garota.

Órfã de mãe e com o pai correndo risco de morte, a única chance que Júlia tem de salvá-lo é cedendo aos apelos do pior inimigo de Daniel e aceitar espioná-lo.

Ela só não contava que o advogado fosse um homem austeramente lindo e tivesse um apelo sexual cru e masculino com os quais ela não estava preparada para lidar.

Ele não quer se envolver.

Ela não pode se envolver.

Mas a atração que um sente pelo outro é tamanha que terão de decidir o que querem abrir mão para ganhar um ao outro.

Esse livro é um Spin-off do livro GREG, todos os livros são histórias independentes — Mas atenção: alto risco de Spoiler.

Então se você desejar conhecer as histórias na ordem, o primeiro livro é GREG, e conta a história de MELINDA E GREG. Disponível no link: https://amzn.to/3AAnGAq

PLAYLIST

Para ouvir a playlist de "Daniel" no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Ou acesse diretamente pelo link: https://spoti.fi/3AUCMka

PRÓLOGO

"Você se foi, você se foi,
você se foi, oh
Com um adeus e de braços abertos
você me deixou."
(Could It Be Any Harder - Alex Band)

Daniel

São Paulo/Brasil
Seis anos antes

Deixei a caneta tombar ao lado da pasta de documentos que eu analisava e me recostei no espaldar da cadeira. Meu corpo pedia descanso, minha cabeça começava a dar pontadas, mas eu precisava terminar aquele trabalho ainda naquele dia. Meu chefe tinha me pedido urgência. *Meu chefe*, repeti mentalmente, entortando os lábios com desdém. Eu tinha descoberto há alguns dias que o todo poderoso Rudolf Becker era meu pai. Se eu fosse outra pessoa, talvez estivesse feliz por descobrir que tinha um pai bilionário, dono de empresas no mundo todo, mas eu não estava. Não conseguia sentir nada mais além de ódio e revolta.

Depois de plantar um filho na barriga de minha mãe, sua empregada na época, o cretino deu um bom dinheiro a ela e simplesmente a dispensou, como se isso bastasse. Nem de longe chegou a amenizar a falta que eu sentia dele e nem diminuía o

aperto no meu peito quando via meus irmãos recebendo carinho do pai.

Por vezes eu queria acreditar que o bastardo tinha se arrependido, que esse era o motivo para ele ter custeado minha universidade e ter me trazido para trabalhar na empresa assim que me formei, mas eu não me deixava levar por meu sentimentalismo barato, se ele tivesse mesmo arrependido, tinha me assumido. Mesmo depois de eu descobrir, ele sequer tocou no assunto.

Deixei meus olhos vagarem pela escuridão do lado de fora da janela. Só então me dei conta de que já era noite. Rapidamente, conferi as horas no relógio de pulso para confirmar o que eu já sabia, teria que correr para terminar o trabalho, eu tinha um encontro com minha namorada dali a duas horas.

— Minha noiva — balbuciei, experimentando as palavras.

Naquela noite, Dália e sua família jantariam em minha casa e eu ia fazer o pedido. Deslizei a mão até o bolso da calça e toquei a caixinha de veludo, como se precisasse ter certeza de que estava mesmo lá. O meu pai tinha me dado o anel. Segundo ele, estava na família há várias gerações e era passado para o filho homem mais velho quando fosse pedir a namorada em casamento. E tinha chegado minha vez. Mesmo não me sentindo parte da família, ele não aceitou minha recusa. Mas isso não importava, o que importava era que logo Dália seria minha para sempre, logo eu poderia tê-la todas as noites em meus braços, fazendo amor com ela tão ternamente quanto podia. Meu coração se apertou com uma emoção poderosa, com algo que reconhecia como amor. Dália era a melhor coisa que tinha acontecido na minha vida medíocre.

Arregacei as mangas da camisa branca e mergulhei no trabalho. Uma batida na porta fez com que eu me sobressaltasse.

— Entre — respondi com a voz cansada.

Eu precisava de uma boa desculpa, foi a primeira coisa que me adveio quando meu chefe passou para dentro. Seu semblante sério e frio por natureza parecia ainda pior. Seu corpo duro e grande ainda mais tenso. Pelo visto, eu não era o único que tive um dia sobrecarregado.

Enquanto atravessava a sala com seus passos longos e pesados, bem alinhado em um terno caro, carregava uma pasta na mão. Éramos muito parecidos fisicamente, quase como se eu me visse no espelho. As poucas diferenças entre nós eram meus cabelos castanhos e os olhos verdes, enquanto os dele eram loiros e os olhos azuis de um tom tão profundo quanto um céu de verão ensolarado. Rudolf era alemão e se mudou para o Brasil quando abriu uma sucursal no país. Pigarreei quando se aproximou e meus olhos se voltaram para o papel à minha frente, que ele provavelmente tinha vindo buscar.

— Oi, filho. — Seu tom íntimo me fez encará-lo e dar um sorriso irônico.

Ele só me chamava assim quando não tinha ninguém por perto. Por certo não queria que a nata paulistana soubesse que o dono da maior montadora de veículos do mundo tinha um filho com uma mulher sem requinte nenhum.

— Você veio pelo documento? Já estou terminando — cuspi com menosprezo. — Mando sua secretária te entregar quando

estiver pronto.

Ao invés de ir embora, como imaginei que aconteceria, ele ocupou a cadeira em minha frente.

— Não precisa me entregar. Esses papéis são para ficar com você.

— Comigo? — perguntei, intrigado. — Não deveria ficar em posse da Melinda, já que as informações que estão aqui são importantes para ela?

— Não. Sua irmã não pode saber disso enquanto não chegar a hora certa. — Seu maxilar ficou tenso e os olhos azuis transbordando uma emoção que eu não soube identificar. — Quero te pedir que guarde esse segredo, ele só deve ser revelado depois que eu morrer.

Ergui as sobrancelhas, aturdido com seu pedido. Ele andava misterioso nos últimos tempos. Estreitei os olhos, analisando sua expressão, tentando ler através do seu semblante o que ele poderia estar escondendo, aparentemente não estava doente, continuava o mesmo homem vigoroso, exalando vitalidade. Será que me contaria caso estivesse? Óbvio que não. Eu era apenas um bastardo.

— Preciso te fazer mais um pedido, filho. — A palavra saindo outra vez dos seus lábios me fez trincar os dentes. — Quando eu morrer, peço que cuide da sua irmã para mim, a proteja, seja o advogado dela.

Encarei-o sem acreditar no que tinha acabado de dizer. Ele só poderia estar de brincadeira, nunca servi para ser irmão da filhinha

dele, mas devia servir para ajudá-la em um momento de dificuldades. Nem fodendo!

— Neste caso, não é melhor procurar um advogado mais experiente? — o cortei.

— Você pode não ser o mais experiente agora, mas é o que mais confio — retrucou com um tom complacente.

— Eu não posso. O que direi para ela? Sou o irmão que seu pai nunca fez questão de reconhecer, mas…

Rudolf ergueu a mão no ar, me impedindo de continuar.

— Isso não é verdade, Eduardo. — Por alguma razão que eu desconhecia, ele ignorava meu primeiro nome e me chamava sempre pelo segundo. — Eu estava muito apaixonado por sua mãe e feliz com a gravidez. Nunca entendi o que a levou para longe de mim.

Por um instante, achei ter visto tristeza cintilando nos seus olhos. Ou talvez fosse uma parte de mim que queria acreditar naquilo.

— Daí você achou por bem retomar seu antigo relacionamento e hoje tem uma família perfeita — zombei, meus lábios se retorcendo em um sorriso cínico, deixando claro que suas palavras não tinham me convencido.

— Você precisa acreditar em mim. — Havia um tom de súplica em sua voz, o que fez minhas convicções estremecerem um pouco.

— É o que estou tentando fazer.

— Pois bem, eu preciso ir. Isso é para você — disse ele, colocando uma pasta sobre minha mesa, e se levantou.

Sob seu olhar atento, deslizei-a para perto de mim. Abrindo-a, comecei a folhear.

— O que é isso? — perguntei, chocado. Ainda não acreditava no que tinha lido.

— Coloquei uma porcentagem dos meus bens em seu nome.

— Por que não deixou tudo em nome da sua filha?

— Porque você também é meu herdeiro e eu amo vocês dois igual, meu primogênito Só porque ela foi concebida dentro do casamento não a torna melhor do que você.

— Eu não quero nada seu — rosnei, e me levantei da cadeira, ficando na mesma altura que ele.

— Eu sei. Por isso pedi para o Álvaro de Lins cuidar disso para mim ao invés de você. Sabia que ia se negar — respondeu com seu habitual autocontrole, que também herdei dele.

— Eu nunca iria concordar. Não quero nem um centavo seu. Só estou aqui na empresa porque nosso contrato ainda não encerrou.

— Eu também sei disso e apoio que abra seu próprio escritório de advocacia. O Álvaro de Lins pretende vender o escritório dele. Acho que deveria comprar.

— Eu não tenho condições de comprar um escritório daquele porte, é um dos maiores escritórios de advocacia da América Latina

— falei, explicando o óbvio.

— Agora pode. — Seu sorriso era arrogante. — O valor para efetuar a compra já está na sua conta.

— Amanhã mesmo vou pedir para a gerente do meu banco te devolver, eu não…

Um celular tocou em algum lugar, impedindo-me de continuar a falar. Pelo barulho estridente, percebi que não era o meu.

— Estou esperando um contato importante — se desculpou, retirando o aparelho do bolso e conferindo a tela.

Conforme deslizava o dedo por ela, seu maxilar ficava mais apertado, e a raiva tingia sua face.

— Aquele desgraçado está mesmo disposto a tomar tudo que é meu — murmurou entre os dentes, e apertou o celular como se quisesse esmagá-lo.

— O que você disse? — indaguei, franzindo o cenho.

— Nada. Quando for embora, leve todos esses documentos com você e os guarde em um lugar seguro, e mantenha em segredo, também não conte a ninguém que coloquei uma porcentagem dos meus bens em seu nome.

— Você não tem… — Ele ergueu uma mão no ar, me impedindo de continuar, ao mesmo tempo que passava a outra nos cabelos, transtornado.

— Escute, Eduardo, sua irmã precisa de você, mais do que nunca. Me prometa que vai ajudá-la.

— Eu não posso prometer uma coisa dessas.

— Por favor, meu filho.

— Está bem — concordei a contragosto, para encerrar de vez a discussão.

— Estou indo para casa, amanhã te explico tudo.

Aquela explicação nunca veio, porque meu pai sofreu um acidente na mesma noite e foi a óbito. Eu só entendi quem era o desgraçado a quem ele se referia quando o vice-presidente da empresa se casou poucos meses depois com a viúva do meu pai e se apossou de tudo que era dele. Eu desconfiava que o filho da mãe tinha sabotado o carro do meu pai, tirando-o de mim antes que a gente pudesse se entender, e desde então eu queria fazê-lo pagar.

01

"Se eu desistir de você, eu desisto de mim
Se lutarmos pela verdade ficaremos juntos."
(Stigmatized - Alex Band)

Júlia

São Paulo/Brasil
Dias atuais

Quando parei o carro em frente ao hospital, flexionei os braços doloridos por causa da direção pesada. Chegar ali não tinha sido fácil com o motor engasgando a todo momento. Antes de me dirigir para a entrada, conferi todas as trancas, o alarme já não funcionava bem, e eu não podia correr o risco de ficar sem meu único meio de locomoção. Apesar de estar caindo aos pedaços, com a pintura toda descascada, o carro tinha sido um modelo caro um dia. Uma das poucas coisas que nos restou da fortuna de papai. Na verdade, mantê-lo nunca foi uma opção, nenhum comprador se interessou por ele por causa do alto custo de manutenção. Pelo menos era isso que papai dizia. No fundo, eu desconfiava que não tinha o vendido por ter sido de mamãe.

Meu mundinho de menina rica se desfez como um sopro, o importante era que papai estava comigo agora. Por pouco tempo, talvez. Mas eu acreditava que ele iria se curar. Eu vinha me agarrando a isso cegamente. Eu não poderia perdê-lo.

Enrolei a echarpe de cashmere no pescoço, presente que meu pai tinha trazido para mamãe de viagem. Eu fazia questão de usar algo dela nas visitas a ele, uma forma de mantê-la junto a nós.

Ao passar pela porta do hospital, o clima mudou, meu coração ficou apertado. Ir ali sempre mexia comigo, me lembrava o dia que mamãe se foi e aumentava meu medo de perder papai. Lá dentro era sempre movimentado, rostos e mais rostos aflitos passavam diante dos meus olhos enquanto eu aguardava na fila para ser atendida na recepção.

Quando chegou minha vez, a recepcionista me informou que meu pai tinha sido transferido para a UTI. Senti um aperto no estômago, fiquei arrasada, e o medo, tão presente desde que recebemos o diagnóstico de papai, ficou ainda maior, formando um nó na minha garganta. Não pude evitar que meus olhos se turvassem de lágrimas.

Depois que me disseram onde ficava a UTI, fui andando devagar, me preparando mais uma vez para aquela cena. As imagens de mamãe agonizando em um leito ainda estavam fresca em minha mente.

Quando entrei na ala, o esmagador característico cheiro de hospital fez meu nariz arder. Olhei por um tempo pela grande janela de vidro. Quando finalmente tomei coragem para entrar, higienizei minhas mãos com o álcool-gel sobre um aparador, como indicava no cartaz, e empurrei a porta de vidro.

Meu coração ficava mais angustiado e meu corpo mais pesado conforme eu me aproximava da cama. Eu não sabia se tinha forças

para passar por aquilo novamente. Era demais para mim. Senti como se tivesse mil quilos sobre meu ombro. Minha mãe tinha morrido e papai estava ali deitado, de olhos fechados, e eu corria o risco de perdê-lo também.

Com cuidado, toquei sua bochecha encovada. Seu corpo, antes grande, agora parecia encolhido, frágil, imóvel, sem vida, como eu nunca tinha visto. Seus cabelos espessos, já não existiam mais. Tubos e fios estavam ligados a ele. As linhas irregulares no monitor eram a única garantia de que ainda vivia e não tinha partido, assim como mamãe.

— Papai — chamei baixinho. — Sou eu, Júlia. Estou aqui com você. Pode me ouvir?

— Não tenho certeza que possa. — A voz ressoando atrás de mim me fez pular no lugar, quando olhei por cima do ombro, um homem com idade já avançada, vestindo um jaleco branco, me observava.

— Mas...

— Seu pai está em coma induzido. Ele estava com muita dor. Entende? — Balancei a cabeça, concordando, os gemidos de papai ficavam mais audíveis com o passar dos dias. — Podemos conversar? Tem um assunto que preciso tratar com você.

Ele me olhou com compaixão, me deixando temerosa. Então apenas soltei o ar, faltavam-me palavras.

— Você não quer sentar? — perguntou, apontando para uma cadeira.

— Ahn, não. Estou bem.

— Descobrimos esta manhã que seu pai está com um linfoma raro. — Me analisou antes de continuar, balancei a cabeça em um gesto automático, minha mente começava a ficar enevoada. — O convênio não cobre esse tipo de tratamento. Se caso você não tiver condições de pagar do próprio bolso, a gente … Tudo que vamos precisar fazer está especificado neste papel, e os valores.

Ele me estendeu um papel e quando o li, senti a visão ficando borrada. Eu não teria como pagar aquele valor. Mal estava conseguindo pagar o convênio. Então me caiu a ficha, se eu não fizesse nada, eles não poderiam salvar meu pai.

Papai vai morrer.

Eu não podia deixar isso acontecer. Ficar sozinha no mundo me parecia muito assustador. Mas o que eu faria? A única pessoa que poderia me ajudar jamais iria concordar, porque ele nos odiava, mas não me restava tentar.

Assim que me vi do lado de fora do hospital, corri para o interior do meu carro. Eu não queria que as pessoas me vissem chorar, as lágrimas tinham começado a rolar assim que saí da UTI e entrei no elevador. Por mais que eu respirasse fundo, continuavam a escorrer de forma descontrolada, banhando meu rosto.

Deixei minha cabeça tombar para trás e cobri o rosto com as mãos. Meu pai, o homem que eu admirava e amava tanto, tinha se tornado apenas uma casca sobre uma cama. Lembranças, todas boas, de nós dois, me acertaram em cheio. O brilho profundo dos seus olhos, o sorriso, as cócegas em minha barriga, os abraços, a

forma como seus braços grandes se enrolavam no meu corpo. Lembrei dele me erguendo no ar e me rodopiando. As peças que pregávamos em mamãe. Sua paixão por advogar me fez ter o desejo de seguir na área também. Ele era o meu modelo de homem, e mantê-lo vivo só dependia de mim.

Engoli o choro e peguei o celular no bolso traseiro da calça. Com certo temor, corri o dedo pela tela à procura do número para o qual eu não ligava há seis anos. Assim que começou a chamar, acionei o ramal que eu nem sabia se ele usava mais. Meu número estava bloqueado no seu telefone pessoal. Minha única chance seria ter a sorte de conseguir contatá-lo no trabalho.

— Felipe de Lins. — A voz soando do outro lado da linha, em tom profissional, me fez arfar.

Meu lábio inferior tremia, e me esforcei para dizer alguma coisa.

— Felipe, sou eu, Júlia.

Um silêncio se seguiu por um tempo, se não fosse o som de sua respiração penetrando em meus ouvidos, eu pensaria que ele tinha desligado.

— O que você quer, fedelha?

— Já sou uma mulher feita, irmão.

— Pelo jeito, continua a mesma inconveniente de sempre. — Palavras de protesto me vieram à boca, mas as barrei antes que escapassem. — Diga-me de uma vez por todas o que você quer. Se não sabe, sou um homem muito ocupado.

— Eu preciso falar com você.

— É o que estamos fazendo, não? — perguntou em tom grosseiro, frio.

— Tem que ser pessoalmente. Posso ir ao seu escritório?

— Nem pense em aparecer aqui — ele soou ainda mais tenso do outro lado, parecendo emitir um rosnado baixo.

— Por favor, irmão — supliquei, com a voz embargada.

— Eu não sou seu irmão. — Suas palavras me atingiram lá no fundo. Como alguém podia ser tão frio? — Espere um minuto.

O silêncio voltou a preencher a linha. Momentos depois, foi quebrado pelo som furioso dele digitando em seu computador. Enquanto aguardava, segurei a respiração e me obriguei a ficar calma.

— Eu não queria vê-la, mas mudei de ideia. Podemos nos encontrar para jantar?

— Por mim tudo bem — concordei imediatamente.

— Vou te mandar uma mensagem com o horário e endereço.

— Okay. Estarei lá — grunhi, soltando o ar lentamente.

Logo depois que desliguei, meu celular apitou, eu havia recebido uma mensagem. Abri, ansiosa para saber onde e quando iria encontrá-lo. Ao ver que era naquela mesma noite, meu coração se encheu de esperanças. Fiquei olhando a tela ainda sem acreditar que ele tinha concordado. Desde que papai perdeu tudo há seis anos, Felipe nunca mais quis nos ver. O que poderia tê-lo feito

mudar de ideia? Um tremor desconfortável me percorreu. Se tratando do meu irmão, eu não poderia esperar coisa boa.

02

"Se uma grande onda cair
E caia sobre todos nós
Bem, então eu espero que haja alguém lá fora
Quem pode me trazer de volta para você".
(Wherever you Will Go - Alex Band)

Júlia

Dei um sorriso forçado para o simpático garçom com ar de modelo que servia a água em uma taça de cristal tão fina que refletia as luzes do ambiente.

— Já sabe o que vai pedir? — perguntou, e deu um sorriso esfuziante, esperando pela resposta.

— Estou aguardando por uma pessoa — balbuciei depois de repetir aquilo tantas vezes que nem eu mesma acreditava que ele viria.

— Quer que eu te traga um café ou…?

— Nã-não… — respondi, balançando as mãos, nervosa.

Um café em um restaurante daqueles deveria custar os olhos da cara. Com tanto lugar na cidade, Felipe tinha marcado o nosso encontro em um dos restaurantes mais caros de São Paulo, que ficava a menos de um quarteirão da Av. Paulista. A fachada dele era toda em vidro e estava instalado em meio a uma grande praça com fonte iluminada, com um arrojado projeto arquitetônico. Eu não frequentava um lugar lindo e luxuoso como aquele desde que meu pai perdeu tudo.

Engoli em seco, meus olhos percorreram o ambiente devagar e pararam no teto de onde saía uma luz avermelhada, deixando o clima ainda mais aconchegante. Inevitavelmente, me peguei lembrando de quando morávamos em uma bela mansão nos Jardins e meus problemas se resumiam a assuntos triviais, como me decidir qual vestido usar para acompanhar meus pais nos eventos da alta sociedade, nos jantares em restaurantes como aquele.

— Tem certeza de que a pessoa que está esperando virá? Já estamos quase fechando — perguntou o garçom, como se pedisse desculpas, e examinou o ambiente, onde os poucos clientes que restaram terminavam seus pratos.

Conferi a hora no meu relógio de pulso, uma das poucas jóias que tinha me sobrado e que eu guardava para uma emergência. No entanto, decidi usá-lo nesta noite, também vesti minha melhor roupa para parecer um pouco mais apresentável para o encontro. Conhecendo bem meu irmão, sabia que isso não seria o bastante para diminuir o menosprezo que ele tinha por mim.

— Acho que não vem — anuí. Até eu percebi o tom de tristeza na minha voz. — Traga-me a conta, por favor!

Poucos minutos depois, o garçom voltou e colocou o porta-contas sobre a mesa. Enquanto se afastava, sua postura denotava a decepção, por certo esperava uma gorjeta maior do que a que ganharia por uma garrafa de água.

Segurei a alça da minha bolsa, que pendia no suporte, preparando-me para ir embora.

Quando ergui o rosto novamente, me deparei com um homem alto e de ombros largos que entrava, sendo guiado pela *host ess* Ele vestia um terno que se adaptava perfeitamente ao seu corpo magro e em forma. O jovem franzino, de óculos e um pouco tímido que eu conhecia não existia mais. Talvez eu nem o tivesse reconhecido se seu rosto não estampasse com frequência as páginas de revistas famosas.

Ao me ver, não esboçou nenhuma reação, apenas andou em minha direção, desabotoando o paletó.

— Então aí está você? — indagou sem nenhuma expressão em sua face fria e distante. Suas narinas se inflaram e ele me encarou. — Minha irmã bastarda.

Eu podia sentir a raiva tingindo cada nota de sua voz. Enterrei as unhas nas palmas das mãos, sentindo a fúria querer me dominar, no entanto, eu não podia bater de frente com ele, não agora que era a única pessoa que poderia me ajudar. Éramos filhos de mães diferentes, meu pai tinha se casado com mamãe depois de se divorciar da primeira esposa, mas Felipe nunca me aceitou como irmã.

Sem desviar os olhos hostis do meu rosto, puxou a cadeira de madeira indicada pela hostess e se sentou. Seus movimentos eram hábeis e refinados, notava-se claramente a boa educação que recebeu.

— Vou pedir a um garçom para trazer o cardápio — cantarolou a hostess, sem desfazer o sorriso em seu rosto engessado.

— Não há necessidade. Traga-nos o prato de sempre. Tenho certeza de que ela gostará da minha escolha. — A voz dele soou enganadoramente suave. — Não queremos entrada, vamos direto para o prato principal.

— Está bem — respondeu ela, anotando rapidamente em sua agenda de couro. — Com licença.

Nos encaramos por um longo tempo. Ele ficou muito quieto, somente os movimentos de suas sobrancelhas subindo bruscamente e o brilho predador em seus olhos denunciavam que ele estava me estudando. Havia algo na forma como ele me olhava que me deixava tensa e parecia ser essa reação que Felipe esperava causar em mim.

Puxei o ar com força e me debrucei para frente, espalmando as mãos sobre a mesa.

— Há quanto tempo você não frequenta um lugar como esse, Júlia? — pronunciou meu nome com nojo e balançou a cabeça, recriminando-me.

Busquei na memória quando tinha sido a última vez e, antes que eu tivesse a chance de responder, ele quebrou o silêncio.

— Faz tanto tempo que você nem se lembra, não é mesmo? — Felipe rangeu os dentes e continuou. — Deve ter sido frustrante para você e sua mãe. Quando pensaram que teriam uma vida de luxo, meu pai perdeu tudo... faliu…conseguiu ruir um império que estava na nossa família por gerações.

— Isso não é verdade — falei, tentando manter-me calma. — Mas eu não vim aqui para me justificar.

— E por que você veio? — rosnou entredentes.

Sua respiração estava oscilante, como se ele estivesse tentando não perder o controle.

— Nosso pai está morrendo, Felipe — balbuciei, testando sua reação.

Seu rosto continuou duro, inexpressivo. Como eu já imaginava, ele sabia o estado de saúde do nosso pai.

— Todos nós vamos morrer. Mais cedo ou mais tarde, todos nós vamos.

— Eu sei — refutei, incrédula, mal contendo a revolta que senti com a insensibilidade dele. — Mas isso não quer dizer que não lutarei para retardar a… — As palavras ficaram presas em minha garganta; doía demais sequer mencionar que meu pai ia morrer.

— E como você fará isso? — indagou ele, arqueando a sobrancelha, com um sorriso desafiador curvando-lhe os lábios.

Meu sangue se agitou nas veias. Minhas narinas se expandiram. Incapaz de impedir que minha respiração ficasse alterada, apertei a mão em punho e trinquei o dente, esperando que passasse.

— Você ainda não me respondeu, Júlia? — enfatizou meu nome com desprezo, se debruçando para frente, e perguntou em voz baixa, como se temesse que fosse ouvido. — Pretende vender o apartamento? Aquele muquifo não deve valer muito.

— Aquele muquifo é tudo que temos — murmurei, engolindo o nó que se formou em minha garganta. — Se eu vendê-lo, papai e eu não teríamos para onde ir. Você sabe disso.

Ele sorriu com uma satisfação genuína e os seus olhos brilharam com malícia. Ter a confirmação de que a nossa situação financeira era muito precária parecia tê-lo deixado feliz, dando-me a certeza de que minha missão ali tinha fracassado antes mesmo de tentar.

Encarei-o com incredulidade por um bom tempo através das lágrimas que ameaçavam borrar minha visão.

— Com licença, senhor Lins, aqui está o jantar de vocês.

Desviei o olhar para a garçonete que colocava o prato dele sobre a mesa e, em seguida, o meu.

— Isso parece delicioso — disse, sem sequer olhar para a comida, pois seus olhos estavam presos em mim, atentos aos meus movimentos. — Você ainda se lembra como usar os talheres?

— E por que não me lembraria? — respondi por entre os dentes, sentindo a raiva fluir nas veias.

Como era possível ele conseguir me desestabilizar com uma simples frase?

— Então por que não está comendo? — perguntou, e levou uma garfada à boca.

Com as mãos trêmulas, segurei os talheres e fiz o mesmo. A comida estava deliciosa. O risotto de funghi porcini e portobello era tão macio e saboroso que parecia derreter na boca. Fechei os olhos

e precisei conter um gemido impróprio. Eu estava muito faminta ou aquela era a melhor comida que eu me lembrava ter comido.

— O que acha de me dizer de uma vez por todas por que me convidou para esse encontro? — inquiriu ele, descansando os talheres no prato.

A comida, antes deliciosa, desceu por minha garganta como um amontoado de areia. Pelo modo como ele parecia sentir um prazer mórbido com o meu sofrimento e o do nosso pai, eu sabia que a resposta que me daria seria um não.

— Pa-pai. Preciso que me empreste dinheiro para o tratamento dele — grunhi, tentando encontrar fôlego, mas antes precisava encontrar uma forma de fazer com que meu coração parasse de esmurrar o peito.

Ele nos odiava, mas era o único que poderia nos ajudar.

— Quanto você precisa?

Sua resposta me pegou desprevenida. Encarei-o, incrédula. Por um instante, acreditei que meus ouvidos estivessem me pregando uma peça. Não esperava que ele me emprestasse o dinheiro sem relutar.

— O que você disse?

— Eu disse que estou disposto a negociar. Posso bancar o tratamento do velho.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto uma risada incontrolável ressoava no fundo da minha garganta. Eu sabia que as

pessoas no restaurante provavelmente estariam olhando para mim, mas a felicidade que eu sentia era enorme demais para conter.

— Mas eu tenho algumas condições — sussurrou devagar, analisando a minha reação. — Dou o dinheiro, desde que você aceite fazer algo para mim.

O sorriso foi morrendo no meu rosto de pouco a pouco. Eu tinha sido tola em acreditar cedo demais que ele tinha aceitado me ajudar. Pessoas como Felipe nunca ajudam sem pedir algo em troca, e pelo brilho sinistro que encontrei em seus olhos, deduzi que eu não iria gostar do que me pediria.

— O que você quer? — sussurrei com a voz trêmula.

— Nada demais. Eu só preciso que você se aproxime de Daniel Freitas e consiga algumas informações sobre ele.

— O advogado que comprou o escritório do papai? — Ergui as sobrancelhas, surpresa. — Quer que eu o espione para você?

— Você só precisa se aproximar dele e conseguir algumas informações que preciso.

— Não. Não. — Balancei a mão no ar, nervosa, descartando o que ele havia dito. — Eu não sou a pessoa mais adequada para isso. Por que você não contrata um hacker ou um detetive para conseguir essas… ?

Seu rosto se endureceu, obrigando-me a me calar e, pela ausência de resposta, deduzi que ele já tinha tentado.

— Como você pretende ser advogada se não é capaz de ir atrás de provas para inocentar o seu cliente?

Fiquei absorvendo suas palavras por um momento.

— Inocentar clientes não tem nada a ver com o que está me pedindo para fazer. E se ele descobrir? Você trabalha no escritório dele…

— Não repita isso. Aquele escritório nunca foi dele — cuspiu entredentes, baixo, mas cheio de ira. — Aquele escritório é meu por direito.

Pensativa, levei o copo de água fresca aos lábios e sorvi um gole. Por um instante, duvidei se Felipe estava em domínio de suas faculdades mentais. Aquilo não fazia nenhum sentido.

— Eu entendo que seria muito promissor para sua carreira se nosso pai não tivesse vendido, mas ele estava endividado, o escritório era tudo que restava.

— Eu sei. E vou consegui-lo de volta, custe o que custar. — A fúria gelada em seu semblante deixava evidente que ele não estava brincando. — Posso contar com você, Júlia?

Balancei a cabeça em negação.

— Eu não posso — murmurei em um fio de voz.

Ele deu um sorriso frio. E a compreensão do que aquilo significava me sobreveio antes mesmo dele verbalizar.

— Achei que você estivesse determinada a conseguir o dinheiro para o tratamento do seu pai.

— Ele também é seu pai.

— Mas nunca agiu como um quando eu precisei. — Fez um sinal discreto para o garçom, pedindo a conta.

— Felipe — balbuciei ao perceber que o garçom se aproximava e logo meu irmão iria embora, aniquilando minhas chances de continuar a conversa. — Por favor, me faça um empréstimo.

— E como você vai conseguir o dinheiro para me pagar?

Como eu o pagaria? Eu não tinha ideia. Minha única certeza era de que eu precisava ajudar meu pai. Felipe ainda estava me olhando com olhos inquisitivos quando o garçom parou ao lado da nossa mesa.

— Encontro de negócios. Quem convida paga. Certo? — continuou ele.

Estremeci ao ouvir isso. Quando Felipe fez menção de se levantar, meus olhos se arregalaram e minha boca se abriu em choque. Será que ele seria capaz de me fazer passar por aquela humilhação? O sorrisinho debochado no canto dos seus lábios não deixava margem para dúvidas.

Imagens minhas saindo dali direto para a delegacia invadiram minha mente.

— Mas foi você que propôs que a gente se encontrasse aqui. — Minha voz trêmula transparecia meu desconcerto.

Em um movimento automático, ele entregou o cartão de crédito para o garçom, se levantando segundos depois. Sem sequer olhar para trás, deixou o restaurante.

Tentando me manter no controle, porque lágrimas ameaçavam cair dos meus olhos, peguei minha bolsa e me obriguei a me levantar. Ignorando o modo como as poucas pessoas me encaravam, cruzei o restaurante.

Quando cheguei na calçada, vi meu irmão andando alguns metros à frente. O manobrista desceu do carro e entregou a chave a ele.

— Felipe — chamei, e corri pela calçada.

Ele se limitou a me olhar com desprezo, balançou a cabeça e abriu a porta do carro luxuoso.

— Eu já falei quais são minhas condições, caso mude de ideia, sabe onde me encontrar.

03

"Centenas de dias me fizeram mais velho
Desde a última vez que vi seu lindo rosto
Milhares de mentiras me fizeram mais frio
E eu não acho que possa olhar para isso da mesma maneira".
(Here Without You- 3 Doors Down)

Daniel

Com delicadeza para não acordar a ruiva com quem passei horas fodendo, puxei meu braço sob seu pescoço e me levantei da cama. Ela se mexeu, agitada em seu sono, e se aninhou no travesseiro. Seus cabelos ruivos eram o único ponto de cor entre o amontoado de tecidos brancos que os lençóis, antes limpos e impecáveis, tinham se tornado.

Olhei-a um segundo mais, demorando-me na bunda durinha, vermelha com as marcas de minhas mãos, e nos seios enormes, cheios de chupões, como ela gostava. Era o sonho erótico de muitos homens, muitos deles poderiam desejar acordar com uma mulher como ela todos dias ao lado. Não eu. Só tinha uma finalidade ter mulheres como ela na minha cama: fodê-las até deixá-las exauridas e satisfeitas, assim como eu. Sexo me fazia relaxar, esquecer a tensão do trabalho.

Deslizei a cueca boxer pelas pernas abaixo e deixei o quarto. Sob a penumbra que banhava o ambiente, desci as escadas, que meus pés, agora descalços, conheciam tão bem, e fui até o bar, servindo-me de uma dose extravagante de uísque.

Sentindo pontadas na cabeça de tanto pensar e não encontrar nenhuma solução, andei pela sala e deixei meu corpo grande cair no sofá branco. Tudo na minha cobertura seguia os padrões de cores branco, cinza, preto e amadeirado. De todos os pontos do apartamento era possível ter acesso à vista panorâmica. As paredes de vidro pegavam praticamente o espaço de ponta a ponta. O apartamento era um dos bens que meu pai me deixou e nunca pude devolver.

Apesar do lugar ser incrível, jamais tive vontade de me mudar de fato. Cada canto que eu olhava me lembrava um pouco Rudolf e toda nossa questão mal resolvida do passado. Por vezes eu me pegava pensando se não deveria tê-lo perdoado quando tive a chance, mas a raiva feroz que inflamava dentro de mim quando me lembrava dele, se espalhando como veneno em minha corrente sanguínea, me fazia ter certeza que não. Ele ter morrido não apagou da minha mente o que fez comigo e com minha mãe, tão nova quando engravidou. Enquanto o cretino do meu pai nadava em dinheiro, ela passou por muitas privações para me criar, por vezes nosso jantar era tão pouco que dormia sem comer para me alimentar.

Me recostei no espaldar do sofá e deixei meus olhos se perderem com a vista exuberante do bairro Cidade Monções à minha frente enquanto levava o copo à boca, sorvendo pequenos goles do meu uísque, saboreando a queimação na garganta. Minha mente estava tomada pela conversa que tinha ouvido nos corredores do tribunal naquela tarde, o inventário do Rudolf, depois de tantos anos, finalmente ia sair. Isso trouxe à tona a promessa

que fiz a ele anos atrás e nunca cumpri. Eu sequer sabia o que tinha acontecido com minha irmã depois da morte dele. A garota desapareceu sem deixar rastros.

Eu queria esquecer isso de uma vez e voltar para a cama e para o corpo quente da mulher que me esperava — cujo nome já nem me lembrava. Mas a mesma imagem de meu pai me pedindo para cuidar da minha irmã, protegê-la, se repetia na minha cabeça como um disco arranhado, voltando e passando várias vezes ininterruptamente, sem indícios de que ia parar. Se minha suspeita de que Abílio tinha sabotado o carro do meu pai tivesse algum fundamento, a garota também poderia estar em perigo. Quando aquele desgraçado soubesse que ela era dona dos bens que ele queria tanto por as mãos, não hesitaria em tirá-la do caminho. Eu não poderia deixar isso acontecer, mesmo não querendo abrir as portas do meu passado. Ficar cara a cara com ela me obrigaria a reviver outra vez toda a merda da minha paternidade.

Só havia um modo de resolver aquilo, admiti, depositando o copo vazio na mesinha lateral. Soltando um bufo irritado, me pus a tatear à procura do meu celular entre a pilha de roupas largadas ali no chão quando transei com a ruiva no sofá antes de subirmos para o quarto.

Assim que encontrei o aparelho, disquei o número já familiar para mim. Tocou várias vezes, sem resposta. Coloquei-me de pé e dei algumas voltas pela sala. A espera estava se tornando agoniante, porque deixava uma brecha para que eu me arrependesse. A chamada estava quase terminando quando finalmente ouvi a voz do outro lado:

— Alô — atendeu, sonolenta.

Só então me dei conta de que era tarde.

— É o Daniel, desculpe te ligar a essas horas.

— É sempre um prazer falar com você, Daniel. Independente do horário — sussurrou com uma voz rouca, profunda, me lembrando dos gemidos lascivos e sexies que fazia quando eu possuía seu corpo, penetrando-a fundo, comendo com força.

Mas toda a expectativa foi quebrada quando ouvi uma voz masculina ao fundo. Ela estava acompanhada. Passei uma mão pela cabeça e nuca para tentar espantar um estranho sentimento em mim. *Você não é o úni cocom quem el avai par a a cama, i di ot a* me repreendi internamente, voltando o foco para o real objetivo que me fez ligar para ela.

— Preciso de um favorzinho seu — falei, apertando o aparelho contra o ouvido.

— Só um segundinho. — A ligação ficou abafada, como se tivesse tapado o fone com a mão. Então voltou a falar comigo. — Claro, pode dizer.

— Quero que descubra o paradeiro da Melinda Becker para mim.

— Melinda Becker. A filha da madrasta do Greg? — Sua voz soou uma oitava mais baixa, como se temesse que fosse ouvida.

A simples menção do nome de Greg fez meu sangue esquentar e meu punho crispar de raiva.

— Ela mesma. Depois me liga para acertarmos os detalhes — respondi, meio ríspido, querendo encerrar logo o telefonema.

— Tudo bem. Logo você terá o que precisa.

Terminei a ligação e acelerei meus passos, voltando para o quarto. Toda minha preocupação foi esquecida quando tomei meu lugar na cama e a ruiva trouxe seu corpo macio e quente para junto do meu.

— Você demorou — ronronou ela.

Sem dizer nenhuma palavra, envolvi seu rosto com as mãos e ataquei sua boca com a minha, chupando com força, lambendo, mordiscando seu lábio inferior. O gemido que ela soltou reverberou dentro de mim, fazendo meu pau ficar ainda mais duro, doendo dentro da cueca.

— Me fode! — pediu desesperada, passando as unhas pelas minhas costas, com o rosto contorcendo de desejo.

Grunhi, sedento por ela. Sem conseguir controlar o desejo de devorá-la de uma vez, a prendi entre meus braços, e cobri seu corpo com o meu, montando-a ferozmente, e trepei com ela até que ambos estivéssemos exauridos.

O som estridente do despertador me fez abrir os olhos. Resmungando, estiquei o braço para silenciar a maldita coisa e saltei para fora da cama, me apressando para ir ao banheiro.

Tomei uma chuveirada rápida e voltei para o quarto. A ruiva se mexeu na cama, deixando o lençol branco escorregar sobre sua

pele, o corpo escultural arqueando de maneira sedutora. Ela analisou-me por um instante e soltou um suspiro magoado, seu semblante ganhou uma expressão de decepção por um motivo que eu já desconfiava. Ofereci a ela meu melhor sorriso, mas nem isso foi o suficiente para abrandar a raiva em seu rosto bonito.

— Por que não me acordou para tomarmos banho juntos? — choramingou.

Dei alguns passos para perto da cama, terminando de ajeitar meu terno.

— Porque estou atrasado para o trabalho.

O que não era verdade. As coisas comigo simplesmente não funcionavam do jeito que ela esperava. Depois do sexo, cada um ia para o seu lado. No dia seguinte, eu preferia não alimentar qualquer esperança que minha parceira sexual pudesse ter criado a meu respeito. As mulheres com quem eu ia para a cama sempre queriam mais do que eu poderia dar. A maioria delas não conseguiam entender que eu não oferecia algo além de um contato físico. Esse era o máximo que eu permitia que se aproximassem. Depois da Dália eu nunca teria nenhuma ligação emocional com nenhuma mulher.

Só de lembrar dela, algo se inflamou dentro de mim, uma raiva fluiu por minhas veias.

— Okay, vou me vestir e logo poderemos sair. — Ela colocou as pernas para fora da cama e olhou em volta, procurando pelas roupas.

— Sinto muito. Realmente, estou bastante atrasado e não vou poder te dar uma carona.

A ruiva fez um beicinho, decepcionada, e andou na minha direção. Meus olhos viajaram por seu corpo nu. Precisei de muito autocontrole para não cair no joguinho que ela estava iniciando, e que eu já estava muito acostumado a lidar.

Suas mãos delicadas seguraram a lapela do meu terno e ficaram ali por um tempo, depois desceu pelo meu peito.

— Me liga quando quiser marcar uma próxima vez. Essa próxima vez poderia ser hoje à noite. O que acha? — indagou com um tom sensual, e me encarou com as sobrancelhas erguidas, esperando por uma resposta.

— Perfeito. Eu ligo para você — tentei soar convincente. Eu nunca ligava. — Agora eu preciso ir, realmente estou muito atrasado. Vou pedir para a minha funcionária trazer suas roupas e para o motorista te deixar em casa.

Era o mínimo que eu poderia fazer depois da noite prazerosa que tivemos.

Algum tempo depois, cheguei ao meu escritório na Av. Paulista. Assim como Rudolf tinha sugerido no nosso último encontro, comprei a empresa do Álvaro de Lins. Na verdade, o cretino do meu pai tinha deixado tudo encaminhado para a compra. O que me deixava mais convicto de que ele já sabia que sua vida

estava em risco, e sua pressa em passar parte dos bens para o meu nome e o da filha era medo de nos deixar desamparados. No fundo, ele devia gostar um pouco de mim, me peguei pensando.

Quando as portas do elevador privativo deslizaram à minha frente, Felipe de Lins estava parado junto ao balcão conversando com minha secretária. Instintivamente, minhas sobrancelhas se uniram em confusão. Por que ele estava conversando com minha secretária e não com a dele? A compreensão do que acontecia veio quando ele se debruçou sobre o tampo de mármore branco e deu um sorriso de conquistador barato. Ela suspirou, deslumbrada.

Pigarreei, limpando a garganta e os dois voltaram suas atenções em minha direção. Os olhos de minha funcionária se arregalaram um pouco. Alisando seu vestido, ela se afastou, voltando à sua postura profissional.

— Bom dia! — eu disse, me aproximando.

— Bom dia, doutor Daniel — Felipe respondeu com a voz carregada de sarcasmo, e eu tive que me segurar para não rolar os olhos.

— Pode me passar minha agenda do dia? — perguntei, encarando o rosto afogueado da garota.

— Já deixei em sua sala, senhor.

— Obrigado, Estela — agradeci e comecei a andar para a minha sala, sendo seguido de perto por Felipe, que por alguma razão que eu desconhecia até aquele momento, vinha fazendo isso todas as manhãs.

Coloquei a mão na maçaneta e comecei a girá-la, mas parei o movimento e me virei para encará-lo.

— Quer dizer que você está trepando com minha secretária? — indaguei, estreitando os olhos sobre ele.

— Tem algum problema? — rebateu com um sorriso arrogante em seus lábios, me lembrando porque não fui com a cara dele desde que nos conhecemos.

— Sabe que não. Não temos nenhuma política que impeça o relacionamento entre funcionários. Desde que seja com postura e discrição, e não aconteça no horário de trabalho.

Seu maxilar se contraiu e seus olhos ficaram mais frios do que geralmente já eram.

— Eu não sou um funcionário do escritório, sou sócio — retrucou, sem alterar o tom, baixo, mas seu semblante deixava explícito que tinha ficado irritado com meu suposto lapso.

Felipe era dono de uma pequena parte das ações que seu pai tinha deixado em seu nome quando me vendeu o escritório, mas ele fazia questão de me lembrar disso sempre que a gente se cruzava. Soltei um suspiro pesado.

— Tem razão, mas minha secretária é, e eu não quero ter que demiti-la no caso de pegar vocês dois em atos íntimos dentro do escritório.

O canto da sua boca se inclinou na sugestão de um sorriso arrogante, como se ele já esperasse por essa resposta.

— Isso não vai acontecer. Assim como você, preciso dar exemplos aos nossos funcionários. Quer sair para tomar alguma coisa hoje à noite? — perguntou, dando o assunto anterior por encerrado.

Franzi o cenho enquanto assimilava a pergunta. Analisei seu rosto à procura de um sinal de sarcasmo ou piada. Não encontrei nada. Sua expressão era amigável e parecia estar falando sério, o que me deixou ainda mais confuso. Apesar de trabalharmos juntos por anos, não éramos próximos. Na verdade, no início mal nos víamos, e quando acontecia, Felipe tinha sempre um olhar hostil no rosto. Seu súbito interesse em se aproximar de mim vinha me deixando intrigado. Ou será que ele finalmente tinha compreendido que me tratar como se fosse inimigo porque eu tinha comprado o escritório de seu pai não nos levaria a nada? Eu queria que fosse a segunda hipótese, mas não era ingênuo a esse ponto.

— Estou atolado no trabalho, provavelmente vou ficar aqui até mais tarde — respondi, seco.

Ele contraiu o maxilar e seus olhos adquiriram o brilho feroz de quando ficava irritado.

— Ok. Quem sabe numa próxima oportunidade — devolveu ele, em um tom condescendente, seu semblante suavizando.

Fiquei olhando enquanto seguia pelo corredor com sua postura confiante até entrar em sua sala. O que estava havendo com aquele cara?

Ainda com a dúvida fervilhando em minha mente, girei a maçaneta e entrei em minha sala espaçosa, indo direto para a

mesa. Deixei meu corpo cair na cadeira giratória de couro preto, que combinava perfeitamente com o conjunto de sofás posicionados próximos à parede de vidro, de onde era possível ter uma vista privilegiada da avenida. Eu tinha gastado uma quantidade extravagante de dinheiro para reformar o espaço e deixá-lo com a minha cara para apagar completamente os vestígios de seu antigo dono. Aquela era a sala que Felipe não aceitava me ver ocupar. Não só ele, muitos advogados mais antigos achavam um disparate alguém novo como eu era na época estar à frente de tudo, e não engoliam que o escritório vinha crescendo cada vez mais. Agora eu contava com uma equipe de mais de 400 advogados trabalhando para mim. O Direito empresarial era nosso foco. Atendíamos empresas nacionais e estrangeiras de diversos setores e tínhamos unidades em algumas cidades do Brasil e em Nova Iorque.

Decidido a esquecer o comportamento estranho de Felipe, abri minha agenda e mergulhei no trabalho.

Eu estava saindo de uma reunião tediosa com o setor administrativo do escritório quando meu celular tocou. Sacando-o do bolso, conferi a tela e atendi a chamada assim que vi o nome de Isadora no visor.

— Consegui o que você precisa — ela disse, apressada.

Isadora era sempre direta e eu adorava isso nela.

— Dessa vez você foi muito rápida.

— Sabe que eu nunca brinco em serviço. Seu tom era sexy, carregado de depravação, fazendo meu pau querer se animar dentro das calças.

Ao ouvir os passos de minha secretária me seguindo pelo corredor da sala de reuniões, respirei fundo, tentando trazer meu controle de volta.

— Então me envie, por favor.

— Prefiro entregar pessoalmente. O Adriano vai inaugurar uma casa noturna esta noite, no Brooklin.

— Talvez se você me encontrasse na minha cobertura seria melhor do que irmos à inauguração da casa noturna do Adriano.

— Sabe que eu amo ir à sua cobertura, mas hoje está fora de cogitação — rebateu, intransigente.

Eu não podia perder aquela informação por nada

— Okay. Estarei lá, me encontre na área VIP — concordei, dando-me por vencido.

04

"Essas paredes são feitas de vidro
E elas deverão ser quebradas
Mas até então você vai continuar forçando o meu caminho
E eu vou continuar te afastando".
(If Only - The Calling)

Júlia

Encostei-me na porta ao fechá-la e arranquei os sapatos. Tive vontade de deixar o corpo deslizar pela madeira áspera até sentar-me ao chão, igual as mocinhas dos filmes faziam, mas não podia arriscar ser pega por Liz naquela situação deplorável. Pelas horas que indicavam o relógio luminoso na parede, ela não tardaria a chegar.

Na noite anterior caminhei nas pontas dos pés até o quarto, tomando cuidado para não acordar minha prima, que tinha passado a dormir comigo depois que papai foi hospitalizado. Tirei minhas roupas, abandonando-as de qualquer jeito. Suspirei cansada e deixei meu corpo seminu cair no colchão. O sono demorou a chegar. Quando acordei pela manhã, Liz já tinha saído para trabalhar. O que me deixou muito aliviada, pois ela não me deixaria em paz até que contasse nos mínimos detalhes como tinha sido o encontro com meu irmão. Antes de enfrentar as perguntas de Liz, eu precisava de um tempo sozinha para pensar o quanto poderia contar a ela sobre a minha conversa com Felipe. A última coisa que queria era arrastar minha prima para aquela confusão em que meu irmão tentava me envolver.

Pisquei algumas vezes para afastar as lágrimas que não caíram por meus olhos durante o caminho de volta para casa. Eu tinha passado no hospital depois das minhas aulas na universidade e o papai continuava na mesma. Roguei com fervor, na esperança que alguma divindade atendesse às minhas preces, mas meu pai não teve nenhuma melhora. Ele ainda continuava em coma. Se não fossem os barulhos das máquinas, eu poderia jurar que não estava mais nessa Terra.

— Ele está sem dor agora — disse uma enfermeira da UTI, tentando me tranquilizar, e eu me apeguei aquilo para não entrar em completo desespero.

Meus olhos percorreram o ambiente e pararam nas fotografias sobre o aparador. Engoli em seco e forcei minhas pernas a se moverem até lá. Peguei a foto da mamãe que papai fazia questão de manter sempre em um lugar de destaque.

Ah, quant as saudades!

Em noites como essa, eu daria qualquer coisa para que ela me acolhesse em seu abraço apertado e me garantisse que tudo ia passar, que era só uma fase. Fazia tanto tempo que ela tinha nos deixado, mas a dor ainda era insuportável. Meu coração não estava preparado para aguentar aquilo novamente, ele sequer tinha se recuperado. Eu não podia perder meu pai. Não quando eu poderia fazer algo para tentar evitar. Se o Felipe ia me dar uma possibilidade de pagar os custos do tratamento dele, eu ia agarrá-la com todas as forças.

Enfiei a mão no bolso do casaco, tirei meu celular e liguei para o meu irmão. Enquanto chamava, deixei o corpo cair em uma poltrona.

A vida da pessoa que você ama est áaci made qual quercoi sa, gemi internamente para calar a parte de mim que dizia que aquilo era loucura. Meu irmão queria que eu espionasse um dos melhores advogados do país. Se eu fosse descoberta, ele nem precisaria gastar com honorários para mover um processo contra mim. Quase ri com a ironia da situação.

— Espero que não tenha ligado para tomar meu tempo com besteiras — meu irmão disparou ao atender.

— Eu liguei porque... — senti minha voz vacilar diante de sua grosseria e precisei de um momento para me recompor. — Você pediu para eu te procurar caso mudasse de ideia.

Minhas palavras só receberam silêncio como resposta, chegando ao ponto de me deixar inquieta.

— E você mudou? — Eu sabia que havia um sorriso vitorioso e desdenhoso em sua face.

— Eu não posso deixar nosso pai morrer — murmurei, tentando a todo custo me convencer de que era a coisa certa a fazer.

— Fez bem, irmã. Fez bem — disse em tom animado. — Vista a sua melhor roupa, porque vamos à inauguração de uma casa noturna hoje.

— Hoje? — indaguei, espantada, e no mesmo instante senti minha garganta secar.

— Sim, não posso perder mais tempo. Quanto antes colocarmos o nosso combinado em prática, melhor.

— Você ainda nem me explicou direito o que preciso fazer.

— Explico quando estivermos a caminho.

— Mas… — tentei argumentar e não encontrei minha voz.

Fiquei apavorada com a ideia de que não teria nem tempo para pensar em um plano primeiro.

— Passo aí às 22:30hs para te buscar. Esteja pronta. Não tolero atrasos — determinou, categórico.

— Está bem.

Quando encerramos a ligação, me recostei no espaldar da poltrona e cobri o rosto com as mãos. Ouvi o barulho da porta abrindo, mas não me movi. Mesmo com os olhos fechados, senti quando a luz foi acesa. Ouvi os passos de Liz no assoalho de madeira ficando cada vez mais próximos. Ela então colocou a mão pequena no meu ombro e o apertou de leve. Quando tirei as mãos do rosto, encontrei sua feição preocupada.

— Você está bem?

Fiz uma careta, piscando os olhos devagar.

— Sim, eu estou.

— Não é o que está parecendo — rebateu, se afastando um pouco. Ela deslizou a bolsa pelo ombro e a colocou sobre o sofá. — Seu irmão não quis te dar o dinheiro, não é mesmo?

— Ele não ia me dar, mas acabou de voltar atrás. — Olhei para o celular em meu colo para confirmar o que eu disse. —Vou sair com ele daqui a pouco para combinarmos os detalhes.

A tensão nos ombros dela diminuiu ao ouvir essas palavras, seus olhos pequeninos e repuxados brilharam de empolgação e um sorriso enorme se abriu em seu rosto. Tentei sorrir de volta, mas tinha certeza de que consegui, no máximo, fazer uma careta. Me sentia péssima por não poder contar a ela quais condições meu irmão tinha exigido. Liz era minha prima e melhor amiga. Com a internação do meu pai, ela vinha passando mais tempo comigo no apartamento do que na própria casa.

— Que notícia boa. Eu tinha até falado com o meu pai… — Ela parou de repente e me encarou séria. — Você não parece feliz.

— Eu estou. Só estou preocupada — grunhi. — Meu irmão nos odeia tanto que estou com medo dele voltar atrás.

— Eu te entendo, mas ele deve ter se comovido. Acredito que não exista pessoa que carregue tanto ódio a ponto de não fazer nada para salvar o pai doente.

Deus! Ela não poderia estar mais enganada.

— Bem, eu vou me arrumar. Não quero deixar o Felipe esperando. — Me levantei e comecei a andar em direção ao quarto.

— Você ainda não sabe o que vestir? — perguntou ela, com um sorriso largo.

— Para ser sincera, eu acho que nem tenho o que vestir. Vou precisar da sua ajuda.

Alguns minutos depois, conferi o meu reflexo no espelho. Quando vi o vestidinho preto e justo que Liz insistiu em me emprestar, fiquei me perguntando se era mesmo uma boa ideia. O decote generoso era provocante demais e revelava muito além do que eu normalmente mostraria. Sentia como se os mamilos estivessem visíveis sob o tecido, e eu não podia usar um maldito sutiã por causa do decote nas costas.

— Você está simplesmente maravilhosa — ela disse, como se tivesse lido meus pensamentos.

Quando o interfone tocou pontualmente no horário combinado, passei a alça da bolsa minúscula pelo pescoço e fomos para a portaria. De longe, avistei o carro preto de luxo estacionado e, assim como eu, outras pessoas estavam olhando com total interesse. Não era muito comum esse tipo de carro por aqui. Despedi-me de Liz e me pus a andar na direção do automóvel. Conforme me aproximava, o vidro escuro começou a baixar com um zumbido suave, revelando o rosto de Felipe, com a mesma expressão dura e fria da noite anterior. Um nervosismo se apossou de mim ao sentir seu olhar me analisando. Quando um arremedo de sorriso surgiu em seus lábios, deduzi que ele tinha gostado do que viu e soltei lentamente o ar que estava prendendo.

— Entre — grunhiu, indicando com a cabeça a porta traseira.

Quando entrei no interior deslumbrante do veículo, prendi o cinto e meu olhar encontrou o de uma mulher sentada no banco da frente. Uma loira bonita. Ela me encarou com súbito interesse, permitindo-me ter um vislumbre perfeito do seu rosto delicado. Seu perfume leve, doce e floral, exalava, dominando tudo.

— Não vai me apresentar a sua irmã? — perguntou ela, com uma voz aveludada, sem desviar os olhos de mim.

— Ela não é minha irmã — repeliu Felipe.

Entortei a boca em desgosto e franzi as sobrancelhas, olhando em sua direção. Foi inevitável não fazer uma careta.

— O que foi? Eu estar te ajudando não significa que quero ser seu irmão.

— Muito prazer — ronronou a loira. Um sorriso brotou em seus lábios rosados. — Meu nome é Estela.

— O prazer é meu. Júlia.

Felipe colocou o carro em movimento e alguns minutos depois ele estacionou em uma rua movimentada. Quando o manobrista devolveu a chave, seguimos para a entrada da casa noturna. Minhas mãos começaram a suar, tanto pelo nervosismo de estar em um lugar como aquele pela primeira vez quanto por saber que em alguns minutos ficaria cara a cara com o tal do Daniel.

Quando me lembrei que eu não sabia exatamente o que Felipe esperava que eu fizesse assim que esse momento chegasse, segurei a camisa do meu irmão. No mesmo instante ele parou e me encarou com seu semblante fechado. Será que algum dia ele me

olharia de forma diferente?, me perguntei enquanto diminuía a distância entre nós.

— Você ainda não me disse o que quer que eu descubra sobre o Daniel.

— Há um forte rumor de que o dinheiro dele vem de coisas ilícitas e eu quero que você descubra se isso é verdade.

— E como vou fazer isso? — Levei um dedo ao lábio inferior, perplexa. — Você acha que ele contaria essas coisas para uma desconhecida?

— Depois de passar algumas vezes pela cama dele você não será desconhecida — interpelou, como se falasse de algo banal.

— O quê? Você espera que eu faça… — As palavras se formaram em minha boca, mas se recusavam a sair.

— Essa é a única forma que as mulheres têm acesso a ele, mas você pode tentar de outra maneira. Contanto que você faça o que eu preciso.

Minha boca se abriu em choque e meu estômago começou a dar voltas ao me imaginar na cama com um homem. Mesmo que eu nunca tivesse visto Daniel, tinha quase certeza de que era um velho arrogante que se embebedava com bebidas caras enquanto entediava a todos com suas piadas sem graça.

— Eu sou virgem — me peguei dizendo.

— Tenho certeza de que ele não terá dificuldade para resolver esse problema para você — respondeu meu irmão, com o que parecia um sorriso de deboche.

Fiz outra careta, enjoada, e virei o rosto, medindo a rampa de acesso que tínhamos acabado de subir, cogitando deixar o lugar.

— Eu não posso fazer isso. É melhor eu ir embora.

Ele apenas encolheu os ombros em um gesto desinteressado.

— Você que sabe, fedelha. Salvar a vida daquele velho só depende de você.

Suas palavras acabaram comigo, fazendo minhas entranhas se revirarem de maneira dolorosa. Minha mente foi assaltada por imagens de meu pai definhando sobre a cama, parecendo tão minúsculo e frágil. Lágrimas queimaram em meus olhos, mas não permiti que caíssem. Eu não era puritana, mas queria, um dia, entregar meu corpo para o cara certo. Fazer isso com um velho chato e barrigudo não era de forma alguma o que eu desejava. Mas meu pai precisava de mim, e eu faria esse sacrifício para salvar a vida dele.

Mesmo tendo sido aberta há pouco tempo, a boate já estava lotada, cada centímetro dela coberto de mulheres e homens deslumbrantes. Eu podia jurar que a maioria era composta por celebridades, modelos e a elite paulistana. A música alta reverberava pelas caixas de som, embalando os corpos suados que se balançavam, encostando uns nos outros.

Depois de abrir caminho entre a multidão, subimos os degraus da escada para a área VIP, deparando-nos com um pequeno ambiente luxuoso. Luzes vermelhas bruxuleantes saíam dos lustres, proporcionando uma iluminação precária.

— Vão indo para a mesa que vou buscar as bebidas — disse Felipe, indicando uma mesa de canto perto da parede de vidro.

Quando chegamos lá, deixei meu corpo trêmulo afundar sobre uma cadeira vermelha almofadada, o tecido macio me tocando como uma carícia.

— Não ligue para o seu irmão — Estela cantarolou, e antes de continuar, virou minimamente o rosto e olhou por sobre o ombro na direção de Felipe parado no balcão do bar, onde as prateleiras de vidro azul eram iluminadas com luzes brancas e fortes. — Ele é ranzinza, mas, no fundo, deve gostar de você.

— Eu não tenho muita certeza disso — respondi com pesar.

— Ele não te convidaria para sair se não gostasse. — Ela estendeu a mão sobre a mesa até tocar a minha.

Encarei seu rosto bonito, me perguntando se ela era tão ingênua a ponto de acreditar nisso. Seu olhar caloroso me dizia que sim. O jeito que ela olhava para ele durante o percurso, como se não houvesse mais ninguém no mundo, mostrava o quanto estava apaixonada. As pessoas quando se apaixonam tendem a ficar cegas. Ela ainda não sabia quem era Felipe.

— Seu irmão me contou que o pai de vocês está doente.

— É verdade. — Minha voz saiu baixa até mesmo para mim.

Só tive certeza de que Estela tinha ouvido quando aumentou o aperto em minha mão.

— Eu não deveria estar falando sobre isso. Não esta noite que você saiu para se divertir um pouco.

— Está tudo bem.

— Se precisar de algo, pode contar comigo. Tenho certeza de que seremos boas amigas.

Antes que eu dissesse qualquer coisa, Felipe voltou para a mesa equilibrando três copos. Quando estendeu um para mim, trouxe a boca para perto do meu ouvido.

— Olha quem acabou de chegar. Espero que você saiba o que fazer.

Quando deduzi que ele falava de Daniel, meu coração saltou descontrolado no peito. Fiquei procurando em volta com o olhar e não encontrei nenhum homem parecido com a imagem que eu tinha criado na minha cabeça. Felipe cruzou o ambiente e parou ao lado de um homem alto e intimidante. Vendo os dois juntos, notei como ele parecia ser mais novo do que meu irmão. Então virou um pouco o rosto e levei um tempo para assimilar tanta beleza. Eu nunca tinha visto alguém tão lindo nesta vida, e certamente nem nas anteriores. Quando seus olhos hipnotizantes cruzaram com os meus, um arrepio percorreu minha coluna e senti o corpo inteiro esquentar. Quase perdi o fôlego quando seus lábios esculpidos se curvaram em um sorriso magnético. Ele me olhou longamente, causando reações estranhas e impróprias em meu corpo.

Me peguei arfando sem controle nenhum. Algo dentro de mim sentiu falta do seu olhar no momento em que ele voltou a encarar a pista de dança.

— Quem é aquele homem que está conversando com Felipe? — perguntei para Estela, e sorvi a bebida em meu copo em um

único gole para aliviar a secura em minha garganta.

— É o meu chefe, Daniel Freitas — respondeu ela, parecendo constrangida.

Uma parte de mim tentou se apegar à informação de que ele era chefe dela e que meu irmão podia estar usando a garota por isso, mas meu cérebro só conseguiu processar a segunda parte: a de que aquele era Daniel, e estar na sua cama não seria uma experiência ruim como pensei. A sensação quente e deliciosa que ainda vibrava entre minhas pernas me fazia ter certeza que não, e me peguei ansiosa para cumprir aquela missão. Mas a forma como as mulheres o olhavam, e a morena exuberante que tinha se aproximado dele, me dizia que não seria fácil. Como eu ia fazer para um homem daqueles me notar?

— Vou pegar mais uma bebida. — Antes de confirmar se Estela tinha ouvido, me levantei da mesa e andei até o bar.

Além de sorte, eu ia precisar de coragem para ir até ele. Muita coragem.

05

"Nada parece funcionar direito
Estou quebrado de novo
Então me segure agora
E diga que não é para sempre"
(Things Will Go My Way - The calling)

Daniel

— Aconteceu algum milagre para o doutor Daniel largar o trabalho e vir atrás de um pouco de diversão? — Virei-me no momento em que ouvi a voz grave de Felipe, respingando sarcasmo.

— Boa noite, Felipe — limitei-me a responder, forçando um sorriso.

Ele colocou uma mão em meu ombro e se aproximou do guarda-corpo de vidro temperado onde eu estava.

— Por que não se senta com a gente?

Abri a boca para responder, mas não consegui pensar em algo adequado, e então, ao invés disso, levei o copo de Whisky aos lábios e deixei meu olhar seguir para onde ele apontava com a cabeça. Alguns metros à frente, duas garotas ocupavam uma mesa, e uma delas era Estela. Parecia que o bastardo estava levando a sério a ideia de foder minha secretária. *Tal vez el e est ej a mesmo i nt er essado nel a, por que …*

Antes que eu concluísse meus pensamentos, minha atenção foi capturada pela outra garota sentada à mesa. Encaramo-nos por

um longo tempo. Um sorriso involuntário escapou dos meus lábios, a vi sorrir de volta e tirar uma mecha de cabelo castanho que insistia em cair no seu rosto. Mesmo na pouca luz, eu poderia jurar que seus olhos estavam brilhando. Senti um baque por dentro, meu peito se expandindo com algum tipo de emoção que eu não soube identificar.

— Obrigado, mas estou esperando alguém. — Impus minha voz, tentando ser ouvido acima da música que tocava, e me obriguei a desviar o olhar da bela garota.

Conferi as horas no relógio de pulso, os ponteiros brilhantes confirmaram o que eu já sabia, Isadora estava atrasada. Corri os olhos na pista abaixo, buscando por ela entre as pessoas que dançavam freneticamente. Soltei um suspiro, frustrado por mais uma vez não encontrar nem sinal dela. A impaciência já dominava cada célula do meu corpo. A música alta e a fumaça que vinham da pista de dança deixavam-me ainda mais irritado.

O que havia passado pela cabeça dela quando propôs que nos encontrássemos ali? O que tinha dado em mim para concordar?

— Se você mudar de ideia… — disse Felipe de forma sugestiva. — Mas estou certo de que não mudará.

Acompanhei seu olhar e vi Isadora andando na nossa direção. Felipe não desviou o olhar nem por um segundo, tão hipnotizado quanto eu pela linda morena e pelo movimento sexy de seus quadris.

— Com licença — balbuciei sem ter certeza se Felipe me ouvia.

Com passos apressados, fui em direção à Isadora, deixando Felipe para trás.

— Desculpe, por deixá-lo esperando. Tive um contratempo — disse Isadora, e beijou o canto dos meus lábios.

Seu perfume doce e inconfundível invadiu meus sentidos.

— O importante é que está aqui. — Minha voz saiu mais brusca do que eu realmente queria.

Segurando minha mão, guiou-me de volta ao guarda-corpo e observou a pista, como se cada centímetro fosse importante.

— Aceita uma bebida? — indaguei, erguendo meu copo no ar.

Ela jogou os longos cabelos pretos sobre o ombro e encarou-me.

— Não. Estou aqui a trabalho.

Observei-a, perguntando-me mentalmente que tipo de trabalho ela poderia fazer em um lugar como aquele.

— Conseguiu o que pedi? — perguntei, pouco me importando se eu parecia ansioso demais.

Porra! Isso era inegável, afinal de contas, eu tinha esperado por esse encontro o dia todo.

— Consegui — proferiu, exultante, e seus lábios pintados de um vermelho vivo se abriram em um sorriso sedutor.

Por trás daquela fachada, escondia-se uma mulher perspicaz e perigosa. Mexendo na pequena bolsa transpassada ao lado do seu

corpo tonificado, retirou um papel e o estendeu na minha direção.

— Tudo que você precisa está aqui. Número do telefone, onde mora, com quem mora...

Assim que fiz menção de pegá-lo, ela o puxou de volta.

— Não está esquecendo de nada?

— Estou ciente do nosso acordo, a outra parte do pagamento está comigo, mas preciso ter certeza de que realmente conseguiu. Você chegou a confirmar se o número é mesmo dela?

Isadora bufou, impaciente, e seu corpo ficou tenso, deixando claro que não havia checado a veracidade das informações. Ela sustentou meu olhar por alguns segundos e pude sentir sua hesitação antes de ela o largar.

Quando retirei meu celular do bolso, disquei os números e o levei ao ouvido, um misto de euforia e temor me invadiu. A ligação tocou até cair na caixa postal e meu coração bateu descompassado quando a voz feminina e delicada do outro lado encheu a linha, levando-me de volta para o passado que achei que já tinha superado, reabrindo as feridas, fazendo-as sangrar novamente. Travei uma grande luta interna comigo mesmo entre procurá-la ou continuar relutando. Sim, no fundo era o que eu vinha fazendo. Por mais que a necessidade de encontrá-la tivesse me atormentado durante os últimos anos, nunca fiz muito para que isso de fato acontecesse.

Depois de ouvir o recado, guardei o celular no bolso. Os olhos de Isadora estavam atentos em mim e parecia segurar a respiração.

— Não era o número que você precisava? — Havia certa apreensão em seu semblante.

— Sim, era. — Mal encontrei minha voz.

— Então por que você parece decepcionado?

Quebrei nosso contato visual e sorvi um gole da bebida, buscando as palavras certas.

— Faz tanto tempo que procuro por um sinal dela que mal posso acreditar que você conseguiu.

— Eu não estou certa de que você esteve realmente a procurando. Encontrar o número dela foi mais fácil do que tirar doce de criança.

— Não quer me contar como conseguiu? — Lancei-lhe um olhar sugestivo.

— Eu não costumo revelar meus métodos. — Deu de ombros.

Certificando-me que não éramos observados, retirei o maço de dinheiro no bolso interno do meu casaco e dei para ela. Eu odiava andar com aquela quantia alta, mas Isadora só aceitava dinheiro vivo. Depois de passar as notas rapidamente, ela as enfiou na bolsa.

— Preciso que faça mais um serviço para mim. — Minha voz soou muito baixa, não tive certeza de que ela havia me ouvido até sentir seu rosto próximo ao meu e seu hálito em minha orelha.

— O que é dessa vez?

— Quero que siga os passos de Abílio. O atual presidente da empresa Becker. Descubra tudo sobre ele.

Ela praticamente saltou no lugar.

— Eu não posso pegar esse caso.

Focalizei seu rosto, avaliando sua reação inesperada.

— Por que não? — perguntei, tentando manter um tom neutro, e abri o meu melhor sorriso. — Algum problema?

— Eu preciso ir. — Quando ela fez menção de se afastar, detive-a pelo braço.

Abílio era um dos caras que eu mais odiava. O homem que provavelmente tinha assassinado meu pai e ficado com tudo que era dele. Eu não descansaria enquanto não o colocasse atrás das grades, mas precisava juntar provas contra ele, já que a polícia deu o caso como um acidente, e Isadora era a pessoa mais indicada para fazer esse trabalho para mim. Abílio jamais desconfiaria que a moça exuberante, filha de um dos homens mais influentes da cidade, era uma investigadora policial.

— Me dê pelo menos um motivo para não aceitar — exigi, sem esconder o quanto estava desapontado.

— Andrei…

— O que tem ele? — Encarei-a, esperando que continuasse.

— Andrei vai precisar de mim e não posso deixá-lo na mão. É isso — tentou desconversar, mas, ainda que mínimos, os sinais na sua linguagem corporal me diziam que estava mentindo.

*O que o chef e del at em a ver com i sso?*Fiquei com a pulga atrás da orelha. Pensativo, observei uma pequena aglomeração na pista e, para meu desgosto, no centro estava Greg, filho do Abílio.

Sua postura altiva era inconfundível. As pessoas gravitavam em volta dele, como se ele fosse uma maldita estrela central. Instintivamente, minhas mãos se fecharam em punho e trinquei os dentes. Era injusto odiá-lo? Talvez. Meu lado racional tentava me alertar que ele poderia ser diferente, mas o fato de ser o braço direito do pai dentro das empresas Becker levava-me a crer que eram iguais.

— Realmente preciso ir — disse ela, acompanhando meu olhar. — Boa noite, Daniel.

— Você ainda não ouviu minha proposta — pronunciei, vendo-a se afastar, irredutível.

Seus passos confiantes chamavam a atenção de todos que estavam na área VIP.

Frustrado, apenas sussurrei um "boa noite" em resposta. Tinha planejado terminarmos a noite em uma cama de motel ou na minha cobertura, suados e sonolentos depois de uma sessão de sexo demorado e com força, como das outras vezes, mas nessa noite ela não apenas se negava em fazer a investigação para mim como estava me dispensado também. Rangi os dentes e levei o copo à boca, sorvendo um gole longo. A bebida gelada desceu queimando em minha garganta. Voltei minha atenção para a cena que se desenrolava na pista de dança.

Vi Isadora abrindo caminho facilmente pela multidão. Bela, uma mulher com um incrível poder de sedução. Ela tinha consciência de que despertava esse fascínio nas pessoas e usava isso ao seu favor. Seus cabelos longos caíam como um manto negro em suas costas, contrastando com o vestido branco que parecia ter sido feito sob medida para as curvas do corpo.

Quando a vi se aproximar de Greg, uma onda de curiosidade me dominou. Desde quando eles se conheciam? Então foi por isso que ela não quis investigar o pai do Greg para mim e não demonstrou nenhum interesse em passarmos a noite juntos. Ela pretendia encontrar-se com ele.

Conversaram por algum tempo e, conforme falavam, o sorriso de Isadora desvaneceu pouco a pouco, a beleza dos seus traços foi desaparecendo à medida que o rosto ficava tenso. Meus olhos se arregalaram quando Greg passou os braços em volta da cintura de uma mulher que estava ao seu lado, pressionando o corpo contra o dela, um segundo depois, ele colocou a língua dentro da boca da garota. No mesmo instante, Isadora deu um passo para trás e desapareceu entre a multidão.

Deixei o copo sobre a mesa e pus-me a andar em direção à escada. Eu não tinha mais nada para fazer ali.

Eram muitas as perguntas que preenchiam minha mente enquanto eu caminhava. O que tinha levado Greg a dispensar Isadora daquele jeito? Ele não era o tipo de cara que dispensava mulheres como ela. Levei uma mão aos lábios, pensativo. De repente, minha mente clareou e cheguei a uma conclusão. Sim, ele a dispensaria se já tivessem transado antes.

Todos que conheciam Greg sabiam que ele era um verdadeiro colecionador de corações partidos, aquele tipo que não ligava no dia seguinte, o último cara por quem uma garota deveria se apaixonar. Nisso eu não poderia culpá-lo, porque não era nenhum santo. Desde que sofri uma terrível decepção amorosa que me deixou na lama, apaixonar-me, ligar-me sentimentalmente a alguém, era algo que eu abominava. Meu coração nunca tinha se recuperado. Meus relacionamentos com as mulheres agora tinham uma única função, e eu fazia isso sem nenhum peso na consciência.

Então foi assim que ele conseguiu o número de telefone que eu precisava?

— E agora está fascinada por ele. Tolinha — falei por entre os dentes, certo de que ninguém me ouviria.

Um misto de sensações invadiu-me naquele momento, um despeito descomunal. Balancei a cabeça na tentativa de afastar os pensamentos. Não tinha tempo para ficar ressentido como um adolescente. Eu precisava dar um fim à preocupação maior que martelava em minha mente e roubava-me a paz. Agora que eu sabia onde Melinda estava, eu precisava dar um jeito de trazê-la de volta. Tinha prometido que cuidaria dela, e jamais a abandonaria.

Merda! Onde estava com a cabeça quando fiz essa promessa? Uma promessa que meu coração não estava pronto para cumprir.

Avancei para a escada. Quando coloquei o pé no primeiro degrau, senti uma mão no meu braço, interrompendo minha sequência de pensamentos ao mesmo tempo em que um líquido gelado empapou a minha camisa.

— Foi mal — disse a mulher à minha frente, praticamente gritando por causa da música alta, fazendo-me parar de tentar enxugar a bebida que escorria pela minha barriga. — Oh, céus, não foi minha intenção. Deixa eu te ajudar.

— Posso lidar com isso — berrei de volta. O resquício de raiva ainda corria por minhas veias.

— Não duvido que você possa — redarguiu.

Diminuindo a distância entre nós, os dedos longos dela se aproximaram e correram por minha barriga, traçando uma linha até meu umbigo, espalhando um calafrio por meu corpo inteiro. Ainda que não quisesse que ela me tocasse, não consegui me mexer.

Quando seus dedos ameaçaram transpor o cós da minha calça, segurei seu pulso, obrigando-a a parar. Meus olhos subiram lentamente por seu corpo. O vestido justo e decotado que usava deixava boa parte dos seus seios à mostra e moldava-se ao seu corpo de curvas pequenas de um jeito elegante que me deu água na boca. Meu pau inchou dentro da calça, gostando muito do que viu.

Preso no momento, ergui o rosto e meu olhar encontrou o seu por um instante, mas durou o tempo necessário para que eu pudesse perceber que seus olhos cor de avelã eram muito brilhantes e profundos. Duas joias, grandes demais no rostinho angelical de feições leves e graciosas. *L i ndɐ*, pensei, observando a mulher. Mulher, não. Ela era quase uma menina, deveria ter no máximo dezoito ou dezenove anos, talvez. Meu instinto foi soltar seus braços, mas meu cérebro se recusou a obedecer.

Seus lábios carnudos se curvaram em um sorriso que foi se desfazendo conforme nos olhávamos bem dentro dos olhos. Ela correu a língua pelo lábio inferior, umedecendo-o. Dando-me uma vontade quase incontrolável de beijá-la. O leve arfar que escapou dos seus lábios e o modo fascinado que me olhava diziam que ela queria tanto quanto eu. Como se eu não tivesse mais controle sobre mim, comecei a me inclinar, meus lábios quase tocavam os seus, o calor da sua boca e o hálito de álcool flutuavam ao meu redor, lembrando-me que ela estava bêbada. Abanei a cabeça para clarear as ideias e soltei seus braços.

— Era você que estava na mesa com Felipe? — Minha voz saiu engrossada, rouca, evidenciando o quanto ela tinha me excitado.

— Sim, era eu. — Ela soltou um suspiro trêmulo, nervosa.

— Você está sozinha? — perguntei, colocando um pouco de distância entre nós.

— Sim… Não. — Hesitou. — Eles estão em algum lugar por aí… fazendo… Ah, você sabe...

Ela cambaleou em minha direção, suas mãos richecotearam o ar, buscando desesperadamente algo para se segurar. Dei um salto à frente e segurei-a pela cintura. Quando ela recuperou o equilíbrio, estava nos meus braços, os dedos apertando o tecido da minha camisa. Apertei-a contra meu corpo e meu pau ficou completamente duro contra sua barriga. Quase que imediatamente senti uma vontade insana de rasgar suas roupas e fodê-la ali mesmo.

— Estou indo para casa. Considerando o seu estado, deveria fazer o mesmo. — Minha voz soou um pouco dura e áspera até para os meus ouvidos.

— Você tem toda razão.

Diante da sua concordância, envolvi sua cintura pequenina, mantendo-a firme, e a conduzi para fora da boate. Uma luxúria feroz se espalhava por mim e meu pau engrossou dentro da calça, gostando muito da sensação do seu corpo contra o meu.

— Vou chamar um táxi para te levar para casa — eu disse quando estávamos descendo a rampa de acesso, quase chegando à rua.

Queria me livrar da sua presença o quanto antes.

— Isso quer dizer que não vamos passar a noite juntos?

Uma imagem dela nua em minha cama, se contorcendo de prazer embaixo de mim, me pedindo para continuar e cravando as unhas na minha pele enquanto eu a fodia com força, me veio à mente e meu coração começou a bater mais forte. Ela não era meu tipo, mas eu a queria, meu sangue fervia com uma excitação que eu não sentia há tempos. Me sentindo um depravado, olhei-a de soslaio e a doçura que encontrei em seu rosto me deixou cativo, sem reação, alertando-me que ela não parecia ser alguém com quem se passava uma noite e nada mais.

— Você é apaixonado por aquela moça que te deu um fora? — Sua voz exasperada me arrancou dos meus pensamentos. — É por isso que está me dispensando?

Levei um dedo ao lábio, perguntando-me por quanto tempo ela esteve me observando e por que eu não tinha notado.

— Ela não me deu um fora nem sou apaixonado por ela.

— Então por que está me dispensando? Já sei... — Ela riu alto, chamando a atenção das pessoas. — Você é daqueles caretas que não transam no primeiro encontro.

Nos encaramos por um longo tempo.

— Se a mulher em questão estiver bêbada, sim, eu não sou o que você quer. Pelo menos não hoje. Então, quer dizer que você estava me espionando? — perguntei, e os lábios dela se abriram um pouco.

— Que culpa eu tenho se você parece um deus que desceu do Olimpo? — indagou, adotando uma voz profunda e sedutora, fazendo meu pau latejar ainda mais.

Que r ai os de sensações são essas?

Eu não tinha a resposta, mas sabia que deveria ficar alerta. Abruptamente, firmei o aperto em sua cintura, obrigando-a a andar mais depressa.

— Vamos, vou chamar um táxi para você.

Vi suas narinas se expandindo gradativamente, como se estivesse em sofrimento. Ainda sustentando meu olhar, suspirou com força, soltando a respiração. Algo tingiu suas feições incrivelmente belas: mágoa.

— Sei me cuidar — rosnou, tirando abruptamente meu braço de volta de si, e começou a subir a rampa de acesso, voltando à boate.

Um sentimento inconveniente de preocupação me tomou e fiquei olhando enquanto se afastava. Era melhor assim. Aquela garota era encrenca, quem corria perigo era eu. Tentando refrear meu desejo de ir atrás dela, me preparei para ir até o meu carro.

Ou era o que eu deveria ter feito.

06

"Poderia ser uma lição?
Que eu nunca tive que aprender
Eu olhava para isso como uma bênção
E agora é apenas uma maldição".
(It's You - Zayn)

Júlia

Revirei-me no colchão macio, me esticando. Abri os olhos devagar enquanto as pupilas se adaptavam à claridade que penetrava pela cortina mal fechada e invadia o quarto.

O lençol sedoso deslizou em minha pele quando me arrastei para ficar sentada. Minha cabeça latejou. Levei as mãos até as têmporas e as pressionei, grunhindo com a dor latejante.

Ampliando meu campo de visão, esquadrinhei cada parte do cômodo enorme e ricamente decorado. Aquele não era o meu quarto e a cama em que estava deitada era macia demais para ser meu próprio colchão.

Onde est ou? Encarei a porta fechada por um tempo, meu cérebro estava lento por causa do sono e eu não fazia a menor ideia de como tinha ido parar ali. Coloquei as pernas para fora da cama e meu olhar parou no vestido preto e na bolsa sobre uma poltrona de aparência cara. No mesmo instante, os reconheci. Eram as peças que eu estava usando na festa. Então me dei conta de que eu estava vestindo uma camiseta branca, que também não era minha. Ergui o tecido até o nariz, o cheiro que dela emanava era másculo,

sofisticado. O mesmo que estava impregnado nos lençóis. Eu tinha dormido com um homem? Esse pensamento me faz arregalar os olhos. Lentamente os eventos da noite anterior voltaram à lembrança.

— Me solta, babaca — esbravejei quando um cara segurou meu braço no momento em que eu voltava para a boate.

— Só depois que eu provar você.

A decisão em seu olharme dizia que ele falava sério. Puxei meu braço, tentando me livrar dele. Seu corpo grande chegou mais perto, prendendo-me contra a parede. Então, eu soube que estava em sérios apuros quando ele se aproximou contra mim. Tentei chutá-lo acertá-lo entre as pernas, mas meus joelhos mal me sustentavam em pé.

— Me solta — insisti, o pânico começou a me engolir conforme seu rosto ficava mais próximo.

— Não ouviu o que ela disse? Larga ela, cara!

Antes que eu soubesse de quem era aquela voz, o babaca foi afastado de mim.

— Eu não sabia que a boceta dela já tinha dono.

— Agora já sabe. Dê o fora antes que eu te mostre o peso dos meus punhos.

Com a visão enevoada por causa do álcool, vi Daniel se aproximando. Seu rosto bonito de minha assumido uma expressão feral as narinas infladas, e algo dentro de mim vibrou por ele estar me defendendo.

— Vamos! — ele praticamente rosnou.

Sem esperar por minha resposta, seu braço enlaçou minha cintura de forma possessiva e eu ofeguei, estremecendo com o ínfimo contato.

— Para onde está me levando? — indaguei, quando meu coração voltou a bater em seu ritmo normal.

Não que isso importasse de verdade. Eu não perderia a oportunidade de estar com ele onde quer que fosse e descobrir de uma vez por todas o que meu irmão precisava.

— Para casa.

— Você disse para aquele cara que é dono da minha... — Forcei a voz para fora da garganta, mas a palavra se recusou a sair.

Mamãe iria se revirar no túmulo se eu dissesse palavras depravadas.

Daniel virou o rosto para me encarar com os olhos semicerrados e seus lábios se repuxaram em um sorriso, se divertindo com meu embaraço.

— Ele não precisa saber que ela ainda não é minha — enfatizou de modo zombeteiro, analisando a minha reação.

"Ainda"? A formaerótica como a palavra escapou dos seus lábios e a promessa implícita de que ele esperava que isso acontecesse em algummomento, fez uma onda quente e elétrica contorcer meu ventre, descendo para a vagina. Arfei e seus olhos flamejaram, adotando um brilho incandescente. Mas, foi tão rápido que nem pude ter certeza de que vi direito, logo seu rosto ficou sério, parecendo arrependimento.

— Não é minha e não tem a menor possibilidade de ser — assinalou quase com raiva.

Um suspiro decepcionado me escapou, sua declaração me acertando em cheio. O desejo que acreditei ter visto em seu rosto segundos antes era só invenção da minha mente que ansiava por isso.

Então ele me trouxe para a casa dele?, me perguntei. Mandando as lembranças para longe, me levantei e andei lentamente em busca do banheiro. Minha cabeça girava e meu estômago ainda se revirava. Empurrei a porta semiaberta e não consegui reprimir uma exclamação ao ver o banheiro imenso e deslumbrante à minha frente.

Com passos incertos, entrei, indo até a bancada de mármore branco, e apoiei as mãos na pedra fria, encarando meu reflexo. A menina que me fitava de volta parecia acabada. Inclinei o corpo, molhei as mãos na água fria e as passei embaixo dos meus olhos, para limpar os borrões de rímel. Minha pele estava pálida e meu

cabelo era uma massa rebelde de cachos castanhos caindo sobre os ombros.

Depois de escovar os dentes com uma escova novinha que encontrei sobre a bancada, que presumi que Daniel a tivesse deixado ali para mim, voltei para o quarto. Enfiei o vestido pela cabeça e me esgueirei pelo corredor, decidida a encontrá-lo, e meu corpo estremeceu com a ideia.

Chegando ao final do corredor, me dirigi para a escada, começando a descer os degraus. A voz grave e rouca de Daniel chegou até mim. Fiquei espantada comigo mesma, pois mal o conhecia e já era capaz de reconhecer o som de sua voz. Dei mais um passo e estava lá embaixo, de costas, falando ao telefone.

Um suspiro bobo escapou da minha boca. Me recostei ao corrimão, amando a sensação de vê-lo sem ser vista. Meus olhos recaíram sobre seus ombros largos e imponentes, e antes que eu pudesse terminar minha análise, como se pressentisse minha presença, Daniel se virou e me encarou com um sorriso desafiador que parecia algo natural para ele. Meu coração quase saiu pela boca. Nada tinha me preparado para o que viria. Sob a luz do dia, era ainda mais lindo, e seus olhos, de um verde quase azulado, pareciam ainda mais límpidos e impenetráveis.

Não consegui evitar de reparar em sua postura intimidante e poderosa, de quem sabe que é dono de uma beleza única, crua, um tanto selvagem. Perfeito. Talvez fosse a barba por fazer, o tom do cabelo. Ou maxilar proeminente, todos os detalhes prendiam meu olhar sobre ele.

Daniel vestia um terno de três peças escuro. Ao ver a forma como abraçava seus ombros largos e bíceps, percebi que tinha sido feito sob medida para o seu corpo grande e forte. *Mi nhanossa*, ele era pura elegância. Chegava a ser impressionante. De repente, me senti quente em meu vestido de tecidos quase inexistentes. Eu já tinha visto inúmeros homens vestindo um terno, mas nenhum tinha causado esse efeito em mim.

Seus lábios se repuxaram levemente em um indício de sorriso jocoso, como se esperasse que eu tivesse essa reação a ele.

— Ah, claro. Eu estava te ouvindo. Chego ao escritório daqui a pouco. Deixe a documentação que preciso separada, por favor. — Sua voz soou baixa, inalterada, mas o tom de ordem era perceptível.

Com os olhos em mim, ele encerrou a ligação e guardou o celular no bolso. Terminei de descer os degraus sentindo as pernas trêmulas, e ele permaneceu quieto, medindo todo o meu corpo de cima a baixo enquanto me aproximava.

— Oi — balbuciei, sem saber exatamente o que dizer, e levantei a cabeça para encarar sua figura alta e intimidante.

Eu era tão pequena perto dele.

— Oi, menina. — Ele enfatizou o *meni na*e aquilo me fez sentir ainda mais diminuta ao seu lado.

Não só na altura, mas como se houvesse um abismo entre nós. Senti uma pontada de decepção e baixei os olhos para o piso

que mais parecia um espelho. Soltei o ar dos pulmões, percebendo que eu estava segurando a respiração.

— Você está bem?

— Estou. Só com um pouco de dor de cabeça — respondi, resignada.

— É normal quando está com ressaca. Quer um remédio?

— Não. Eu vou ficar bem.

— Está com fome? Posso pedir para minha funcionária preparar alguma coisa para você comer.

Ele não poderia estar mais certo, meu estômago estava roncando, me lembrando de que estava vazio, mas eu não quis arriscar comer algo e botar tudo para fora na frente dele. Apenas neguei sua oferta com um aceno de cabeça.

Daniel ficou um tempo me fitando como se esperasse que eu dissesse ou fizesse algo. Era possível sentir a impaciência crescendo em seu semblante. Seus olhos desviaram do meu rosto e viajaram até a porta. Então veio a compreensão de que ele queria que eu fosse embora, queria se ver livre da minha presença.

Constrangida, passei o peso do corpo de um pé para o outro e dei um passo para trás, me afastando.

— Bem, eu já vou indo.

— Eu te levo — sua voz chegou até mim. — Só vou pegar minha pasta e poderemos ir.

No mesmo instante, parei com a mão na maçaneta. Meu coração se agitou no peito com a possibilidade de passar mais alguns minutos com ele. Sem conseguir esconder o quanto aquilo tinha me empolgado, virei a cabeça para encará-lo com um sorriso genuíno, mas que se desfez quando seu rosto se torceu com algo parecido com arrependimento e assumiu uma expressão fria. Chegar perto de Daniel, transpor a barreira que ele impunha, não seria simples como Felipe me fez acreditar. Ou meu irmão estava enganado sobre a parte fácil.

— Não precisa, não me importo de pegar o metrô.

— Posso pedir para o meu motorista te levar ou chamar um táxi.

— Aceito o táxi então — respondi, com um tom magoado.

— Tem certeza que não quer que meu motorista te leve?

— Tenho — eu murmurei, meu peito apertado.

Naquele momento, eu só queria sair de perto dele e da enxurrada de sentimentos contraditórios que me fazia sentir. Além do mais, o lugar em que eu morava não era seguro para um carro como o dele circular. Como eu achava que o carro dele era, na verdade. Dado o luxo do seu apartamento, eu podia imaginar que era um modelo extravagante e caríssimo. Forcei a mente, buscando alguma lembrança do modelo, mas eu sequer me lembrava de como tinha chegado até ali na noite anterior, e isso não era a única coisa da qual eu não me lembrava. Uma dúvida me tomou desde o momento em que senti o cheiro de Daniel nos lençóis.

— Obrigada por cuidar de mim essa noite. — Girei a maçaneta e abri suavemente a porta.

Antes de passar por ela, olhei para a sala mais uma vez, meus olhos passearam pela mesa de vidro circundada por cadeiras brancas, pelos quadros na parede, até finalmente ter coragem de encarar Daniel. Senti meu rosto esquentando, mas eu não poderia ir embora com aquela dúvida me corroendo.

— Escuta — murmurei, sem saber como iniciar, e logo seus olhos verdes estavam sobre mim, prendendo os meus. — Nós… dormimos juntos essa noite?

Ele deu um sorriso contido.

— Você quer saber se te fodi, menina? Não. — Ele balançou a cabeça em negativa. — Nem se eu quisesse, eu jamais tocaria em você naquele estado.

Suas palavras me atingiram como um tapa, e eu sustentei seu olhar com raiva, não entendendo porque me incomodava tanto ele não ter nem interesse de me levar para a cama enquanto eu queria saber como era estar nos seus braços desde que coloquei os olhos sobre Daniel. A quentura que fluía pelo meu corpo e se alojava entre minhas pernas não me deixava mentir.

— Só fiquei lá com você até ter certeza de que não ia mais vomitar e engasgar com o próprio vômito — continuou ele, torcendo os lábios zombeteiramente.

Mais raiva ferveu dentro de mim, inflamando em minhas veias, suprimindo a vergonha que eu estaria sentindo em outra ocasião por

ter vomitado e ele provavelmente ter precisado me amparar. As sobrancelhas dele se ergueram enquanto me analisava como se esperasse por uma resposta. Puxei o ar lentamente para dentro dos pulmões, pensando no que responder.

— Sou fraca para bebidas — admiti, crispando os lábios.

— Na próxima vez que sair, não beba mais daquele jeito. É perigoso — ele disse, adotando um tom preocupado.

— Não vai voltar a acontecer, pode ter certeza que percebi como alguns homens podem ser babacas. A propósito, meu nome é Júlia.

Os lábios dele se moveram, como se quisesse dizer alguma coisa, mas eu não esperei para ter certeza. Passei pelo limiar da porta e a fechei atrás de mim. Minha tentativa de conquistar Daniel tinha sido um fracasso pior do que eu pensava.

Mas eu não ia desistir. Pelo meu pai.

07

"Não quero fazer você esperar
Ou refletir sobre nós
Minha ex, ela amava mentir
Acho que é por isso que é mais difícil confiar".
(Into Your Arms - Ava Max & Witt Lowry)

Daniel

— Júlia — sussurrei seu nome quando seus olhos magoados voltaram à minha mente, me lembrando o quanto fui rude com ela.

Mas isso não importava. Importava? Afinal de contas eu tinha conseguido minar qualquer esperança que ela parecia nutrir de ir para minha cama.

Se não era importante, por que eu ainda estava me sentindo um cretino por ter falado de forma tão escrota com ela? A quem eu queria enganar? Meu corpo inteiro estava em chamas e meu pau doendo, empurrando o zíper da calça desde que a vi descer a escada da minha cobertura. Ela estava linda e ainda mais sexy com os cabelos bagunçados e os pés pequenos descalços. Linda e frágil. De um modo que me fazia ter vontade de tomá-la em meus braços, possuí-la e depois mimar. Fazia tempos que uma mulher não mexia tanto comigo. A última vez tinha sido com... *Para!* me repreendi internamente, bloqueando o nome na minha mente. Você *está imaginando coisas. É só sexo. Você só quer fodê-la e nada mais.*

Nenhuma mulher nunca mais tinha conseguido, e nem eu permitiria, despertar em mim sentimentos como aqueles. A última vez que agi assim foi desastrosa e não ia mais se repetir.

Uma batida na porta me sobressaltou e me fez desviar os olhos da papelada sobre a mesa.

— Pode entrar! — gritei, aliviado por ter uma distração que tirasse Júlia da minha cabeça.

— Com licença, senhor. Aqui está a documentação que você pediu — minha secretária disse, com seu tom eficiente, colocando a pasta sobre a mesa.

— Obrigado, Estela — agradeci, puxando a pasta para perto. — Ah, por favor, me coloque em contato com o Fábio Castellari, preciso que a contadora dele faça alguns esclarecimentos sobre o contrato.

Baixei o rosto e voltei a minha atenção para o contrato milionário que eu tinha prometido devolver para o meu cliente até o final da tarde. Mas eu não contava que a contadora dele fosse enviar o contrato com informações incompletas, e se não conseguisse falar com ela, não teria como terminar, e muito menos ele teria como fechar o negócio. Fábio ficaria muito puto.

Percebi que Estela não tinha se movido e ergui os olhos. Ela alisou o terninho impecável, tirando um fiapo invisível. Coisa que ela sempre parecia fazer quando estava nervosa.

— Tem alguma coisa te preocupando? — questionei, em tom ameno, a encorajando a falar.

— Ontem, na hora de ir embora, não encontramos a garota que estava com a gente, a Júlia. Um conhecido disse que viu *el a* entrando no seu carro. Com você. — Ela engoliu, parecendo nervosa, e apertou os dedos contra os outros. — Eu queria saber se é verdade. Até agora não conseguimos contato com ela.

Soltei o ar audivelmente e tive que me controlar para não rolar os olhos. Minha expressão impaciente deve ter transparecido, porque ela arregalou um pouco os dela.

— Eu não quero me intrometer na sua vida pessoal, senhor. É que estamos preocupados com Júlia.

Meus punhos se fecharam de uma raiva inexplicável. Quase 24 horas depois e só naquele momento estavam perguntando pela menina. Por que não perguntou quando nos falamos ao telefone mais cedo? Ou muitas horas atrás quando cheguei ao escritório?

— Ela estava comigo — respondi, recobrando o tom controlado. — Estava tudo bem com ela até o momento em que pegou um táxi para voltar para casa.

— Ai, que bom! Fico mais aliviada. Com licença, senhor.

Fiquei olhando minha secretária se afastar. Quando ela passou pela porta, me encostei ao espaldar da cadeira e fechei os olhos, lutando para me concentrar no trabalho que eu ainda precisava fazer antes de ir para casa, mas a imagem de Júlia dormindo profundamente de bruços na cama, com os cabelos castanhos espalhados pelo travesseiro e seu o corpo mal coberto pela minha camiseta, o corpo que tinha sido uma verdadeira tentação minutos antes, não me saíam da cabeça.

Depois de pôr tudo para fora na privada do andar de baixo, a carregueia até o quarto de hóspedes. Nenhuma mulher dormia na minha cama. Isso dava uma falsa sensação de intimidade que eu não queria, e com Júlia eu sentia que ultrapassaríamos a barreira ser ia ainda mais perigoso.

Coloquei-a sobre o colchão e fui ao meu quarto. Quando voltei trazendo uma camiseta para que ela pudesse vestir, Júlia estava sentada na cama, nua. Engoli em seco, parali sando no lugar. Ao me ver, ela deu um sorriso sexy, se levantou e andou na minha direção. Os peitinhos duros e a barriguinha plana roubavam minha atenção. A luxúria que sentia se espalhou como um vulcão pelo corpo, meu pau inchou por completo, estufando a calça. Todo meu foco se voltou para a necessidade de rasgar sua calcinha preta e minúscula e rendа e possuí-la. Em algum lugar no fundo da mente, um alarme começou a soar, me lembrando que ela estava bêbada e fora de si.

Respirei fundo e me obrigueia desviar o olhar, mas tudo em mim estava ciente da aproximação dela, do calor da sua pele ondulando ao meu redor.

— Me deixe ajudar a se vestir — rosnei baixo, frustrado por estar tão excitado e, arrastei meu olhar de volta para o seu rosto. — Venha!

Ainda guerreando comigo mesmo, segurei-a pelo braço e a guiei de volta para a cama.

— Eu quero você, Daniel — protestou enquanto eu tentava enfiar as mangas da camiseta pelo seu braço.

Porra! Eu também a queria. Meu corpo estava faminto e inflamado por ela, meu pau babando dentro da calça, suplicando para entrar em sua bocetinha.

— Você vai me ter, vai me ter — grunhi, torcendo para que ela não se lembrasse disso no dia seguinte.

— E por que está me vestindo? Você gosta de fazer sexo com mulheres vestidas? — perguntou, segurando minhas mãos.

— Não, eu mesmo quero tirar as suas roupas. — Minha voz saiu engrossada, evidenciando o tesão.

Seus ombros caíram e uma expressão de culpa tomou seu belo rosto.

— Merda! Eu não sabia. — Exalou pesadamente.

— Não tem problema. Agora se deite. Está bem?

Obediente, Júlia deixou o corpo cair pesado no colchão. Com os olhos ainda fixos nos seus, comecei a me afastar

— Onde você vai? — choramingou com a voz mole, fazendo menção de se levantar

— Não vou a lugar algum.

Apaguei as luzes e deitei a volta na cama, sentando-me ao seu lado.

Minutos depois, ela adormeceu profundamente. O filete de luz que entrava pelas vidraças me permitia ver um belo vislumbre do seu rosto. Encostei-me à cabeceira e aproveitei para admirar cada pequeno detalhe, fascinado.

O que você está fazendo?, *me repreendi internamente e coloquei as pernas para fora da cama com a intenção de me levantar*

— Humm... — ela gemeu e fez um barulho no fundo da garganta.

Meus olhos voaram para o seu rosto, achei que fosse vomitar de novo, mas nada aconteceu, mesmo assim, meu olhar vigilante não desgrudou dela até ouvi-la ressonar baixinho outra vez.

Era melhor ficar para garantir que ela permanecer ia bem. Foi a desculpa que dei a mim mesmo quando me enfiei debaixo dos lençóis, tomando cuidado para não acordá-la. Agitada em seu sono, ela rolou para o lado e se aninhou no meu corpo, um braço se fechando em meu pescoço. Nossos rostos ficaram bem próximos, o calor da sua respiração lenta e constante ressoava em minha pele, os lábios estavam a apenas alguns centímetros dos meus. Minha boca salivava, ansiando pelo seu gosto.

Soltei um suspiro frustrado, lutando contra uma nova onda de desejo que me acometia. Eu já tinha suportado o bastante e não seria agora que colocaria tudo a perder. Tentei empurrá-la para o lado, mas seu aperto ficou ainda mais firme.

Cansado de lutar contra meus instintos, abracei com cuidado. Foi inevitável não notar como seu corpo magrinho,

pequeno e delicadose moldava ao meu, proporcionandoum encaixe perfeito, ainda que eu fosse enorme pertodela.

Fechei os olhose me perdinos sons da batidaritmadade seu coração,no calordo seu corpoque vinhaem ondas para o meu. Aos poucos, meus músculosforamrelaxando,meu pau se acalmou, e nada maisimportavaléma da sensaçãogostosade tê-laem meus braços.

Um sentimentoinesperadoe indesejadome invadiu,me aquecendo por dentro,penetrandoa friezaem minhaalma.Fazia muitotempo que eu não me sentia tão bem. O que eramuitobom e ao mesmo tempo assustador.Algo que eu achava que nem eramais capaz de sentir… que não podia sentir

O som estridente do telefone soou sobre a mesa, me arrancando brutalmente dos meus devaneios. Resmunguei e o atendi.

— Senhor, acabei de falar com a secretária do senhor Fábio Castellari, ele não estava mais na empresa e a secretária dele não conseguiu falar com a contadora. — Ao ouvir a voz de minha funcionária, precisei de alguns segundos para me lembrar que ela falava do contrato que eu precisava terminar e não seria mais possível.

Soltei um bufo irritado e endireitei o corpo na cadeira.

— Já estou indo embora, o senhor precisa de algo mais? — continuou Estela, em tom apressado, o que era anormal se tratando

dela, que geralmente vinha à minha sala pessoalmente conferir se eu precisava de algo antes de ir embora.

— Não. Obrigado. Também já estou indo. Sabe me dizer se o Felipe está na sala dele?

— Não, senhor, ele… — titubeou. — Está indo embora também.

Então era para irem embora juntos que ela estava com tanta pressa, deduzi. Isso era o que a paixão fazia com as pessoas, ficamos tão cegos que mal nos importamos com todo o resto. O pior de tudo era quando o outro não estava tão envolvido e partia deixando um rombo no coração tão grande que ficava difícil até de respirar. Eu já tinha passado por isso e me peguei com pena de Estela, pois eu tinha quase certeza de que Felipe não estava apaixonado por ela. Se tivesse, por que guardaria os sentimentos por tantos anos? Estranho.

Fechei a tampa do meu notebook e o enfiei na minha pasta junto com o contrato inacabado. Quando peguei minha carteira e o celular sobre a mesa, me lembrei de que eu tinha algo muito importante para fazer, mas acabei esquecendo totalmente, porque Júlia tomou conta de tudo, ocupou meus pensamentos o dia todo. Essa era a única resposta plausível que conseguia pensar no momento, mas talvez eu só estivesse evitando. Aquele não era um assunto fácil para eu lidar. A dor que existia dentro de mim era muito antiga e tinha deixado marcas além do que eu podia compreender.

Levantei da cadeira de couro preta e saí da sala. O restante do escritório estava envolto na mais completa escuridão. Não havia

mais ninguém ali além do segurança noturno. Acenei com a cabeça para o homem e entrei no elevador, ainda segurando o celular na mão.

Quando me vi do lado de fora, andando para o estacionamento, tomei coragem e apertei o discar.

— Melinda? — me peguei perguntando antes mesmo que ela dissesse alô.

— Sim. É ela mesma. — Sua voz era doce, baixa e delicada, mas ainda pude sentir um toque de desconfiança em seu tom.

Por mais que tentasse refrear, ouvir a voz de minha irmã pela primeira vez fez suscitar emoções para as quais eu não estava preparado.

— Sou Eduardo Freitas. Eu era advogado do seu pai — falei, tentando manter um tom profissional, me lembrando a tempo de me apresentar pelo segundo nome.

Caso nosso pai tivesse falado sobre mim alguma vez, era assim que ela deveria ter ouvido. Ele nunca me chamava de Daniel.

— Ah, claro...

— Acredito que já esteja a par da lavratura...? — indaguei, quebrando os poucos segundos de silêncio que preenchiam a linha, mas que pesavam como se tivesse passado uma eternidade.

— Sim, estou — respondeu, a voz com um toque de impaciência me lembrou a do meu pai.

Fiquei me perguntando no que mais ela seria parecida com ele.

— Estou te ligando porque prometi ao seu pai que te ajudaria quando chegasse a hora.

— A que você está se referindo? — perguntou, desconfiada, e aquilo deu esperanças de que ela não fosse uma tola manipulável.

Para enfrentar o que tinha pela frente, ela teria que ter pulso firme.

— Antes de morrer, seu pai colocou as ações da empresa em seu nome — deixei escapar depressa demais, e me recriminei por minha falta de tato.

O que estava acontecendo comigo? Na verdade, eu sabia essa resposta, conclui com um sorriso nervoso. O Daniel frio, intimidante e confiante que as pessoas diziam que eu era, desaparecia como poeira e ficava desestabilizado quando se tratava de algo relacionado ao meu pai.

— Está me dizendo que mamãe não ficará com metade das ações? — perguntou, com certa incredulidade, mas havia um leve esgar de satisfação em seu tom.

— Não. Seu pai tinha colocado em seu nome alguns dias antes de... do acidente — corrigi-me a tempo.

Ela era muito nova quando Rudolf morreu, talvez nunca tenha desconfiado da possibilidade do pai ter sido assassinado.

Expliquei brevemente o que Rudolf tinha feito e a orientei a voltar para o Brasil e, mais do que tudo, que guardasse segredo.

Torci para que levasse a sério a última parte, o silêncio era a única garantia de que ela estaria em segurança até que o inventário — dos bens que ainda restavam — fosse feito.

Alguns minutos depois, parei o carro na garagem de uma casa simples na Vila Guilherme. Assim que desliguei o motor, vi a porta da frente sendo aberta por dentro, e lá estava minha mãe com um vestido preto floral e um avental amarrado na cintura. Tirei o cinto de segurança e saltei do carro, ainda meio zonzo. Durante o trajeto, havia repassado toda conversa com Melinda na minha cabeça.

— Oi, filho — ela disse, com aquele tom cálido tão natural, e colocou as mãos em meu rosto, dando um sorriso largo, e eu sorri de volta, ou pelo menos tentei.

Minha mãe era linda. Negra, alta, parecia ter bem menos idade do que realmente tinha, mesmo que a vida tenha sido muito cruel com ela.

— Oi, mãe — murmurei, com a exaustão marcando minha voz, e beijei sua testa.

Aquela mulher era tudo o que eu mais amava no mundo e o modo que ela me encarava, com os olhos cheios de veneração e ternura, me dizia que ela me amava também.

Quando o silêncio tomou conta, mamãe deu um passo para trás e abriu mais a porta. Assim que passei pela soleira, afrouxei minha gravata e livrei-me dela em segundos enquanto atravessava a sala indo em direção à escada.

— Você está bem? Parece cansado.

— E realmente estou — respondi, soltando um suspiro. — Vou para o meu quarto tomar um banho e logo fico bem.

Eu tinha um quarto na casa da minha mãe porque nunca me mudei de lá de fato. Apesar de nos últimos dias eu ter ficado mais na cobertura.

— Acabei de passar um café quentinho para você.

— Como você sabia que eu vinha? — perguntei, parando ao pé da escada, com a mão no corrimão.

— Coração de mãe não se engana. De alguma forma eu sempre sei quando você vem.

— O que mais seu coração de mãe te contou?

Ela me analisou daquela maneira que parecia ver minha alma.

— Que tem alguma coisa te afligindo.

Engoli em seco e olhei para o alto da escada por alguns segundos antes de encará-la.

— A gente precisa conversar, mãe — pronunciei em tom baixo para que ela entendesse que eu não queria que ninguém nos ouvisse.

— Pode falar, filho. Seus irmãos ainda não chegaram e o Rui foi ao mercado, deve demorar.

Respirei fundo e andei até o sofá. Alguns segundos depois, mamãe estava sentada ao meu lado, com as mãos entrelaçadas sobre os joelhos, esperando que eu começasse.

Encolhi os ombros e fiquei passando as pontas dos dedos sobre o tecido macio do estofado.

— Hoje eu falei com a Melinda — falei devagar, avaliando sua reação. Aquele assunto era tão delicado para ela quanto para mim. — A filha de Rudolf.

Ela ficou parada como se não estivesse digerindo aquela informação, e quando a compreensão veio, vi o pânico tomar seu semblante.

— Ela está voltando para o Brasil em breve e vai me encontrar no meu escritório.

— Você falou para ela que é… ? — ela tentou falar, mas as palavras se recusaram a sair.

— Não, mãe. Eu não disse.

— Ela… ela vai notar. Você é muito parecido com o seu…

Ela tinha razão. Eu queria não parecer tanto com ele. Se eu tivesse nascido negro como minha mãe, teria evitado perguntas do tipo: "ela é sua babá?", quando eu era criança. Ou "ela é sua empregada?", agora que eu era adulto. Ou ajudaria que eu não me sentisse tão deslocado quando estivesse com meus irmãos. Ou evitaria que a minha mãe tivesse que explicar a toda visita que recebia que eu era seu filho fora do casamento.

— Vou ter que correr esse risco, mãe. Não posso mais adiar a promessa que fiz a ele. Vão fazer a divisão dos bens e eu preciso estar ao lado dela quando descobrirem que os mais valiosos estão no nome dela.

Além de mim, minha mãe era a única pessoa que sabia o que Rudolf tinha feito.

— Isso é uma loucura, Daniel. — Ela se levantou e se postou à minha frente. — Ninguém pode saber que ele era seu pai.

— Talvez esteja na hora da gente se livrar desse segredo.

— Não… não — Seus lábios tremiam ligeiramente. — Seu pai era cercado por pessoas perigosas que se descobrirem que ele colocou alguns bens em seu nome vão fazer da sua vida um inferno.

— De quem você está falando? — perguntei, intrigado, porque eu nunca tinha contado para ela da minha desconfiança que meu pai tinha sido assassinado pelo vice-presidente da empresa.

— De ninguém, filho. Eu só imagino que seja. — Ela deu de ombros, mas não foi o bastante para me fazer acreditar. — Só estou nervosa com a possibilidade desse segredo vir à tona. Nunca contei para ninguém, nem para o meu marido.

— Tem certeza?

— Sim… sim — disse ela, mesmo que os movimentos nervosos de seu corpo dissessem o contrário.

O portão chiou do lado de fora da casa, me deixando ciente da chegada de alguém.

— Vou para o meu quarto, mas depois a gente continua. — falei baixo e firme, deixando claro que o assunto não tinha encerrado ali.

08

"Você está procurando o meu amor no lugar errado
Não pense que porque você está comigo isto é real
Você está procurando o meu amor no lugar errado, amor
Não pare o que você está fazendo, porque eu gosto de como você faz."
(Wrong - Zayn)

Júlia

Decepção, fracasso, acompanhados por uma sensação enorme de humilhação. Era tudo o que eu conseguia sentir quando entrei no meu quarto e arranquei o vestido preto pela cabeça.

Beber para ter coragem de abordar Daniel foi de longe a pior ideia que me ocorreu. Ao invés de aproximá-lo, eu só o tinha afastado ainda mais de mim, e a chance de conseguir o dinheiro para o tratamento do meu pai ficava ainda mais distante.

Provavelmente eu não teria a oportunidade de colocar os olhos em Daniel outra vez tão cedo. *Ele não vai querer me ver.* Um suspiro de dor e desilusão me escapou sem controle com essa constatação, e eu fiquei ainda mais desgostosa quando percebi o quanto o desinteresse dele mexia comigo e me deixava devastada de uma forma que não era para eu estar por alguém que tinha acabado de conhecer.

Merda! Ele precisava ser um homem incrivelmente bonito? Com os olhos verdes penetrantes que pareciam pedras de gelo, mas que transformavam tudo em um calor tão intenso de uma forma

que nenhum homem tinha me feito sentir, de uma forma que eu não imaginava ser possível. Apesar de ainda ser virgem, não tinha dúvida alguma de que adoraria fazer sexo com ele, ter seu corpo grande e viril sobre mim, me possuindo com força. Alguém como ele não parecia fazer sexo com delicadeza, ainda assim eu não conseguia mais imaginar minha primeira vez com alguém que não fosse ele. Mas nem tomar meu corpo ele queria. Me foder, como ele havia dito. Não que eu nunca tivesse sido rejeitada antes, mas não me incomodou tanto. Não sabia qual era a diferença desta vez. Talvez teria sido mais fácil seduzi-lo se ele fosse um velho, como imaginei, e não jovem e bonito o suficiente para poder escolher a dedo as garotas que passavam por sua cama.

Imagens da morena estonteante que estava com ele na noite anterior voltaram à minha mente e o caroço que havia se formado em minha garganta parecia ainda maior. Me enrolei no roupão e saí pela porta que eu tinha entrado minutos antes. Eu precisava de um banho, e no nosso apartamento minúsculo não tinha banheiro conectado aos quartos.

Evitando olhar minha imagem no espelho acima da pequena bancada — eu sabia que estava péssima — entrei no box e liguei o chuveiro. A água quente deslizou pela minha pele, me deixando revigorada, mas não trouxe o esquecimento que eu precisava. Flashes dos olhos verdes e o rosto másculo, imponente, e ao mesmo tempo intimidante de Daniel, continuavam tomando cada parte do meu cérebro e me inflamando por dentro, assumindo o controle do meu corpo, mesmo estando a quilômetros de distância.

Meus mamilos ficaram duros e sensíveis, meu sexo se contraiu, se encharcando. Fechei os olhos e levei a mão até um seio e o apertei, imaginando que fosse a mão dele em meu corpo, e seus lábios beijando minha pele, me acariciando, me tocando entre as pernas enquanto sussurrava em meu ouvido. Seus dedos ávidos e experientes deslizando entre meus lábios vaginais e depois mergulhando em mim, me fodendo devagar. Parecia que eu podia ouvir a palavra foder saindo dos seus lábios, crua e depravada, me deixando ainda mais excitada, pingando por ele. O barulho dos meus gemidos ficaram mais altos, se misturando ao do chuveiro enquanto os movimentos dos seus dedos, antes lentos e gentis, aceleraram gradualmente, e o polegar fazia mágica em meu clitóris. Uma tensão começou a se acumular no meu ventre, com o prazer intensificando-se, diferente de tudo que eu já tinha sentido quando me tocava. Eu estava prestes a ...

Antes que eu conseguisse completar o pensamento, um gozo aterrador sacudiu meu corpo. Meus joelhos fraquejaram e minha visão ficou turva com aquela onda de sensações.

Quando finalmente as contrações pararam e voltei a respirar regularmente, eu estava com as costas coladas ao azulejo frio do banheiro e tinha me dado o meu melhor orgasmo até aquele momento, imaginando o homem de feição sombria e cruel, que jamais faria algo do tipo pensando em mim, porque muitas mulheres fariam tudo para ter uma chance de estar na cama dele, inclusive eu, mesmo que fosse apenas uma missão.

— Júlia, você está aí? — A voz de minha prima Liz chegou até mim e meu coração deu um salto.

Eu sabia que ela apareceria em algum momento, mas não imaginei que fosse tão rápido.

— Estou, já vou sair.

Saí do chuveiro, sequei brevemente o corpo com uma toalha e vesti um roupão. Em seguida, respirei fundo e sai pela porta.

Encontrei Liz sentada na minha cama, parecendo preocupada.

— Você está bem? — perguntou assim que me viu, e seus olhos me percorreram de cima a baixo como se procurasse algum ferimento.

Um ferimento que talvez existisse se Daniel não tivesse me defendido daquele babaca na boate. Franzi os lábios com desgosto quando percebi que estava pensando nele de novo.

— Claro.

— Eu estava preocupada com você. Já estava pensando em chamar a polícia. Onde você estava?

— Com meu irmão — respondi, fazendo o possível para manter a voz estável, e me xinguei mentalmente.

Ao invés de usar meu tempo para criar uma boa história para contar à minha prima, eu o preenchi pensando em Daniel.

Sua mão deslizou sobre o colchão e parou no meu celular. Ela o pegou e virou a tela para que eu pudesse ver. Quando vi a mensagem de Felipe na tela de bloqueio, quase tive um engasgo.

" Onde você est á? Por que não at ende o t el ef one?"

— Se estava com ele, por que ele parece tão desesperado para falar com você?

Mortificada, baixei os olhos para o chão e andei até o armário. Enquanto pensava no que dizer, fiquei passando os dedos nas roupas, fingindo escolher uma. Quando me virei, Liz ainda me encarava com a sobrancelha erguida, esperando por uma resposta.

— O Felipe saiu para trabalhar hoje de manhã e eu estava dormindo. Ele deve estar querendo saber o que fiz com as chaves dele. — Forcei minha voz a permanecer calma. Eu não queria ter que contar a verdade a ela e envolver minha prima naquele arranjo que eu não me orgulhava nem um pouco em estar fazendo.

Liz estreitou os olhos, como se soubesse que eu estava mentindo, mas logo sua expressão suavizou.

— Então finalmente vocês dois estão se dando bem — disse ela, parecendo realmente acreditar no que dizia.

— As coisas com meu irmão não são tão simples — respondi, incapaz de esconder a desesperança na voz. — Ele agiu o tempo todo como se eu não estivesse lá.

— Uma hora ele vai perceber que tem uma irmã maravilhosa. — Liz deu alguns passos e colocou a mão em meu ombro, sorrindo de uma maneira reconfortante.

Seus olhos já pequenos, que não deixavam esconder sua ascendência coreana, ficaram ainda mais apertados. O pai de Liz tinha se mudado para o Brasil muitos anos antes. Depois de se apaixonar por minha tia, decidiu ficar no Brasil.

— Vou indo, preciso ir para a loja. Já está na hora de substituir minha mãe. Quando eu voltar quero que me conte tudo sobre a sua noite.

Dei um sorriso condescendente e a acompanhei com o olhar até sair pela porta. Uma onda de alívio me invadiu. Pelo menos eu teria um tempo para pensar com calma no que contar a ela. Liz sempre foi minha confidente, sabíamos tudo sobre a outra, mas contar toda a história só a deixaria preocupada.

Demorei um pouco mais de vinte minutos para me arrumar. Meu corpo ainda não tinha se recuperado totalmente da ressaca, mas eu não podia me dar o luxo de ficar em casa. Em algumas horas começariam minhas aulas na universidade, e antes eu passaria no hospital para visitar meu pai. Peguei uma pilha de livros do curso de Direito espalhados sobre a escrivaninha e coloquei dentro da minha bolsa.

Quando peguei meu celular sobre a cama, ele vibrou na minha mão. Meu estômago vazio se contraiu quando vi o número de Felipe no visor. Atendi a ligação, tentando pensar em como explicaria meu fracasso.

— Alô — atendi com a voz engasgada.

O temor dominava cada célula do meu corpo. Agora que eu tinha certeza de que Daniel não ia querer me ver tão cedo, não seria fácil convencer Felipe a me dar o dinheiro.

— Por que não atendeu? — perguntou Felipe, com aquele toque de impaciência gelada.

Fiz uma pausa breve para respirar.

— Acabei de chegar em casa.

— Sua voz não funciona fora de casa?

— Eu achei melhor não atender perto dele.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos.

— Muito bem, não é tão tola como eu pensava — disse ele, finalmente. — Ele não pode saber do nosso parentesco. Mas me conte, então você chegou à cama de Daniel? — perguntou quase com uma satisfação mórbida que me deixou enjoada, com o estômago cheio de ácido.

— Ele não me quis.

— Não pode estar falando sério!— Felipe quase berrou ao telefone, obrigando-me a afastar o aparelho da orelha. — Ele não te levaria para a cobertura se não estivesse interessado.

Refleti por um momento sobre contar ao meu irmão o que tinha motivado Daniel a me levar e acabei desistindo. Ele não precisava saber dessa parte.

— Parece que tudo tem uma primeira vez. E, para minha sorte, foi comigo.

— Você não está me enganando. Está?

— Por que estaria? Estou tão interessada nisso quanto você.

O silêncio voltou a preencher a linha. Enquanto esperava, fui para a cozinha para preparar um sanduíche.

— Se não aconteceu nada entre vocês, por que ficou quase o dia todo com ele?

Senti um frio percorrer minha espinha. Se Felipe sabia que passei a noite na cobertura, significava que meu irmão estava mesmo obcecado, seguindo cada passo de Daniel. Me peguei pensando o que ele faria com a informação de onde vem o dinheiro de Daniel quando a tivesse. Como isso o ajudaria a ter o escritório de volta? Depois de um tempo, decidi que não era da minha conta, por mais doentia que a ideia me parecesse.

— Achei que seria bom aproveitar meu tempo com ele para tentar extrair alguma informação — respondi, fingindo ser a garota esperta que eu não era.

— E conseguiu? — Felipe pareceu impaciente novamente.

— Não. Ele me tratou como se eu fosse invisível. Praticamente só olhou na minha cara quando se ofereceu para me trazer para casa — disse eu, aproximando-me da geladeira.

Abrindo-a, peguei presunto, queijo, alface e maionese, colocando tudo sobre o balcão, ao lado do pão.

— Trazer para casa?! Ele se ofereceu para te levar para casa? — indagou, parecendo pensativo, e pude sentir uma nota de animação na sua voz pela primeira vez. — Você mexeu com ele de alguma forma, Júlia.

— Como você sabe disso? — Consegui manter a voz estável, apesar do meu coração tolo bater sem controle, inebriada com a possibilidade daquele homem frio estar mexido por mim.

— Vou te contar algo sobre o doutor Daniel Freitas — cuspiu com despeito. — Há três tipos de garotas na lista dele. As que ele leva para o motel. As que ele leva para a cobertura e a...

— Que ele leva para conhecer a família? — perguntei, genuinamente curiosa.

— E as que ele tem um pouco de consideração de levar para casa no dia seguinte. Pelo que sei só existiu uma garota que conseguiu o feito de ser apresentada à família dele.

— E o que aconteceu?

— Não faço ideia, mas já que está tão curiosa, aproveite e descubra você mesma.

A ideia de que houve uma mulher importante no passado de Daniel fez com que minhas entranhas se contorcessem. Eu não sabia por que me importava. Ele era apenas uma missão e não nos veríamos mais depois que ela estivesse concluída.

— Preciso desligar — eu disse, baixo, por causa do nó que se formou em minha garganta. — Vou ver o papai no hospital, depois vou à universidade.

— Então mesmo falidos você ainda consegue pagar a universidade.

— Papai penhorou as últimas jóias para pagar o curso de direito para mim. — Minha voz soou amarga.

Se não fosse isso, teríamos um pouco de dinheiro agora para pagar o tratamento dele.

— Quer dizer que você também escolheu direito.

— Sim. Eu quero ser uma advogada como o meu pai. Sabia que o desejo dele é abrir um escritório para nós três?

— Nunca. Isso poderia ter acontecido se ele não tivesse vendido o escritório para Daniel — soltou resignado.

— Preciso desligar.

— Está bem. Vou dar um jeito de você se encontrar com Daniel de novo. Aguarde minha ligação. Tente se esforçar um pouco mais da próxima vez. Quanto antes tiver a informação, antes terá o dinheiro em mãos.

Meu corpo tremeu em frenesi com antecipação. Cada parte minha parecia se acender com a possibilidade de vê-lo mais uma vez, menos meu coração que estava apertado. Depois de desligar, deixei meu celular sobre o balcão e dei uma mordida no meu sanduíche, em seguida, engoli a massa seca e sem gosto pensando se Daniel ainda amava a mulher do seu passado. *Você não deve se importar com isso,* xinguei a mim mesma. Tudo que eu tinha que fazer era conseguir a informação e fazer o meu melhor dessa vez. E eu faria.

09

"Será que perdi a cabeça?
Será que estou ficando louco?
Se você soubesse das coisas más que eu gosto
Não acho que consigo explicar."
(Bad Things -Camila Cabello & Machine Gun Kelly)

Daniel

Passando a mão no cabelo, dei algumas voltas pela sala. A desculpa que tenho dado para mim mesmo por estar tão irritado era que meu cliente estava demorando a chegar, já era para estar na cobertura. Durante todo o dia surgia na minha mente a conversa incompleta que tive com a minha mãe. Tentei retomar o assunto, mas ela se esquivou e minha desconfiança cresceu. Ela sabia mais do que tinha me contado.

Entre esses pensamentos, lembranças de Júlia retornavam. Por mais que negasse que não queria vê-la, eu sabia que era mentira. A garota tinha se infiltrado na minha corrente sanguínea e meu pau ficava duro todas as vezes que me lembrava dela dormindo sob o meu peito, os mamilos pressionando minha pele, mesmo sob o tecido da camiseta. Eu ainda me lembrava da força de vontade colossal que tive que fazer para sair da cama pela manhã sem ceder à tentação de acordá-la e trepar com ela. Meu corpo parecia ter ignorado todos os alertas do meu cérebro de que ela era muito nova, muito frágil para um homem como eu e que, de alguma forma, eu a queria debaixo de mim, gritando meu nome quando eu

entrasse fundo nela. Eu ainda a desejava de uma forma primitiva que nunca quis antes.

Quando a campainha tocou, puxei a camisa para baixo para esconder minha ereção. Nem ter me masturbado durante o banho, fantasiando com o rosto dela, foi o bastante para me acalmar.

Abri a porta e lá estava Fábio Castellari, o meu cliente, segurando uma pasta de couro.

— Desculpe, o atraso — ele disse, estendendo a mão para apertar a minha.

— Imagina, entre — respondi colocando-me de lado para que ele pudesse passar.

— Eu estava tentando fazer contato com minha contadora ou com alguém do escritório dela que pudesse responder por ela — falou ele enquanto adentrava pela sala.

— E conseguiu? — fiz uma pergunta retórica, seu semblante desanimado denotava que não.

— Não havia um funcionário sequer que conseguisse me ajudar.

— Eu sinto muito. Sei o quanto esse contrato é importante para sua empresa, mas sem essas informações acho muito arriscado você fechá-lo. Sente-se, por favor. O que deseja, uma bebida? Um café?

Ele acenou com a mão, recusando. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, andou para a parede de vidro que separava a sala do terraço, entretanto, sua postura tensa me dizia que ele não

estava apreciando o espetáculo de luzes coloridas que São Paulo tinha se tornado em meio àquela noite escura.

— Uma pessoa se ofereceu para me ajudar com os esclarecimentos que você precisa, mas…

— Você não aceitou — completei.

— Eu não sei se devo envolvê-la… O nome dela é Mariana Bergamo.

Busquei em minha mente se eu já tinha ouvido aquele nome antes, mas não consegui me lembrar.

— Ela disse que te conhece, e falou algo sobre você ser advogado representante de alguns clientes dela — continuou. — Achei que talvez você pudesse se lembrar de onde se conhecem.

— Você queria ter certeza de que a garota não está mentindo antes de entregar documentos importantes nas mãos dela? — perguntei, andando até o bar perto da escada, e me servi de uma dose de uísque. — Algumas garotas fazem de tudo para se aproximar.

— Não é o caso da Mariana, muito pelo contrário. Ela não quer me ver. Se ofereceu para me ajudar, mas logo se arrependeu.

— Às vezes a gente diz que não quer ver a pessoa, mas no íntimo tudo diz o contrário. — Eu não sabia se falava com ele ou comigo mesmo.

— Há pessoas que tudo nela diz encrenca, mas você quer desesperadamente estar perto.

— Então você está louco para foder a garota? — deixei escapar, e me arrependi no mesmo momento.

Fábio Castellari era um dos meus clientes mais importantes.

— Eu quero fodê-la, claro que eu quero. Também quero fazer amor com ela devagar, ou simplesmente segurá-la contra meu peito e protegê-la.

— É, acho que você está apaixonado — falei, e ele se virou para me olhar. Achei que fosse discordar, mas não o fez. — Onde você a conheceu?

— Ela estava vagando aqui pela rua, de madrugada.

Não contive uma risada.

— Pelo horário, imagino que você tenha saído para se encontrar com alguma garota.

— Não. Ultimamente tem sido impossível sair. O trabalho está me consumindo, e minha cabeça está um caos por causa da saúde de meu pai e os problemas na empresa. Na noite que a conheci tinha perdido o sono e saí para espairecer. Quando a vi, parei o carro.

— E você não teve medo? São Paulo é tão violenta.

— Quando a vi chorando, o único pensamento que passava pela minha cabeça era saber se ela estava bem e se voltaria para casa em segurança. — Ele deu alguns passos pela sala, com a postura um pouco mais relaxada. — Eu sei que parece loucura, mas foi a melhor loucura que já fiz. Ela é linda de uma forma que nunca vi.

— E ela estava bem? — indaguei, sem conseguir conter a curiosidade.

— Assim como eu, ela estava tendo uma noite ruim. Mas o que não ficou bem depois do nosso encontro foi meu coração, que foi totalmente rendido por ela.

— Neste caso, acho que deve procurá-la. Se ela não conseguir te ajudar com o contrato, pelo menos vai ter a oportunidade de vê-la.

— Para isso acontecer eu preciso de sua ajuda — falou, e eu fiquei em silêncio, — Ela mora aqui no prédio, e eu não tenho ideia de como encontrá-la.

— Claro. Vou ver se o porteiro me diz qual é o apartamento dela.

Deixando-o parado no mesmo lugar, segui até o interfone. Alguns minutos depois, voltei com a informação, e Fábio foi embora, me deixando sozinho outra vez com meus pensamentos.

Segurando o copo de uísque com firmeza em uma mão, deixei meu corpo deslizar para o sofá. *Ent ãoFábi oCast el l ase apai xonou de novo?* Me peguei pensando, não era segredo para ninguém que ele tinha sido traído pela última namorada. Ao mesmo tempo em que eu admirava sua coragem por se entregar de novo ao amor, eu achava estúpido. O amor não faz outra coisa além de machucar, te leva muito alto para te ver cair e quebrar e toda a euforia, o coração batendo agitado no peito se transforma em um universo de dor em expansão. Eu nunca mais deixaria uma mulher me quebrar de novo. Nem que para isso eu tivesse que quebrá-la primeiro.

O zumbido do telefone sobre a mesinha de centro interrompeu meus pensamentos. Conferindo a tela, vi que era uma mensagem de Felipe, reforçando o convite que ele tinha me feito essa tarde para ir à sua casa tomar um drinque, o qual eu tinha recusado educadamente. Ainda que no íntimo uma ideia sombria de que Júlia estaria lá ficasse me tentando.

Tendo dificuldade para calar meus pensamentos irrefreáveis, me levantei e fui até o terraço, encostando na balaustrada. Do alto, as luzes da cidade me inebriavam, mas, naquela noite, nem isso conseguiu me acalmar, sequer o uísque puro e forte da qual eu sorvia constantemente um gole. As imagens dela continuavam enchendo minha mente.

Porra! Para de pensar nela! Minha mão se fechou em punho.

Eu já tinha lidado com algumas "obsessões" sexuais, mas que desapareceram como fumaça quão logo tive a garota em meus braços, e assim seria com Júlia, eu já sabia que a tiraria do meu sistema somente depois que a tivesse.

Antes que eu me desse conta, estava pegando meu celular e minha carteira, os colocando em meus bolsos e indo em direção à porta. Alguns minutos depois, entrei no estacionamento vazio e fui direto para o meu carro recém comprado. Um suspiro de deleite e orgulho escapou dos meus lábios quando ocupei o banco de couro do *Porsche Macan*. Senti esvair um pouco de tensão dos meus ombros ao dar partida no motor e ele responder com um barulho suave. Em poucos minutos eu estava nas ruas, dirigindo no limite de velocidade. Quando entrei no bairro abastado, diminuí

gradativamente, voltando minha atenção para os arranha-céus à minha volta.

Alguns minutos depois, eu estava tocando a campainha do apartamento de Felipe. Enquanto aguardava que alguém atendesse, eu inspirei e expirei para me acalmar. Eu nunca tinha perdido o controle desse jeito.

*O que est áf azendoaqui ?,*me perguntei, tentando devolver um pouco de pensamento racional à minha cabeça.

Mas era tarde demais.

Então a porta se abriu do lado de dentro e Felipe apareceu pela fresta.

— Olá, Daniel! — Um enorme sorriso iluminava o rosto de Felipe e seus olhos tinham um brilho satisfeito.

Levando em conta que ele não gostava muito de mim, eu não sabia se aquilo era bom ou ruim.

— Oi — respondi, forçando um sorriso.

— Não fique aí parado, entre. — Ele se afastou, me dando passagem, então dei alguns passos.

Sendo seguido de perto por Felipe, entrei na sala espaçosa. Olhando em volta, constatei que o apartamento era mais luxuoso do que eu sequer cheguei perto de imaginar, o que parecia um pouco discrepante para o dinheiro que ele ganhava no escritório. Não que

ele ganhasse mal, mas por certo levaria muitos anos de seus rendimentos para ter aquilo tudo.

Será que ele está pegando trabalho fora do escritório?

Antes mesmo que eu pudesse processar o pensamento ou registrar os outros rostos presentes, eu a vi. O rosto dela estava virado de lado e os cabelos castanhos estavam soltos, caindo como cascata em suas costas, ainda assim, algo em mim a reconheceu imediatamente. Sem nenhuma pressa, meus olhos vagaram por seu corpo esguio, de poucas curvas, mal coberto pelo vestido azul, brilhante, sentindo meu corpo esquentar com a visão.

Como se sentisse meu olhar sobre ela, virou lentamente a cabeça, me encarando com apreciação e, por alguma razão, sabia que eu estava olhando para ela do mesmo jeito. Dei um passo em sua direção, mas parei quando uma mão pousou em meu ombro.

— Me acompanha em uma bebida? — A voz de Felipe chegou até mim e meu cérebro precisou de um momento para registrar sua pergunta.

No mesmo instante, fiquei agradecido por sua interferência me impedir de agir de forma tão descontrolada.

— Claro! — balbuciei, e meus lábios se repuxaram no que eu esperava que fosse um sorriso genuíno.

Dei uma última olhada na direção de Júlia e segui Felipe até um sofá redondo de couro negro na outra extremidade, onde Thiago Romanov, advogado do escritório, estava sentado.

— Você por aqui?! — exclamou, sua expressão se iluminando.

A surpresa na voz de Thiago Romanov me lembrou mais uma vez de como agi de forma impulsiva.

— O que importa é que ele percebeu que precisa se divertir um pouco. Ninguém merece ficar mergulhado no trabalho em uma sexta à noite — zombou Felipe, dando tapinhas em meu ombro. — Sente-se.

— Ouvindo vocês falarem parece que sou obcecado por trabalho. — Dei de ombros.

— E não é? — Felipe replicou, dando uma risada zombadora.

Ainda com um sorriso no rosto, ele andou até o bar. Franzi o cenho, o analisando. Eu não me lembrava de tê-lo visto tão relaxado antes. Se tratando dele, era até estranho. Pensativo, me sentei no sofá, e não consegui evitar que meu olhar se chocasse mais uma vez com o de Júlia, seu rosto delicado me fazendo lembrar que ela era apenas uma garota, nova demais para alguém como eu. Uma raiva súbita começou a fervilhar em meu interior. Ir até ali tinha sido um erro. Eu ficaria por mais algum tempo e arranjaria uma desculpa qualquer para ir embora.

— Ela não é uma coisinha linda? — perguntou Thiago Romanov, acompanhando meu olhar.

— Quem? — perguntei friamente, e algo dentro de mim se contorceu ao desconfiar que ele falava de Júlia, e não da sua namorada, sentada ao lado de Estela, minha secretária.

— A garota — sussurrou ele, com um tom cheio de malícia.

Felipe retornou com um copo de uísque, entregou-o a mim e se sentou ao meu lado.

— Estávamos falando sobre a garota antes de você chegar — continuou Romanov.

— Exatamente o que vocês estavam falando? — inquiriu Felipe, olhando diretamente para mim.

— O Thiago estava dizendo que ela é uma coisinha linda — respondi, friamente, a raiva irracional que senti com seu comentário depravado se agitando ainda mais nas minhas veias.

Quem era eu para julgá-lo? Ter ido ali para foder a garota fazia de mim pior do que ele.

— Você ainda não me disse quem é ela. É filha de alguém que conheço? — perguntou Thiago.

— Ela veio com a Estela, então não sei responder suas perguntas. Mas por que o interesse nela? Achei que sua namorada tinha prendido suas bolas em um nó bem apertado.

Meu celular tocou, desviando minha atenção da conversa. Pesquei-o no meu bolso e chequei a tela. Eu tinha recebido uma mensagem de Fábio Castellari me dizendo que a garota tinha conseguido ajudá-lo com o contrato.

— Com licença, preciso atender um cliente — falei ao perceber que tinham parado a conversa.

Me levantei e fui até a varanda. Levei o celular à orelha e me debrucei sobre a balaustrada, fingindo que falava. Eu só precisaria

esperar alguns minutos antes de voltar e dizer que meu cliente teve um imprevisto de última hora e eu precisaria ajudá-lo.

Aquela era minha chance de dar o fora daquele lugar antes que fizesse uma besteira. Eu nunca tinha agido de forma tão descontrolada por causa de uma mulher e não pretendia começar com aquela garota... uma garota que parecia doce e inocente. Ela não merecia um cara como eu.

10

"Você pode me ter essa noite ou nunca, achei que tivesse entendido
Querido, algumas pessoas são feitas para serem amadas
Outras apenas amam
Então pegue o que eu tenho para dar, ame ou odeie, oh".
(Wrong - Zayn)

Júlia

Dei um sorriso forçado para Wanessa - a até então namorada do Thiago Romanov - que não parava de falar sobre como Daniel era um amante perfeito e a fez ver estrelas na vez em que ela esteve em sua cama. Por mais que eu tentasse afastar os pensamentos, minha mente era invadida com imagens dela tocando o corpo dele, e um sentimento estranho latejava dentro de mim.

— Ele pareceu nem me reconhecer — choramingou ela, com um tom magoado. — Eu deveria ter imaginado, ele não deu a mínima para mim quando fui atrás dele.

— Mas já o superou, certo? Você e seu namorado parecem muito apaixonados — perguntei, querendo colocar fim naquela conversa.

— Sim. — Ela pôs uma mecha de seus cabelos em corte chanel atrás da orelha. — Ele vai me levar para conhecer os parentes dele na Rússia no próximo verão.

Anuí com um aceno de cabeça e minha atenção foi atraída mais uma vez para Daniel bem a tempo de vê-lo se levantar e

cruzar a sala. E eu não era a única que não conseguia desviar o olhar. Felipe também encarava suas costas fixamente, rastreando cada movimento, como um predador observando sua presa. Ele o odiava. Ou um pouco mais do que isso. Meu irmão parecia obcecado por Daniel. Não havia dúvida. Tanto que seu apartamento era quase uma cópia exata da cobertura. A forma que os sofás estavam posicionados, os quadros na parede, o piano branco na outra extremidade. Será que Daniel tinha percebido? No íntimo eu torcia para que sim, e desse modo pudesse se defender do que quer que fosse que meu irmão pretendesse fazer. Não deveria importar, pois o sucesso dele era o meu fracasso, mas, ainda assim, me apavorava que meu irmão fizesse mal a ele.

Quando Daniel desapareceu pela porta da varanda, o olhar de Felipe encontrou o meu. Havia uma advertência severa em seu semblante que fez meu estômago se contorcer. Era hora de agir e meu irmão não queria que eu falhasse.

— Preciso tomar um pouco de ar — murmurei, mesmo sem ter certeza de que as mulheres sentadas ao meu lado prestavam atenção em mim.

Minha respiração se acelerou e me vi andando em direção à sacada, minhas pernas se movendo quase com vontade própria. Tentei dizer a mim mesma que aquilo não era porque eu queria estar a poucos centímetros de Daniel e sim porque eu poderia cumprir minha missão. O encontrei debruçado na balaustrada, falando ao telefone, bebericando seu uísque. Aproveitei sua distração e me permiti admirar suas costas amplas sob a camisa branca. Sem que eu pudesse evitar, meus olhos se arrastaram para

a bunda dura e as coxas musculosas perceptíveis sob a calça social. Meu coração acelerou com a visão. Mas quando seus olhos verdes quase azuis encontraram os meus, o ar foi brutalmente arrancado dos meus pulmões. Eu tinha me esquecido que eles eram tão impactantes. Na verdade, tudo em Daniel era impactante. Por um instante, vi uma centelha de calor neles, como se ele tivesse gostado de me ver, foi tão rápido que eu mal pude ter certeza, logo ficaram gelados, mas ainda transmitiam uma vibração capaz de deixar meu corpo em brasas.

Aquilo não seria fácil.

— A gente se fala daqui a pouco. Estou a caminho — disse ao telefone, e logo em seguida o guardou no bolso.

— Oi.

— Júlia — sua voz grave fez uma sensação de calafrio se espalhar pela minha barriga, e eu tinha a impressão de que ela estaria ali sempre que eu olhasse para ele.

Respirei fundo e me aproximei do parapeito, ignorando o bater frenético do meu coração, tanto pela reação que ele causava em mim quanto pela percepção do que estava prestes a acontecer.

— Você pretende ir embora? — perguntei, sem conseguir disfarçar meu desapontamento.

Ele me encarou em silêncio, me estudando por alguns segundos, os olhos descendo lentamente pelo meu corpo. Esperei com expectativa encontrar algum sinal de desejo, mas, para meu

desapontamento, não havia nada, muito pelo contrário, ele pressionou a mandíbula e sua expressão ficou dura.

— Sim — disse ele, friamente.

— Será que você pode…?

— Não — respondeu ríspido, me interrompendo.

— Não para o quê?

— Imagino que você ia me pedir uma carona.

— Isso é o que as garotas que tentam te seduzir diriam? — questionei, e ele não respondeu, mas nem precisava. — Eu não te pedi uma carona. Eu não aceitei sua carona ontem. Lembra? Eu ia perguntar se você poderia ficar mais um pouco.

Um meio-sorriso se abriu em seus lábios e ele me olhou longamente.

— A minha resposta convencional para essa pergunta seria não.

Uma onda estranha de tristeza e frustração me invadiu, substituindo o embevecimento inicial e o desejo que senti apenas por estar na presença dele. Provavelmente, qualquer coisa que eu dissesse para tentar seduzi-lo ele já tinha ouvido. Minha noite terminaria com ele me dispensando pela segunda vez.

— Levando em conta que não estou tentando te seduzir, qual seria sua resposta? — perguntei, torcendo para que ele não percebesse a mentira em minha voz.

— Dá para ver claramente que você não está. — Sua voz soou decepcionada, mas logo mudou quando ele me analisou com certo desdém. — Então posso perguntar o que queria quando me pediu para ficar?

— Eu queria te agradecer por ter cuidado de mim. Será que posso retribuir de alguma forma?

— O que você está disposta a fazer para retribuir?

— Qualquer coisa.

Os olhos verdes me fitavam intensamente, adquirindo um brilho predador. Sem desviá-los dos meus, ele se aproximou, ficando perto o suficiente para que eu sentisse seu perfume másculo e o toque de uísque em seus lábios.

— Até mesmo passar uma noite em minha cama? — perguntou ele, com a voz densa, erguendo a mão, correndo as pontas dos dedos sobre o meu maxilar e pescoço.

Um estremecimento atingiu minha coluna, e meus mamilos enrijeceram. Senti um calor entre as pernas, um desejo tão avassalador quanto o toque dele.

— Se for isso que você quer — respondi, com a respiração irregular, e passei a ponta da língua nos lábios para umedecê-los.

Daniel se inclinou em minha direção com os olhos fixos em minha boca, nossas respirações se misturando. Minhas pernas ficaram bambas em expectativa ao beijo e me vi me agarrando ao tecido de sua camisa para não cair.

Ficamos assim por um tempo, os olhos grudados, devorando um ao outro. Suas mãos seguraram as minhas, achei que fosse guiá-las para seu pescoço, mas ele as afastou.

— Não. Não é o que quero. — Ele balançou a cabeça como se tentasse convencer a si mesmo. — Eu não sou o cara certo para você. Não esta noite.

— Por que não?

— Você não faz ideia do que quero, mas posso te garantir que você estará bem dolorida amanhã.

O calor nas minhas bochechas me dizia que elas estavam coradas, a voz não queria escapar da minha garganta e minhas mãos grudavam de suor, mas, ainda assim, tomei coragem para responder:

— Tem certeza de que esse é o motivo para não me querer na sua cama? Ou você tem medo de ficar viciado em mim e querer repetir?

Seus lábios se repuxaram em um sorriso convencido.

— Uma mulher precisa ser muito boa no que faz para passar pela minha cama mais de uma vez.

— Se você tem tanta certeza de que eu não sou tão boa, não precisa perder mais tempo e ter medo de arriscar.

Daniel me encarou e vi o conflito tortuoso em seu olhar, como se travasse uma batalha interna.

— Não tenho medo.

— Então o que tem a perder?

— Nada. Vamos antes que eu me arrependa.

Seguimos até a cobertura de Daniel sem dizer nem uma palavra, somente o desejo denso, a atração intensa que ondulava entre nós, era suficiente para deixar meus mamilos inchados e pesados, e a dor da excitação latejar entre minhas coxas.

O meu cérebro tentava a todo momento me lembrar que eu estava prestes a ter a minha primeira vez com um homem que tinha acabado de conhecer, isso se tornava indiferente quando esse homem se tratava de Daniel. Meus olhos famintos percorriam cada centímetro, consumindo-o sem pressa. Ele era muito além de bonito, era deslumbrante, imponente, devastadoramente sexy. Fitei fixamente suas mãos grandes no volante e arquejei ao imaginar que em poucos minutos elas estariam em meu corpo.

Quando entramos na cobertura, dei um passo hesitante para dentro, meu coração quase saía pela boca, meu corpo inteiro pulsava com a ansiedade do que estava por vir. Antes que eu pudesse avançar, Daniel se colocou na minha frente. Ouvi a porta se fechando atrás de mim, como se aquilo se passasse em outra realidade distante. Todos os meus sentidos conscientes estavam em Daniel e na fome crua estampada em seu rosto.

A respiração dele estava alterada, pesada como a minha enquanto nos encaramos fixamente. Antes que eu pudesse perceber sua intenção, sua mão se fechou na minha nuca, puxando minha cabeça para trás, capturando minha boca com algo que

parecia desespero e brutalidade. Eu também estava desesperada por ele, louca para sentir o seu gosto, e quando sua língua entrou fundo na minha boca, encontrando a minha sem qualquer hesitação, eu soube que o gosto de Daniel era o melhor que eu já tinha provado. Sua boca continuou torturando a minha, devorando-me, espalhando fogo líquido em minhas veias. Minhas mãos subiram para agarrar seus ombros musculosos conforme ele me empurrava com as costas contra a porta. O choque da superfície fria e áspera na minha pele desanuviou minha mente por alguns segundos, mas me esqueci de tudo e gemi contra seus lábios quando uma de suas mãos se moveu para baixo no meu corpo, amassando meus seios. Sua ereção pressionava minha barriga e mesmo através das nossas camadas de roupa, eu podia sentir o calor do seu corpo grande.

Em seguida, ele segurou minhas nádegas e ergueu-me do chão. Mantendo minhas coxas abertas, se colocou entre elas. Um choque percorreu meu corpo e um líquido grosso encharcou minhas paredes quando ele friccionou o volume endurecido dentro da sua calça contra meu sexo coberto apenas pela calcinha, em um semicírculo chocantemente erótico.

— Estou tão desesperado por você que poderia te foder aqui, contra a porta — ele murmurou, puxando minha cabeça outra vez para trás para encontrar seu olhar.

— Então me foda — choraminguei.

Meus batimentos cardíacos eram como trovões em meus ouvidos, mas eu não me importava onde ele tomasse, eu só queria aliviar a tensão que tinha se acumulado dentro de mim.

— Repete! — ele disse.

— O quê?

— Isso que você acabou de dizer.

— Então me foda… me foda, Daniel.

Suas pupilas se expandiram, escurecendo os olhos verdes, todo seu controle parecia ter se esvaído. Um segundo depois, ele estava se movendo pela sala, comigo agarrada a ele, as pernas enroscadas em sua cintura.

Deitei a cabeça em seu ombro e lutava para recuperar a respiração conforme ele subia a escada como se eu não pesasse nada.

Quando entramos no quarto que eu tinha dormido quando estive ali, sua boca voltou a tomar a minha, dura, possessiva, devastando-me antes de ele me colocar no chão.

— Tira a roupa, Júlia — disse, em tom de ordem.

— Como? — perguntei, atordoada, vendo Daniel andar até a parede de vidro para fechar a cortina. Quando se virou para mim, ele tinha um sorriso sexy nos lábios e abria a própria camisa. Meu olhar caiu para o peitoral e abdômen definidos. — Não sei se suas roupas estarão em condições de uso amanhã se eu colocar as mãos nelas.

Com a mente tumultuada, respirei com força, puxei o vestido sobre a cabeça e chutei os sapatos para fora dos pés. Com os olhos passeando pelo meu corpo, Daniel se aproximou e eu pude ver a luxúria brilhando em sua íris quando parou ao meu lado.

— Você é linda! — A voz dele estava grossa de desejo.

Segurando minha nuca com força, ele se inclinou, prendeu meu lábio inferior entre os dentes e mordeu, em seguida, o sugou para dentro da sua boca. Minha vagina pulsou violentamente, me fazendo gemer alto.

— Muito linda, menina — sussurrou, arrastando os lábios por meu pescoço, sugando, mordiscando a pele, descendo para um seio enquanto amassava o outro com a mão, torcendo e puxando os bicos intumescidos, de uma forma rudemente excitante.

Me contorci em agonia quando abaixou a boca para o meu seio e correu a língua pelo mamilo sensível antes de chupar fundo com sua boca quente. Engolindo a aréola toda, começou a mamar. O barulho da sua sucção cada vez mais alto, cada vez mais forte, ultrapassando o limite entre o prazer e a dor. Uma tensão começou a se acumular dentro de mim, a sensação quente se intensificando em minhas entranhas.

— Daniel — sussurrei.

Arfando enfiei os dedos em seus cabelos. Uma de suas mãos desceu por minhas coxas e seu polegar encontrou meu clitóris, pressionando, esfregando sobre o tecido. Arqueando o corpo, gozei com um grito quando o orgasmo me atingiu com força estonteante. Meus joelhos fraquejaram e eu me agarrei aos seus braços para não cair.

— Porra, Júlia, eu quero você… agora — rosnou, enganchando os dedos na lateral da minha calcinha, e com um puxão a arrancou do meu corpo.

Agarrando minha cintura, ele me empurrou de costas no colchão e ficou parado ao lado da cama para tirar as próprias roupas. Removendo a camisa com um movimento brusco, a jogou sobre uma poltrona, em seguida, retirando rapidamente as calças e a cueca, ficando totalmente nu. Meus olhos famintos correram por cada centímetro dele, absorvendo os músculos poderosos até parar no pênis imenso e totalmente ereto, com os testículos pesados balançando sob ele.

A consciência de que a minha primeira vez teria mais do que um desconforto fez uma onda de tensão se instalar em mim. Ofegando, fechei os olhos. Ouvi o som de uma embalagem sendo rasgada e logo depois Daniel estava sobre mim, abrindo minhas pernas com suas coxas poderosas.

— Que bocetinha linda — gemeu, rouco, pincelando a cabeça larga entre meus lábios vaginais. — Depois quero provar que gosto ela tem, porque agora quero te foder, me enterrar todinho em você.

Meu corpo estremeceu e minha respiração ficou presa na garganta quando o senti pressionando contra minha abertura. Com os olhos cravados nos meus, parecendo querer registrar as reações que me causava, ele começou a empurrar o pênis dentro de mim. E nós buscamos desesperadamente por ar à medida que a ampla cabeça lisa de seu pênis avançava, centímetro a centímetro, esticando minha carne apertada. Apesar da minha excitação, Meus músculos internos se contraíram em volta dele, lutando contra a invasão.

Gritei, sentindo todo o meu corpo tensionar. Os olhos de Daniel buscaram os meus mais uma vez, e havia tudo neles menos sinal

de que estava contente.

— Você é virgem? — Suas sobrancelhas se franziram um pouco.

— Tem algum problema?

— Algum problema? — grunhiu, desapontado, se apoiando em seus cotovelos.

Percebendo que o momento tinha sido arruinado e ele ia se levantar, passei as pernas em volta da sua cintura. Eu precisava daquilo, meu pai morrendo sobre uma cama precisava daquilo, meu irmão ficaria muito decepcionado comigo.

— Sua primeira vez deveria ser com alguém mais perto da sua idade, alguém que você goste e que goste de você.

— Eu não quero nada disso, Daniel. Eu quero você. Só me foda, Daniel. Me foda, por favor.

Ele me encarou e vi um conflito tortuoso em seu olhar, misturando-se ao desejo e a raiva antes de sua boca descer sobre a minha, varrendo tudo com sua língua. Uma de suas mãos se moveu para baixo no meu corpo e seus dedos encontraram o meu clitóris, brincando com ele até que fiquei vergonhosamente molhada e latejante.

— Eu quero você, Daniel. Quero você dentro de mim — miei, e minha voz soou sem fôlego, com o desejo voltando a me lamber por dentro, criando uma necessidade que só seria preenchida por seu pênis grande e grosso.

Finquei as unhas em suas costas e isso pareceu ser um catalisador para ele voltar a empurrar em mim, e então um pouco de dor e medo retornaram, somados à vontade de lutar contra a invasão. Antes que meu corpo pudesse reagir, ele meteu com mais força. Segurando em seus ombros, gritei com a sensação dolorosa e agonizante do meu hímen sendo rompido, meu grito sendo engolido pela boca de Daniel.

— Shhh, já passou. Você só precisa respirar. Você consegue tomar meu pau todo — murmurou e percebi que ele não se movia.

Assim como o meu o seu corpo estava pegajoso de suor, os músculos tremendo com o esforço. Ele se continha para não me machucar. O homem que queria me possuir desesperadamente estava se segurando para não me machucar.

Estranhamente, meu corpo começou a relaxar. Passei os braços em volta do seu pescoço e ataquei sua boca, ele retribuiu meu beijo com a mesma necessidade, nossos lábios e línguas duelando com a mesma fome crua.

— Você é tão apertada. Sua bocetinha é tão apertada — gemeu em minha boca, aprofundando a penetração, me esticando além do meu limite.

Minha carne tremia em volta dele, tentando se ajustar, mas ele continuou até que estivesse todo dentro de mim e suas bolas tocando minha bunda.

— O meu pau preenche toda a sua boceta. Não caberia nem mais um centímetro.

Eu não tinha nenhuma dúvida disso. Ele era grande, muito grande, me preenchia de tal forma que eu mal conseguia respirar.

Rangendo os dentes, ele começou a se impulsionar dentro de mim. Sua respiração ofegante se misturando com a minha. Suas estocadas ficaram mais fortes, mais rápidas, mais fundas, a cabeça larga tocando em um ponto que me levava entre a dor e o prazer. A tensão dentro de mim crescendo, o calor na minha vagina se intensificando.

— Você é tão gostosa, porra, Júlia eu vou gozar — ele grunhiu, estocando tão fundo que pensei que me partiria em duas.

Gemi… gritei... não tinha mais certeza. O ritmo pulsante do seu pênis, me fodendo, me excitando até que eu não pudesse gritar, e explodindo em um novo orgasmo. Urrando fundo na sua garganta, seu corpo estremeceu e ele gozou dentro de mim.

Ainda lutando para respirar, passei os braços em volta dele e o abracei, me permitindo ter a sensação de seu corpo sobre o meu, querendo prolongar aquele momento.

11

"Estou tentando não esquecer minhas palavras
Porque quando estou ao seu redor, eu costumo continuar mudando de ideia
Eu prometo a mim mesmo não voltar aos velhos hábitos
Porque a decepção amorosa está clara e o amor é uma vadia."
(Love is a bitch - Two Feet)

Daniel

Quando acordei pela manhã, com Júlia nua em meus braços, o rosto apoiado no meu ombro e seu perfume doce e floral nas minhas narinas, as lembranças da noite anterior surgiram rapidamente, fazendo meu corpo inflamar e meu pau ficar duro novamente. Apesar de tudo que fizemos, eu ainda queria mais. E eu dificilmente queria mais. Minha primeira reação ao acordar com uma mulher depois de uma noite de sexo era ir para o mais longe possível dela, mas com Júlia, a fome estranhamente ainda estava lá. Eu disse repetidas vezes a mim mesmo que eu ainda a desejava porque não a tive como eu queria. Duro. Rápido. Gozando e gritando meu nome até ficar rouca. Mas segurá-la em meus braços, sentir o calor do seu corpo pequeno e delicado era maior, mais pungente do que tudo. Eu poderia ficar horas a olhando dormir, ouvindo o barulho suave de sua respiração, sentir seus mamilos roçando sobre meu tórax conforme seu peito inflava, e eu odiei me sentir assim. Sentindo uma onda de fúria, me desvencilhei dela e me levantei para trabalhar, ocupar minha mente com outra coisa que não fosse o desejo e as emoções violentas pulsando dentro de mim.

— Daniel, que prazer te ver. Fiquei surpreso quando minha secretária me disse que você estava ao telefone perguntando se eu poderia recebê-lo. Não imaginei que viria hoje — disse Fábio Castellari quando entrei em seu escritório opulento, tão imponente quanto a sua empresa foi um dia, anteriormente à crise financeira que estava enfrentando.

— Achei melhor vir o quanto antes, sei o quanto esse contrato é importante para você — o que eu disse não era totalmente verdade.

Eu poderia ter resolvido o assunto por telefone. O principal motivo que me fez ir até ali foi para fugir de Júlia e do desejo de foder de novo com ela.

— Claro, ótimo. Sente-se.

— Então, a garota conseguiu te ajudar com o contrato? — perguntei assim que me sentei em frente à mesa de Fábio Castellari.

— Só você poderá responder — ele disse, me estendendo uma pasta.

Peguei-a de sua mão e corri os olhos atentamente pelo documento.

— E então? — Ele me observou com expectativa.

— Ela fez o que eu precisava e mais um pouco. Você disse que ela me conhece, onde sua garota trabalha?

— Ela está fora do meio corporativo no momento. O que é uma lástima, pelo brilho em seus olhos, dá para ver que era boa no que fazia.

— Aposto que você está pensando em trazê-la para trabalhar aqui? — arrisquei, e voltei a olhar para o relatório bem detalhado

— Eu faria de tudo para ver aquele brilho em seu olhar novamente.

— Então você tem motivos de sobra para contratá-la. Não tenho dúvidas de que é uma excelente profissional.

— Ainda nem sei como vou fazer a proposta para ela. Me ver não está na sua lista de preferências.

— E se você disser que eu preciso de mais esclarecimentos e pedir para ela vir aqui? — Vi o olhar de Fábio se iluminar.

— Não tomaria seu tempo?

— De modo algum. Podemos discutir sobre o contrato enquanto ela não chega.

Ficar fora por algumas horas era tudo o que eu precisava. Isso daria tempo para que Júlia acordasse e já tivesse ido embora quando eu voltasse para casa.

Eu já tinha terminado de fazer minhas observações sobre o contrato e a garota de Fábio ainda não tinha dado nenhum sinal após a ligação dele. Ainda que tentasse não demonstrar, dava para

ver a ansiedade estampada no seu semblante. De quando em quando, seus olhos deixavam os documentos que estávamos trabalhando e vagavam para o relógio de aparência cara em seu pulso.

— Você acha que ela vem? — perguntei, no íntimo, estava curioso para saber quem era a mulher que tinha deixado Fábio Castellari rendido.

Imaginei que ela deveria ser muito bonita. Antes de se tornar CEO, ele era modelo, e onde passava tinha as mais belas mulheres se jogando aos seus pés.

— Ela me garantiu que sim — disse ele, voltando a olhar o relógio. — O que acha de almoçarmos enquanto ela não chega? Se não for te incomodar, claro.

— Ah, seria ótimo — concordei sem hesitar.

— Vou pedir para minha secretária providenciar — disse ele, empurrando sua cadeira executiva para trás, andando até a porta.

Quando me vi sozinho, juntei os papéis na pasta e me levantei. Enquanto esperava que ele voltasse, dei alguns passos pela sala, aproveitando a vista impressionante. Ouvindo a porta se abrir, virei-me para olhar bem a tempo de ver Fábio entrar acompanhado de uma morena, que parecia pequena perto dele.

— Eu realmente sinto muito pelo que aconteceu — proferiu Fábio, com uma voz suave, mas as sobrancelhas estavam juntas em uma expressão resignada.

O que pode t er acont eci do par a dei xá-l o chat eado?

— Talvez não seja de todo culpa dela — balbuciou a garota e seus olhos escuros aumentaram quando ela me viu parado perto da mesa. — Eu deveria ter me vestido adequadamente para vir, mas eu não estava em casa e deixaria o Daniel esperando por muito tempo.

Ela me estudou com um olhar envergonhado antes de voltar sua atenção para Fábio. Usava uma calça jeans puída, camiseta larga e seus longos cabelos escuros estavam soltos em volta do rosto pálido, mas eu tinha a impressão de que ela poderia estar coberta de trapos que ele continuaria olhando para ela como se ela fosse a única coisa que importasse no mundo.

A ideia de sentir algo do tipo fez algo reverberar dentro de mim. Isso era o amor. Um sentimento que eu nunca mais me permitiria ter. Nunca mais. Nunca mais eu entregaria meu coração para outra pessoa que no final só o destruiria.

— Você está linda. Venha — Fábio disse, me puxando dos meus pensamentos. Eles se moveram pela sala e pararam na minha frente. — Daniel Freitas, deixe que eu te apresente Mariana.

— Muito prazer, doutor Freitas, sou Mariana Bergamo — falou ela, com o mesmo tom confiante dos bons profissionais que já tinham cruzado meu caminho, e me estendeu a mão.

— O prazer é meu, Mariana — disse, e apertei sua mão com firmeza.

— Agora que ela chegou, podemos começar. Sentem-se — disse Fábio, com o olhar oscilando entre mim e a pasta.

Depois, contornou a mesa e se sentou em sua cadeira giratória. Entendi que ele queria que eu fingisse que realmente precisava da presença de Mariana ali, e assim o fiz.

— Gostaria que me explicasse melhor essa cláusula.

— Pois não.

No momento em que ela abriu a pasta que lhe estendi, a garota pequena e frágil deixou de existir e deu lugar a uma mulher firme, segura, confiante e muito astuta nos negócios.

— Bem, acho que terminamos — proferi, depois de alguns minutos ouvindo-a explicar sem esforço nenhum. Juntando os papéis, os guardei dentro da pasta. — Já vou indo.

— E nosso almoço? — perguntou Fábio.

— Sinto muito, mas terá que ficar para outra ocasião — falei, tentando soar consternado, e lhe lancei um olhar cúmplice, que ele logo compreendeu, agradecido por eu deixá-los sozinhos. — Tenham um bom dia. Foi um prazer trabalhar com você, Mariana.

— Digo o mesmo, doutor Freitas.

E assim eu fui embora, deixando-o com a garota. Dava para ver em sua expressão apaixonada, enquanto olhava para ela, o quanto estava ansioso por isso, e não seria eu quem estragaria esse momento.

Ao entrar na cobertura tempos depois, deixei minha pasta sobre o aparador, afrouxando a gravata, cruzei a sala, indo direto para a escada. Considerei colocar meu almoço no forno primeiro, pois meu estômago estava roncando de fome, me lembrando que eu mal tinha comido no café da manhã. Eu estava com tanta pressa para ir para longe de Júlia e das emoções que ela tinha despertado em mim que só tomei uma xícara de café puro, mas sabia que seria impossível comer sem ter a certeza de ela tinha ido embora.

Avancei pelo corredor e quando me vi diante da porta fechada, engoli em seco. Uma parte minha esperava que o quarto estivesse vazio e não houvesse nem um rastro dela, mas a outra parte abominava a ideia de que tivesse ido embora. As emoções antagônicas ainda fervilhavam em mim quando girei a maçaneta e entrei no quarto.

Logo a vi deitada de bruços. As costas e o rosto cobertos por seus cabelos castanhos, e o lençol branco envolvendo sua cintura da forma como eu gostaria de estar fazendo. Quando meus olhos desceram por seu corpo nu, parando na bunda de curvas bonitas, o desejo que estive reprimindo por toda a manhã voltou com força total. O bom senso me dizia para sair do quarto, ao invés disso, me aproximei da cama e vi que dormia profundamente. Minhas mãos comichavam para tocá-la. Cedendo ao desejo, empurrei de leve o cabelo dela e percorri a curvatura de suas costas com a ponta dos dedos. A pele dela era tão macia que minha boca salivou para provar cada centímetro, lambê-la da cabeça aos pés.

Júlia gemeu baixinho e se mexeu na cama, se virando de barriga para cima, me dando uma visão completa de seu corpo de

frente, senti meu pau, que já estava duro, inchar ainda mais dentro da calça, empurrando o zíper de maneira dolorosa quando meus olhos famintos desceram pelos seios pequeninos e pararam na boceta inchada.

Olhei para cima e vi que Júlia tinha acordado, nossos olhares se encontraram e um sorriso estonteante brotou em seus lábios carnudos. A tentação de beijá-la para provar a suavidade de sua boca foi insuportável. O que estava acontecendo comigo?

Eu não sentia algo parecido desde o fim do meu relacionamento com Dália. Lembrar dela fez uma raiva fluir por minhas veias e trouxe à tona o rancor e a amargura que eu trazia guardados dentro de mim e que me serviam de lembretes todos os dias de que jamais deveria entregar meu coração de novo. Nunca mais. Minhas mãos se fecharam em punho e eu dei alguns passos, sentindo o peso do olhar de Júlia em mim.

Não. Não, bradei internamente, me obrigando a ser racional. Isso que estava sentindo não era nem de longe parecido com o que Dália me fazia sentir. Só preciso possuí-la como quero para tirar essa garota do meu sistema de uma vez por todas.

— Você está indo trabalhar? — murmurou, com a voz ainda rouca de sono, e tive a impressão de ver um traço de decepção em seu rosto.

Estudei-a, me perguntando se o motivo era, assim como eu, ela também querer mais. Me aproximei lentamente enquanto ela me observava com expectativa e toquei seu rosto, deslizando meu polegar em seus lábios. Seu peito começou a subir e descer com

respirações superficiais à medida que as pontas dos meus dedos escorregaram pelo pescoço, e os mamilos ficaram duros, pedindo por minha língua quando fiz o contorno da aréola.

— Na verdade, acabei de chegar, então teremos algum tempo juntos se você quiser — respondi, sem domínio nenhum da minha boca, jogando meu autocontrole para o alto. —Você quer?

Meus olhos se fixaram em sua boca, ansiando pela resposta.

— Eu quero — soprou com a voz pesada, suplicante.

E antes que eu desse por mim, já estava debruçado sobre ela, reivindicando a sua boca em um beijo faminto. A maciez dos seus lábios contra os meus foi como um afrodisíaco, e então brinquei com a língua dentro de sua boca, buscando desesperadamente a dela, a chupei com força, arrancando um gemido de sua garganta. Uma de suas mãos foi para meu cabelo, enquanto a outra desceu por minhas costas, as unhas se enterraram na minha carne, mesmo através do tecido da camisa.

— Daniel… hum.. . Daniel. — Meu nome era apenas um ofego em seus lábios quando suguei a pele de seu pescoço e apertei seus seios, torcendo levemente o bico sensível.

Júlia se contorceu embaixo de mim quando desci a mão e toquei sua boceta, ela já estava molhada, quente, pronta para me receber. Deslizei os dedos por seus lábios vaginais, sentindo o desejo irracional tomar conta de mim.

Eu precisava estar dentro. Eu precisava sentir o seu gosto. Esse era o único pensamento que passava pela minha cabeça.

Ficando de pé, coloquei o indicador nos lábios dela enquanto os nossos olhos não se desconectavam, então chutei os sapatos para longe, tirando minhas roupas lentamente e as deixando pelo chão enquanto andava até o sistema de som sem parar de encarar Júlia e a boca carnuda que ela mordia. A voz rouca de Two feet[1] soou pelas caixas, mas a letra era o que menos me importava no momento, toda minha atenção estava nos olhos confusos da garota perfeita diante de mim, que mal sabia o quanto ia precisar daquela música, agradecer a existência dela enquanto estivesse sendo fodida.

Um segundo depois, eu estava ao seu lado. Segurando-a pelos joelhos, arrastei-a para fora da cama até que sua bunda estivesse parcialmente fora do colchão e ela aberta para mim. Baixei a cabeça entre suas pernas, lambendo, chupando, circulando seu clitóris com a língua. Ela arqueou os quadris e puxou meus cabelos, pedindo mais, e eu empurrei um dedo dentro dela. Seus gemidos ficaram mais altos quando passei a deslizar para dentro e para fora, depois acrescentando mais um dedo, esticando-a para o meu pau.

— Oh… sim. Sim, Daniel. Assim. — Sua voz era um gemido torturado, e percebi o corpo dela começar a ficar tenso, a respiração mais acelerada conforme meus movimentos ficavam mais rápidos.

Com um grito estrangulado, ela gozou, agarrando o lençol, e a boceta se contraiu em volta dos meus dedos.

Seu corpo ainda tremia quando abri a gaveta da mesinha de cabeceira e peguei uma embalagem. Rasgando-a com os dentes,

tirei a camisinha e enrolei-a sobre o meu pau. Em seguida, me posicionei entre as suas pernas, abrindo-as ainda mais.

Júlia estava aérea, presa em seu próprio prazer, mas era pouco perto do que ainda daria a ela.

— Agora eu vou te mostrar como gosto de foder, querida. Pode ter certeza de que estará toda dolorida amanhã e mesmo assim vai desejar muito ter uma próxima vez na minha cama — sussurrei em seu ouvido.

Nós dois gememos quando alinhei meu pau em sua entrada e enfiei os primeiros centímetros. Ela era tão apertada e quente que quase gozei. Precisei me segurar para não penetrá-la de uma vez, e fui empurrando lentamente, dando ao seu sexo inchado a chance de me receber aos poucos.

— Você está tão duro. Minha nossa, e é tão grande... tão grosso — ela choramingou, se contorcendo sob meu corpo, mas a mantive presa em minhas mãos.

— Sim, eu sou. Mas você pode levá-lo todo — gemi, rouco

— Sim, eu posso, eu quero você inteiro. Me fode, por favor me fode.

Um desejo selvagem e primitivo se inflamou dentro de mim. Empurrei o quadril, penetrando-a em um impulso forte e profundo. Ela gritou alto e tombou a cabeça, fechando os olhos.

— Sua boceta é incrível, porra, muito incrível — rugi, tomando sua boca em um beijo desesperado.

Segurei suas mãos e comecei a empurrar para dentro e fora dela, metendo tão fundo até sentir minhas bolas batendo em sua bunda. Eu já não me importava se ela era inexperiente ou delicada. Eu apenas a queria.

Seus músculos ondularam em volta de mim, apertando meu pau quando um novo orgasmo varreu seu corpo. A segurei contra o colchão até que os tremores parassem, e depois voltei a empurrar em seu calor molhado, a possuindo com uma intensidade selvagem. Por alguns minutos eu só ouvia os gritos agudos rasgando sua garganta e a cabeceira da cama batendo na parede quando o corpo de Júlia era impulsionado para a frente com minhas estocadas, se misturando ao som da música.

— Daniel — ela sussurrou, puxando o ar para dentro dos pulmões com respirações entrecortadas.

Seu corpo começou a tremer e suas paredes internas me apertaram, ordenhando meu pau. Ela estava perto de novo. Esse pensamento roubou qualquer vestígio de sanidade que ainda havia em mim, e eu mói minha pélvis em sua boceta. Convulsionando, ela chegou ao limite outra vez, suas unhas cavando em minhas costas.

A força do seu orgasmo me arremessou para as bordas, sentindo meu pau inchar, ficando ainda mais grosso e mais duro. Baixei a cabeça, engolindo seu grito com a boca e beijando com voracidade, sem parar de foder sua boceta tão profundamente quanto eu pude ir, e gozei, tremendo, urrando, me derramando de tal forma que minha visão ficou turva.

Ao tomar consciência do meu peso sobre ela, rolei para o lado, a puxando para os meus braços junto comigo. Enquanto tentava recuperar o fôlego, um pensamento sombrio transpassou minha mente: ela é minha.

12

"Me mostre sob a mesma luz
Parece certo quando nós voamos
Sem roupa e ela é tão macia
Essa não é uma luta justa, é".
(wRoNg Zayn & Kehlani)

Júlia

— Júlia. — Ouvi Daniel sussurrar e forcei meus olhos a se abrirem e se moverem na direção de onde veio sua voz.

O descobri parado ao lado da cama, meus olhos subiram por seu corpo nu e se fixaram em seu rosto preocupado.

— Hummm — foi tudo que consegui responder.

— Você está bem?

Antes que meu cérebro lento e preguiçoso pudesse captar o sentido de suas palavras, senti dois braços em volta de mim, me erguendo no ar. Tentei passar um braço ao redor do seu pescoço, mas meus músculos não obedeciam, meu corpo estava dolorido, desgastado pelos orgasmos sem fim.

Lânguida, deitei minha cabeça em seu peito, sentindo o cheiro de sua pele misturado ao que sobrou de seu perfume amadeirado e sexo. O mundo ainda parecia fora de foco quando ele começou a se mover pelo quarto.

— Para onde está me levando? — murmurei, e nem eu mesma reconheci minha voz.

— Para o banheiro, precisamos de um banho.

Eu não tinha dúvidas disso. Minha pele estava pegajosa contra a dele e eu sentia os fluídos dos meus orgasmos escorrendo entre as coxas.

Ainda me segurando em seus braços, Daniel entrou na banheira que em algum momento ele deve ter colocado para encher. Um gemido baixinho me escapou quando ele me submergiu e a água quente tocou minha vagina inchada, dolorida e meus mamilos sensíveis. Daniel ficou atrás de mim, me colocou sentada entre suas pernas. Eu me sentia cansada, tão cansada que no mesmo instante me inclinei sobre ele, descansando minha cabeça contra seu peitoral forte. Não fazia ideia de que o prazer pudesse tirar tanto minha energia, ou talvez essa devastação fosse apenas resultado de fazer sexo com Daniel.

Por alguns minutos ou segundos, ficamos em silêncio, o único som audível era da água se agitando quando uma mão de Daniel fazia círculos em meu braço e a outra descia por meus seios, barriga. Seu toque era suave e calmante, deixando meu corpo ainda mais lento e preguiçoso do que já estava.

Fechei os olhos, aproveitando o momento — que acabaria em breve — logo eu teria que ir embora. Com esse pensamento, me dei conta de que eu ainda não tinha obtido nenhuma informação sobre Daniel, e nada me garantia que eu teria outra chance com ele outra vez. Ele ter cuidado de mim após o sexo na noite anterior e estar

cuidando naquele momento não significava que ele ia querer me ver de novo. Ele mesmo tinha deixado claro que uma mulher precisava ser muito boa no que fazia para passar pela sua cama mais de uma vez. Inexperiente como eu era, estava longe de ser boa. *Esper a! A gent eacabou de t r ansarpel asegunda vez*, eu disse a mim mesma, abrindo os olhos de repente. Essa constatação fez algo em meu peito se agitar.

— Você costuma mimar todas as mulheres que leva para a cama? — deixei escapar.

— Mimar? — ele perguntou, e no mesmo instante senti seu corpo ficar tenso sob o meu e suas mãos deixarem meu corpo, como se só naquele momento ele tivesse se lembrado que estava me tocando. — Você acha que estou te mimando ou que eu era egoísta com as mulheres entre quatro paredes?

Ele baixou o queixo e quando me encarou, sua feição estava dura e o calor em seus olhos tinha desvanecido, eles voltando a ficarem frios de uma forma que até então eu não tinha visto.

— Você não parece ser egoísta, definitivamente não — balbuciei, tentando não parecer mais patética do que já tinha sido quando me agarrei à ilusão de que ele estava me tratando diferente. Se ele fosse um escroto, as mulheres não ficariam com ele na cabeça, assim como Wanessa - a namorada do Thiago Romanov - que não tinha conseguido esquecê-lo, mesmo estando em outro relacionamento. — Tanto que estou me perguntando neste momento: Por que um homem como você está sozinho?

— Eu nunca estou sozinho. Sempre tem alguém na minha cama — disse ele, em tom ríspido.

— Sei que tem. Só não consigo imaginar como alguém como você não tem uma namorada — respondi, com a voz falhando, imaginá-lo fazendo com outra mulher tudo que fez comigo me deixou com um nó na garganta.

— Estou bem dessa forma.

— Isso vai mudar quando encontrar a pessoa certa. Se é que já não a tenha encontrado — falei, pensando que ele poderia amolecer um pouco e me contar sobre a mulher que ele amou no passado, mas conseguir arrancar informação era uma arte que eu estava longe de dominar.

— E você seria essa pessoa? — perguntou, me encarando com expectativa.

— Não. Eu não estou tentando fazer você perceber que seria uma boa opção me escolher ou algo do tipo — murmurei, sentindo minhas bochechas corarem.

— E o que você está tentando fazer, menina? — perguntou, estreitando os olhos.

Desviei o olhar do seu rosto, tentando encontrar uma resposta. Decepcionada comigo mesma por ter começado aquilo, virei o rosto para a parede de vidro. Falar sobre sentimento ou demonstrar sentimento por ele era algo que parecia incomodá-lo. O que será que tinha acontecido para deixá-lo assim?

Você deveria estar fazendo as perguntas que realmente precisa, me censurei enquanto me perdia na vista impressionante da cidade à minha frente.

— Estava tentando conversar. — Tentei manter o tom casual, torcendo para que ele pegasse minha isca. — Mas acho que eu deveria ter começado com perguntas do tipo quem são seus pais?

— Depois você me perguntaria se eles são ricos, se comprei essa cobertura com dinheiro deles? — Ele me afastou do seu peito e se colocou de pé, agitando a água da banheira.

— Por que você acha que eu faria perguntas tão pessoais? — murmurei, em tom magoado.

Daniel me encarou através do vidro azulado.

— É o que a maioria das mulheres têm feito ultimamente. Me desculpe se fui grosseiro.

— Quando elas não estão tentando fazer você se apaixonar por elas. Mas comigo você não precisa se preocupar, eu não tenho pretensão de começar um relacionamento, pelo menos não com você. Já tenho sentimentos por outra pessoa. — O que era totalmente mentira, mas a coisa mais inteligente seria fazê-lo acreditar que eu não estava interessada nele. Nem poderia estar, quando eu conseguisse as informações que precisava, ver Daniel, era a última coisa que eu desejaria.

Ele franziu a sobrancelha e os cantos de seus lábios se repuxaram em um sorriso convencido.

— Por que você não entregou sua virgindade a ele?

— Eu não sei se não ficaria esperando algo mais se tivesse minha primeira vez com ele. Diferente de você, que desde o início eu já sabia que não poderia me oferecer mais nada além de uma noite de sexo. Acho que seria mais doloroso me entregar a uma pessoa que gosto e ele não me querer depois.

Ele soltou um suspiro profundo e saiu da banheira. Minhas palavras pareciam tê-lo afetado de alguma maneira. Tomei coragem para voltar a olhá-lo e quase engasguei com a visão. Ele parecia ainda mais sexy e viril com aquele visual despenteado e com a água escorrendo pelos músculos bem definidos. Meus olhos correram por cada centímetro de pele e pararam no volume pesado entre suas pernas. Imagens dele dentro de mim, me possuindo de forma quase punitiva, me penetrando tão profundamente, levando-me a um limite entre a dor e o prazer, preencheram minha mente.

Apesar de termos acabado de fazer sexo, senti uma centelha de excitação, e minhas mãos comichavam para tocar nele. Um olhar de compreensão passou pelo rosto de Daniel, como se tivesse acabado de entender o que se passava comigo. Ou talvez ele estivesse sentindo a mesma tensão sexual que me envolvia, deduzi, pela forma como ele engoliu a saliva enquanto olhava meus seios antes de voltar ao meu rosto.

Estiquei os dedos em direção a sua virilha e passei lentamente sobre a veia saltada do seu pênis, e os fechei em volta da sua largura. Daniel estremeceu e voltou a ficar um pouco enrijecido em minha palma. Sem desviar os olhos dos seus, me virei na banheira e fiquei de joelhos, fazendo uma careta por causa da dor que eu sentia nos músculos que até então nem sabia que existiam.

— O que você está fazendo, menina? — Sempre havia um toque de raiva em sua voz quando dizia "menina", mas dessa vez não me importei.

— Eu quero sentir seu gosto.

— Não é uma boa ideia — sussurrou de um modo quase hipnótico. — Você vai se arrepender disso quando eu estiver o empurrando todo dentro de sua garganta.

Se sua intenção era me assustar, suas palavras lançaram uma onda de calor dentro de mim, latejei tão forte que o ar chegou a me faltar.

— Podemos fazer um teste — murmurei, com a voz sôfrega, inclinando o rosto para perto de sua virilha.

Seus dedos enterraram em meus cabelos, puxando minha cabeça para trás, mas não com força suficiente para me causar dor, e se inclinou de modo que nossos rostos ficaram muito próximos.

— Você não deveria me provocar, vou acabar me esquecendo que você está dolorida e vou meter em sua bocetinha apertada de novo e de novo, e vou fazê-la gozar tantas vezes até me pedir para parar — rosnou, seu hálito com cheiro de menta tocando meu rosto, me fazendo deduzir que em algum momento ele escovou os dentes, o cheiro da minha vagina não estava mais lá.

— Isso não parece ruim.

A expressão de Daniel ficou ainda mais dura, feral, fazendo-o parecer ainda mais intimidante do que já era. Seus olhos verdes pareciam mais escuros, brilhando de raiva… raiva e desejo. O que

estranhamente me deixou ainda mais excitada, queimando por ele, me fazendo gemer sem controle algum.

Seus olhos inflamaram ainda mais sobre mim e se fixaram em meus lábios. Quando pensei que fosse me beijar, ele diminuiu o aperto em meu cabelo e começou a se afastar, dando-me uma visão ampla das suas costas musculosas. Tudo nele era perfeito. Suspirei, deixando meu olhar escorregar por seu corpo todo.

Assisti frustrada a Daniel entrar no box e tomar um banho rápido, esfregando o sabonete em seu corpo da forma que eu gostaria de fazer.

— Vou preparar alguma coisa para a gente comer. Desça quando estiver pronta — ele disse, desligando o chuveiro.

Enrolando-se em uma toalha, saiu do banheiro, me deixando sozinha. Mesmo estando cercada por toda opulência, ficar ali perdeu o encanto sem ele. Terminei de me limpar e saí do banheiro. Minhas pernas estavam cambaleantes quando andei até o quarto. O vestido que tirei estava sobre a poltrona, menos minha calcinha, que tinha sido rasgada por Daniel. Eu teria que ir embora nua por baixo, constatei, horrorizada.

Desci as escadas e segui o tilintar dos pratos. Quando entrei na cozinha, Daniel estava próximo ao fogão, de costas para mim. O que quer que fosse que ele estivesse cozinhando, tinha um cheiro delicioso que emanava por todo o cômodo. Encostei-me ao batente e fiquei observando-o em silêncio, meio embasbacada pela familiaridade com que ele mexia a panela, como se tivesse feito aquilo a vida toda.

— Fique à vontade para puxar um banco e se sentar. Já estou terminando aqui.

Tive um sobressalto com suas palavras, pois não tinha me dado conta de que ele tinha percebido que eu estava ali.

— É muito bonita a sua cozinha — balbuciei, sem saber por onde iniciar um assunto, correndo os olhos pelo cômodo moderno e bem equipado.

— Obrigado — respondeu Daniel, servindo dois pratos. — Eu também gosto da cozinha, principalmente da ilha. Dá para fazer coisas incríveis sobre ela.

— Sério?! — Minha voz soou repentinamente interessada ao imaginar que ele estivesse falando sobre sexo.

— Sério. Você vai descobrir isso quando puxar um banco e se sentar para almoçar. — Ele fez uma pausa, e quando voltou a falar, sua voz estava baixa e enganadoramente calma, mas a raiva ainda estava presente em cada palavra. — Quero te devolver bem para o cara que você gosta.

Com a feição ainda dura e os olhos mais frios do que nunca, Daniel andou até a ilha e colocou os pratos sobre ela.

El eest ácom ci úmes? me perguntei enquanto me aproximava da ilha, e me sentei em um banco.

— Ele não se importa — respondi, e baixei o rosto para fugir do seu olhar inquisitivo.

— Por que não?

Enquanto eu procurava uma resposta, ouvi o barulho do banco à minha frente sendo arrastado, seguido de talheres tilintando no prato.

— Ele é apaixonado por uma garota morena linda e com uma conta bancária estratosférica — respondi, torcendo para que ele não captasse a mentira em minha voz.

— Eu queria poder discordar de você que a conta bancária não interfere na hora de escolher alguém para se relacionar, mas algumas pessoas colocam a situação financeira à frente de qualquer sentimento.

— Você também é assim? — As palavras saltaram dos meus lábios.

Ergui o rosto e o encarei, esperando por uma resposta.

— Eu não sou assim, mas tive o desprazer de conhecer pessoas que eram. — Sua voz tinha um esgar de dor e tristeza, mas antes que eu pudesse refletir a respeito, ele apontou para o garfo que eu sequer tinha tocado.

Obediente, puxei o prato para perto de mim. Assim que coloquei o garfo na boca, percebi que estava morrendo de fome.

— Você cozinha muito bem. Isso aqui está delicioso — eu disse, e ele sorriu.

— Não fui eu que fiz, foi a minha mãe. Quando ela sabe que estou vindo para cá, faz um estoque de comida para eu trazer. Minha mãe gosta de alimentar as pessoas até ficarem a ponto de explodir. À s vezes eu acho que…

Levei mais uma garfada à boca esperando que ele fosse continuar, mas ele deixou a frase pairando no ar.

— Você disse quando vem para cá. Você não mora aqui?

— Eu não moro aqui. Coma!

Entendi que aquele era o sinal de que ele não queria falar sobre o assunto e voltei a comer em silêncio. Já estávamos quase terminando de comer quando a campainha tocou.

Daniel franziu a sobrancelha. Depois de um tempo, se levantou para atender.

— Me desculpe por ter vindo sem avisar. — Uma voz feminina chegou até mim, me colocando sob alerta. — A gente precisa conversar. Você se encontrar com ela é uma loucura, achei que você já tinha deixado a Melinda no passado.

— Podemos conversar, mas antes você precisa conhecer a Júlia — respondeu Daniel, a interrompendo.

Mel i nda, repeti o nome com um movimento de lábios, fazendo uma nota mental disso. Algo me dizia que era uma informação importante pela forma brusca que Daniel a interrompeu, deixando claro que não estavam sozinhos.

Ouvi passos se aproximando e prendi a respiração. Congelei no lugar até que vi Daniel e uma mulher entrarem pela porta. Ela tinha a pele negra, e os cabelos bem tratados desciam até abaixo dos ombros. Ela me estudou com curiosidade, a surpresa de me ver ali era perceptível nos olhos muito pretos, que pareciam enormes no rosto incrivelmente belo. Ela era bem mais baixa do que Daniel e

usava um vestido solto que parecia derreter no corpo. Era tão bonita e elegante que poderia facilmente ser confundida com a Taís Araújo[2].

— Mãe, essa é Júlia. Júlia, essa é minha mãe, Sônia.

Meu olhar oscilava entre ele e a mulher ao seu lado, procurando alguma similaridade entre eles, e não encontrei nenhum. A dicotomia entre os dois me deixou confusa e impressionada ao mesmo tempo.

Algo deve ter mostrado isso no meu rosto, porque a mulher contraiu os lábios antes de dizer:

— Apesar de não parecer, eu sou a mãe dele — ela disse, com um tom cansado, como se tivesse repetido aquilo um par de vezes. — A mulher que um dia se casar com ele poderá ter um filhinho negro.

— Mãe — vociferou Daniel, e olhou com uma expressão resignada.

Franzi o cenho sem entender por que ela tinha dito aquilo e menos ainda por que Daniel tinha reagido daquela forma.

— Ela será uma mulher muito sortuda — falei, depois de um tempo, descendo do banco, e lhe estendi a mão. — Muito prazer em te conhecer, Sônia. Quando você chegou, eu já estava de saída.

Se eu pudesse ficar, talvez fosse a oportunidade de descobrir algo de útil, mas eu preferi ir embora antes que Daniel logo arranjasse uma desculpa para me dispensar.

— Eu te acompanho — ele disse confirmando a suspeita de que minha presença tinha se tornado incômoda. —Vou mandar meu motorista te levar.

— Não precisa. Não estou indo para casa — respondi, me dirigindo para a porta de entrada, sendo seguida de perto por ele.

— Ele pode te levar onde você quiser.

— Agradeço, mas não precisa. Adeus, Daniel.

— Adeus, Júlia.

Olhando para ele, estendi a mão para a fechadura da porta e a abri. Enquanto eu seguia pelo hall, sabia que as lembranças daquela noite ficariam em minha mente por muito tempo, principalmente todas as vezes que eu cruzasse as pernas por estar sem calcinha.

13

"Você continua me dizendo que eu sou livre para ir
Mas eu sou viciado em você
É uma mentira".
(Hard For Me - Michele Morrone)

Daniel

Depois que Júlia foi embora, fiquei encarando a porta fechada. O sentimento inquietante que me atingiu quando ela disse que gostava de outro ainda continuava pulsando em minhas veias, na verdade, parecia ter se intensificado ainda mais quando ela recusou minha carona. Por alguma razão, ela parecia querer manter nossa noite de sexo em segredo, talvez ela quisesse parecer disponível para o cara que gostava. Isso me deixou muito irritado, mas não deveria. Tudo que estive buscando esses anos todos era uma ligação impessoal, sem outra expectativa além do sexo. Era isso que ela tinha me oferecido.

— Então o nome dela é Júlia?

Ouvi a voz de minha mãe atrás de mim e me virei para olhá-la.

— Esse é o nome dela. Por quê?

— Você nunca se dá ao trabalho de saber o nome das garotas com quem sai. O que ela tem de diferente das outras?

— Ela não tem nada de diferente. — Dei de ombros. — O que poderia ter?

— Essa é uma pergunta que só você pode responder.

Dei um meio sorriso e balancei a cabeça, discordando.

— Se você está achando que aquela menina mexeu comigo de alguma forma, está muito enganada — refutei, para tentar convencer a mim mesmo.

Se não houvesse nada de diferente nela eu não estaria com essa sensação estranha no peito desde que ela passou pela porta.

— Eu gostaria muito de estar certa. — Minha mãe soltou um suspiro profundo e se sentou no sofá branco.

— Não. Você não queria. No fundo, você tem tanto medo de me ver em um novo relacionamento tanto quanto eu. Se não tivesse, por que acabou de falar à Júlia que a mulher que se casar comigo pode ter um filho negro? Vai me dizer que não estava testando a garota.

— Eu estava. Claro que estava. A vida me ensinou da pior forma a transformar as desilusões em aprendizado para lidar com situações futuras.

— E você resolveu colocar seus conhecimentos em prática logo com a Júlia.

— Eu não era a única que queria testá-la. Você também parecia ansioso para ver a reação dela.

— Eu? — Franzi a sobrancelha. — Impressão sua. Eu não tenho nenhum interesse nela. Não tem a menor possibilidade de eu me apaixonar por alguém como ela.

— Se você está dizendo — ela disse, com um sorriso se ampliando nos lábios.

Ela não tinha acreditado, e qualquer possibilidade de ela estar certa fez minha garganta secar e algo parecido com pânico latejar em meu interior. Eu jurei para mim mesmo que nunca amaria qualquer mulher que fosse. Deixar que uma garota que mal tinha saído da adolescência destruísse em apenas alguns dias as barreiras que levei anos para construir em volta de mim me deixou aterrorizado. Não, isso não era possível. Quando Dália foi embora levou tudo que eu tinha, me deixou vazio de esperança, desprovido de calor e amor. E a cada dia o frio dentro de mim aumentava um pouco mais.

— O que acha da gente falar sobre o assunto que a trouxe aqui, mãe? — perguntei, levemente irritado, cruzando a sala, e me sentei na poltrona de frente a ela. — Acredito que não veio aqui para falar da minha vida sentimental. Você queria falar sobre a Melinda?

— Sim, Daniel. Eu queria te pedir mais uma vez para desistir desse encontro com a Melinda, seria uma loucura, meu filho.

— Não há mais como voltar atrás. Dentro de alguns dias ela vem para o Brasil e eu preciso entregar a documentação que está comigo.

Sua boca se abriu e por alguns instantes não saiu nenhum som. Minha recusa parecia tê-la pegado de surpresa. Quando finalmente conseguiu falar, sua voz estava furiosa, e a ternura que

eu costumava encontrar quando ela me olhava tinha sido substituída pela raiva mordaz.

— Meu Deus, Daniel. Você pode pedir para alguém entregar a ela.

— Eu não posso pedir para alguém fazer isso por mim. Não é tão simples. — Tentei suavizar minha recusa com um sorriso. — Rudolf tinha uma infinidade de advogados trabalhando para ele na empresa e fora dela. A maioria deles, senão todos, tinham mais experiência do que eu, e ainda assim ele me escolheu para representar a Melinda. Ele confiou em mim.

— Rudolf está morto — vociferou, e pude ver as veias saltando em seu pescoço.

— Mas a filha dele não, e ela precisa de minha ajuda.

— Mesmo que essa ajuda custe o nosso segredo? — Seu queixo tremia e ela parecia perto de um ataque de nervos.

— Eu não posso voltar atrás. Pelo menos até que a divisão dos bens seja feita — falei com suavidade, em uma tentativa vã de acalmá-la.

— Juro que estou tentando entender por que está fazendo isso… por que está se colocando em risco por seu pai se ele nunca se importou com você.

Senti meu peito apertar conforme ela vomitava as palavras, puxando o ar ruidosamente pelo nariz. Fiz um sinal com a mão, pedindo para ela parar, mas isso só pareceu incentivá-la a continuar.

Meu pai nunca ter se importado comigo era meu ponto fraco, minha mãe sabia, e usava isso propositalmente contra mim agora.

— Acredita mesmo que Rudolf colocou todos esses bens em seu nome porque se importava com você? Já pensou que ele pode ter feito isso só para te comprar para você fazer o que ele queria?

Por alguns segundos, só fiquei ali parado, sem conseguir encará-la. Suas palavras tinham me destroçado e pareciam feitas de ácido. Eu só tinha visto minha mãe tão fora de si quando comecei a trabalhar nas empresas Becker, na época ela estava escondendo que Rudolf era meu pai. Da mesma forma, eu tinha certeza de que ela escondia algo agora. Cerrei os dentes quando a raiva começou a fervilhar no meu estômago.

— Se ele só estava pagando pelos meus serviços, pagou mais do que eu ganharia a minha vida inteira advogando — falei, com a voz transbordando sarcasmo.

— Não há nada que eu possa fazer para você mudar de ideia?

— Eu não tenho certeza, mas você pode tentar. Quando disse que vão fazer da minha vida um inferno se descobrirem que meu pai fez de mim um homem milionário, de quem você estava falando? De quem você tem medo?

Os lábios dela tremeram ainda mais.

— De ninguém em especial, mas acho que …

— Você acha quê? — perguntei, a encorajando a continuar.

— Eu acho que… até a filha dele pode acabar se virando contra você.

Ela estava mentindo, eu não tinha nenhuma dúvida disso enquanto observava seu rosto. Me levantei abruptamente, andei até o bar na outra extremidade e me servi de uma dose de uísque.

— Você vai precisar um pouco mais do que isso para me fazer desistir — disse eu, friamente, e entornei a bebida em um gole só.

— Se um dia você se arrepender, não diga que não avisei.

— Não sei se posso considerar isso como um aviso. Sinto que não está sendo totalmente sincera comigo. — Consegui manter a voz estável, apesar da tempestade de emoções que revolvia dentro de mim.

— Você vai para casa?

— Não. Tenho muitas coisas para resolver antes da chegada da Melinda, provavelmente não vou para casa nos próximos dias.

— Bem, vou embora. Não tenho mais nada para fazer aqui.

Ao ouvir sua voz, me virei, vendo o olhar ferido em seu rosto, senti minhas certezas vacilarem. Fiquei paralisado no lugar enquanto via minha mãe se levantar, segurando sua bolsa. Ela cruzou a sala pisando duro.

— Mãe — gritei quando ela fechou os dedos em volta da maçaneta, mas ela saiu pela porta e a bateu atrás de si sem sequer olhar para trás.

Minhas mãos se apertaram em punho e eu precisei de todo o autocontrole para não dar um soco em uma parede. Eu odiava brigar com minha mãe, ela já tinha feito tanto por mim, sofrido tanto por mim, que ir contra a vontade dela fazia com que eu me sentisse

ingrato. Mas a necessidade de ajudar minha irmã falava mais alto, se acontecesse algo com ela, como tinha acontecido com meu pai, eu não conseguiria conviver com minha consciência.

Alguns dias depois

Era cedo ainda quando entrei no escritório, pela pouca movimentação e silêncio nos corredores, logo percebi que eu era um dos primeiros a chegar. Conforme avançava, vi minha secretária em sua mesa, parecendo concentrada em alguma coisa. O simples vislumbre de seu rosto trouxe à tona lembranças que eu tentava a todo custo evitar.

Não pense nel a. Ai nda não.

Eu tinha ido para o escritório fora do horário previsto porque precisava ocupar minha cabeça com outra coisa, e lá estava Júlia invadindo meus pensamentos de novo. Ao invés de sair, a garota tinha se infiltrado na minha corrente sanguínea, e lembranças de nossa noite juntos surgiam constantemente. Eu não conseguia me esquecer da boceta apertada e escorregadia em volta do meu pau, dos gritos que escapavam de sua garganta enquanto a fodia, o cheiro, o gosto dela... e mais do que tudo, eu queria sentir seus lábios rosados e carnudos se fechando em volta da base do meu pau. Desde o dia que ela disse que queria me chupar, eu não conseguia pensar em outra coisa. Fugir das suas memórias não

deveria ser o motivo que me tirou da cama tão cedo, ou o que roubou meu sono durante a noite. Eu não deveria pensar nela, ou isso não deveria me aterrorizar mais do que meu encontro com a Melinda dali a algumas horas.

Minha atenção voltou ao presente quando ouvi o barulho de algo rangendo no piso, e vi minha secretária se levantar de sua cadeira, me analisando com a expressão confusa.

— Bom dia, senhor — cumprimentou quando me aproximei de sua mesa. — Achei que o senhor viesse só depois do almoço e cancelei toda sua agenda da parte da manhã.

— Não se preocupe. Eu tenho muito trabalho a fazer.

— Posso te ajudar em alguma coisa, senhor? Quer que eu lance no sistema os trabalhos que esteve fazendo fora do escritório? O senhor não lançou nenhum registro nos últimos dias.

— Não. Obrigado. O trabalho que estive fazendo nos últimos dias não tem nada a ver com o escritório.

— De qualquer forma, se tiver alguma coisa em que eu puder ajudar... — respondeu ela, solícita.

— Está bem. Obrigado. Te chamo se precisar — falei, mesmo tendo a certeza de que não a chamaria, e me dirigi para minha sala.

Eu estive trabalhando na documentação que seria entregue à Melinda e aquilo tudo precisava ser mantido em extremo sigilo até que a partilha de bens fosse feita. Eu não ia correr o risco de colocar isso a perder agora. Minha secretária sempre foi muito discreta — mas isso não significava que podia abaixar a guarda.

Coloquei minha pasta sobre a mesa e antes de me sentar na cadeira giratória, corri os olhos por toda a sala. Eu estava sentindo falta daquilo, ficar tantos dias longe do meu escritório não era algo que eu costumava fazer. Abrindo meu notebook, me afundei no trabalho, o barulho e a agitação do lado de fora mantinham minha mente no limite seguro que eu precisava: bem longe de Júlia. Trabalhar exaustivamente sempre foi minha válvula de escape e me ajudaria a esquecer Júlia de uma vez por todas.

Uma batida na porta me fez desviar os olhos da tela e, em seguida, minha secretária entrou por ela.

— Desculpe interromper, senhor — Ela se aproximou, torcendo as mãos de forma nervosa, o que parecia ter se tornado frequente nos últimos tempos. — Há alguns dias foram contratados alguns estagiários. Você sempre fez questão de recepcioná-los pessoalmente. Como não estava aqui no primeiro dia deles, eu queria saber se não queria fazer isso agora.

— Faço isso daqui a pouco, estou quase terminando de analisar esse documento.

— A funcionária do RH[3] está terminando uma reunião com eles agora mesmo, se o senhor puder ir à sala de reuniões — insistiu ela.

Mais uma vez eu estava tentado a recusar, mas como ela tinha dito, conhecer os estagiários que ingressavam no escritório e acompanhá-los de perto era algo que eu gostava de fazer. Sempre fiz questão que fossem bem tratados para que vissem meu escritório como uma boa opção quando estivessem prontos para

advogar, e isso também me ajudava a selecionar os melhores para continuarem trabalhando comigo.

— Claro! — concordei.

— Vou avisar para a funcionária que o senhor vai até lá — disse ela, parecendo repentinamente animada, e um segundo depois ela sumiu pela porta.

Tomando o cuidado de bloquear antes a tela do laptop, empurrei minha cadeira para trás e deixei minha sala. Segui pelo corredor da sala de reuniões com uma sensação súbita de estar sendo observado, então olhei sobre o ombro e encontrei Estela me observando. No momento em que nossos olhares se encontraram, ela baixou o rosto e começou a rabiscar algo com sua caneta.

Deci di dament e el a est á mui t oest r anha, pensei, girando a maçaneta.

Quando entrei na sala, todos os rostos se voltaram para mim, mas quando um deles se destacou entre os demais, senti meu coração disparar. Ela estava sentada na última fileira, ao lado de duas outras garotas que pareciam muito mais velhas do que ela. Assim como os outros, ela segurava uma pasta nas mãos que eu sabia bem ser o folheto com as instruções do que deveriam fazer no escritório.

El a não pode est ar aqui

Acreditando que meu cérebro me pregava uma peça, fechei os olhos com força, desejando que quando os abrisse de novo, ela tivesse desaparecido, mas não foi o que aconteceu, ela continuava

lá, me encarando, parecendo ter parado de respirar. Seus olhos pairavam grandes e assustados no rosto fino enquanto olhava para mim.

— Pois bem, estagiários, esse é o senhor Daniel Freitas. O nosso chefe. — Quando a funcionária do RH disse isso, vi o choque cintilando no semblante de cada um deles, menos no de Júlia, que talvez já estivesse perplexa demais para esboçar qualquer reação. — O senhor Daniel gostaria de dar uma palavrinha com vocês.

Minhas pernas pareciam ter se esquecido de como se mover enquanto eu andava até o centro da sala em formato de auditório. Se eu não tivesse feito aquilo tantas vezes ao longo dos últimos anos, certamente eu não teria conseguido falar. Como se nada nem ninguém mais me importasse, só conseguia enxergar seus olhos amendoados, e eles me prendiam no lugar. Meu corpo inteiro parecia consciente de sua presença.

Quando terminei, os dispensei e andei até a porta, fiquei parado ali até que cada um deles passasse por ela. Quando o rosto que esteve me assombrando nos últimos dias se materializou diante dos meus olhos, me coloquei em sua frente, impedindo que ela passasse.

— O que você está fazendo aqui, Júlia? — rosnei, aproximando meu rosto do seu.

Ela hesitou por um momento.

— Eu me candidatei para estagiar aqui e fui selecionada. — Sua voz era um sussurro quase inaudível.

— Estagiar aqui? — Meu cérebro levou um segundo inteiro para assimilar o sentido de suas palavras, e me dei conta de que nunca tinha perguntado sua idade. — Quantos anos você tem?

Conforme ela demorava para responder, uma parte de mim desejava que eu tivesse me enganado quanto à idade dela.

— Dezenove — ela disse, com um ofego.

— Em qual semestre está?

— Quarto.

— Deve ter havido algum engano. Sempre damos preferência para os que já estão cursando os semestres finais.

— Por favor, Daniel, eu preciso muito desse estágio — murmurou, suplicante, e pude ver lágrimas se formando em seus olhos.

Aquilo mexeu comigo. Apesar da raiva que eu sentia, um outro sentimento reverberava em meu íntimo. Um sentimento muito parecido com a vontade de protegê-la.

— Você sabia que o escritório era meu quando se candidatou para a vaga? — inquiri, tentando fazer a minha voz parecer o mais uniforme possível.

Eu não podia fraquejar na frente dela, deixar transparecer que suas lágrimas tinham mexido com uma parte minha que costumava ser fria.

— Eu não fazia ideia. Eu juro — balbuciou, com a voz engasgada, e uma lágrima grossa escorreu por sua bochecha.

Minhas mãos se contraíram com vontade de tocá-la, apagar o rastro do choro em seu rosto, mas as forcei a permaneceram ao lado do meu corpo.

— Não está mentindo para mim. Está? — grunhi, diminuindo ainda mais a distância entre nós.

Ela estremeceu com minha proximidade e senti o nervosismo ondulando pelo corpo dela, mas seus olhos flamejavam com algo diferente.

Desej o

Ela estava nervosa e excitada, percebi pelas maçãs do rosto afogueadas, e seus mamilos pontudos marcavam a camisa do uniforme, que tinha caído com perfeição em seu corpo. Júlia resfolegou, atraindo minha atenção para seus lábios carnudos, tentadores. Uma energia densa nos envolveu, nossos olhares travados, devorando um ao outro, e nossas respirações ficaram mais pesadas. A raiva que fervilhava dentro de mim ficou ainda mais intensa quando me dei conta de que estava duro por ela somente com sua proximidade. Tentei ignorar a minha reação inconveniente para seguir com o meu plano de vê-la fora do meu escritório o quanto antes. Minha vida viraria de pernas para o ar caso tivesse que cruzar com Júlia todos os dias pelos corredores.

Foco, Dani el ! Foco!

— Você ainda não respondeu minha pergunta, Júlia — bradei.

Ela pestanejou como se precisasse clarear os pensamentos.

— Não estou mentindo para você, Daniel. Eu juro.

— Eu não sei se acredito em você — balbuciei, dando um passo para trás e saindo pela porta.

Na verdade, eu não acreditava se eu conseguiria ficar tão perto dela e não fazê-la minha.

14

"Se você continuar construindo essas paredes
Tijolo por tijolo torres tão altas
Logo eu não vou mais te ver, até que o anjo de concreto caia".
(Concrete Angel - Gareth Emery)

Júlia

Respirando rápido e superficialmente, dei um passo para trás, depois outro, até que meu corpo estivesse encostado na parede. Eu sabia que tudo em mim desejava ver Daniel de novo, mas não imaginava que fosse tanto. Nem parecia que tinha sido apenas alguns dias longe dele e, sim anos. O meu coração já estava acelerado desde o momento em que a funcionária do RH anunciou que ele viria, mas nada me preparou para o impacto de vê-lo. Pessoalmente ele parecia ainda mais lindo e intimidante do que nas minhas lembranças. Seu corpo, muito mais poderoso no terno cinza. E eu não era a única ali consciente do magnetismo dele, as garotas à minha volta pareciam salivar enquanto o observavam, mas seus olhos permaneciam presos em mim. Não havia nada neles parecido com felicidade em me ver, muito pelo contrário, estavam ainda mais obscuros, letais, o que me fez querer correr para o seus braços e para longe dele ao mesmo tempo.

Decidi fazer o último, ou minha vaga de estágio iria para os ares em questão de minutos. Meu irmão estava impaciente para que eu me aproximasse de Daniel de novo, e eu também. Quando antes conseguisse a informação que precisava arrancar, antes teria o

dinheiro para o tratamento do meu pai. Porém, naquele momento, era mais inteligente da minha parte esperar até que ele se acostumasse com minha presença.

Quando Daniel terminou de falar, me misturei aos outros estagiários, e tentaria passar pela porta sem ser vista. Isso não seria um problema, considerando meu tamanho. Logo percebi a estupidez do meu plano quando vi Daniel parado junto à porta, mas não me restava outra opção a não ser continuar me movendo.

Parecendo mais bonito e perigoso do que nunca, Daniel se colocou na minha frente, o corpo grande se impondo contra o meu e o sorriso que ele dirigiu à última estagiária desaparecendo dos seus lábios, seus olhos assumindo uma fúria repentina — na verdade, ela estava lá o todo tempo, escondida debaixo da máscara do bom profissional que eu não tinha dúvidas que ele era.

Não deveria doer descobrir que Daniel não tinha ficado nem um pouco contente em me ver e que não pensou em mim como pensei. Isso não deveria me quebrar em vários níveis, eu já contava que isso fosse acontecer, ele mesmo tinha dito que uma mulher dificilmente passava pela cama dele de novo, por que comigo seria diferente? Não deveria doer, mas dóia. Ainda que eu dissesse a mim mesma que estava apenas aterrorizada com a certeza de que seria demitida em alguns minutos, sabia que era uma mentira, uma ilusão criada de que Daniel era só uma missão para mim.

Tentei empurrar meus sentimentos patéticos para o fundo de minha mente e me concentrar em convencê-lo a me deixar ficar. Estagiar no escritório não só me permitiria cumprir minha missão como também me ajudaria a me manter por um tempo sem ter que

vender um dos itens de minha casa. Mas quando suas palavras raivosas soaram, lágrimas começaram a pinicar em meus olhos, por mais que me esforçasse, não consegui impedi-las de cair.

Baixei o rosto, evitando encará-lo, e meu olhar caiu em suas mãos grandes se contraindo, como se estivesse tentando não estendê-las na minha direção. Uma sensação de calafrio me percorreu quando me lembrei como aqueles dedos longos e grossos tocaram meu corpo, foderam minha boceta até que eu me desmanchasse em um prazer devastador.

Dando um passo à frente, Daniel colou o corpo ao meu. Meus seios roçavam o seu peito musculoso, ficando pesados e sensíveis conforme meus mamilos friccionavam no tecido refinado do seu terno. Eu lutava para puxar o ar para meus pulmões, e a umidade escorreu pela parte interna das coxas, meu corpo se preparando para ele sem se importar que estivesse irritado comigo ou que me colocaria para fora de seu escritório.

Um gemido involuntário escapou dos meus lábios quando levantei a cabeça e vi uma fome crua em seus olhos, misturada com uma raiva sombria.

Seu rosto se inclinou na direção do meu e, por um instante, achei que fosse me beijar. Meus lábios se entreabriram, com a expectativa de ser beijada, minha mão levantando para tocar seu rosto duro. Mas antes que eu pudesse alcançá-lo, sua voz voltou a soar, baixa, profunda, mas ainda cheia de raiva, e ele foi embora, me deixando sozinha com meu corpo quente, latejando por ele, minha boceta doendo com o vazio, escorregadia.

Respirei lentamente e fechei os olhos, tentando controlar meus batimentos cardíacos.

— E aí, como foi? — Uma voz masculina soando próxima a mim me fez ter um sobressalto.

Abrindo os olhos, encontrei Felipe de pé na porta, me estudando.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, levando uma mão ao peito. — Você mesmo disse que não queria que a gente fosse visto juntos.

— Eu sei o que pedi, fedelha. Me diz de uma vez como foi.

— Foi exatamente como eu te disse que seria. Ele detestou me ver aqui. Tenho certeza de que está tratando da minha demissão neste momento — bradei, dando um passo para perto dele para testar minhas pernas. — Eu disse para você que a sua ideia de me trazer para trabalhar aqui era péssima.

— Eu não podia contar com a sorte de ele te procurar de novo, ainda mais agora que sei que ele não vai fazer isso.

— Como você sabe? — perguntei, com a voz quase sumindo.

Meu estômago se contraiu com a percepção do que eu ainda não estava pronta para aceitar: ele não iria me procurar mais. Eu vinha me agarrando à ideia de que ele me procuraria em algum momento, já que tínhamos repetido o sexo no dia seguinte, mas eu tinha me enganado. Ele tinha me avisado que uma mulher precisava ser muito boa no que fazia para passar mais de uma vez em sua cama, e eu aceitei. Mesmo sabendo que eu era muito inexperiente

para agradar a um homem como ele, eu estava certa de que uma noite bastaria para mim, bastaria também para eu arrancar a informação que eu precisava, mas nada saiu como o planejado. Eu não conseguia parar de pensar nos orgasmos que ele me deu, não conseguia parar de pensar em como me senti em seus braços, e agora meu corpo queria desesperadamente repetir.

— Tudo indica que você estava certa quando achou que Melinda é a garota por quem o Daniel é apaixonado. — A voz ácida de Felipe me puxou para fora dos meus pensamentos. — Pelo que descobri, a data que ela foi embora do país é a mesma de quando o namoro do Daniel terminou.

— E o que isso tem a ver com ele não me procurar mais?

— Ela está vindo aqui hoje para se encontrar com ele.

— Ela vem aqui? — indaguei, com a voz quase sumindo.

Eu não deveria estar surpresa com qualquer coisa que eu estivesse sentindo, eu sabia que ele se encontraria com ela, mas algo em mim não reagiu bem àquilo.

— Sim, ela vem — confirmou, com um sorriso, mas logo sua expressão se transformou em uma carranca. — Então esqueça qualquer ilusão que esteja alimentando acerca do Daniel e se concentre em salvar a vida do seu pai. Pelo que me disseram, a saúde dele piorou nos últimos dias.

— É verdade. A saúde do papai ficou mais debilitada. Temo que ele não possa esperar tanto. Você não pode me adiantar um pouco do dinheiro?

Ele deu um sorriso perverso.

— Acha mesmo que vou te dar algum adiantamento? Se você deu a boceta para ele, abriu as pernas bem fácil, e não descobriu nada de importante até agora, quem me garante que vai conseguir.

A bile subiu à minha garganta e, por um instante, achei que fosse vomitar. As palavras nos lábios de Daniel eram muito sensuais, tanto que as pegava repetindo de vez em quando, mas nos lábios do meu irmão eram muito nojentas.

Mas ele tinha razão. Eu não poderia deixar minhas emoções me desviarem do meu propósito.

— Não é o que parece. A informação sobre a garota do passado dele aparentemente é importante para você — refutei, sem conseguir esconder minha raiva. — Se não fosse isso, talvez ainda estivesse insistindo na besteira de eu seduzir Daniel.

— Devo admitir que isso me ajudou a mudar os planos.

— E o que você quer que eu faça agora?

Ele deu alguns passos, diminuindo a distância entre nós.

— Primeiro precisa convencê-lo a não te demitir. Depois, fique de olho nos documentos e contratos em que ele anda trabalhando.

— Você acha que ele está trabalhando em contratos ilegais?

— Eu não sei, mas independente do que esteja escondendo, você precisa descobrir.

— E como tem certeza de que ele está escondendo algo?

— Eu não tenho que te dar explicação de nada. Você só precisa fazer o que estou mandando. Agora vá lá falar com ele — rugiu, apontando com o queixo para o papel em minha mão com as instruções que a funcionária do RH tinha nos passado.

Baixei o olhar lentamente, meu coração bateu com força quando abri a pasta e vi o nome de Daniel saltando na página. Eu teria que acompanhá-lo durante o meu estágio.

Felipe se moveu em direção à porta, mas parou antes de passar por ela e se voltou para mim.

— Tem uma coisa que esqueci de te falar quando você aceitou fazer esse trabalho para mim. — Sua expressão permaneceu inalterada, como se ele estivesse me contando o que comeu no café da manhã. — Uma das moças que contratei para investigar Daniel inventou que estava apaixonada por ele e teve a péssima ideia de querer contar a ele o que eu pretendia fazer.

— E o que você fez? — perguntei, sentindo um nervosismo se infiltrar nos meus ossos.

— Você não precisa saber a resposta, desde que não decida ir para o mesmo caminho.

A compreensão do que aconteceu, somado à ameaça não tão velada, fez meu coração falhar uma batida, em seguida, se lançou em um medo galopante.

Parecendo satisfeito com minha reação, Felipe deu um sorriso e saiu pela porta.

Ele não pode ter feito o que estou pensando.

Eu achava que meu irmão era insensível, obcecado, mas esse parecia ter sido mais um dos meus enganos. Ele era muito mais perigoso do que isso, e agora eu não apenas queria terminar aquilo o quanto antes para ter o dinheiro para o tratamento do meu pai, mas também para voltar a ficar longe dele.

Fechei meus olhos e me concentrei na minha respiração, tentando me acalmar o suficiente para ir falar com Daniel, porém meu coração se agitou ainda mais só de imaginar ficar frente a frente com ele de novo.

Entretanto, obriguei minhas pernas, que pareciam feitas de chumbo, a se arrastarem pelo corredor. Parei em frente à sala de Daniel e ergui a mão para bater na porta, mas detive o movimento quando vi uma mulher jovem entrando na recepção. Linda, loira, e apesar das roupas elegantes, ela não parecia em nada com os clientes que eu já tinha visto no escritório. Seus olhos de um impressionante tom de azul percorreram o ambiente e pararam em Estela, sentada atrás de sua mesa. Com passos confiantes, ela se aproximou.

— O doutor Freitas está me aguardando. Sou Melinda Becker.

Mel i nda Becker

O choque de ouvir o nome foi como um murro no meu crânio. A garota do passado de Daniel estava parada na minha frente, e era mais linda do que eu sequer cheguei a imaginar.

15

"Seus dedos traçam minha pele
Para lugares que nunca estive
Cegamente, eu sigo
Quebre essas paredes e entre".
(Wolves - Selena Gomez)

Daniel

— Estela, me acompanhe à minha sala, por favor — falei, tentando controlar minha raiva.

Suas sobrancelhas se ergueram, e pude ver um traço de temor passar em seu semblante.

Em silêncio, Estela me seguiu. Andei até minha mesa. Quando ouvi a porta se fechando, me virei e encostei o quadril na madeira. Enquanto a olhava se aproximando, cruzei as pernas nos tornozelos

— Pois não, senhor Daniel — murmurou, apertando os dedos uns contra os outros.

— Você tem alguma coisa a ver com a contratação da Júlia?

Seu rosto ficou branco e ela engoliu audivelmente.

— Sim, eu comentei com ela sobre a vaga. Tem algum problema?

— Você não fez nada mais além disso? Não disse que o escritório era meu?

— Não, ela não sabe que o escritório é seu… quer dizer, eu não disse isso a ela, mas mesmo se soubesse, não acho que se candidataria a vaga só por isso. Ela realmente está precisando.

Estudei seu rosto, me perguntando se era possível que Júlia não tivesse contado que passou aquela noite comigo. Merda! Ela podia ter mantido aquilo em segredo, já que ela gostava de outro cara e nossa noite juntos foi só para satisfazer sua curiosidade sexual. Ou frustração. Júlia podia ter me usado só para esquecer a frustração do outro cara não a querer. Isso não deveria me irritar, mas sempre que eu me lembrava, minha boca ficava com um gosto amargo.

— Por que ela está realmente precisando?

— A mãe da Júlia morreu há alguns anos e o pai… desculpe, senhor. Eu não deveria falar sobre isso, é um assunto pessoal.

— Está bem. Você pode ir.

J úl i a não t em ni nguém por el a.

Processando essa percepção, dei a volta na mesa e me sentei. Eu não queria pensar sobre isso, mas as palavras de Estela continuam reverberando em meus ouvidos, e meu peito ficou apertado e pesado, e a vontade de proteger Júlia voltou outra vez.

Decidido a esquecer o assunto por alguns minutos, puxei meu laptop para perto e percebi que a tela estava levantada, eu podia jurar que a tinha fechado antes de sair. Percorri a sala com o olhar, procurando algum sinal de que alguém esteve ali enquanto fiquei fora, mas não encontrei nada. Inconscientemente, meus dedos

deslizaram até o bolso da minha calça, e puxei uma chave para fora. Abri a gaveta e senti um alívio me tomar quando vi que a documentação ainda estava lá.

Ouvi uma batida na porta e em seguida minha secretária enfiou a cabeça pelo vão.

— A sua cliente já está aqui — informou ela, e minha respiração ficou presa no peito quando me dei conta de que ia conhecer a filha de Rudolf… minha irmã.

— Mande-a entrar — respondi, com a voz tomada por algum tipo de emoção que não consegui identificar.

Estela abriu a porta totalmente e encontrei uma garota loira me encarando. Vi um traço de indecisão em seu rosto.

Quando começou a se mover para dentro da sala, por mais que eu quisesse, não conseguia parar de olhá-la. Ela era uma versão feminina e mais pequena de Rudolf, e, por um instante, parecia que era ele que estava na minha frente, que eu estava de volta à noite que ele me entregou os documentos… na noite que ele morreu.

Minha irmã… minha irmã, as palavras martelavam em meus ouvidos no mesmo ritmo que seus pés tocavam o chão.

Os sentimentos obscuros que alimentei por ela esses anos todos se dissiparam no momento em que ela parou em frente à minha mesa, parecendo pequena e frágil, totalmente desprotegida... e quebrada. Seus olhos azuis pálidos, cheios de dor, não conseguiam esconder que algo tinha dado muito errado em sua vida

supostamente perfeita, algo que deixou uma marca inexplicável nela. Talvez eu devesse me sentir bem em saber que a garota que viveu ao lado da família perfeita sofria em qualquer nível, mas tudo que eu queria era me levantar e abraçá-la, fazê-la se sentir segura enquanto eu a apertava contra meu peito.

O que está acontecendo comigo, porra? Minhas mãos se fecharam em punho debaixo da mesa quando percebi que estava me deixando levar pelo sentimentalismo pela segunda vez no mesmo dia. Primeiro com Júlia, e agora com Melinda.

Lutando para manter as emoções sob controle, me forcei a ficar sentado, e dei a ela o melhor sorriso que consegui, mesmo quando meu coração batia ansiosamente contra as minhas costelas e um suor gelado descia por minha testa.

— Melinda — disse eu, o mais uniformemente que consegui, e estendi a mão para apertar a dela. — Sente-se.

Sem tirar os olhos azuis pálidos de mim, ela ocupou a cadeira à minha frente.

— O senhor gostaria de falar comigo, então aqui estou. — Sua voz era calma e suave, exatamente como imaginei que seria.

— Pode me chamar de Daniel.

Suas sobrancelhas bem desenhadas arquearam em confusão, e sorri, tentando ocultar meu nervosismo.

— Eu tinha um horário marcado com o doutor Eduardo Freitas. Desculpe, devo ter cometido algum engano.

A respiração que estava segurando escapou da minha garganta com um ruído aliviado. Eu tinha me apresentado como Eduardo quando falei com ela ao telefone.

— Sou eu, Daniel Eduardo Freitas. Pedi que viesse porque queria entregar a cópia dos documentos do seu pai que estão em minha posse.

Abri a gaveta à minha direita, retirei a pasta e estendi para ela. Enquanto folheava, eu quase podia ouvir seu pensamento, sua mente agilmente lutando para encontrar as respostas.

— Por que guardou essa informação por tanto tempo? Já faz quase sete anos que meu pai foi… morreu — ela fez uma pausa, procurando a palavra certa.

Meu peito se apertou com uma dor familiar, a velha ferida abrindo à medida que encontrava os olhos de Melinda. Eu nunca me esforcei o bastante para encontrá-la e nem o teria feito se não tivesse ficado sem saída. No fundo, eu sempre alimentei uma mágoa por ela, mesmo sabendo que não tinha culpa do meu pai ter me desprezado.

— Não consegui te entregar antes — respondi, decidido a não seguir pelo caminho que meu coração me levava — Tentei todos esses anos entrar em contato com você, mas foi em vão. Cheguei a ir à mansão de sua mãe, mas minhas desculpas não a convenceram a me passar seu telefone, procurei também nas redes sociais, sem sucesso. Acho que você não queria ser encontrada.

— Eu não uso redes sociais. Onde estão os documentos originais?

— Eu não sei. — Me sentindo perturbado demais para continuar sentado, me levantei e andei até a parede de vidro. Respirando para acalmar minha agitação, me concentrei em olhar a Avenida Paulista alguns metros abaixo, agitada, caótica, mas, ainda assim, mais ordenada do que a louca confusão dos meus sentimentos. Depois de um tempo, me obriguei a olhar para ela. — Onde você acha que seu pai guardaria documentos tão importantes?

— Acredito que conseguirei encontrar. Se for necessário, posso confirmar a autenticidade deles indo ao cartório.

— Sim, sei que conseguirá.

— Por que exatamente você está tão empenhado em me ajudar, Daniel?

Seus olhos se estreitaram como se estivesse procurando uma resposta em meu rosto. Será que ela tinha notado nossa semelhança? Os temores da minha mãe poderiam ter algum sentido? Não era possível. Era?

— Sou seu advogado, Melinda — respondi, calmamente. — O último pedido que Rudolf me fez foi que eu a ajudasse em tudo que fosse preciso. E quero honrar o pedido dele.

— Por que meu pai te pediu isso?

— Eu fui o advogado responsável por tratar da partilha dos bens, ou seja, a melhor pessoa para te instruir — falei, mas vi que não tinha a convencido.

— Você disse partilha? Isso não faz sentido, já que o inventário saiu só agora.

— Seu pai fez uma partilha em vida. Mas é obrigatório deixar uma porcentagem de bens, e são esses que entraram no inventário.

— E os seus honorários? Não sei se posso te pagar — balbuciou, parecendo envergonhada.

— Você é Melinda Becker. A herdeira do império Becker.

— Às vezes até me esqueço disso. Nos últimos anos fiz de tudo para esquecer que sou uma Becker e do peso que meu sobrenome possui. Tudo que eu queria era meu pai de volta. Estava disposta a abrir mão de tudo isso até receber sua ligação — murmurou, e ela parecia a ponto de chorar.

— O que mudou depois que te liguei?

Ela abriu a boca para responder, mas parou e desviou o olhar, me fazendo acreditar que se apossar dos bens não era a real motivação. No íntimo, eu acreditava que ela também desconfiava que nosso pai tinha sido assassinado. Tive a impressão de que era isso que ela ia dizer minutos atrás, só que não registrei porque estava ocupado remoendo minha mágoa. Parecendo nervosa, ela se levantou, andou até mim e me estendeu a mão.

— Obrigada, doutor …

— Daniel — falei, a interrompendo. Não queria que ela me chamasse de Eduardo, como nosso pai me chamava, na próxima vez que nos encontrássemos.

— Obrigada, Daniel. Foi um prazer te conhecer.

— O prazer foi meu, Melinda.

Como se seu contato dessa vez tivesse me queimado, soltei sua mão e andei de volta para minha mesa. Quando me virei, Melinda ainda estava lá, imóvel. Seguindo seu olhar, vi um carro preto estacionado. Havia tantos carros como aquele na cidade, mas eu poderia jurar que era o carro de Greg, o filho do assassino do meu pai.

— Aqui está meu número. Me ligue quando precisar — disse eu, chamando sua atenção para mim.

Ela pegou o cartão que ofereci e o guardou na bolsa, junto com a pasta.

— Ligo, sim.

— Tem um restaurante ótimo aqui ao lado, você poderia almoçar comigo — convidei, esperando que ela mencionasse algo sobre Greg estar esperando por ela.

— Fica para outra ocasião. Agora preciso ir.

— Okay — anui, contrariado com sua resposta evasiva. Mas preferi não insistir, eu não teria como mantê-la segura por muito tempo. Quando ela voltasse para a mansão Becker, o seu padrasto Abílio e o Greg estariam lá. — Nos vemos amanhã.

Quando Melinda saiu pela porta, voltei a olhar para o lado de fora, vi o carro preto entrar em movimento e se perder entre os outros. Não tinha dado tempo dela chegar até lá. Aquilo significava que ele não a trouxe, e sim a seguiu até aqui. Será que já sabiam o que ela tinha vindo fazer? Eu desconfiava que eles seriam um

perigo para ela em algum momento, mas não imaginava que fosse tão rápido.

Preciso fazer algumacoisa, pensei, pescando meu celular no bolso e, em seguida, disquei o número de Isadora — a investigadora que trabalhava para mim de vez em quando. Segurando o telefone no meu ouvido, voltei a olhar para o lado de fora enquanto esperava completar a ligação que chamou várias vezes antes de ir para a caixa postal.

Frustrado, tentei de novo, depois de tocar por algum tempo, ouvi a voz de Isadora do outro lado da linha.

— Olá! Quem fala? — perguntou, parecendo cansada.

— Oi, Isadora. Sou eu, Daniel.

— Daniel?! — Sua voz rapidamente ganhou um tom macio e sedutor. — Aconteceu alguma coisa? Geralmente você demora a me ligar.

— Preciso te ver.

— Estarei de folga no final de semana.

— Não posso esperar tanto tempo. Pode sair para almoçar comigo?

— Estou saindo para investigar um caso, mas se quiser pode ir ao meu apartamento mais tarde. Podemos pedir alguma coisa para comer, um vinho e depois podemos nos divertir um pouco como nos velhos tempos.

Uma voz ressoou no fundo do meu cérebro, me lembrando que ela me dispensou no nosso último encontro, e eu quase me vi tentado a fazer o mesmo dessa vez.

Quase.

Sexo sempre me deixava relaxado e ninguém melhor do que Isadora para me oferecer o que eu estava precisando.

— Perfeito — respondi, sentindo uma animação súbita fluir nas minhas entranhas.

— Mando uma mensagem quando sair do trabalho.

— Está bem. Eu aguardo.

Era a única coisa que me restava fazer. Isso ou ouvir a voz dentro da minha cabeça que dizia para eu ir atrás de Melinda e contar-lhe tudo, expor a verdade de uma vez por todas.

Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, me movi em direção à minha mesa. Com movimentos rápidos, enfiei meu laptop dentro da pasta de couro e saí pela porta.

16

"Oh sim, você é minha sobriedade
Quando estou no chão
Não consigo ver quando estou caindo
Me perdendo, mas então eu ouço você chamando".
(There You Are - ZAYN)

Daniel

Com a mente funcionando a mil, deixei o escritório. A única coisa que notei no meu percurso até o carro foi o rosto de Júlia, triste e magoado, quando deixei a minha sala. Mas eu não queria pensar nela e muito menos que eu era o motivo para ela estar daquele jeito. Minha mente estava sobrecarregada demais.

Em algum momento durante a descida, enquanto olhava fixamente para a parede metálica, me peguei pensando se ir atrás de Melinda era mesmo o melhor a fazer. Se eu contasse a verdade a ela, minha mãe ficaria ainda mais chateada comigo do que estava. Desde a nossa discussão, ela não falava comigo e ignorava minhas ligações. Tentar proteger a irmã que nem sabia da minha existência até alguns minutos atrás poderia também afastar a única pessoa que me amava além de tudo, a única pessoa que se importava comigo de verdade. E se Melinda não acreditasse que seu padrasto poderia ser o assassino de seu pai? Porra! Não havia sequer provas de que Rudolf tinha sido assassinado.

Eu estava tão absorto nos meus pensamentos que quando dei por mim, estava parado ao lado do meu carro. Piscando para tentar

clarear meus pensamentos, coloquei minha pasta junto com o paletó sobre o banco do carona e me sentei atrás do volante. Sem nenhuma ideia do que fazer, como agir ou mesmo para onde ir, dei partida e saí do estacionamento. Apertei o volante com tanta força que os nós dos dedos das minhas mãos ficaram brancos.

Depois de um tempo dirigindo em piloto automático, percebi que o meu coração tinha se decidido por mim. Meu carro estava estacionado diante de um imenso portão. Eu estava em frente à casa de minha mãe. Estava em casa.

O cheiro delicioso de comida fresca veio me encontrar quando entrei pela porta. No mesmo instante, senti minha boca salivar e meu estômago roncou, me lembrando que apesar da minha cabeça estar prestes a explodir, eu estava com fome.

Deixei minha pasta e o terno sobre o sofá e segui para a cozinha. Encontrei minha mãe junto ao balcão, terminando de lavar a salada. Sua postura ficou rígida conforme eu me aproximava, confirmando o que eu já sabia. Ela ainda estava brava comigo. Muito brava, pelo jeito.

— Oi, mãe — murmurei, parando ao lado da mesa.

— Oi. — Ela não olhou para mim quando disse isso, apenas abriu a porta da geladeira e saiu de lá um instante depois com alguns tomates na mão.

— Onde estão meus irmãos?

— O Vinícius está no trabalho e a Sara, viajando com o namorado.

— Está esperando alguém para almoçar? — perguntei, olhando a mesa posta com uma variedade de comidas.

— Sim, você. Mesmo que passe muitos dias fora, de alguma forma, sempre sei quando vem.

— Talvez porque seja meu porto seguro, e eu sempre tenho a necessidade de voltar.

Ela me olhou rapidamente, mas foi o bastante para ver seus olhos vermelhos e inchados.

— Andou chorando? — Incapaz de ficar no lugar, caminhei em sua direção e parei ao seu lado. — Aconteceu alguma coisa?

— Vá lavar as mãos para comer, a gente conversa depois.

— Mãe — balbuciei, tocando seus ombros.

— Depois, Daniel.

Fiquei um tempo encarando suas costas. Percebendo que ela realmente não ia falar, fui até o banheiro e lavei as mãos. Quando voltei, minha mãe tinha terminado a salada e estava sentada à mesa em seu lugar habitual.

Com o olhar preso em seu rosto inexpressivo, puxei uma cadeira e me sentei à sua frente. Em silêncio, assisti ela colocar um pedaço de carne suculenta no meu prato juntamente com várias colheres de arroz à grega e uma generosa porção de salada.

— Obrigado — sussurrei, pegando meu garfo e levando um pedaço de carne à boca.

Em qualquer outro dia minha mãe me diria que eu deveria comer a salada antes da comida, e desfilaria tudo que aprendeu com sua nutricionista, mas naquele dia ela estava chateada demais para se importar.

— Eu a vi — deixei escapar, imaginando que fosse isso que estava a chateando. Ela interrompeu o movimento de levar o garfo à boca e o colocou de volta no prato. — Vi a Melinda.

— Ela percebeu que vocês são irmãos?

— Não, mãe. Ela não percebeu, pode ficar tranquila.

— Como ela é?

— Muito parecida com Rudolf fisicamente, e ao mesmo tempo muito diferente dele. Ela é pequenina, delicada e não é uma esnobe como pensei, muito pelo contrário, o olhar dela parece gritar por ajuda. Ela é tão vulnerável.

— E você quer ser essa pessoa que vai ajudá-la?

— Não, mãe. Eu não posso ajudá-la.

P*el o menos não di r et ament e* Ocultei essa última parte para não piorar nossa situação ainda mais.

— Mas...

— A única coisa que posso fazer por ela agora é acompanhá-la na partilha.

— Eu realmente espero que você esqueça essa história depois disso. Diferente da Melinda, você pode não ter herdado todos os

traços físicos do seu pai, mas tem o mesmo jeito dele. Uma hora ela pode acabar notando.

— O meu jeito é igual ao seu, mãe — falei, com a voz o mais suave que consegui, e toquei sua mão sobre a mesa.

— Você pode relutar em aceitar, mas, na verdade, você é igualzinho a ele. Acho que é por isso que era tão obcecado por você.

— Obcecado por mim? Em qual sentido?

Ele levou a salada até a boca e mastigou lentamente. Uma eternidade parecia ter se passado ao invés de minutos, ou segundos, quando ela engoliu a comida e bebeu um pouco de água.

— Obcecado em qual sentido? — repeti.

— Na verdade… Eu usei a palavra errada. Não era isso que eu queria dizer — grunhiu, balançando a cabeça.

— Rudolf nunca se importou comigo e várias vezes você mesma disse isso — refutei, com a voz aumentando o tom a cada palavra.

— Eu sei, filho. É melhor a gente comer antes que esfrie.

Ignorando o sentimento latejante que surgia no meu peito sempre que esse assunto vinha à tona, tentei me concentrar no meu prato. Apesar de delicioso, eu mal conseguia engolir.

— Parece que tem mais alguma coisa te incomodando — falou ela, quando seu prato estava quase vazio.

Encolhi os ombros e virei o rosto para não ver seu olhar inquisidor.

— Júlia está trabalhando no escritório.

— A garota que vi no seu apartamento?

— Ela mesma.

— E qual o problema?

— Bem, eu não a quero lá.

— Por que você tem medo de vê-la com frequência e acabar se rendendo à sua atração por ela.

Meus lábios se repuxaram em um sorriso sem humor.

— Eu não estou atraído por ela. *Não posso est ar* Não há a menor chance de isso acontecer. Nem com ela nem com nenhuma outra. — Minha mãe ficou em silêncio, me olhando através dos longos cílios. — Você sabe disso, não é?

Sentindo minha garganta seca, peguei meu copo de água e tomei um gole.

— Você ainda pensa na… na? — ela tentou pronunciar algumas vezes, mas a palavra se recusava em sair.

— Na Dália? — perguntei, e ela confirmou com um aceno de cabeça. — É impossível não pensar nela, mas não da mesma maneira que antes.

Todo o amor que eu sentia tinha se transformado em ódio… um ódio que crescia cada dia mais.

— Seja qual for a maneira que você pense nela agora, será que não está na hora de deixá-la ir? De perdoar? Você precisa fechar esse ciclo e deixar o amor entrar em seu coração outra vez.

— E passar por tudo aquilo outra vez? Nunca mais.

— Nem todas as pessoas são como a Dália.

— Eu não tenho a menor vontade de descobrir.

— Vai jogar fora a sua felicidade por medo de arriscar.

— Estou feliz como estou.

— Não é o que parece, filho. Ou pelo menos não é o que eu sinto. Me dói ver você buscando em tantos corpos algo que preencha o vazio em seu coração.

— Eu não estou buscando nada. — Dei de ombros.

— Essa é a mentira que você tem contado a si mesmo? — Diante da minha falta de resposta, ela continuou: — Esse vazio que você sente só deixará de existir no dia em que você se permitir amar e ser amado de volta.

Apertei a mandíbula com tanta força que meus molares doeram. Ninguém conseguiria arrumar o estrago que a Dália fez em meu coração.

— Você não poderia estar mais errada.

— Tenho certeza que não estou, e eu torço para que quando você perceber isso ainda dê tempo de lutar pelo que você quer.

— A Júlia? — Sorri para ela com sarcasmo, quando sua expressão permaneceu inalterada, me irritei ainda mais.

— É ela que seu coração escolheu, não é? Então escute-o pelo menos uma vez. Quanto mais rápido, melhor.

Sem querer mais falar daquele assunto, me levantei, levando meu prato para jogar as sobras no lixo.

Precisei de um autocontrole sobre-humano para segurar o riso que estava preso na garganta. A única coisa que sentia por Júlia naquele momento era um tesão louco, uma vontade desmedida de ter seus lábios em volta do meu pau, mas isso teria fim naquela noite. Eu esqueceria Júlia de uma vez por todas depois do sexo sujo e selvagem que teria com Isadora.

Era noite alta quando estacionei meu carro na vaga de visitantes do prédio de luxo onde Isadora morava, que por uma coincidência infeliz era o mesmo prédio onde Rudolf tinha comprado uma cobertura para a Melinda. Puxando o casaco sobre minha cabeça para tentar me proteger da chuva torrencial que caía, abri a porta do carro e corri em direção ao saguão.

Ao sentir os primeiros pingos encharcando minha roupa, xinguei-me mentalmente, por não ter ouvido a minha mãe sobre trazer o guarda-chuva. Ela sempre parecia saber das coisas, eu deveria ter aprendido isso nos meus trinta anos.

Não sabe não. Afastei o pensamento horrível.

Admitir que minha mãe sempre estava certa significava que ela tinha razão sobre Júlia, e não tinha. Isso foi comprovado no momento em que vi Isadora vindo em minha direção, seus quadris esbeltos balançando de uma forma muito sensual. Ela vestia uma calça de couro preta e uma blusa curta que deixava à mostra sua barriga chapada e a fazia parecer mais linda e perigosa do que nunca. Mas eu mal podia esperar para tirá-las mais tarde.

— Minha nossa! Você está todo molhado! — exclamou, correndo as mãos pelo meu peitoral.

Eu apenas assenti.

Sem nenhum aviso prévio, ela passou os braços em volta do meu pescoço e trouxe os lábios pintados de vermelho para junto dos meus. Sem me importar se estávamos sendo vistos ou atrapalhando a passagem das pessoas que fugiam da chuva, enfiei os dedos em seus cabelos e empurrei a língua na sua boca, tão fundo quanto pude. Um gemido rouco escapou dos seus lábios, me fazendo querer possuí-la ali mesmo.

— Nada como uma recepção dessas para deixar um homem ansioso — murmurei, com a voz rouca de luxúria quando interrompemos o beijo.

Limpando o batom que eu imaginava estar em meus lábios, segui Isadora pelo saguão. Se não fosse o frio sacudindo meus ossos, eu estaria sustentando uma ereção vergonhosa.

A porta do elevador abriu com um guinchar suave. Isadora agarrou minha mão, me puxando para dentro, olhando-me com desejo, mas antes que meu corpo pudesse reagir a ela, olhei para

frente e dei de cara com Greg. Um pouco atrás dele, encostada à parede metálica, vi Melinda. Pequena, frágil. Seus olhos azuis pálidos encontraram os meus e senti aquele quente no meu peito, um sentimento que não deveria estar lá, não para a filha do homem que me desprezou a vida inteira.

— Melinda, que bom reencontrá-la — Só percebi que estava sorrindo para ela quando senti o olhar de Greg queimando minha nuca. — Senhor Montenegro. — cumprimentei com tom educado, ainda que no íntimo fervilhava uma vontade irracional de arrastá-la para longe dele. O rosto de Greg se apertou, todos os traços de diversão desapareceram, e ele respondeu com um aceno de cabeça. — Veio visitar seu meio-irmão?

Dei um passo para perto de Melinda, e o corpo de Greg ficou ainda mais tenso, se tornando uma montanha humana. Por um instante, achei que ele saltaria sobre mim.

A gente sempre se via nas festas, mas nunca havíamos trocado uma palavra, mas por alguma razão que eu desconhecia, a raiva secreta que eu nutria por ele parecia ser recíproca.

— Não somos meio-irmãos — responderam os dois ao mesmo tempo, com as feições se retorcendo em claro sinal de desgosto.

Eu já contava com essa reação vinda de Greg, tudo que ele e seu pai queriam da minha irmã eram os bens dela. Mas ela abominar ser meia-irmã dele me deixou confuso.

Depois de alguns longos minutos no espaço claustrofóbico, o elevador parou com um estalo. Colocando um braço no ombro de Melinda de uma forma extremamente protetora, Greg a puxou para

ele e a levou para fora, sua postura dura soando como uma advertência silenciosa para eu me manter longe dela.

Lutando contra o instinto assassino de saltar sobre ele, fechei minhas mãos em punho e encostei-me à parede fria. Minha raiva rapidamente se transformou em um temor sufocante.

O que ele vai fazer com ela?

Olhando para baixo encontrei Isadora me observando, seus olhos afiados estranhamente concentrados no meu rosto. Quando saímos do elevador, não trocamos nenhuma palavra, o silêncio era quebrado apenas pelo barulho de seus saltos ressoando no piso brilhante e pelos trovões do lado de fora.

— Sinto muito — ela balbuciou quando paramos em frente à porta do seu apartamento.

— Pelo quê? — perguntei, vendo-a lutar com a chave na fechadura.

— Imagino que não foi fácil ver a garota por quem você é apaixonado com outro.

Franzi o cenho, tentando processar suas palavras, mas não encontrei nenhum sentido nelas.

— Não sei do que está falando — admiti quando Isadora abriu a porta e entramos na sala excessivamente iluminada.

— Se você prefere fingir que nada aconteceu, eu não vejo problemas. À s vezes o melhor que podemos fazer é fingir

— Confesso que ainda não estou entendendo.

Fechando a porta de madeira maciça atrás de si, ela veio em minha direção, seus quadris balançando daquele jeito que me deixava louco.

— Talvez depois eu te explique, mas antes vamos tirar suas roupas molhadas — ronronou, parando na minha frente.

Com um movimento lento e controlado, deslizou as mãos pelo meu peitoral, enviando ondas de calor por todo meu corpo, e começou a trabalhar nos botões da minha camisa.

Segurei seus pulsos e esmaguei sua boca com a minha, duro, rude. Senti suas unhas se enterrando nos meus bíceps ao mesmo tempo em que seus dentes afiados se fechavam em volta do meu lábio inferior. Soltei uma exalação quando meu cérebro registrou a dor, mas não parei. Nosso jeito de fazer sexo sempre foi agressivo. Eu não precisava me controlar para não machucá-la, como fiz última vez que tive Júlia debaixo de mim.

Tão logo o nome de Júlia transpassou meus pensamentos, tentei bloqueá-lo, mas foi em vão. No momento em que apertei ainda mais as pálpebras, minha mente foi inundada com imagens dela. O toque dos lábios chupando os meus ficou estranho, as mãos que lutavam com o zíper da minha calça também. A mão deslizando sobre o elástico da minha cueca para liberar meu pau, ao invés de espalhar a centelha de luxúria, fez meu corpo ficar rígido.

Respirando com dificuldade, abri os olhos e encontrei Isadora ajoelhada em minha frente, me encarando com o rosto sombrio. Só percebi o motivo de seu desgosto quando arrastei os olhos até sua mão, segurando meu pau semiereto. A garota ficou frustrada com a

forma como meu corpo se bloqueou para ela. Escovando a face de Isadora com as costas da mão, concentrei meus pensamentos em Dália, tentando acender o desejo em mim, porque por muitas vezes eu imaginava que estava com ela quando fodia alguma mulher, e isso costumava ser o suficiente para me deixar duro.

Uma constatação me passou pela cabeça: não pensei em Dália nenhuma vez enquanto estava com Júlia. Uma pontada de agonia apunhalou meu peito com a percepção, mais ainda porque um simples pensamento voltado para Júlia era o bastante para me deixar novamente desesperado para foder.

— Quer me dar suas roupas para colocar na secadora? — perguntou Isadora, ao se colocar de pé, me olhando nos olhos com petulância, e sem perceber que minha ereção estava voltando com tudo apenas por imaginar Júlia na minha frente.

Ainda sem entender o que acontecia comigo, deslizei a camisa pelos braços e puxei as calças pelas pernas antes que Isadora notasse o meu volume.

Quando ela sumiu por uma porta, fechei a mão em torno do pau. Apertando bem os olhos, imaginei que estava dentro de Júlia e que era sua bocetinha que me envolvia. Em questão de segundos, eu estava tão duro que chegou a doer.

Percebi, com certo pânico, que saí de casa querendo fazer sexo para aplacar meu desejo por Júlia. Mas, ainda que me custasse admitir, compreendi que não queria apenas sexo. Queria sexo com ela.

17

"Amor, nosso sexo tem significado
Saiba que dessa vez você vai ficar até amanhã
Dias debaixo da coberta e sorvete de baunilha
Mais do que apenas uma noite juntos exclusivamente".
(Let me - Zayn)

Daniel

Com uma mistura de raiva e agonia consumindo-me por dentro, acomodei meu pau rígido dentro da cueca. Respirando irregularmente, andei até a porta da sacada. Trovões e relâmpagos cortavam o céu de São Paulo em um espetáculo furioso digno de fazer algumas pessoas tremerem, mas minha mente continuava presa ao fato de meu corpo estar obcecado por uma garota recém saída da adolescência, sem nenhuma experiência sexual. Muitos homens salivariam para estar em meu lugar, mas depois de Dália, sempre preferi as garotas com mais experiência.

Sem que eu conseguisse controlar, meus pensamentos me levaram para Júlia mais uma vez. Será que estava confortável em casa? Será que estava com medo por estar sozinha em meio a essa tempestade? *Que por r æst áacont ecendocom você,* bradei comigo mesmo, trincando os dentes. Eu não sabia nada sobre Júlia, mas meu cérebro tinha se agarrado a ideia de que ela era sozinha e indefesa depois da conversa que tive com minha secretária esta tarde.

— Você está pensando na Melinda? — A voz de Isadora me devolveu a realidade.

Olhando sobre os ombros, a descobri a alguns metros de mim. Parecendo magoada, ela atirou um roupão em minha direção.

— Em quem? — perguntei, confuso, enfiando o material atoalhado pelos braços.

— Aquela é a Melinda. A garota que você me mandou descobrir o paradeiro, certo?

— Sim, é ela mesma.

Estreitando os olhos, me virei para a encarar, tentando entender onde ela queria chegar com aquilo.

— Ela tem muita sorte. — Sua voz era baixa, mas pude sentir a amargura escorrendo das suas palavras. — Ser disputada por caras como você e Greg deve ser o sonho de qualquer garota.

— Você está achando que estou interessado nela? — inquiri, sem conseguir segurar o riso.

— Se não tem interesse nela, por que se daria o trabalho de procurá-la? — perguntou severamente, e pisando duro, se moveu até a adega climatizada no canto da sala. — Se não tivesse, por que parecia que estava prestes a saltar sobre o Greg?

Abri a boca para dar uma desculpa, mas percebi a tempo que aquilo não faria sentido, já que eu tinha ido ali justamente para pedir ajuda para proteger a Melinda.

— O meu interesse por ela não é amoroso — falei, por fim, quando ela voltou para o meu lado e me entregou uma taça de vinho. — Na verdade, estou preocupado com a segurança dela. Por isso propus esse encontro, preciso de sua ajuda mais uma vez.

— Que tipo de ajuda?

— Preciso de alguém que fique de olho nela, pelo menos até ela voltar para Los Angeles.

— Okay. Você está tentando me convencer de que quer alguém que siga cada passo da garota e não é por ser obcecado por ela ou algo do tipo.

— Eu sei que parece estranho, mas não sei como fazer isso de outra maneira sem ela saber.

— Por que ela não pode saber?

Segurando a taça pela haste, sacudi, girando o líquido dentro antes de levar aos lábios e sorver um gole. Isadora era uma investigadora da polícia e não me ajudaria sem antes fazer um interrogatório. As sobrancelhas de Isadora se levantaram, esperando por uma resposta. Soltando um suspiro frustrado, decidi contar a verdade — ou pelo menos parte dela.

— O pai da Melinda era meu… chefe. Algumas horas antes de morrer, ele me fez prometer que protegeria sua filha depois que fosse feito o inventário dos bens que ele deixou. A leitura da lavratura será feita amanhã e eu não faço ideia de quem preciso protegê-la. Desconfio de algumas pessoas, mas não posso fazer uma acusação baseada nisso.

— E onde o Greg entra nessa história?

— O Greg e o pai dele controlam todos os bens que o pai da Melinda deixou, mas isso pode mudar a partir de amanhã. Estou temendo como vão reagir a isso.

— Não posso afirmar nada sobre Abílio, mas quanto ao Greg você pode ficar tranquilo, ele não oferece nenhum risco a ela.

— Como você pode afirmar?

— Ele é apaixonado por ela…

— Apaixonado por ela? — perguntei, a interrompendo. — Todo mundo sabe que o único interesse do Greg é só sexo.

— Você não viu o jeito que ele olha para ela? Ele estava quase lambendo o chão que ela pisa.

— Não é possível. — Balancei a cabeça, descrente. — Greg é filho do padrasto dela.

Isadora deu um sorriso que foi morrendo aos poucos conforme ela me encarava.

— Para sua falta de sorte, ela também parece apaixonada por ele. Você terá um grande desafio para conquistá-la.

— Quer dizer que você não acreditou em nada do que falei?

— Acreditei, menos na parte de que você não sente nada por ela. Ninguém entraria em uma briga com alguém como Abílio se não se importasse realmente com a pessoa.

— Alguém como Abílio? — Me virei para ela, intrigado. — O que você sabe sobre ele?

— Nada. Vou preparar algo para a gente comer. Duvido que algum entregador traga nosso jantar com essa tempestade.

Isadora deu um passo, se afastando, segurei seu braço ao perceber que ela fugia da nossa conversa.

— No nosso último encontro você se recusou a investigar o Abílio para mim e mencionou o seu chefe. A polícia está investigando o Abílio?

— Eu não sei nada sobre isso.

— Mesmo se soubesse, não iria me contar — cuspi, resignado, e soltei seu braço. — Vai me ajudar com a segurança da Melinda pelo menos?

Isadora sustentou meu olhar por um tempo, então assentiu com a cabeça.

— Vou cuidar da segurança da sua garota pessoalmente. Pode deixar.

Pensei em negar mais uma vez, mas acabei desistindo. No fundo, não era ruim que as pessoas tivessem uma visão distorcida do meu interesse por Melinda. Enquanto isso, eu poderia ajudá-la sem levantar suspeitas do real motivo para eu estar fazendo isso. Assim, o segredo de que éramos irmãos permaneceria intacto.

— Pelo que você disse, ela é a garota do Greg. Como você está com isso? Você parecia interessada nele na última vez que nos encontramos.

— Interessada nele? Oh, não. Eu só estava… — Parando de falar abruptamente, ela riu e balançou a cabeça, então seguiu para sua cozinha, me deixando ainda mais intrigado.

Será que ela queria se aproximar do Greg para colher informações sobre o Abílio?

Sabendo que não adiantaria perguntar, ergui meu copo de vinho e tomei um gole. Enquanto seguia para a cozinha, corri os olhos pelo ambiente tão sofisticado que poderia facilmente aparecer em uma revista de decoração. O pai de Isadora era multimilionário, dono de várias empresas no ramo de comunicação e marketing, e com muita influência política. O que explicava ela ter um apartamento de luxo mesmo sendo uma agente da polícia.

Me sentei em um dos bancos da ilha e me distraí lendo o rótulo do vinho que custava uma pequena fortuna.

— Sabe, às vezes me pergunto o que te levou a seguir carreira na polícia ao invés de trabalhar nas empresas de sua família — falei, quebrando o silêncio.

Ela parou de cortar os frios sobre o balcão e ficou imóvel, como se estivesse pensando em uma resposta, até que ergueu o rosto e me encarou.

— O que me fez seguir é justamente a maioria das pessoas acharem que eu não deveria ter feito isso. — Sua voz soou pesada, com uma emoção quase incontida. — Eu gosto do perigo da profissão, da onda de adrenalina, da excitação nas veias a cada caso que assumo. A ansiedade que antecede cada operação. Eu

teria sufocado se tivesse seguido o caminho que meus pais tinham traçado para mim.

Um trovão rasgou o céu, violento, agitando as portas e janelas.

— Bem, vou indo antes que a chuva… — Antes que eu terminasse de falar, as luzes se apagaram, ficando tudo no mais completo escuro.

— Mesmo não querendo fazer sexo comigo, parece que você terá que passar a noite aqui. — Ela soltou um risinho triunfante. — Duvido que a energia volte ainda hoje.

Na manhã seguinte, acordei com a Isadora dormindo ao meu lado. Era a primeira vez que eu dormia na cama com uma mulher sem ter trepado com ela. A primeira vez foi com Júlia, quando ela estava bêbada, um sussurro traiçoeiro me lembrou. E como vinha acontecendo nos últimos dias, contra minha vontade, meus pensamentos voltaram para ela, trazendo uma quentura suave no peito. Mas antes que o sentimento ganhasse força, saí da cama e fui para a área de serviço, atrás de minhas roupas.

Naquele dia seria a lavratura dos bens deixado por Rudolf, o dia que Abílio saberia que mesmo tendo assumido o cargo de CEO após a morte de Rudolf e se casado com a mulher dele, ele não tinha vencido. Eu não poderia perder esse momento por nada.

Excitação dominava cada célula do meu corpo quando deixei o apartamento. Alguns minutos depois, quando eu cruzava o saguão, vi Melinda arrastando uma mala alguns metros à frente.

— Melinda! — chamei, e ela continuou andando, olhando para os próprios pés, como se sua mente estivesse a centenas de quilômetros dali.

Uma parte em mim — a que odiava o fato de sermos irmãos e todas as lembranças dolorosas que suscitavam em mim quando eu olhava para ela — me dizia para ir embora, que nos veríamos na lavratura. Mas a outra parte — a que queria protegê-la — queria saber se ela estava bem, queria descobrir se o Greg não era mesmo uma ameaça.

De repente, me vi caminhando na direção dela. Quando a alcancei, coloquei a mão em seu ombro, alertando-a da minha presença.

Ela ergueu o rosto e seus olhos azuis pálidos ficaram atordoados. Um sorriso me escapou sem que eu pudesse evitar.

— Posso falar com você? — perguntei, e ela hesitou por um momento.

— Podemos nos falar depois? Estou com um pouco de pressa agora.

— Não irei tomar seu tempo. — Diminui o tom de minha voz, ocultando a leve decepção. — Você estará presente na lavratura da escritura do inventário?

Ao ouvir a pergunta, ela parou abruptamente, as rodas da mala fazendo barulho no chão.

— Sim, irei. — Ela soltou um suspiro. — Antes preciso encontrar um hotel para deixar essas malas.

— Você não gostou do apartamento?

Suas sobrancelhas bem desenhadas se ergueram em uma franzida confusa.

— Está se referindo ao apartamento do Greg?

Um lampejo de irritação me atingiu. Ela não estava me falando nada que eu não suspeitava, mas quando perguntei na noite passada se ela tinha vindo visitar o Greg, tinha um pouco de esperança de que tivesse vindo conhecer a cobertura que nosso pai deixou para ela. Respirei fundo, lutando para manter minhas emoções controladas, e me concentrei no que realmente me interessava.

— Não, não sabia que o Greg morava aqui. — Menti descaradamente. — Vocês se dão bem, pelo jeito.

Seu olhar caiu para suas mãos. Enquanto ela pensava no que responder, pude vislumbrar um lampejo de raiva e vergonha nas profundezas dos seus olhos, como se minha constatação a tivesse incomodado de alguma forma.

— Nós nunca fomos muito próximos — murmurou tão baixo que mal pude ouvir. — Se não é sobre o apartamento do Greg do que você está falando, então?

— Estou falando do apartamento que seu pai te deixou. Achei que tivesse vindo vê-lo. — Ela fez uma cara de surpresa e eu não consegui conter o riso.

— Ontem à noite, não reparei no nome do edifício. — Deu de ombros. — Adoraria ver o apartamento, mas não tenho a chave e

acho que não dará tempo de chamar um chaveiro.

— Seu pai deixou o apartamento aos cuidados do zelador. Se quiser, posso chamá-lo.

Na verdade, nos últimos anos estive cuidando de tudo que era possível, mas ela não precisava saber disso.

— Okay! Agradeço a gentileza.

— Não precisa agradecer — respondi, caminhando até o interfone, discando o ramal e aguardando, enquanto ela me fitava com divertimento. — Olá, sou eu, Daniel Freitas, preciso da chave do apartamento. Pode pedir para o zelador trazê-la, por gentileza?

— A chave da cobertura?

— Isso mesmo.

Coloquei o interfone de volta na base e voltei para o lado de Melinda. Minha irmã... minha irmã… Era o que parecia dizer o bater frenético do meu coração quando olhava para ela. Minha irmã, que nem mesmo a beleza de seus olhos conseguiam esconder o quanto ela parecia perdida e desajustada: como eu.

— Você também mora aqui? — perguntou Melinda.

— Eu estava visitando uma cliente e acabei ficando preso aqui com a falta de energia.

Seus lábios se apertaram em um arremedo de sorriso. Então ela olhou para o elevador, como se esperasse que alguém saísse de lá, e sua expressão voltou a ficar séria

— Você parece preocupada — perguntei, vendo-a mexer com uma fivela em sua bolsa.

— Só estou imaginando como tudo correrá na lavratura da escritura do inventário. Como será a reação da minha mãe.

— Dará tudo certo. — Toquei seu ombro de maneira reconfortante.

O movimento foi tão natural que eu só percebi que estava lhe tocando quando seu olhar passou do meu rosto para minha mão.

— Você acha que é possível que ela não saiba que… — começou ela, mas parou assim que uma voz masculina soou atrás de nós.

— Doutor Daniel.

— Pois não — disse eu, me virando e estendendo a mão para o zelador que já conhecia bem. — Essa é Melinda Becker, a dona da cobertura.

Ele se virou para ela e pude ver seu olhar incrédulo enquanto a analisava, talvez pela beleza estonteante de Melinda, ou por ela não estar vestida com o luxo ostensivo de quem era dona de uma cobertura.

Como se percebesse o atordoamento do homem, Melinda abriu a bolsa e tirou a identidade.

— Tenho a escritura em algum lugar dentro da mala. Caso seja necessário, posso mostrá-la.

— O doutor Daniel já tinha avisado que você viria. E me pediu para que deixasse tudo em ordem — respondeu o zelador, tirando a chave do bolso e entregando a ela.

— Como você sabia que eu viria? — indagou Melinda, quando ficamos a sós novamente.

— Não imaginei que fosse mudar para cá, mas pensei que fosse querer vê-la. Precisa de ajuda com as malas? — Ela negou com um aceno de cabeça. — Então, já vou indo. Até mais tarde.

— Até mais tarde.

Dei alguns passos me afastando e me virei em sua direção novamente, cedendo ao impulso de ajudá-la.

— Quer uma carona para ir na lavratura ou você está de carro?

— Vou pegar um táxi. Não precisa se incomodar.

— Não será nenhum incômodo. Passo às dez para te pegar.

Quando voltei a me mover e passei pelas portas duplas, me dei conta do porquê esquecia da minha resignação quando eu a via. Quando olhava para ela, eu reconhecia uma parte de mim mesmo, assim como eu, ela também parecia buscar desesperadamente um lugar para pertencer.

Então senti que pela primeira vez na vida eu pertencia a algum lugar.

18

" Havia um tempo em que
Eu costumava olhar nos olhos do meu pai
Em um lar feliz
Eu era "uma princesa", eu tinha um trono dourado
Aqueles dias se foram
Agora são memórias na parede."
(Don't you worry child - Swedish House Mafia)

Júlia

Meu coração ainda estava apertado no peito quando entrei no escritório naquela manhã. O medo de ser demitida tinha se tornado apenas um borrão, mas a imagem de Melinda entrando na sala de Daniel, o modo como ele olhou para ela, continuava fresca na minha mente. Nem as conversas que tive com minha prima — que costuma me arrancar muitas risadas, ou o medo da tempestade foram o bastante para apagar aquele vazio dolorido dentro de mim.

Quando ele saiu pela porta, parecendo transtornado depois que falou com Melinda, entendi porque nenhuma mulher tinha conseguido tocar o coração dele outra vez: o coração dele sempre pertenceu a ela. Isso não deveria me afetar, eu não deveria estar toda derretida por um cara que conheci há apenas alguns dias, eu não deveria sentir que tinha o perdido sem mesmo nunca ter tido. Meu corpo não deveria queimar a cada vez que o via e desejar febrilmente que me fizesse sua outra vez, principalmente por um

homem que não deveria ser nada mais do que um fim para um meio, me recriminei enquanto andava para a mesa de Estela.

— Ele já chegou? — sussurrei para que só ela me ouvisse.

Estela desviou os olhos da tela do computador e olhou em volta, confirmando se não tinha ninguém por perto antes de responder.

— Não, ele não chegou. Acho que não vem hoje.

Fechei os olhos e engoli em seco, tentando me livrar do nó que se formou na minha garganta com a ideia de ficar mais um dia longe de Daniel. Um dia que também poderia ser o último.

— Droga! — gemi baixinho

— O que você está fazendo aqui a essas horas? Não é seu horário de aula?

— Sim, é. Meu professor ficou doente e fomos liberados mais cedo. Como eu estava muito ansiosa com toda essa coisa de ser demitida, achei melhor vir logo para cá.

— Talvez seja até melhor que ele não venha. Assim ele se esquece de você e te deixa ficar.

Eu não quero que ele se esqueça de mim. Eu quero dominar seus pensamentos até que não haja espaço para ninguém além de mim.

Meu semblante deve ter entregado algo, porque Estela me lançou um olhar de compaixão.

— Se ele não estiver aqui, eu não tenho como conseguir as informações que preciso para meu … estágio — falei, tentando desfazer qualquer impressão que ela tenha tido e quase acabei estragando tudo.

Ainda que eu soubesse que meu irmão usava Estela para conseguir informação sobre Daniel, eu não tinha noção do quanto ela sabia daquilo.

— Você ainda tem muitos dias de estágio pela frente. — Ela olhou em volta, depois se inclinou mais perto, colocando a mão no meu antebraço.

O calor que vi em seus olhos me fez desejar que aquilo fosse real, mas eu sabia que mesmo que Daniel não me demitisse, meu tempo ali terminaria tão subitamente quanto tinha começado. Esse era meu acordo com Felipe: eu ficaria fora do seu caminho assim que tivesse o que ele precisava.

— Eu já ia me esquecendo. O Felipe pediu para você ir a sala dele assim que chegasse.

Senti minha garganta secar. As palavras ditas por Felipe no dia anterior ainda estavam frescas na minha cabeça, e tinha um pressentimento de que dessa vez também não poderia esperar por alguma coisa boa.

Com um nó de tensão crescendo em meu estômago, fui até a sala de Felipe no final do corredor. Levantei a mão e bati, ninguém respondeu. Bati de novo, pareceu levar uma eternidade para que a resposta viesse.

— Entre!

Ouvir a voz de Felipe foi o bastante para me fazer estremecer.

Me forcei a girar a maçaneta e entrei na sala. Meu irmão estava sentado atrás de sua mesa, debruçado em uma pilha de papéis. Ele ergueu o rosto, me encarou com desinteresse, e fez um sinal para eu me aproximar.

— A Estela disse que você quer falar comigo.

— Se não quisesse, não teria pedido para vir aqui — respondeu com um tom duro que me arrepiou a espinha. — Conseguiu falar com o Daniel ontem?

— Tenho quase certeza de que você sabe a resposta para essa pergunta. — Apesar do meu tom ter soado corajoso, eu tremia por dentro.

— Sim, eu sei que você deixou a oportunidade escapar. Mas é por isso que pedi que viesse.

Felipe ficou em silêncio por alguns segundos, percebi que estava esperando que eu dissesse algo. Quando eu apenas fiquei sustentando seu olhar, ele abriu uma gaveta e estendeu uma pasta de documentos para mim.

— O que é isso? — questionei, lançando lhe um olhar desconfiado.

— Veja você mesma. — Felipe cruzou seus braços musculosos.

Ele parecia ter pegado pesado nos treinos nos últimos dias. No fundo eu achava que meu irmão não só queria recuperar o escritório por ter pertencido a nossa família por muitas gerações, e sim, queria tudo que Daniel tinha - incluindo ser parecido com ele.

Conforme corria os olhos pelo documento, meu peito ficou ainda mais apertado, e eu me pus a balançar a cabeça de um lado para o outro, me negando a acreditar no que estava lendo.

— Meu pai não fez isso. Ele não pode ter feito isso — gemi, engolindo a bílis subindo na minha garganta.

— Mas ele fez. — Felipe descruzou os braços e se inclinou, me fitando com uma emoção incontida. — O velho hipotecou o apartamento em que você mora. Sabe o que isso quer dizer, Júlia?

Apenas neguei, confusa demais para me forçar a raciocinar.

— No nosso primeiro encontro você me disse que o apartamento era tudo que restava a vocês. Pelo visto, você se enganou. Se o velho morrer, você fica sem nada. Parece que você tem muitos motivos para querer salvar a vida dele.

Se a intenção de Felipe com aquilo era me pressionar para fazer o que ele queria, ele tinha obtido êxito. Ficar sem o meu pai e sem ter onde morar elevava meu horror a níveis inimagináveis.

— Eu vou conseguir as informações que você precisa.

— Mas eu não vou esperar a vida toda. Mais cedo ou mais tarde, vou usar meu plano B.

— Qual plano B? — perguntei, sem me preocupar em esconder minha curiosidade.

— Você saberá quando chegar a hora — sussurrou com prazer, como se estivesse recitando.

Seus olhos brilhando de forma doentia em seu rosto pálido me diziam que ele não estava brincando, e me peguei temendo o que ele poderia fazer com Daniel.

19

"Estamos prestes a subir, baby, pra cima nós vamos
Estamos estourando os alto-falantes
Nossos corações um pouco mais claros".
(Capital Letters - Hailee Steinfeld)

Daniel

Faltando alguns minutos para o horário combinado, estacionei meu carro junto ao meio-fio em frente ao prédio de Melinda. Saltei para fora e olhei além das grades de segurança. Quando não vi nenhum sinal dela, peguei meu celular no bolso e liguei para ela. Depois de pedir a ela para me encontrar na portaria, encerrei a ligação e ia devolver o celular para o meu bolso, mas ele voltou a tocar em minha mão.

— Alô — atendi de imediato ao ver o nome da minha secretária na tela.

— Desculpe te incomodar, senhor — disse ela, parecendo constrangida. — Queria saber se quer que eu agende algum compromisso para hoje.

Meus olhos rolaram atrás do óculos escuro tão logo suas palavras penetraram em meus ouvidos. Minha secretária vinha repetindo um padrão de comportamento que ficava mais estranho a cada dia. Talvez, assim como eu, ela precisasse de férias.

— Não precisa agendar. Meus clientes tem meu número particular, se tiverem alguma urgência, pode pedir para me ligarem diretamente.

— Quer que eu desmarque a reunião com o setor financeiro do escritório ou estará aqui amanhã?

— Não se preocupe, estarei aí — soltei com impaciência e tirei os óculos do rosto com tanta força que ouvi o material estalar sob meus dedos.

Uma mistura de excitação e desapontamento se instalou no meu sistema ao me lembrar que Júlia estaria no escritório no outro dia. E apesar da minha decisão de afastá-la para sempre, uma parte perversa e contraditória de mim — a que me fazia pensar nela constantemente — a queria debaixo de mim, com meu pau enterrado tão fundo em seu corpo que ambos ficaríamos sem fôlego. Abri a boca para perguntar se Júlia estaria lá, mas acabei desistindo. O mais seguro era manter minha fraqueza só para mim, até que conseguisse tomar uma decisão racional em relação a ela.

Desliguei a ligação e deixei meu corpo tombar de encontro à lateral do capô do meu *Porsche Macan* branco. Não demorou muito para eu ver Melinda surgir quando o portão abriu. Seus cabelos loiros estavam soltos e caiam por suas costas e ombros. Tão bonita que poderia facilmente ser uma atriz ou modelo fotográfica. Não era de se estranhar que o bastardo do Greg quisesse colocar suas patas nela — isso se Isadora estivesse certa.

Seus passos eram cautelosos enquanto ela avançava em minha direção. Ela não confiava muito em mim, *na verdade, ela*

parecia não confiar em ninguém, me corrigi.

Percebendo que a analisava por tempo mais do que o necessário, dei um sorriso caloroso, tentando parecer o menos inofensivo possível, e quando vi seu rosto se iluminar e seus lábios se repuxarem, mesmo que sutilmente, senti meu coração se aquecendo.

— Olá, Daniel! — soprou ela, com sua voz doce, e me estendeu a mão.

Antes que eu pudesse me parar, me inclinei em sua direção e plantei um beijo em sua bochecha. No mesmo momento, seu corpo ficou rígido, me obrigando a me afastar. Depois de arrumar o terno chumbo em meu corpo, andei até a porta do passageiro e abri para ela. Ao ver que permaneceu imóvel, coloquei uma mão em suas costas, encorajando-a a entrar.

Porra! Eu a tinha assustado, precisava me manter sob controle, quanto mais eu ocultasse qualquer sentimento em relação a ela, mais fácil seria ajudá-la sem levantar suspeitas de que éramos irmãos.

Foi o que pensei enquanto dirigia em meio ao tráfego intenso da capital paulista. Se eu tivesse qualquer resquício de dúvida de que só manter minhas mãos longe seria o suficiente para resguardar meu segredo intacto, elas evaporaram no momento que senti o olhar de Melinda me percorrendo.

Virei o rosto em sua direção, encontrando seu olhar azul penetrante, me observando como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Sabia que você me lembra alguém? — deixou escapar, pensativa.

Meu sangue pareceu virar gelo em minhas veias.

— Quem? — perguntei, me preparando para ouvir a resposta que lançaria minha vida em um mar de confusão.

— Ainda não sei, mas seu rosto me parece familiar.

Apertei o volante com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos. Então, eu tomei consciência da tensão dolorosa no meu pescoço e ombros, e forcei meus músculos a relaxarem. Ficar nervoso só a faria perceber que tinha razão, e aumentaria suas suposições.

— O que achou do apartamento? — indaguei, desesperado para mudar de assunto.

— É maravilhoso! Ficará perfeito quando colocar a mobília. Vou providenciar isso hoje mesmo.

Tão logo o assunto veio à tona, também se encerrou, nos deixando com um silêncio constrangedor, enquanto Melinda continuava me estudando como se eu fosse um enigma que ela precisava desvendar.

— Chegamos — anunciei, e saltamos do carro.

Para meu alívio. Aquilo manteria Melinda ocupada o bastante para prestar atenção em mim.

Sendo seguido de perto por Melinda, entramos no fórum e fiz os procedimentos de praxe. Enquanto a guiava pelos corredores

familiares, eu podia sentir a ansiedade saindo dela como ondas. Eu também não estava muito diferente, meu peito se comprimia com uma mistura de tensão peculiar e excitação. O momento que ansiava por anos estava prestes a acontecer.

Dirigi um olhar para Melinda como se dissesse "vai dar tudo certo" e entramos na sala. A Juíza ocupava a cadeira no centro, e ao seu lado direito estava a mãe de Melinda, Abílio e o advogado pessoal de Abílio.

Eu podia sentir os olhares à minha volta alternando entre mim e Melinda, mas o meu permaneceu preso no homem de cabelos ralos, e enquanto analisava seu rosto, vi que sua aparência não tinha mudado muito com o passar dos anos. Eu não o via desde o dia em que ele me demitiu da empresa assim que assumiu o cargo de CEO — o que era esperado, já que eu era o advogado de confiança de Rudolf — mas ainda que ele estivesse vestindo um terno elegante feito sob medida e a sua feição fosse pacífica, seus olhos não escondiam quem ele era… um desgraçado, frio e calculista.

Sua expressão relaxada e confiante se transformou em uma máscara feroz de fúria e surpresa no momento em que me reconheceu.

— O que você faz aqui? — redarguiu Abílio, apontando para o meu peito.

Um sorriso de satisfação me escapou ao ver como minha presença inesperada o tinha desestabilizado.

— Bom dia para você também, Abílio, e sobre Daniel, ele é meu advogado. Nada mais natural que me acompanhe, não acha? — respondeu Melinda, com uma calma letal, se colocando ao meu lado.

Por um instante, até eu duvidei que a resposta determinada tivesse partido de alguém tão jovem e delicada como ela.

— Você não tem advogado — rebateu Abílio, sorrindo friamente.

— Não, não é bem assim. Eu não tinha. Agora, como pode ver, eu tenho. — O tom de Melinda transbordava sarcasmo.

Ela estava gostando de importunar o homem.

Ela também não gosta dele.

— Senhores, mantenham a ordem! — ordenou a juíza. — Vamos dar início à leitura do documento.

Os olhares que Abílio lançava para Melinda não eram nada amistosos, os músculos de sua mandíbula se contorciam, vibrando de raiva, e senti que ele estava prestes a saltar sobre ela a qualquer momento. Mas se ele desse um passo para perto dela eu cortaria suas bolas ali mesmo, na frente da juíza.

Colocando um braço protetor em volta do ombro de Melinda, a conduzi para uma cadeira vazia e me sentei ao seu lado.

Ele não teria por que agir assim se não tivesse consciência do que está em jogo.

Parecendo perceber que o marido tinha chegado ao final de sua paciência, Luciana — a mãe de Melinda — tocou o ombro de Abílio e murmurou baixinho.

— Acalme-se, querido!

Ao contrário do seu marido, ela não parecia com raiva — parecia com nojo, como se não suportasse a ideia de me ver junto com sua filha.

O que não f ar i a nenhum sent i do, a menos que…

A voz rouca da juíza iniciando a leitura interrompeu meu pensamento. Enquanto ela especificava os bens e a porcentagem que Melinda e a mãe iriam receber, encarei Abílio. Não queria perder a reação dele. Sua expressão se manteve inalterada durante todo o tempo, confirmando o que eu desconfiava: ele sabia, e esteve escondendo isso para poder usufruir dos bens de Melinda.

E a culpa era minha por ter me deixado dominar por meu orgulho ferido e não a ter procurado antes.

— Me desculpe, mas tenho certeza de que Rudolf não possuía só esses bens que estão listados aqui — a mãe de Melinda sussurrou para o advogado, erguendo o papel que tinha nas mãos. — A Melinda também pode confirmar isso.

Pelo jeito, com base no seu olhar desesperado, ela não sabia, ou fingia não saber.

— Além dos documentos que a senhora entregou, foi feito um levantamento de todos os bens, e os que foram encontrados estão aqui — respondeu a juíza, com uma firmeza.

— Deve haver algum engano — replicou Abílio, lançando um olhar cauteloso na direção do seu advogado.

— Se tiverem o documento que comprove a posse, o advogado de vocês poderá instruí-los sobre como proceder. Está encerrado por hoje.

A juíza colocou a pilha de documentos sobre a mesa. Apressei-me em deslizá-la pela madeira e colocar na frente de Melinda, que sorria com satisfação genuína.

— Você já pode assinar, Melinda.

Ela balançou a cabeça, como se estivesse saindo de um transe, e assinou rapidamente com sua caligrafia feminina.

— Podemos ir agora? — ela perguntou.

— Sim, podemos.

Quando saímos pela porta, olhei para Abílio sobre os ombros. O que vi em seu rosto fez um arrepio percorrer minha espinha. Ele não ia deixar aquilo barato. Tão logo pudesse, eu iria ligar para Isadora para saber os arranjos da proteção de Melinda.

Mesmo sob o protesto de Melinda, a levei para almoçar. Também corria o risco dela voltar a tentar descobrir com quem eu parecia, mas depois do almoço a segui em todos os lugares. De quando em quando eu buscava meu telefone furtivamente no bolso e tentava falar com Isadora, mas a chamada ia para a caixa-postal depois de um toque.

El aest ár ecusandomi nhal i gaçãoQue por r aé essa?, rosnei comigo mesmo, apertando o telefone com força, quase esmagando-o quando minha constatação se transformou em ira.

— Uma coisa tem me perturbado desde que você me disse que meu pai deixou a empresa para mim — comentou Melinda quando paramos em um sinal vermelho. — Em nenhum momento me procuraram para assumir minha cadeira de acionista, nunca elegi nenhum representante. Não é possível que a diretoria não saiba.

— Você tem um procurador?

— Tenho. Minha mãe é minha procuradora. E com certeza ela não iria se opor a nada que o marido fizesse — respondeu resignada, deixando claro que ela não gostava de Abílio e estava se sentindo enganada pela mãe.

Havia uma chance de eu estar interpretando suas reações de forma errada, mesmo parecendo chateada com Abílio e a mãe, ela ainda poderia não querer prejudicá-los, mas eu precisava me aprofundar mais, entender o que ela pretendia fazer agora que tinha tantos poderes nas mãos, então não perdi a chance de tentar descobrir.

— Ela pode responder por isso — falei, colocando o carro em movimento quando o sinal ficou verde. — Você precisa ver também se os lucros foram repassados para você, como deveriam ser.

— Não. Nunca repassaram. Eu saberia se esse valor tivesse entrado em minha conta.

— Você pode alegar que lhe ocultaram que é a dona das ações e usar isso para tirar o Abílio do cargo.

Franzi o cenho e estreitei os olhos, sondando sua reação a minhas palavras. Mas, para minha decepção, seu rosto ficou impassível, não me permitindo antever qual era sua intenção.

— Sabia que às vezes ainda não acredito que isso esteja acontecendo? Fico pensando que, em algum momento, vou abrir os olhos e descobrir que esses documentos nunca existiram, que o seu telefonema nunca aconteceu.

— Mas existem. Talvez você vá acreditar quando achar os originais, ou você já os encontrou?

— Não. Muita coisa aconteceu depois do nosso encontro ontem, e não consegui procurar.

— Você não confia muito nas pessoas, não é mesmo? — deixei escapar ao perceber o quanto ela estava tensa ao meu lado, mesmo tendo passado muitas horas comigo.

— Não tenho mais tanta certeza. Prova disso é que estou aqui, com você. — Deu de ombros, mas no fundo eu desconfiava que ela só queria aproveitar a oportunidade para tentar arrancar informações de mim.

Fugir de suas perguntas o tempo todo não foi fácil.

Quando estacionamos em frente ao prédio, Melinda saiu do carro antes que eu tivesse a chance de descer e abrir a porta para ela. Saltei para fora, enquanto andava para a traseira do carro, para tirar suas compras do porta-malas, tive uma sensação de estarmos

sendo observados. Olhei ao redor, as pessoas que passavam por ali não pareciam prestar atenção em nós, mas, ainda assim, a sensação incômoda não passou.

— Precisa de ajuda para levar as compras? — indaguei, e como resposta, ela meneou a cabeça, negando. — Está pensando em passar a noite aí?

Enquanto aguardava a resposta, baixei os olhos para os meus pés, tentando me decidir se ouvia meu lado paranoico que queria segui-la até a porta para ter certeza de que ela estava em segurança ou se eu a deixava ir. Para meu alívio, meu celular vibrou no bolso, indicando nova mensagem. Tirei-o rapidamente e conferi a tela. Era Isadora.

"Eu assumo a partir daqui. Ligo assim que puder"

— Eu não sei. A funcionária da loja me garantiu que farão a entrega dos móveis hoje. Mas ela estava ocupada demais olhando para você.

Procurei por Isadora com o olhar, me desconectando da atenção de Melinda. Então ela se moveu e voltei a focar nela.

— Me ligue para o que precisar. Cuide-se, Melinda — disse eu, e no mesmo instante ela parou no lugar.

— Com o que ou com quem preciso tomar cuidado?

Com tudo e com todos.

— Bem… Estou à sua disposição. Precisando de mim, me liga — me obriguei a dizer.

Fiquei olhando enquanto se afastava. Quando ela atravessou o portão, enfiei o celular de volta no bolso e procurei por Isadora mais uma vez, mas não a vi em nenhum lugar. Pelo menos saber que ela estava ali foi o bastante para meu cérebro se acalmar e eu andar até meu carro.

20

"Suas unhas arranham a tatuagem nas minhas costas
Olhos fechados enquanto você grita
E você me prende com esses quadris
Enquanto meus dentes afundam em seus lábios
Enquanto seu corpo me dá vida".
(Bad Things -Camila Cabello & Machine Gun Kelly)

Daniel

A raiva começou a tomar conta de mim no momento em que percebi onde eu estava e o que me levou até ali. Eu deveria ter ido para a cobertura, ou para a casa de minha mãe, que provavelmente se contorcia de ansiedade para saber como tinha sido meu encontro com a Melinda, e não percorrendo os corredores do escritório, meus olhos vagando de uma pessoa para outra, procurando a garota que meu instinto racional me alertava para ficar longe.

Respirei fundo, lembrando a mim mesmo que precisava manter o controle, e me forcei a virar em direção à minha sala quando a vi através da porta de vidro do refeitório.

No fundo, Júlia estava sentada diante de uma mesa, com o corpo levemente inclinado, e a cabeça apoiada na mão. Sorrindo para o cara sentado ao seu lado de um jeito que eu queria que ela só fizesse para mim. Os olhos dele percorreram o rosto dela e se fixaram nos lábios macios e carnudos, demorando mais tempo do que o necessário.

Algo desagradável se agitou no meu interior, trazendo à tona uma vontade irracional de ir até lá e socar a cara dele e arrancar aquele olhar cobiçoso de sua cara bonita.

Que di abos est á acont ecendo comi go? Não sei por que imaginá-la com ele me incomodou tanto. Nas vezes que eu me pegava pensando que ela era apaixonada por alguém, me incomodava, mas não com essa intensidade irracional. Quando a compreensão do que estava acontecendo ficou clara para mim, minhas mãos se fecharam em punho.

Eu não podia estar com ciúmes de Júlia.

Eu não podia desejá-la tanto a ponto de querer reclamá-la.

A última pessoa que despertou um sentimento do tipo em mim foi Dália.

Como se sentisse que estava sendo observada, Júlia virou o rosto e seus olhos avelãs encontraram os meus, e meu coração pulou na minha garganta, deixando-me ainda mais irritado comigo mesmo. O simples fato de vê-la não deveria mexer comigo assim.

De alguma forma, consegui romper o magnetismo que seu olhar exercia sobre mim e fazer minhas pernas se moverem. Eu tinha andado alguns metros quando ouvi a porta abrindo, seguido de passos.

— Daniel. — Uma voz melodiosa soou atrás de mim, eu nem precisava me virar para saber que era Júlia.

— O que você quer? — Meu tom saiu duro, mas não me incomodei em amenizar.

Meus passos eram longos e firmes, ela estava quase correndo para me alcançar, mas não desacelerei. Senti seu toque no meu braço, chamando minha atenção para ela, foi tão suave, mas meu corpo inteiro vibrou, todos os meus sentidos tornaram-se conscientes de sua presença. Meu sangue fluindo como lava em minhas veias e se acumulando no meu pau.

— Posso falar com você?

Virei o rosto para a parede, evitando olhar diretamente para ela. Uma mistura de sentimentos contraditórios guerreavam dentro de mim. Ao mesmo tempo em que eu queria que ela estivesse a milhares de quilômetros de distância, eu queria envolvê-la em meus braços e prendê-la a mim.

Quando finalmente abri a boca para responder, minhas palavras foram interrompidas por uma voz grave e masculina vinda do fundo do corredor.

— Júlia? Já estamos indo embora você vem com a gente?

Ergui os olhos e encontrei o cara que estava com ela no refeitório praticamente a devorando com o olhar. Minha mandíbula ficou apertada, e o que quer que eu estivesse sentindo ficou mais agudo do que no começo.

— Sim, volto em um minuto — ela respondeu.

— Ou talvez não — rosnei, com a voz perigosamente baixa, e comecei a andar, eu estava a um passo de perder a cabeça e fodê-la contra a parede para que ele soubesse que ela era minha.

Não, ela não é. El anão é. E el eé exat ament eo t i pode car a que el a pr eci sa. Não eu.

— Você vai me demitir? — A voz dolorosa de Júlia desanuviou um pouco da minha raiva.

Eu me negava a acreditar que estivesse com ciúmes.

— Se quiser falar sobre isso, me siga até minha sala — disse eu, meu tom mais duro do que eu pretendia.

Seguimos em silêncio pelo corredor. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça social, atravessei minha sala e andei até a parede de vidro, dando-me um tempo para me acalmar, mas a ira por vê-la sendo desejada por outro continuava me inflamando e fazendo aumentar a minha necessidade de tê-la só para mim. Mesmo de costas para ela, podia sentir seu olhar percorrendo meu corpo quase como se estivesse me tocando.

— Você quer aquele cara? — perguntei, me virando para ela, que estava parada perto da minha mesa.

Ela franziu o cenho, como se não compreendesse minha pergunta.

— Responda, Júlia. Você quer aquele cara?

— Não, eu não quero — respondeu sem titubear, mas aquilo nem chegou perto de aplacar a avalanche de emoções que eu sentia.

— Quem você quer? — Dei um passo em sua direção, tentando conter a vontade de mostrar a ela qual ela a resposta certa.

Em vez de responder, ela desviou o olhar. Não sei o que esperava que dissesse. Eu apenas queimava com a necessidade de ouvi-la murmurando que era minha. Incapaz de esperar um segundo mais, me aproximei e parei em sua frente. Ela levantou a cabeça, olhando para mim.

— Quem você quer? — repeti. — Diga, Júlia.

Seu peito se agitou, subindo e descendo enquanto eu segurava seu olhar. Só então percebi que me aproximar tinha sido uma péssima ideia, pois meu corpo inteiro também pulsava, tomando consciência do seu calor, seu cheiro, dos seus mamilos pontudos sob o tecido fino da camisa.

— Eu quero você, Daniel.

Rosnei em um modo primitivo e triunfal. Ela me queria.

— Vou te foder agora. — Toquei seu rosto, primeiro esfregando o polegar em sua bochecha, depois, pressionando possessivamente seu maxilar. — Preciso te foder. Agora.

Como se ganhasse vida própria, meu braço enlaçou sua cintura, puxando-a em minha direção enquanto abaixava a cabeça e reivindicava seus lábios em um beijo profundo e rude. Um suspiro de surpresa escapou de sua garganta e foi engolido por minha língua entrando fundo em sua boca, a possuindo. Queria me fundir a ela até que não pensasse em nada que não fosse eu.

Qualquer indício de sanidade que ainda existia em mim se evaporou quando suas mãos alcançaram minha cabeça, os dedos deslizando no meu cabelo. Com um rosnado baixo, a curvei sobre a

mesa, levantando a saia do uniforme, expondo sua bunda redonda vestida com uma calcinha minúscula. Com um puxão, o tecido frágil se desfez em minha mão.

Abri o zíper da calça, puxei o pau rígido para fora e o deslizei entres seus lábios vaginais até encontrar a entrada. Com uma investida dura e profunda, o empurrei em seu calor, ansioso para preenchê-la e sentir o molhado aperto de sua boceta.

Júlia gemeu debaixo de mim, e seus músculos internos se contraíram, tentando não me deixar entrar. Porra! Ela estava molhada, mas era muito apertada. Virando seu pescoço, capturei sua boca de novo, implacavelmente, engolindo seus gemidos enquanto deslizava para dentro dela, aprofundando pouco a pouco.

Me inclinei de modo que meu tórax encobrisse suas costas e sussurrei em seu ouvido.

— Eu quero te foder bem forte. Tudo bem?

— Si-im — ela engasgou quando puxei uma polegada para fora e empurrei dentro dela.

— Fale, querida.

— Eu aguento.

— Lembre-se de que estamos no escritório e irão te ouvir gozar. Eu não vou me importar que todos saibam que você está sendo minha — sussurrei, com a voz rouca, e precisei apertar os dentes em meu lábio inferior para não urrar quando a penetrei em um único golpe.

Júlia se segurava para não gritar quando peguei um ritmo selvagem, fodendo-a com tanta força que a mesa rangia debaixo de nós. Quanto mais rápido e fundo eu ia, mais parecia que não era suficiente. Minha necessidade por ela era obscura, alimentada pelo ciúme que me corroía e pela urgência em comprovar que ela era minha.

Minha!

— Ah, Daniel. — Sua bochecha estava apertada contra a madeira, seus gemidos altos começaram a escapar de sua garganta, por mais que ela estivesse se segurando.

Virei-a de frente para mim e vi os olhos nebulosos de desejo. Coloquei- a sentada sobre a mesa, me alojei entre suas pernas e empurrei outra vez em sua boceta, sentindo-a se agarrar a mim como se eu fosse a coisa mais importante no mundo. Talvez a última. Meu descontrole a fez gemer alto. Tomei seus lábios mais uma vez para abafar o som delicioso que emitia, minha língua sugando a sua no mesmo ritmo que meu pau entrava nela.

Eu precisava de Júlia.

Quando arfou na minha boca, eu a deixei respirar, e um grito saiu de sua garganta.

— Morda meu ombro, querida! — gemi, me debruçando sobre ela até ter o seu corpo sobre a mesa.

Seus dentes afiados se fecharam em mim, obedientes, e conforme eu entrava nela, podia senti-los se afundando em minha pele, mesmo sob o tecido da camisa.

As paredes macias e esponjosas de sua boceta se contraiam, tremendo em volta do meu pau.

Ela estava perto, eu também estava… meu coração rugia no meu peito e a agonia nas minhas bolas ficava insuportável.

— Goze comigo, querida! — gemi, mal conseguindo falar, sentindo seus músculos se contraírem, ordenhando meu pau enquanto sua respiração acelerava. — Deixe-me sentir você gozar no meu pau.

Com um grito abafado, ela chegou ao ápice, seu corpo se contorcendo enquanto agarrava meu bíceps. Engolindo meu próprio grito, explodi, inundando-a com o meu gozo.

Desabei sobre ela, lutando para respirar. Enquanto a tinha sob mim, percebi que estava enganado, minha obsessão por Júlia não tinha acabado com uma trepada forte. Eu ainda a queria, e queria muito mais.

Não sei quanto tempo se passou até meu corpo recuperar a força e eu parar de tremer.

Júlia ainda estava deitada, exausta, quando deslizei para fora dela. Seus olhos bem fechados, o suor escorrendo da sua testa. Ergui-a nos braços e ela tentou mover as pálpebras, mas voltou a fechá-las em meu colo. Andei até o sofá no outro lado da sala e deixei meu corpo afundar no couro macio, onde a apertei contra mim, ainda trêmula, com os resquícios do pós-orgasmo.

Naquele momento, percebi que a possuir como eu queria saciou meu corpo, mas tê-la contra o meu peito saciou meu

coração. Tombei minha cabeça de encontro ao encosto do sofá e fechei os olhos, querendo aproveitar ao máximo a sensação de que seu calor me proporcionava.

Talvez minha mãe estivesse certa mais uma vez, talvez estivesse na hora de escutar meu coração.

21

"E eu quero ficar bêbada com você
Quando deitamos tão imóveis
Mas você está me levando a lugares
Me abraçando
E não nos importamos com quem está nos olhando, querido".
(Capital Letters - Hailee Steinfeld)

Júlia

— Júlia? Júlia?

Uma voz grossa penetrou a densa camada onde minha mente estava flutuando. Sentindo um toque gentil em meu rosto, pisquei instintivamente, e forcei meus olhos a se abrirem. Um rosto entrou no meu campo de visão, mesmo com a inércia querendo me puxar, não pude deixar de notar que era um lindo rosto, os olhos com um tom de verdes penetrantes ao mesmo tempo em que me lembravam os dias quentes de verão, me lembravam o inverno na Sibéria. Deus, eu nunca estive na Sibéria. Quando percebi que estava divagando, voltei a prestar atenção no homem que me olhava com certa preocupação, deduzi, a julgar pela forma que sua mandíbula forte escurecida pela barba por fazer estava contraída.

— Júlia — chamou, e quando não respondi, ele se inclinou ainda mais.

— Daniel?! — perguntei, roucamente.

— Sim. Você está bem? — ele murmurou, e eu apenas acenei, sobrecarregada demais para falar.

— Preciso me lembrar de não te foder fora de casa na próxima vez, você fica meio… A ideia de que o orgasmo é uma pequena morte nunca tinha me feito sentido até conhecer você.

O choque de suas palavras me deixou desperta.

— E você quer me foder de novo? — perguntei, e me coloquei sentada, meus olhos vagaram pela sala iluminada, pelas luzes que entravam da rua.

Já era noite.

— Se você quiser, por que não? — Ele me dirigiu um olhar sugestivo e andou até a mesa onde eu tinha acabado de ser dele, e pegou sua pasta.

Eu tinha sido de Daniel mais uma vez, e ele me queria de novo. Um formigamento fluiu pela minha pele com o pensamento, fazendo meu coração bater violentamente no peito. Além de que ele não ia me demitir, e eu ia poder ajudar meu pai. Aquilo me renderia um coração partido, mas eu resolveria meu problema.

Para manter minha determinação, virei meu rosto para a parede que por muitos anos sustentou um quadro da minha família. Minha pequena família despedaçada. Meu pai era tudo o que me restava dela, mesmo que para mantê-lo eu precisaria prejudicar o homem lindo e intimidante parado na minha frente, os olhos tão incrivelmente verdes focados em mim com uma intensidade que

fazia um frio se espalhar por meus ossos e também me aquecia por dentro.

— O que foi? Você não parece feliz. Eu te machuquei? — perguntou, com os dedos correndo em meu rosto gentilmente.

— Não. Estou bem. Só estava me lembrando que ali tinha… — parei abruptamente de falar quando me dei conta do que ia dizer.

Daniel não podia saber que eu conheci aquela sala antes da reforma opulenta que ele havia feito, muito menos que antes dele o dono da sala era o meu pai.

— Tinha o quê? — indagou, estreitando os olhos.

Tentei pensar em algo para dizer, mas nada vinha.

— Acho que não acordei totalmente.

— Mas a gente precisa ir. Venha. — Firmemente apertando minha mão entre a sua, me conduziu para fora da sala.

— Só tem nós dois aqui? — perguntei quando saímos no corredor vazio, o sensor acendendo conforme passávamos.

— Nós dois, os seguranças e o meu motorista que vai nos levar para casa. O cara que estava te esperando já deve ter ido embora. Eu deveria ter pedido para ele esperar? — Havia algo em seu tom de voz que eu não soube identificar.

— Não. De forma alguma. Tudo que eu precisava era estar aqui com você, Daniel — eu disse, entrelaçando meus dedos nos seus.

Seu aperto em minha mão se intensificou, me deixando ainda mais estupefata. Eu sentia que estava presa em um sonho, ou talvez não tivesse acordado. Não era possível que o homem imenso se movendo ao meu lado, seus ombros largos esticando sob a camisa amassada, as pernas poderosas flexionando debaixo da calça social, estivesse segurando minha mão de forma tão íntima.

— Você disse que seu motorista vai nos levar para casa? — perguntei, vendo-o apertar o botão do elevador.

No mesmo instante as portas se abriram, e ele me conduziu para dentro.

— Ele pode nos levar se você quiser passar a noite comigo.

— Passar a noite com você? Quando você disse que queria me foder de novo, eu achei que…

— Eu não vou te foder hoje, querida. Pode ficar tranquila.

Tranquila? Aquilo deveria me tranquilizar, mas eu o queria. Eu o queria, mesmo ainda estando dolorida depois do sexo um pouco violento, mesmo sabendo que quanto mais tempo eu estivesse em seus braços, mais difícil seria fazer o que eu precisava.

Se ele não queria fazer sexo comigo o que pretendia?

Aturdida, soltei minha mão da sua e dei alguns passos até que minhas costas estivessem pressionadas contra a parede fria do elevador. Meu rosto deve ter entregado alguma coisa, porque ele me encarou com um olhar predatório, e se aproximou, colocando as duas mãos na parede, me enjaulando entre seus braços musculosos.

— Na verdade, meu pau está convencido de que deveríamos estar nus e ele deveria estar dentro de você nesse exato momento — sussurrou, raspando os lábios na minha orelha. —, mas sei que você ainda está dolorida, então eu não vou te foder, pelo menos não com o meu pau.

Sua voz acariciando meu ouvido, somada ao calor úmido de sua respiração, fez meus joelhos fraquejarem e minha respiração ficar errática. Mesmo com as roupas cobrindo meu corpo — que provavelmente Daniel as alinhou enquanto eu dormia — eu me sentia nua em seus braços.

— Quer passar a noite comigo, querida?

Querida? O que tinha acontecido com o *J úl i a* o menina, pronunciados com tanta raiva que fazia meu sangue gelar? Ergui o rosto e o estudei, esperando o momento em que eu descobriria que ele tinha sido abduzido e uma criatura estranha sairia dele, mas Daniel continuava me encarando, parecendo mais perfeito do que nunca.

— Eu adoraria, mas não posso. — Minha voz soou grossa, instável, entregando que eu estava queimando por ele.

— Por quê? Você precisa de roupas limpas ou algo do tipo? Eu posso providenciar para você.

— Ou algo do tipo — murmurei, sem conseguir desviar os olhos dos seus lábios, que agora estavam a centímetros do meu rosto. — O meu carro está no estacionamento. Ele está caindo aos pedaços, mas eu sentiria muito se ele fosse roubado.

Desde que meu irmão achava que eu deveria estar onde ele quisesse e no momento em que quisesse, passei a manter uma muda de roupa e minha mochila de material sempre no carro, o que me permitiria passar a noite com Daniel, mas ainda que me doesse perder a oportunidade, eu não poderia deixar o carro que pertenceu a minha mãe para trás.

— E se eu resolver a questão do carro?

Contive-me para não parecer muito empolgada.

— Bem, eu iria com você…

As portas do elevador abriram e seguimos para o estacionamento. Eu ainda estava me perguntando o que ele pretendia fazer quando parei ao lado do meu carro e o vi seguir até o outro lado do estacionamento, onde um esportivo luxuoso o esperava com os faróis ligados.

Tirando minhas chaves desajeitadamente de dentro da bolsa, vi Daniel falar algo para o motorista e andar em minha direção.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Seus olhos ganharam aquele brilho de que estava prestes a me devorar, e ele se aproximou o suficiente para sussurrar:

— O que você acha que estou fazendo?

Suas mãos desceram por meus braços e uma delas se fechou na chave que eu segurava e a tirou de minha mão.

Eu ainda tentava me convencer de que não vivia uma experiência fora do corpo quando vi Daniel ocupar o banco do

motorista do meu carro. Ele conseguiu acionar o motor sem que ele engasgasse. Eu sempre tive que tentar várias vezes, mas com ele o carro funcionou como mágica. Talvez o meu carro fosse uma menina. Ri com meu pensamento tosco e voltei a olhar para ele. Mesmo na semipenumbra que envolvia o interior do veículo, dava para perceber que suas roupas refinadas não combinavam em nada com o banco de couro desgastado.

Ele me lançou um olhar indagativo, as sobrancelhas desenhadas levemente arqueadas.

— Eu só estou achando estranho você aqui e a coisa toda.

Ele me deu um sorriso suave e colocou uma mão em minha coxa.

— Nem sempre minha situação financeira foi boa. Houve uma época que minha mãe e eu mal tínhamos o que comer. — Seu olhar ficou distante, como se revivesse a memória.

— E o seu pai? Ele...

— Eu não tenho pai — murmurou, me interrompendo. — Quer dizer, eu não sei quem ele é.

Fiquei em silêncio por um tempo, tentando não parecer ansiosa demais. Aquele era o momento propício para eu fazer a pergunta que tanto ansiava.

— Como você se tornou dono do maior escritório de advocacia da América Latina?

Seu rosto endureceu, e eu pude pegar um vislumbre de seu olhar frio e os lábios apertando em uma linha fina antes de voltar

sua atenção para a pista.

— Vou te contar no momento que achar que devo. — Seu tom não se alterou, mas era frio, tão frio que queimava.

Eu esperava mesmo que ele fosse responder essa pergunta assim? Aquela pergunta era um limite rígido para ele. Se eu tinha alguma dúvida sobre isso, ela tinha acabado de desvanecer quando vi seus dedos apertarem com força o volante.

Meu coração se contorceu no peito quando o vi sair da avenida e entrar em um posto de gasolina. Assisti entorpecida ele desligando o carro e saindo.

Ele ia pedir para o motorista vir buscá-lo?

Eu estava crente de que tinha estragado tudo. Então o frentista apareceu para encher o tanque de gasolina - que só naquele momento percebi que estava vazio. Daniel pagou com um cartão de crédito preto, que parecia gritar que seu dono tinha muito dinheiro, e entrou no carro de novo. Pisquei os olhos, acreditando que a cena iria se desfazer e eu ia acordar sozinha em seu escritório ou talvez em meu quarto sem graça.

Como se tivesse feito isso a vida inteira, ele segurou minhas pernas e as puxou para o seu colo, de modo que meu corpo virou em sua direção. Com uma pressão certa ele começou a apertar minha coxa. Cada movimento era como fogos de artifícios sobre minha pele, liquefazendo, reverberando dentro de mim.

— Me desculpe se fui grosso — disse ele, quando paramos em um sinal vermelho.

Eu olhei para ele, sem palavras. O Daniel que conheci alguns dias atrás não parecia se importar se suas palavras poderiam afetar alguém, ele as soltava sabendo o que provocaria nelas. Aquilo fez tudo parecer ainda mais irreal.

Quando entramos em sua cobertura, Daniel colocou a mão na parte inferior das minhas costas, quente e gentil, me guiando escada acima. Meu coração se derreteu mais um pouquinho. Se a versão fria e obscura de Daniel me deixava mexida, aquela gentil me lançava em um precipício incapaz de sair.

Chegamos ao quarto que eu tinha estado com ele dias antes. Quando ele acionou o interruptor, ligando as luzes, meus olhos recaíram sobre a cama. Eu ofeguei com as imagens de nós dois nus sobre os lençóis, ele me devorando, invadindo minha mente. Minha vagina latejou com a lembrança. Forçando-me a não ir por aquele caminho, olhei para o outro lado do quarto e a visão que tive fez meu corpo pulsar e o calor indesejável se acumular entre as minhas pernas.

Daniel tinha aberto a camisa e seus músculos abdominais estavam expostos. Meu olhar se lançou pelas reentrâncias que desapareciam dentro da calça, devorando-o sem pressa.

Seus lábios esculpidos se curvaram em um sorriso hipnótico quando me pegou o observando, e ele puxou a camisa sobre os braços e a deixou cair no chão.

Minha respiração ficou presa na garganta ao vê-lo soltar o cinto e empurrar a calça social cinza para baixo e, em seguida, fez a

mesmo com sua cueca, revelando um pau grosso e duro, curvando-se para o seu umbigo.

— O que você está fazendo? — perguntei, com a voz falhando.

Com os olhos penetrantes cheios de calor, ele andou até mim. Cada músculo esculpido em seu corpo se flexionando enquanto ele se movia, as bolas balançando pesadamente entre suas pernas.

— O que acha que estou fazendo? — ronronou, alcançando os botões de minha camisa, e começou a abri-los um por um.

Meu peito subiu e desceu em uma respiração instável quando ele forçou o tecido sobre meus braços.

— Você tinha dito… você vai…? — Antes que eu conseguisse formar uma frase coerente, seus dentes se fecharam sobre o lóbulo da minha orelha.

— O que eu tinha dito? — perguntou, com a voz rouca, e segurou minha nuca, forçando minha cabeça para trás para encarar seus olhos.

— Que…

— Diga? — desafiou e forçou um joelho por baixo da minha saia, abrindo minhas pernas. Só quando senti tocar minha boceta, pressionando o clitóris sensível, me dei conta de que estava sem calcinha. — Diga, querida. Diga!

Ele se debruçou sobre mim e sugou a pele do meu pescoço, ao mesmo tempo em sua outra mão apertou meu seio esquerdo,

amassando-o de um jeito gostoso e rude, esfregando o tecido do meu sutiã contra o mamilo intumescido.

Procurei minha voz para falar, mas só consegui gemer.

Daniel continuou movendo o joelho contra meu clitóris. Seus olhos selvagens sondando meu rosto. Tentei lutar quando a pressão ondulou dentro do meu núcleo, mas ela continuou crescendo a cada segundo, até explodir, e gozei com um grito quando o orgasmo me atingiu com força, me deixando sem fôlego. O mundo desapareceu ao meu redor, meus olhos perderam o foco e só ficou a sensação dos seus braços me amparando, me erguendo no ar.

— Eu só estava me despindo para o banho — ele sussurrou com um sorriso na voz, me segurando contra seu peitoral. — Você está bem?

Depois de ele me fazer gozar apenas com o joelho, eu queria gritar que nunca estive tão bem, mas só consegui soltar um murmúrio.

— Posso te colocar no chão?

Não, eu não queria que ele me colocasse no chão. Eu queria que ele me segurasse daquela forma para sempre. Eu queria que me agarrasse como uma trepadeira e nunca mais me soltasse. Instintivamente, enlacei meus braços ao redor do seu pescoço e me aninhei ainda mais contra ele.

— Júlia, você ainda está aí?

— Hummm — sussurrei contra seu pescoço, absorvendo o cheiro delicioso de sua pele.

Ele não pareceu convencido, porque ao invés de me soltar, me segurou com mais força, entrando comigo em seu box, e de algum modo ligou o chuveiro. O jato de água fria atingiu minha pele quente, me fazendo pular em seus braços, mandando para o ralo a névoa em minha mente induzida pelo orgasmo.

— Preciso me lembrar de mandar instalar um chuveiro como nas banheiras americanas para você poder tomar banho após eu te foder sem precisar esperar a banheira encher.

Ele estava considerando me foder por tempo suficiente para instalar um chuveiro? Uma vozinha começou a sussurrar no meu ouvido que ficaríamos mais tempo juntos se isso acontecesse e outra voz dizia que aquilo só tornaria tudo ainda mais doloroso quando acabasse.

Eu não quer o que acabe.

— O que você disse? — Só quando ouvi a pergunta dele me dei conta de que tinha dito em voz alta.

— Eu disse que você pode me colocar no chão agora.

— Encoste em mim — murmurou ele, me baixando lentamente, e parou atrás de mim.

— Você ainda não está confiando nas minhas pernas. — Encostei nele, repousando a cabeça contra o seu tórax forte.

— Não tenho certeza — respondeu, derramando sabonete líquido em sua mão grande, e a deslizou por meus seios, minha barriga e desceu até o meio de minhas pernas. Quando seus dedos tocaram meu clitóris, soltei um gritinho. Eu estava tão sensível por

causa do orgasmo anterior que até mesmo aquele toque gentil me fez estremecer.

— Eu não faria isso se fosse você — adverti. — Não sei se eu aguentaria um terceiro orgasmo.

— Eu sei, querida. Eu sei — sussurrou, baixando a boca para o meu ouvido, mas sua respiração pesada soprando em minha pele e a ereção maciça alojada em minhas costas me diziam o contrário.

Sua outra mão apertou gentilmente meu seio. Exalei, soltando uma respiração trêmula ao sentir a palma roçar meu mamilo.

— Será assim toda vez? Os caras que vou transar no futuro me farão ficar assim?

— Assim como?

— Assim...

— Isso eu não sei.

— Você se sente assim com todas as garotas que leva para a cama?

Ele ficou em silêncio, parecendo refletir.

— Com algumas pessoas temos mais química que as outras, ou simplesmente amamos.

— Tem diferença entre fazer sexo com alguém que tem química e alguém que se ama?

— Claro que sim. Quando estamos com alguém com quem amamos, gozar nem sempre é a coisa mais importante. À svezes só

olhar para a pessoa, tocá-la, encostar os lábios nos dela é melhor do que qualquer prazer físico.

— Você já amou algum dia?

— O que você acha? — Suas palavras tinham tanta dor e mágoa, que falou mais do que se ele tivesse dito sim.

— O que ela fez para deixar você assim?

— Eu não quero falar sobre isso. Não hoje. Mas posso te afirmar que o amor nem sempre é simples, nem sempre é doce.

— Você acha que algum dia se permitirá amar de novo? — Não sei porque estava perguntando isso, mas as palavras jorraram da minha boca, como se uma parte mórbida de mim ansiasse pela resposta.

Ele soltou um suspiro e seu corpo se enrijeceu, a mão em minha barriga já não tinha o toque suave como antes.

— Não. Não sei se meu coração ainda é capaz de fazer isso.

Daniel se afastou, e meu corpo no mesmo instante sentiu a falta de seu calor. Me virei para encará-lo. Seus olhos não estavam mais quentes como antes, a frieza estava ali, nadando sobre a superfície. Minha fala inconsequente ou tinha despertado nele memórias dolorosas ou ele tinha entendido que eu estava perguntando se ele era capaz de me amar.

Ele está se fechando. Eu não quero isso. Eu preciso consertar isso.

— É por isso que você quer continuar me fodendo, certo? — Peguei o frasco de sabonete da sua mão e derramei na minha palma. — Porque sabe que não espero que você tenha nenhum sentimento por mim?

No momento em que as palavras me escaparam, eu sabia que era mentira. Eu queria que Daniel me amasse, eu queria ter algum significado na vida dele, mesmo que no final nunca ficaríamos juntos.

Ele ficou em silêncio, suas sobrancelhas se flexionando como se estivesse pensando: e não eram pensamentos bons pelo jeito.

Tentando amenizar um pouco o clima constrangedor que se instalou entre nós, deslizei minha mão por seu peitoral, o abdômen, e deslizei um pouco mais para baixo, descendo lentamente para sua virilha. Seu olhar acompanhou os movimentos de minha mão antes de retornar ao meu rosto, seus olhos verdes penetrantes escurecendo de fome.

Fiz o possível para segurar seu olhar sem vacilar quando fechei meus dedos em volta de sua extensão, e, com a outra mão, segurei suas bolas. Ele prendeu a respiração, e pela forma que mordeu os lábios, parecia estar gostando. Lentamente, o acariciei em um movimento para cima e para baixo, minha mão parecia pequena em volta dele.

— Continue fazendo isso — ele gemeu, com a voz rouca, o corpo ficando tenso.

A fome predatória, agora ainda mais presente em sua feição contorcida, me incentivou a seguir em frente. Como se meu corpo

assumisse vida própria, fiquei de joelhos e lambi a glande volumosa.

— Júlia — ele gemeu meu nome com tanto prazer, quase como se sentisse dor, o som de sua voz reverberando direto na minha boceta. — Eu não sei se vou conseguir me controlar.

— Não se controle.

— Você não sabe o que está dizendo, Júlia. Você não… — suas palavras morreram quando fechei os lábios em volta do seu pau grosso e o chupei.

Por um momento, ele só ficou parado enquanto eu passava a língua em volta dele. Soltando um suspiro rouco, ele fechou uma mão em um punhado de meu cabelo e se empurrou mais fundo em minha boca, tão profundo que quase engasguei. Lutando por ar, me agarrei a ele quando ele começou a mover os quadris, impondo um ritmo selvagem. Meu cérebro me dizia que eu deveria ficar assustada, mas meu corpo estava gostando daquele jeito áspero, meu núcleo começou a latejar, lançando umidade entre minhas coxas. Dar prazer a ele estava me excitando, o jeito rude de Daniel estava me excitando.

Sentindo a dor pulsante entre minhas coxas se tornar insuportável, apertei-as com força. A fricção foi como um choque em meu clitóris, e o calor familiar se formou em meu ventre como uma bola de fogo, lutando para sair para fora. Eu estava quase gozando. Quase gozando sem sequer ele me tocar lá embaixo. Fechei os olhos e me concentrei em puxar o ar pelo nariz enquanto seu pau entrava em minha boca, fazendo um barulho molhado. Mas o ar se recusava a entrar e, estranhamente, a falta de oxigênio intensificava

tudo, aumentando minhas sensações. Minha boceta se contraia no mesmo ritmo que ele entrava em minha boca, espalhando ondas de tensão em meu clitóris.

— Sim, isso mesmo. — Sua voz estava rouca de desejo.

Ficando as unhas em suas coxas, caí sentada sobre meus joelhos, gozando tão forte que pontos de luz ofuscaram minha visão. Escutei um gemido estrangulado, e reconheci que não era mais meu. Aturdida, olhei para cima, e vi Daniel gozar, lançando jatos de sêmen em mim.

— Você gozou, Júlia? — perguntou ele, perplexo, se abaixando para me segurar.

22

"Eu acendo o fósforo para sentir o gosto do calor
Eu sempre gostei de brincar com fogo
Brincar com fogo".
(Play With Fire - Sam Tinnesz)

Daniel

Os mostradores luminosos do relógio sobre a mesinha da cabeceira marcavam 00h23 e eu ainda não tinha conseguido dormir. Meu corpo estava cansado, mas os pensamentos iam e vinham em minha cabeça todas as vezes que eu tentava pegar no sono. Ter baixado a guarda, e ter cedido ao meu impulso de não parecer indiferente à Júlia foi a pior ideia que tive. Eu queria descobrir se eu ainda era capaz de ser gentil com uma mulher depois de anos sendo apático com elas, especificamente, eu queria saber se conseguia ser gentil com Júlia, tratá-la da forma que uma parte quase inexistente em mim queria que eu tratasse. Eu achava que aquilo seria muito torturante, que aquilo me faria reviver a dor que Dália me causou.

Me dei conta de que eu sequer tinha pensado em Dália. Júlia tinha dominado tudo, se infiltrado em cada parte do meu pensamento.

Meus olhos ansiosos voltaram para o rosto dela, doce e delicado em seu sono, e o analisei mais uma vez. Eu já tinha perdido a conta de quantas vezes fiz isso. Eu poderia passar a noite

toda olhando para ela, que ficava ainda mais linda enquanto dormia. Fechando os olhos, inalei o cheiro do seus cabelos e a puxei contra meu peito. Sua respiração soprando em minha pele parecia aquecer o vazio gelado em meu coração.

Eu estava odiando sentir tudo isso. Os sentimentos que ela despertava em mim eram tudo que eu passei evitando desde que Dália esmagou meu coração e dilacerou minha alma.

É só sexo.

Fazia tempos que eu não tinha uma química tão densa com alguém, mas isso acabaria assim que tivéssemos o bastante um do outro.

Minha obsessão por ela passaria.

Vai passar, Daniel. Vai passar.

Meu celular vibrou sobre a mesinha de cabeceira, interrompendo meus pensamentos. Alcancei-o rapidamente e atendi sem conferir quem era. Eu não queria arrancar Júlia de seu sono.

— Eu já volto — sussurrei para uma Júlia exaurida, mesmo sabendo que ela não poderia me ouvir.

Ela tinha apagado assim que a carreguei de volta do banheiro e tomou a tigela de sopa que coloquei em sua frente.

Eu extraía toda a energia dela quando a possuía, mas tinha uma voz no fundo da minha cabeça me dizendo que era ela que estava extraindo tudo de mim, pouco a pouco, desde o primeiro momento em nossos olhares se cruzaram na luz bruxuleante da

boate. Essa mesma voz me dizia desde aquele dia que eu deveria acabar com aquela situação antes que ficasse complicada demais.

— Oi — sussurrei, e cuidadosamente sai da cama. — Só um minuto.

Tomando cuidado para não acordá-la, me movi silenciosamente e então deixei o quarto.

— Pode falar — disse eu, entrando no meu próprio quarto.

— Daniel, sou eu, Isadora. Desculpe te ligar a essa hora, é que…

— Por que você ignorou minhas ligações o dia todo? — a interrompi.

— Eu estava na cola de vocês o tempo inteiro, mas achei melhor não interferir — disse ela, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz. — Não quis tirar sua oportunidade de passar algum tempo com a sua garota.

Queria rir e negar suas palavras, mas enquanto ela continuasse achando que aquele era o motivo de eu estar preocupado com Melinda, o real motivo ficaria intacto.

— E como foi? Viu algum sinal de que ela está em perigo?

— Está tudo tranquilo até agora. Vamos ver como será a partir de amanhã.

— Por que amanhã? — disparei, sentando-me nu na cama.

Na pressa de sair do quarto, nem me atentei em vestir o roupão.

— Achei que você estivesse sabendo. Ela solicitou uma reunião com o conselho administrativo para amanhã?

— A Melinda? — perguntei, incrédulo.

— Ela mesma. Meu contato dentro da empresa me falou que os ânimos estão tensos por lá. Principalmente entre os membros da diretoria.

Meu coração disparou no peito e eu não sabia o que sentia naquele momento. Ao mesmo tempo que me excitava a possibilidade dela estar pensando em requerer o cargo de CEO, eu também temia por ela.

— Por favor, faça o que for possível para que nada de mau aconteça a ela. Se precisar de mais dinheiro para acionar seus contatos, me fala.

— Farei isso. — Isadora ficou em silêncio, quando pensei que ela tinha me deixado falando sozinho, sua voz soou do outro lado da linha. — Você a ama a ponto de fazer isso por ela sem esperar nada em troca?

Passei as mãos nos cabelos, empurrando-os para trás enquanto tentava entender onde ela queria chegar.

— Não estou compreendendo.

— Sei que você a ama… — Ela respirou fundo, quando voltou a falar, sua voz estava cheia de cautela. — Ela parece bem apaixonada pelo Greg. Eles estavam juntos hoje.

— Juntos como um casal? — Meu coração gaguejou no peito. Todo mundo sabia que Greg era um cretino. Eu quebraria a cara

dele se partisse o coração de Melinda. — Tem certeza que não está imaginando tudo isso?

— Não, Daniel. Não estou. Eu sinto muito.

— Ele deve estar usando aquele charminho barato dele para se aproximar dela, manipulá-la, entende?

— Ele realmente parece apaixonado por ela. Mandei uma amiga ao apartamento dele e ele se recusou a transar com ela. Você consegue imaginar Greg recusando fazer sexo com alguém?

Eu não tinha conseguido transar com Isadora na noite passada, quando a percepção disso me sobreveio, quase engasguei com minha saliva, e, por um instante, meus pulmões se esqueceram que precisavam de ar.

— Quer dizer que quando um homem recusa sexo é por que está apaixonado? — perguntei, exalando as palavras.

— Ainda tem alguma dúvida disso?

Tive a impressão de ter ouvido passos, instintivamente, voltei os olhos para a porta entreaberta, meu cérebro me dizia que eu estava sozinho: a menos que Júlia tivesse acordado.

— Preciso desligar.

Antes mesmo de esperar a resposta de Isadora, encerrei a ligação e andei até a porta. Quando a escancarei totalmente, Júlia estava no corredor e seus olhos se arregalaram, ficando atordoados.

— Oi… — sua voz rachou.

Seu peito subiu e desceu em um ritmo desigual, os mamilos levemente escuros roubando minha atenção. Como eu, ela estava nua. Minha resposta física foi instantânea, meu pau ficou duro como uma rocha, entretanto, naquele momento, eu só tinha uma preocupação.

— Faz muito tempo que você está aqui?

— Eu acordei e você não estava lá. — Ela lançou um olhar para dentro do quarto.

— Não, só vim pegar uma cueca.

Seus olhos me percorreram, absorvendo meu corpo inteiro, e pararam no meu pau apontando para ela. Vi o choque inicial neles se dissipando a medida que assumiam um brilho febril.

— Não deveria me olhar desse jeito, Júlia. Seus lábios ainda estão inchados, sua bocetinha está dolorida. Só me restaria uma opção para fodê-la agora.

Sua respiração escapou entre os dentes com um ruído baixo.

— E você não deveria me dizer essas coisas. — Ela segurou o meu olhar com uma expressão desafiadora. — Ao invés de me intimidar, me faz querer experimentar todas elas.

Meu coração rugiu em meus ouvidos, o desejo dentro de mim ficando vulcânico. Precisei dar tudo de mim para não a agarrar e a jogar na minha cama. Minha doce garota inocente não fazia ideia das coisas sujas e selvagens que eu queria fazer com ela.

*Mi nha?!,*franzi o cenho para o meu pensamento. Ela não era minha e nunca seria. Deixando-a de pé na porta, me pus a andar

até o closet.

— É o seu quarto? — Apenas acenei, assentindo. — Posso entrar?

— Claro — respondi, torcendo para que percebesse a negação em meu tom.

Eu nunca quis nenhuma mulher no meu quarto, todavia, esse sentimento ficava ainda mais latente se tratando de Júlia.

Quando saí do closet, vestindo uma cueca, ela estava parada perto da cômoda de madeira maciça, passando as pontas dos dedos sobre o tampo, parecendo pensativa.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Vá em frente — concordei, ainda que soubesse que eu não ia gostar do que viria.

— Você não traz nenhuma mulher para cá ou é só eu?

— Nenhuma — a palavra saiu dura, quase amarga.

— Por quê? — Ela se virou para me encarar.

— Não sei se tenho uma resposta.

— Era uma pergunta retórica. Sei que não traz ninguém aqui porque esse espaço é só seu e dela. Nenhuma mulher entrará aqui a não ser ela, mesmo que em seus pensamentos. — Seu tom de voz tinha um esgar de ciúmes, mas quando olhei para ela, não vi nenhum traço em seu rosto que comprovasse.

— Venha, vamos dormir — disse eu, de forma uniforme, ignorando uma pontada de decepção fervilhando em mim. — Amanhã temos que ir cedo para o escritório.

Andei até a porta e ela prontamente me seguiu.

— Eu não vou para o escritório de manhã, mas, de qualquer forma, tenho que acordar cedo. Minhas aulas começam às oito.

— O que acha de ir dirigindo meu carro e eu vou com o seu? — propus, e coloquei minha mão na base de suas costas nua, a conduzindo para fora.

Uma onda de eletricidade atravessou nós dois quando a toquei. Não tinha como negar, a química entre nós era muito poderosa.

— Eu adoraria dirigir seu carro, mas não posso — respondeu ela depois de se recompor.

— Acho que vai gostar de dirigi-lo — incentivei, tentando dissuadi-la a aceitar.

O carro de Júlia precisava de alguns reparos, senão, um dia ou outro ela poderia acabar sofrendo um acidente, e eu não queria ter que dizer a ela que pretendia pagar o reparo.

— Tenho certeza que sim, mas tenho que passar em casa antes de ir para o escritório e eu não sei como explicaria estar dirigindo um carro como o seu.

Estreitei os olhos, intrigado. Minha secretária me disse que Júlia não tinha ninguém por ela.

— Você teria problemas com seus pais? — Arrisquei ir por esse lado, eu odiaria ouvir que a pessoa a quem ela teria que dar explicação era o cara que ela gostava.

— Minha mãe morreu de parada cardíaca há quatro anos — balbuciou, tristemente.

— Eu sinto muito. — Passei o braço em volta do seu ombro, puxando-a para mim.

Quando percebi que ainda estávamos parados no corredor, abri a porta do quarto de hóspedes e entramos.

— E o seu pai? — perguntei depois de um tempo.

— O meu pai... ele… o meu pai está... viajando. Ele está sempre viajando a trabalho. Mas algum vizinho poderia contar a ele.

— Entendo. — Levei os dedos aos lábios, tentando compreender o que havia por trás daquela resposta. Era óbvio que Júlia estava mentindo. Mas por quê? — Vou gostar de conhecer seu pai quando ele estiver em casa.

Ela deu um sorriso trêmulo.

— Não estou certa de que será uma boa ideia. — Ela subiu na cama. — O que eu diria a ele. Pai, esse é o cara que está me comendo. Ele não pretende namorar comigo ou algo do tipo, muito menos me amar, mas ele tem um pau espetacular, grande e grosso, então acho que você deveria conhecê-lo.

Como se soubesse que ela estava falando sobre ele, meu pau se contorceu.

Ajustando a incômoda protuberância dentro da cueca, subi na cama, deitando atrás dela e a puxando para a curva do meu corpo. Passei um braço ao redor dela, o lugar que ela parecia sempre pertencer.

— Durma bem — murmurei, beijando seu cabelo.

Me forcei a ignorar os espasmos do meu pau duro e fechei os olhos. Eu queria continuar a tomando de novo e de novo, e sabia que ela não se negaria, mas ela estava exaurida. O bem estar dela era mais importante do que meu desejo insano.

23

"Nós deixamos as águas subirem
Nós derivamos para sobreviver
Eu precisava que você ficasse
Mas eu deixei você se afastar
Meu amor, onde você está?".
(Surrender - Natalie Taylor)

Daniel

Eu não devia estar sentado no meu carro em frente ao prédio de Melinda, olhando fixamente pelo vidro fumê para o portão por onde ela deveria aparecer, afinal, tinha muito o que fazer no escritório.

De qualquer forma, estando lá, eu não conseguiria trabalhar, porque só pensaria nela, em formas de protegê-la e ganhar sua confiança, pois só assim poderia alertá-la sobre a índole de Abílio, e o possível risco que ela corria.

Ela não tinha me contado que ia solicitar uma reunião com o conselho administrativo da empresa. Eu sabia que Melinda ainda não confiava em mim, mesmo eu sendo seu advogado.

A mensagem que Isadora mandou alguns minutos atrás dizia que Melinda tinha saído da cobertura e entrado no elevador. Como ela sabia disso, eu não fazia ideia, já que Isadora tinha dito que estava em seu apartamento, terminando de se vestir.

Será que ela tinha colocado algum rastreador ou câmeras no prédio? Qualquer uma das opções não me pareciam corretas. Afastei imediatamente o pensamento e fiz uma nota mental de nunca perguntar aquilo à Isadora. Invadir a privacidade de minha irmã não era algo que me agradava.

Enquanto aguardava o aparecimento de Melinda, me peguei pensando em Júlia e minha mente saltou para a noite passada, e o calor se espalhou por todo o meu corpo. Sem dúvidas, o sexo com ela foi o melhor que tive em anos. Mas isso estava longe de ter sido o suficiente. Eu queria mais e mais sentir a umidade de sua boceta em volta do meu pau, ouvi-la gemer quando eu a possuísse, ter sua boca deliciosa devorando a minha e ver seus olhos perdendo o foco quando ela gozava.

Quando a encontrasse no escritório à tarde eu ia precisar de muito autocontrole para não a arrastar imediatamente para minha sala e trepar com ela. Não me incomodaria vê-la dormindo em meu sofá por horas depois do sexo, o que me incomodava era o meu desespero por ela e a falta que eu sentia de sua presença desde o momento em que ela deixou minha cobertura de manhã.

Aquilo passaria, tinha que passar. Mas uma parte irracional e doentia de mim não queria que passasse. Sim, doentia. Depois da dor que Dália me infligiu, não havia outra explicação.

Irritado com meus sentimentos contraditórios, abri a porta do carro e saí.

Não demorou muito para o portão abrir e Melinda passar por ele. Seus olhos azuis pálidos examinavam a rua à procura de algo

— algo muito interessante, pelo jeito. Segui seu olhar e vi o carro de Greg sumindo em uma curva. Contendo uma pontada de irritação, coloquei a mão em seu ombro e ela soltou uma exclamação, abrindo os lábios com surpresa.

Eu queria dizer que não pretendia assustá-la, mas não era verdade. Para o bem dela, era bom que não andasse na rua tão desatenta. Alguém como ela não deveria nem sair de casa sem um segurança pessoal.

— Daniel — murmurou, com a voz levemente estrangulada, mas logo o choque em seu rosto começou a se dissipar quando me reconheceu.

Tive uma ligeira impressão de que ela gostou de me ver, e meu coração se encheu de um brilho quente. Ela parecia tanto com nosso pai, isso deveria me fazer correr para longe dela, mas meu coração agia por conta própria, me impulsionando para perto dela. Segurando seu rosto com uma mão, escovei meus lábios em sua bochecha. Quando a senti se retraindo, percebi que tinha me exaltado mais uma vez.

Júlia e Melinda estavam mexendo com minha cabeça.

— Oi, Melinda! Você está indo para a empresa? — perguntei, torcendo para que aquilo servisse de incentivo para que se abrisse comigo, mas ela apenas sacudiu a cabeça, concordando, e ficou me encarando, parecendo intrigada por eu saber daquilo.

— Imaginei — continuei, respondendo a pergunta em seu rosto quando percebi que ela não ia falar nada. — Mas não é por isso que estou aqui. Eu estava subindo para falar com você. Como não

atendeu ao interfone, deduzi que estivesse descendo e resolvi esperar.

— Aconteceu alguma coisa?

— Se quiser, posso te deixar na empresa e aproveitamos para conversarmos — sugeri.

Se ela aceitasse eu poderia ganhar um pouco mais de tempo com ela.

Diante da sua hesitação, andei até o carro e abri a porta do passageiro.

Venha, Melinda! Pode confiar em mim, meus pensamentos começaram a gritar ao ver que ela não se movia. Depois de termos passado o dia juntos, achei que tinha feito algum progresso, mas ela continuava me estudando, tentando se decidir se eu era um inimigo ou não. Ajeitei minha gravata e dei o meu melhor sorriso quando finalmente ela se aproximou e deslizou para dentro do carro.

Com os olhos desconfiados ainda presos em mim, ela prendeu o cinto de segurança.

O que foi ou quem a deixou assim?, me perguntei quando ocupei o banco do motorista.

Dei partida no motor e logo ganhamos as ruas. Conforme nos aproximávamos da empresa, minha frustração aumentava. Apertei o volante com força, querendo que as palavras me viessem à cabeça, mas elas se dissipavam quando eu olhava para Melinda, quieta. Seus lábios estavam apertados, formando uma linha fina enquanto olhava pela janela.

— Você ainda não me disse o que o trouxe aqui, Daniel.

Apesar de seu tom ter soado um pouco ríspido, fiquei aliviado por ela finalmente ter quebrado o silêncio.

Acho que, no fundo, eu tinha esperança que me pedisse para estar na reunião com você. Te instruindo, e protegendo daquele monstro do Abílio como prometi ao seu pai que faria, pensei enquanto me preparava para responder com uma mentira plausível.

— Você precisa averiguar quais medidas sua mãe tomou em seu nome na empresa e se ela não repassou poderes para outra pessoa indevidamente. — Fiz uma pausa e olhei brevemente pelo retrovisor interno, averiguando o trânsito. O carro preto, praticamente colado ao meu, vinha me seguindo desde que saí do prédio de Melinda. Acreditando ser Isadora, me permiti relaxar e voltei a falar. — Se houver algo errado, podemos entrar na justiça para responsabilizar os envolvidos.

— À svezes me sinto um monstro por estar tirando a empresa dela — Melinda disse, baixinho.

Minha pulsação acelerou no mesmo instante, ela tinha assumido que pretendia tirar Abílio do cargo. Não. Respirei fundo para me acalmar. Ela poderia apenas estar se sentindo culpada por ter herdado a empresa.

— Você não acha que seu pai teve algum motivo para fazer isso?

Seus olhos voltaram para o meu rosto imediatamente. Minhas palavras tiveram o resultado esperado, deixá-la intrigada.

— O meu pai te falou o motivo que o levou a tomar essa decisão?

Nada me tirava da cabeça que Rudolf desconfiava que Abílio intentava contra a vida dele para ficar com tudo e colocou os bens no nome de Melinda para assegurar que isso não aconteceria. As palavras vieram na ponta da minha língua, mas me vi dizendo:

— Não, Melinda. Seu pai não era homem de dar explicações.

Ela ficou me observando pelo que pareceu uma eternidade, buscando alguma resposta em meu rosto, e depois de sussurrar um "obrigada por me trazer", desceu do carro.

Observei sua figura magra e pequena se afastando. Só depois de ela passar pela porta da empresa de fachada imponente, me lembrei que precisava me mexer.

Eu queria estar ao lado dela, queria que confiasse em mim o bastante para isso.

Quando eu estava quase chegando no escritório, percebi que o carro preto ainda me seguia. Franzindo a testa, arrumei o retrovisor para estudar o SUV. Os vidros escuros não me permitiam ver quem era o condutor.

Intrigado, peguei meu celular e disquei o número de Isadora. Para minha irritação, ela não atendeu, e eu tentei de novo. Minha irritação e preocupação começou a aumentar conforme chamava. Quando eu estava prestes a desistir, a voz de Isadora soou pelo sistema de som do carro:

— Daniel? — atendeu sem nem sequer dizer alô.

— Sim. Onde você está?

— Estou indo para o trabalho. Mas não precisa se preocupar, o meu contato vai cuidar da segurança da Melinda enquanto isso.

Para ir ao trabalho, ela seguia na direção contrária à minha, ainda assim, decidi averiguar.

— Você não está me seguindo neste momento, certo?

— Não. Segui vocês até a empresa e agora estou chegando no trabalho. — Escutei um som de buzina ao fundo. Uma buzina que eu teria ouvido se ela estivesse atrás de mim. — Por quê?

— Porque estou sendo seguido desde que eu estava indo deixar Melinda na empresa.

— Tem certeza? — Sua voz tinha uma nota de preocupação.

— Tenho sim.

— Quer que eu vá até aí?

— Não se preocupe, estou quase chegando ao escritório. Vou tentar despistá-lo ou parar em algum local movimentado.

— Está bem, me ligue se precisar.

Desliguei e o carro ainda estava lá. Ao me aproximar do semáforo, afundei o pé no acelerador e passei no sinal amarelo. Olhei pelo retrovisor para ver se meu perseguidor tinha feito o mesmo, entretanto, ele tinha parado.

Quando estacionei no escritório, analisei tudo à minha volta e não vi nenhum sinal dele. Eu deveria estar aliviado, mas o

sentimento tremulando em meu peito não se parecia em nada com alívio. Era preciso ter atenção dali em diante.

O resto do meu dia era para ter passado em um borrão, todavia, o vi se arrastar. Estava perto do horário de Júlia chegar, e entre reuniões, processos e contatos com os clientes, eu vi minha ansiedade aumentando a cada vez que eu consultava o relógio. Quinze minutos se passaram. Vinte... Meia hora... Três… quatro horas. Conforme os ponteiros começaram a se mover indicando a hora de ir para casa e ela não tinha chegado, meus sentimentos ficaram amargos.

Há quanto tempo eu não ficava tão ansioso para ver uma mulher? Quase sete anos. A maldita noite que eu ia pedir a Dália em noivado e terminou com ela me deixando e com a morte do meu pai. Pensamentos sombrios rastejaram em minha mente quando me peguei pensando no acidente que o matou, meu peito se apertando em preocupação desta vez com Júlia e seu carro. Deus! Aquilo era praticamente uma arma sobre rodas.

Ser áque é por i ssœque el anão vei o?Acont eceual gumacoi sa com el a?

— Senhor, Daniel. — Ao ouvir a voz de minha secretária, me forcei a me concentrar no que ela dizia e a vi apontar para a pilha de papéis em minha frente. — Vai precisar de algo mais além dos contratos?

Tudo o que tinha a fazer era dizer não, em vez disso, me ouvi dizendo:

— Sim. — Desligando a voz racional gritando na minha cabeça, me forcei a seguir em frente. — Sabe por que minha… a estagiária não está aqui?

Ela me analisou como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— A Júlia? — Anuí. — Não sei, senhor. Se quiser, posso perguntar para algum funcionário do RH se sabe porque ela não veio.

— Não. Não precisa.

Ao me ver novamente sozinho, guardei a papelada dentro da minha pasta de couro, tirei meu celular do bolso e fiquei um tempo olhando para tela, esperando por uma mensagem ou ligação que não ia chegar. Júlia não tinha como me contatar, ela nem sequer tinha meu número. Diferente das outras mulheres que passaram pela minha cama, ela nunca se interessou em pedir. Irracionalmente, a ideia fez com que minhas entranhas se contorcessem. Finalmente tinha encontrado uma garota que não esperava nada de mim. Então por que isso me incomodava?

Meus sentimentos eram uma contradição se tratando de Júlia.

Me dando conta de que apertava o celular com tanta força que poderia quebrá-lo a qualquer momento, forcei meus dedos a relaxarem e liguei para Melinda.

— Como foi lá na empresa? — perguntei assim que ela atendeu.

O contato de Isadora tinha me mandado um relatório contando tudo que aconteceu lá, mas por alguma razão eu queria ouvir dela mesma e saber como se sentia com isso.

— Você deve ter desconfiado que eu ia reivindicar o cargo de CEO.

— Sim, desconfiei e você reivindicou?

— Eu fiz isso.

Um sorriso involuntário surgiu em meus lábios por ela estar se abrindo comigo, minimamente, mas o lampejo de calor se acendendo no meu coração não parecia ter consciência disso.

— Eu também teria feito o mesmo no seu lugar — incentivei, percebendo que sua voz ainda tinha o mesmo tom de culpa de mais cedo.

— Eu não consegui, Daniel — proferiu, com a voz embargada. — Não consegui o cargo.

Minha mandíbula se apertou.

— O Abílio continua sendo o CEO?

— Não. Ele foi afastado e o Greg assumiu o lugar dele.

— O Greg? — Dei uma risada para tentar ocultar a raiva lambendo como fogo em minhas veias.

Trocar o pai pelo filho tinha sido uma boa estratégia. Abílio continuava tomando as decisões do mesmo modo.

— Sim, o Greg. Ele teve o maior número de votos do Conselho.

Se Abílio teve tempo de pensar em tudo isso e ainda influenciar os votos do Conselho — eu não tinha dúvidas quanto a isso — então ele contava que Melinda poderia fazer isso.

— Fiquei com o cargo de diretora operacional. Não era o que eu queria, mas é um bom começo.

— Com certeza. — Eu não pude esconder a emoção na minha voz. Minha pequena irmã tinha enfrentado o Abílio. Se os mortos pudessem ver o que acontecia na Terra, Rudolf, naquele momento, estaria orgulhoso dela.

— Fui convidado para uma festa no final de semana — continuei, aproveitando que ela parecia mais suscetível. — O que acha de ir comigo?

— Agradeço, mas…

— Não precisa responder agora — a interrompi antes que ela tivesse a chance de dizer não. — Terei que desligar. Já estou quase saindo do trabalho e te ligo para a gente combinar.

Desliguei a ligação e voltei os olhos para a parede de vidro, dolorosamente consciente de que mesmo que eu não tenha dado a ela chance de negar meu convite, o "não" tinha ficado lá, pairando entre nós. Ela não confiava em mim, e talvez nunca confiaria. Ainda que a ideia não me agradasse, não me restava outra opção a não ser aceitar.

24

"O tempo é uma coisa valiosa
Assista-o voar como o balançar de um pêndulo
Observe a contagem regressiva até o fim do dia
O relógio faz a vida passar, é tão irreal".
(In the end - Jung Youth & Fleurie)

Júlia

As lágrimas que eu estava tentando segurar durante o caminho de volta do hospital voltaram a escorrer no momento em que entrei no meu pequeno apartamento escuro e vazio. Agora com a possibilidade de o papai nunca mais voltar, o apartamento parecia mais frio do que nunca.

Enquanto seguia para o meu quarto, tentei silenciar a voz do médico da minha cabeça, mas ela continuava indo e vindo, e cada vez era mais dolorosa que a anterior.

"Sei que não está sendo fácil, mas achamos que seria melhor sermos sinceros com você". As palavras do médico idoso me nocautearam no instante que foram lançadas, entretanto, as que vieram depois foram muito piores. *"O quadro do seu pai não está nada bom, não está respondendo bem aos tratamentos e as chances de uma recuperação diminuem a cada dia".*

Papai não voltará para casa

Meus pulmões pararam de funcionar quando o pensamento passou pela minha mente, mas minha esperança de conseguir

alguma informação sobre Daniel desvanecia dia após dia. Ele tinha me descoberto o espionando na noite passada antes que eu tivesse a chance de escutar qualquer coisa. Quanto tempo levaria para ele confiar em mim o bastante para me contar algo que poderia prejudicá-lo? Quanto tempo eu levaria para descobrir algum documento que poderia incriminá-lo? Algo que poderia existir só na cabeça obcecada de meu irmão. Então ele colocaria o plano B em ação e me descartaria como um brinquedo imprestável.

Meus olhos se voltaram para a porta do escritório do meu pai, com o coração apertado, me vi movendo até lá. Aproximei-me da mesa e fiquei passando os dedos na madeira onde estava descascando. Os últimos processos estavam espalhados, e eu nunca fiz questão de guardá-los. Vê-los ali me davam a impressão de que papai tinha saído apressado para resolver algo e logo voltaria para finalizá-los. Um soluço irrompeu pela minha garganta quando as lembranças de nós dois ali vieram à tona. Eu amava me sentar na poltrona velha no canto e ficar olhando enquanto ele trabalhava. Ver o seu rosto compenetrado quando digitava em seu computador ou quando falava com algum cliente era o meu passatempo favorito.

Com o passar dos anos, me tornei sua assistente e tive a chance de aprender muito com ele.

—Você ainda não é uma advogada só porque não tem um certificado ele disse, orgulhoso quando consegui analisar um contrato sem engasgar em nenhuma cláusula.

— Fica fácil com um professor como você.

— Se o aluno não tiver vontade de aprender, nenhum professor é bom, Júlia.

— Eu sei — concordei, e me levantei para abrir a janela ao perceber que ele se esforçava para respirar

O ar morno do fim de tarde soprou em meu rosto.

— Não sente falta do seu antigo escritório? Esse aqui é tão pequeno para o seu talento.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não, mas depois da morte de sua mãe, ter um escritório grande perdeu a importância

— Ela não gostaria de vê-lo desistir

— Uns dias antes de morrer, sua mãe me contou que um dos melhores momentos da vida dela foi quando nos conhecemos em uma estação de metrô lotada. Todos os bons momentos dela não tinham a ver com lugares luxuosos e percebi que os meus também não. Se me perguntarem sobre momentos marcantes em minha profissão, primeiro que virá à minha cabeça é você sentada ali.— Apontou para a poltrona.— Me olhando quando achava que eu não estava percebendo, tomando nota de uma cláusula ou uma palavra desconhecida para consultar depois. São as coisas pequenas que parecem sem importância que no final têm significados.

Meu celular começou a vibrar no bolso da minha calça, interrompendo meus pensamentos. Nem precisava ver para saber

que era Felipe, ele tinha me ligado a tarde toda, e eu não poderia mais continuar o ignorando.

Respirei fundo, me preparando para alguns minutos de conversa desagradável, e o atendi.

— Onde você esteve a tarde toda, fedelha? — berrou do outro lado da linha, e eu imediatamente afastei o aparelho do ouvido.

— Eu passei a tarde toda no hospital, me ligaram para ir até lá. — Funguei, enxugando as lágrimas com a outra mão.

— O Daniel mal concordou em te deixar ficar e você simplesmente não aparece. — Felipe soou frustrado.

— Você tem razão, mas quando me ligaram para ir até o hospital, fiquei desesperada, achando que nosso pai tinha morrido.

— Por que não voltou assim que viu que ele estava bem?

— Ele não está nada bem. Me chamaram lá porque queriam falar sobre isso. Se você demorar a me dar o dinheiro, será tarde demais.

— Quem está correndo contra o tempo é você, não eu. Cada minuto longe do escritório diminui a chance de você conseguir o que precisa. — Felipe pareceu ainda mais impaciente. — Sei que está louca para se meter na cama do Daniel de novo, mas acredite em mim, ele não vai querer te comer agora que a mulher que ele ama voltou.

Est áenganado. Me comer par eceque f oio úni comot i vqpar a o Dani el me quer er no escr i t ór i o.

— O que te faz pensar assim? — perguntei enquanto refletia se eu deveria ou não contar a ele que passei a noite com Daniel.

— Ele passou a manhã toda com a Melinda.

Uma sensação irracional de tristeza tomou conta de mim. Depois da noite maravilhosa de sexo que tivemos, e de ele ter sido gentil na maioria do tempo, ainda assim ele tinha ido atrás dela. Sabia que Daniel a amava, mas não consegui evitar.

— Ainda está aí? — perguntou Felipe.

— Sim, estou. — Minha voz falhou um pouco.

— Espero que esteja aqui amanhã. Não vou tolerar mais nenhuma falta. Tempo é dinheiro.

Ele não poderia estar mais errado. Tempo mal gasto era desperdiçado para sempre e eu ia aproveitar bem o meu.

— Daniel está aí?

— Não, já foi para a cobertura.

— Pode me dar o número do celular dele? — perguntei com cautela.

— Óbvio que não.

E, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele desligou.

— Não acha que ele pode estar apenas te enrolando?

Uma voz familiar chegou até mim e me fez pular. Instintivamente, olhei em direção a porta, onde minha prima me observava, encostada ao batente.

— Liz! Não tinha te visto aí — falei, levando a mão ao coração para me recuperar.

— Desculpe, não quis te assustar.

— O que você estava dizendo? — perguntei, andando em direção a ela.

— Se não acha que o Felipe está te enrolando. Se ele realmente tivesse a intenção de ajudar seu pai, não demoraria tanto.

— Como sabe que eu estava falando com ele?

— Você não faz mais outra coisa além de falar com ele. — Andou até a sala, depois me olhou sobre o ombro. — Vai dormir no apartamento dele hoje?

— Vou. Só vim pegar algumas roupas. — O que era claramente uma mentira.

Uma das tantas que eu vinha contando a ela nos últimos dias, mas eu não podia contar para onde pretendia ir. Meu coração doeu só de pensar que nunca poderia contar a ela sobre Daniel e nem poderia chorar em seu ombro quando tudo terminasse. Eu não tinha dúvidas de que meu coração se partiria quando não pudesse vê-lo mais.

Com Liz no meu encalço, fui até meu quarto e coloquei uma muda de roupa em minha bolsa. Se eu tivesse um pouco de sorte, ia precisar dela, e de algumas calcinhas extras.

Uma hora depois, entrei na portaria do prédio luxuoso no bairro Cidade Monções e disse ao porteiro que queria ver Daniel Freitas. Ele me lançou um olhar de piedade, que logo me fez saber que ele estava acostumado a dispensar garotas como eu. Temerosa, vi o homem mover seu corpanzil até o interfone e suas sobrancelhas arquearam enquanto ele falava com a pessoa do outro lado da linha.

— Você pode subir — disse ele, em tom de descrença. — Tem um elevador privativo que leva direto à cobertura.

Algo dentro de mim — um nó de tensão que eu nem sabia que estava lá — relaxou ao ouvir suas palavras. Durante todo o caminho até ali eu tinha me convencido de que ele não me deixaria subir. Daniel não era o tipo que gostava de ter mulheres correndo atrás dele.

Meu corpo parecia flutuar enquanto me movia até o elevador e entrei no espaço espelhado. Cada vez que o painel luminoso piscava diante dos meus olhos, meu coração batia descontrolado no peito com a ansiedade em ver Daniel, levando embora um pouco da dor e do medo de perder meu pai.

Quando as portas do elevador se abriram, Daniel esperava no hall e minha respiração acelerou com a visão. Ele vestia a calça social do conjunto de terno que o vi pela manhã. A parte de cima do corpo estava completamente nua, seus ombros largos e musculosos se flexionando conforme ele avançava em minha direção. Seus lábios esculpidos se curvaram em um sorriso e os olhos brilhavam tão intensamente que eu poderia jurar que naquele curto espaço de tempo que ficamos longe, assim como eu, ele sentiu saudades.

Suas mãos grandes se fecharam em volta do meu rosto e então sua boca estava na minha. Minha exalação de surpresa foi engolida pelo seu beijo. Era a primeira vez que ele me beijava fora do sexo, eu queria pensar no que aquilo podia significar, mas sua língua entrando fundo na minha boca, percorrendo cada canto, não me deixou pensar em outra coisa além do seu gosto mentolado, me intoxicando, roubando meu ar. Meus dedos se afundaram em seus cabelos bagunçados, segurando com força sua cabeça para aprofundar o beijo. Um gemido ressoou em minha garganta quando ele me beijou mais duro e profundo. Eu queria saciar a sede e a fome furiosa rugindo em meu peito, embora eu tivesse quase certeza de que isso era impossível se tratando de Daniel.

Seus braços se fecharam em volta da minha cintura, tirando-me do chão. Ainda me devorando com seus lábios, ele guiou minhas pernas para ficarem em volta da sua cintura e começou a se mover. Escutei o barulho da porta se fechando e alguns segundos depois ele me prendia contra a madeira, pressionando sua ereção entre minhas coxas. Gemi contra seus lábios quando um calor líquido se acumulou entre minhas pernas.

Ele vai me foder contra a porta, como queria fazer na primeira vez.

O pensamento me fez latejar ainda mais.

Quando paramos de nos beijar, eu estava sem fôlego. Sua mão continuou pressionando minha nuca, puxando minha cabeça. Forcei minhas pálpebras a se abrirem e encontrei seu olhar verde penetrante fixos no meu rosto, eles refletiam uma emoção quente que era quase como uma carícia. Mas lá no fundo eu ainda

conseguia sentir a inquietude dentro deles, mas continuei bebendo dele sem pressa, deixando meus olhos percorrerem pelas linhas duras do seu rosto.

— Você não apareceu no escritório hoje. Está tudo bem?

— Estou bem… eu

Eu tinha ensaiado uma resposta para aquela pergunta durante todo o trajeto até ali, mas agora que eu estava em sua frente, dizer que precisei ficar na universidade até mais tarde pareceu uma péssima desculpa.

Mer da! O que vou di zer ?

Não podia falar abertamente sobre meu pai, então decidi contar mais uma meia-verdade.

— Recebi uma ligação quando eu saí da universidade. — Parei de falar, me questionando se aquilo era uma boa ideia.

Cada pequeno detalhe que eu contava a Daniel sobre mim seria mais fácil de ele me encontrar se eu fosse descoberta.

A quem eu queria enganar? Se Daniel descobrisse que eu o estava espionando e quisesse me encontrar, ele o faria, independente para onde eu fosse.

Meu estômago se retorceu quando a ideia passou em minha mente, e meu semblante deve ter entregado algo, porque o aperto da mão de Daniel em minha nuca desapareceu e ele escorregou os dedos até meu rosto para tocá-lo.

— Pode confiar em mim. Você sabe disso. — Sua voz era doce e seus olhos tão cálidos que eu quase me derreti em seus braços.

— Um conhecido do meu pai me ligou dizendo que ele está no hospital. Fiquei com tanto medo de perdê-lo que não consegui ir trabalhar.

— Eu entendo que não está sendo fácil para você. Em qual cidade ele está? Podemos usar meu avião para irmos até lá se quiser.

Fechei os olhos brevemente e soltei um suspiro. Uma mentira sempre levava a outra mentira e eu já estava me cansando delas. Tudo que eu queria naquele momento era poder ser honesta com ele, ser honesta comigo mesma e com meus sentimentos por ele, eu tinha me apaixonado por ele, não havia como negar. Mas eu não podia escolher um homem que conheci há pouco tempo e sacrificar a vida do meu pai.

— O conhecido do meu pai me garantiu que ele está bem. Se eu precisar ir até lá, falo com você. — Encostei a cabeça em seu peito, temendo que ele visse em meu rosto que eu mentia. — Não sabia que você tinha um avião.

— Tenho um de pequeno porte. Viajo bastante para visitar as unidades do escritório nas outras cidades.

Com minhas pernas ainda enroladas em volta de sua cintura e meus braços em seu pescoço, Daniel cruzou a sala e começou a subir as escadas. Tinha sido assim todas as vezes que estive ali —

pelo menos eu achava que sim, na primeira vez, eu tinha bebido demais para me lembrar.

— Você costuma carregar escada acima todas as mulheres que traz aqui ou só acontece comigo?

— Parece que tenho uma predileção por você — ele murmurou contra o meu cabelo, seu braço poderoso, tenso em volta de mim, deixava claro que não foi fácil para ele admitir isso.

O que quer que tenha acontecido em seu passado, o tinha machucado demais para ele ter se fechado assim. Encostei mais uma vez em seu peito e me concentrei na batida do seu coração, desejando que um dia ele voltasse a bater por alguém, ainda que esse alguém não fosse eu.

Seguimos pelo corredor e, ao invés de entrar no quarto de hóspedes, Daniel entrou no próprio quarto e me colocou no chão. Lívida, olhei para cima para encará-lo, mas meu olhar logo escorregou para baixo ao vê-lo deslizar a calça pelas pernas junto com a cueca, e andar em minha direção, seu pau longo e grosso curvando-se até o umbigo.

Ele ia me foder em sua cama?

— Não vou fazer sexo com você. Sei que não está com cabeça para isso — disse ele, respondendo à pergunta que passava pela minha cabeça. — Eu estava indo tomar banho quando o interfone tocou.

Senti algo dentro de mim murchar quando me dei conta de que ele não queria elevar nossa intimidade em algum nível como eu

tinha imaginado antes. Fiz o possível para segurar seu olhar sem vacilar, mas foi em vão.

— Vou te esperar no quarto de hóspedes ou na sala — murmurei, me virando, e dando alguns passos em direção à porta.

— Eu queria que você me acompanhasse.

Estaquei no lugar e me esqueci de respirar quando o vi se aproximar, seu corpo sexy e austeramente masculino se movendo de forma poderosa a cada movimento. Meu corpo liquifazeu com sua proximidade, meu sexo pulsando violentamente entre minhas pernas.

— Será só um banho. — Ele segurou minha mão.

— E se eu não quiser que seja apenas um banho? — perguntei, colocando minha mão sobre a sua.

Ele passou a língua nos lábios para umedecê-los. Quando ele absorveu minhas palavras, seus olhos escureceram, inundando de luxúria e fome crua.

— Aí não será um problema — respondeu ele, e segurando a barra da minha blusa, a puxou sobre minha cabeça.

A sensação de suas mãos, tão fortes e gentis, enquanto tirava o restante das minhas roupas, fez meu corpo latejar ainda mais de necessidade. Incapaz de me controlar, passei as pontas dos dedos em seu tórax e os deixei deslizar para baixo até se fecharem em volta de sua ereção, tão dura que as veias saltavam ao longo do eixo. Minha boca salivou vergonhosamente enquanto eu olhava para ela, lembrando como ele tinha fodido minha garganta e, em

contrapartida, tinha me dado um orgasmo tão intenso que foi quase agonizante.

Só percebi que meu corpo estava se movendo para me ajoelhar na sua frente quando o senti segurar meus braços, me puxando para cima.

— Hoje não, querida. Hoje quero outra coisa de você — murmurou, com a voz torturada, e empurrou uma mecha de cabelo para trás de minha orelha.

— O quê? — perguntei, sem fôlego.

— Você já vai saber — ele sussurrou, inclinando-se sobre mim, e eu fechei meus olhos quando seus lábios tocaram os meus.

Segurando meu pescoço com mais força, ele resvalou a língua entre os meus lábios e a deslizou para dentro da minha boca. Diferente dos outros beijos, esse foi suave. Sua mão subindo por minhas costas era gentil. Seus dentes raspando o lóbulo da minha orelha tinham a pressão certa para me fazer gemer. O aperto dos seus braços em volta da minha cintura não me roubaram o fôlego dessa vez.

A gentileza, o carinho em suas ações, me confundiam na mesma medida que faziam meu coração inflar. Ele me fez andar de costas pelo quarto. Quando senti meu corpo afundar no colchão, o observei sob minhas pálpebras semicerradas.

— Eu não estava brincando quando disse que não pretendo te foder — exalou, se acomodando entre minhas pernas.

Antes que eu conseguisse pensar no significado de suas palavras, seus lábios tomaram os meus outra vez enquanto sua mão apertava meu seio, acariciando o mamilo com o polegar, fazendo-me gemer de prazer impotente.

Seus lábios deslizaram pelo meu colo e se fecharam em volta do meu mamilo intumescido, a sucção quente e úmida me fazendo contorcer embaixo dele e erguer os quadris, procurando algum alívio.

Sua mão desceu pela lateral do meu corpo, indo parar entre minhas coxas, onde meus músculos estavam tensos, minha carne pulsando, clamando pelo seu toque.

Quando seus dedos deslizaram entre meus lábios vaginais e pressionaram meu clitóris, cravei as unhas em seus antebraços.

Daniel parou de me tocar e segurou meus braços, os prendendo acima da minha cabeça.

— Quieta! Não é assim que será, pequena. Não, hoje — balbuciou, com seu corpo pesado me pressionando contra o colchão.

Não sei se foi pelo choque da ordem implícita em sua voz ou a curiosidade para saber de onde tinha vindo o apelido carinhoso, mas meus olhos se abriram imediatamente para encontrar os seus, presos em meu rosto.

Meu peito subia e descia convulsivamente, buscando por ar, quando ele deslizou a cabeça larga do seu pau na minha boceta molhada e inchada, tão excitada que doía, e se posicionou na minha

entrada. Minha respiração ficou presa na garganta, esperando por sua possessão áspera, mas ele começou a deslizar lentamente para dentro de mim, me preenchendo, a plenitude tão extrema que eu parecia senti-lo em cada célula do meu corpo.

Meus olhos ameaçaram se fechar quando seus quadris começaram a se mover, seu pau, roçando em um feixe de nervos que eu nem sabia que existia, me deixou desejosa por mais.

— Não feche os olhos, pequena. Olhe para mim!

Algo dentro de mim se liquefez quando nossos olhares se encontraram, além do desejo, eu via algo mais em seus olhos, algo que elevava tudo a um limite muito íntimo e intenso — intenso demais que parecia que estávamos ligados muito mais que a um ato físico.

Eu tinha certeza de que aquele olhar ficaria por muito tempo em minha mente, que seria a primeira imagem que eu veria quando fechasse os olhos para dormir.

Enquanto analisava seu rosto concentrado, o prazer que meu corpo tanto ansiava deixou de importar, o simples fato de ele estar dentro de mim, seu toque, seu cheiro, eram o suficiente para alimentar meu anseio por ele.

— Daniel. — Seu nome escapou dos meus lábios com um gemido.

— Diga, minha pequena, diga! — Ele soprou, e eu arrastei uma respiração profunda, querendo levar um pouco mais dele para dentro de mim.

Est ou apai xonada por você, Dani el .

O grito desesperado ecoou na minha mente, mas não permiti que escapasse.

— Quero te abraçar — me descobri dizendo.

Quando meus braços ficaram livres do seu aperto, os envolvi em volta do seu pescoço e o puxei para mim. Deleitando-me com a sensação dele em meu abraço, eu inalei profundamente, e seu perfume masculino encheu minhas narinas enquanto seu pau deslizou lentamente, indo até o fundo, aumentando a tensão dentro de mim, atingindo um novo pico.

— Eu vou gozar — balbuciei, quase sem força.

— Eu também, minha pequena — grunhiu, investindo contra mim.

Gozando, ele caiu em cima de mim e ficamos assim, nossas respirações se sincronizando enquanto nossos olhares continuaram travados.

Lágrimas ameaçaram transbordar em meus olhos quando as palavras que ele me disse no banheiro fizeram sentido: Com algumas pessoas há coisas mais importantes do que prazer físico.

Eu tinha feito amor com Daniel, ainda que uma voz gritasse no fundo da minha mente que ele não tinha feito amor comigo.

25

"Pegue minha mão e aguente firme
Me diga tudo que você precisa dizer
Porque eu sei como é ser alguém
Como é ser alguém que perde o rumo".
(Hold on - Justin Bieber)

Daniel

O que acabou de acont ecer aqui ?

Meu coração se apertou em uma pequena bola antes de se expandir e preencher toda a minha cavidade torácica. O que tenha sido foi muito além de prazer carnal. Minha intenção no início era fazer o meu melhor para ser gentil, o sexo era onde eu canalizava minhas emoções sombrias, mas uma parte em mim queria ser diferente para ela naquela noite, amenizar de alguma forma o sofrimento pelo pai. Mas eu sequer cheguei perto de imaginar que eu me conectaria à Júlia de uma forma que nunca tinha me acontecido antes — nem mesmo com Dália.

Ao mesmo tempo em que a percepção enchia meu peito com um tipo especial de calor, me deixava aterrorizado, porque era muito bom o que eu estava sentindo. Tão bom que eu queria mais e mais daquele sentimento. Fechando os braços dela, a puxei para ficar totalmente sobre mim, abraçando-a com tanta força que por um momento temi que estivesse a machucando. Ela continuava envolvendo o meu pescoço, como se não quisesse que eu fugisse

ou talvez a mesma energia que me fazia querer ficar agarrado a ela também a envolvesse.

Depois de alguns minutos, nossas respirações se estabilizaram, apesar de estar quieta, eu sabia que Júlia não tinha dormido. Empurrei uma mecha de seus cabelos castanhos grudados em seu rosto e me inclinei, ansioso, para encontrar seu olhar. Queria encontrar neles o mesmo brilho hipnótico de quando eu estava dentro dela, que fez a minha necessidade de gozar se dissolver e o prazer em estar dentro dela se tornou maior do que qualquer coisa que já experimentei.

Depois de um minuto, eu me levantei e fui ao banheiro para me livrar do preservativo. Estava preparando um banho quente e quando me virei para voltar para o quarto, Júlia estava encostada ao batente, olhando tudo em volta.

Júlia estava sexy demais, seus cabelos castanhos eram uma desordem. Meus olhos famintos voaram para os peitos empinados, os mamilos apontando para mim, e desceram pela barriga, parando na boceta lisa e macia, e minha boca umedeceu ao me imaginar arrastar a língua sobre ela.

Apesar de ter estado dentro dela minutos atrás, a luxúria foi como um soco no meu estômago, somado ao sentimento borbulhante no meu peito quando forcei meus olhos para cima e encontrei os seus.

— O seu banheiro é bonito — disse ela. — Essa vista é simplesmente perfeita.

O banheiro era grande, tinha uma parede iluminada, mas o ponto alto era a janela por cima da banheira, que tinha uma vista privilegiada da cidade de São Paulo.

— Espero que goste também da água — balbuciei, e entrei na água, percebendo que eu ficava excitado outra vez.

Ouvi seus passos se aproximando, mas virei meu rosto para a janela de vidro ao lado da banheira, focando na vista do lado de fora para não olhar para Júlia.

Deitei minha cabeça sobre a borda de porcelana e cerrei minhas pálpebras enquanto tentava entender o que Júlia estava fazendo comigo.

— Posso te fazer uma pergunta? — Ao ouvir sua voz, endireitei minha postura e a encarei.

Seu rosto estava sério de uma forma que vi poucas vezes.

— Claro.

— Dependendo de qual será sua resposta, ela irá me machucar, mas eu quero que seja sincero comigo.

— Está bem — concordei, ainda que não me agradasse a ideia de magoá-la.

— Você estava pensando nela enquanto estava me … fazendo …?

Como sempre acontecia quando alguém tocava no nome de Dália, meu humor mudou no mesmo instante.

— Eu não estava pensando em ninguém mais além de você. — Minha voz saiu um pouco áspera.

Eu não tinha pensado em Dália em nenhum momento desde que Júlia tinha chegado e vinha pensando nela cada vez menos. Júlia tinha se tornado meu primeiro pensamento quando eu acordava pela manhã e último quando eu adormecia a noite. Ele tinha preenchido todos os espaços, onde quer que eu fosse, ela estava lá. Isso foi o que me fez reconsiderar continuar dormindo com ela no quarto de hóspedes, eu sabia que quando ela fosse embora, as lembranças de sua boceta lisa e inchada esmagando meu pau, seus gritos de prazer, permaneceriam em minha memória, independente de onde eu dormisse.

— Fico me perguntando o que ela te fez para seu humor mudar só de pensar nela.

— Você quer mesmo saber? — A pergunta soou quase como um rosnado.

Júlia pareceu hesitar, mas, em seguida, sua expressão se encheu de confiança.

— Quero.

Conversar sobre o que aconteceu trazia de volta a dor que me consumia naquele dia, entretanto, me esforcei para continuar.

— Eu tinha 24 anos quando conheci a Dália. Fazia pouco tempo que eu advogava, mas meu chefe fazia questão que eu o acompanhasse a todos os jantares e reuniões de negócios. Em uma reunião íntima na casa de um dono de uma grande mineradora

eu a vi, foi muito breve, mas o foi o suficiente para despertar meu interesse por ela, e parecia que nela também, porque não desviou o olhar de mim até sumir na área da piscina.

Ao perceber que eu segurava as bordas da banheira com muita força, parei de falar e olhei para Júlia, que estava sentada do outro lado da banheira, me observando, concentrada. Quando a agonia em meu peito se acalmou um pouco, voltei a falar:

— Quando o meu chefe voltou para fechar o negócio, era eu quem estava ansioso para ir com ele, meus instintos me diziam que eu iria encontrá-la. E eu não podia estar mais certo, ela estava lá, mais linda do que nunca.

— Como ela era? — perguntou Júlia.

— Ela era loira, delicada, um pouco maior do que você, tinha só vinte anos na época, mas tinha a determinação de qualquer mulher feita.

Júlia apertou a mandíbula e engoliu em seco. Eu podia jurar que estava com ciúmes.

— Quando a reunião terminou, ela foi para você? — A voz de Júlia era tão baixa que mal pude ouvi-la.

— Tem certeza que quer que eu continue?

Júlia balançou a cabeça, anuindo, fazendo a água se agitar.

— Depois que a reunião terminou ela foi me encontrar no hotel onde estávamos hospedados e passamos a noite juntos. Não devo nem dizer que fiquei apaixonado. Todo final de semana ou feriado eu voava para a cidade dela, ou às vezes pegava o avião do meu

chefe para vê-la nem que fosse por alguns minutos. Os pais dela me adoravam, diziam que eu era o genro que qualquer sogro gostaria de ter. Depois de três meses de namoro, Dália ficou grávida.

— Grávida?! — A boca de Júlia abriu ligeiramente.

— Sim, ela estava esperando um filho meu. Fiquei muito assustado, mas também muito feliz. A mulher que eu amava ia me dar um filho. Sei que o tempo que passamos juntos era pouco, mas eu tinha certeza de que a amava. E estava convencido de que ela também me amava.

Senti minha garganta se comprimir ainda mais conforme chegava perto das lembranças dolorosas.

— Estávamos fazendo planos de nos casarmos e eu iria pedi-la oficialmente em casamento em um jantar na minha casa. Tinha se passado seis meses que estávamos juntos, mas a minha família ainda não a conhecia. Acabei demorando para me arrumar para o jantar porque fiquei até mais tarde no trabalho. Quando saí do banheiro, ouvi um burburinho e parecia ser a voz do pai da Dália, só enfiei uma calça pelas pernas e fui para lá.

As lembranças encheram minha mente, a dor e a raiva tão latentes como se aquilo estivesse acontecendo de novo.

— Onde está seu filho? — O tom irritado do pai de Dália chegou ao meu ouvido

— Ele já deve estar descendo — respondeu minha mãe, parecendo constrangida. — Vinícius, você pode ir lá em cima

chamar seu irmão.

— Já estou aqui, mãe — falei do topo da escada.

A expressão que encontrei no rosto de Dália me deixou destruído antes mesmo de saber o que acontecia.

— Quer dizer que você enganou todos nós? — grunhiu o pai de Dália, andando furioso em minha direção quando cheguei à

— Enganei vocês? Não sei do que está falando.

— Essa é a sua casa e eles são a sua família?

— Sim, essa é minha casa e aquelessão minha mãe, minha irmã e meu irmão.

— E por que você fingiu esse tempo inteiro que era filho de Rudolf Becker? — rosnou Dália, se colocando em minha frent

Nada daquilo fazia qualquer sentido para mim.

— Eu nunca disse que Rudolf era meu pai. De onde você tirou isso? Rudolf é meu chefe.

— Você não disse em palavras, mas me fez acreditar que era. Aviões particulares, arranjos de luxos, você é muito parecido com ele, eu sempre te disse isso.

— Eu nunca disse que eram meus.

— Filho, eu vejo se para conversarno escritório, se quiser, podemos deixá-los a sós.

— Não há nenhuma necessidade, não temoso que conversar, senhora.

Eu t i nha cer t eza de que el a i a gost ar da mi nha mãe.

— Dál i a…

— Não di ga nada, Dani el . Est amos i ndo embor a.

— Não, por f avor, esper e! Eu posso escl ar ecer t udo.

— Esclar ecer o quê? — Sua voz f i cou ai nda mai s al t a, e eu não r econheci a mai s a mul her na mi nha f r ent e. — Você vai me di zer que t udo i sso aqui é um engano e essa senhor a não é sua mãe? I sso é uma peça que você est á me pr egando, não é?

Eu apenas bal anceia cabeça, desol ado, e passei a mão no r ost o. O despr ezo na voz de Dál i a ao f al ar com a mi nha mãe est ava par t i ndo meu cor ação.

— Acabou, Dani el . Acabou. Mãe, pai , vamos embor a.

Meu cér ebr o par eci a t er se tr ansf or mado em um pânt ano. Eu ai nda est ava t ent ando pr ocess ar t udo quando a vi passar pel a por t a.

— Você não pode f azer i sso comi go, Dál i a, vamos nos cas

— Não vai t er casament o nenhum, Dani el .

— Dál i a, por f avor …

— Nada do que você me di sser vai me f azer mudar de i dei

— Dál i a, eu t e amo, nós vamos t er um bebê… — mur mur ei , sent i ndo l ágr i mas quent es escor r endo em meu r ost o. Sem me i mpor t ar se eu est ava me humi l hando, caí de j oel hos aos seus

— Eu não vou t er um f i l ho seu e cor r er o r i sco de ele ser par eci do com aquel a mul her

— O que está pretendendo fazer? Não faça besteira.

— Você me enganou, me fez acreditar que era a filho de Rudolf. Não tem o direito de me pedir nada.

Ela começou a se afastar, tentei segurar seu braço, mas ela se desvencilhou.

— Deixe ela ir, filho. — Senti a mão da minha mãe em meu ombro. — Deixe ela se acalmar e depois vocês conversam.

Mas isso nunca aconteceu. Nunca mais vi a Dália depois daquela noite. Todas as vezes que estive na sua casa, não me deixaram entrar, ela nunca atendeu meus telefonemas. Fiquei sabendo através de uma empregada que ela tinha abortado o bebê. Meu filho teria seis anos se estivesse vivo.

— Eu sinto muito, Daniel — exalou Júlia, se movendo pela banheira, e enlaçou os braços em volta do meu pescoço. — Deus! Ela se aproximou de você por interesse.

— Eu queria ter essa sua percepção naquela época ao invés de ter me culpado tanto. Demorei muito tempo para perceber que ela estava apenas me usando.

— Então você ainda não era dono do escritório, da cobertura?

— Não, eu não tinha nada disso — menti. Eu tinha recebido os bens que o meu pai me deixou naquela mesma noite, mas eu não diria aquilo à Júlia. — Mesmo que tivesse o que tenho hoje, não bastaria para mantê-la ao meu lado. A única coisa que importava para Dália e os pais era que eu fosse filho de Rudolf. O filho de um

dono de um fabricante de automóveis se casando com a filha de um dono de uma mineradora seria um bom arranjo.

— Como você conseguiu tudo isso em tão pouco tempo? — Ela se afastou um pouco para ver meu rosto.

— Acho que eu já alimentei sua curiosidade por hoje. Agora banho, jantar e depois você vai para cama descansar.

— E você não vai?

— Não, minha pequena. Tenho alguns documentos para ver hoje ainda.

— Posso te ajudar.

— Melhor ir para a cama. Você parecia bem cansada quando chegou aqui. — Passei os dedos preguiçosamente pela linha de sua coluna, amando a sensação de sua pele molhada se esfregando em mim.

— Me deixe te ajudar. — Ela me lançou um olhar suplicante. — Estou estagiando há alguns dias no escritório e ainda não fizemos nada juntos.

— Está bem — concordei e seu olhar se iluminou.

Me perguntei o que estava pensando. Ela não poderia estar aparentemente feliz por passar algumas horas mexendo em papeladas. Poderia?

26

"Por que ficar sozinho quando podemos ficar juntos, baby?
Você pode fazer minha vida valer a pena
Eu posso fazer você começar a sorrir
Quando acabar, acabou".
(To be with you - Westlife)

Daniel

Alguns dias depois

Quando acordei naquela manhã, Júlia não estava mais na minha cama e em nenhum canto da cobertura. Desde então não tive mais nenhum sinal dela, nem um telefonema para o escritório. Nada. A garota tinha desaparecido como fumaça. Se não fosse o cheiro do seu perfume impregnado no meu travesseiro, eu podia jurar que ela não esteve lá. A única explicação que encontrei para seu sumiço era ela ter recebido alguma notícia do pai.

Mas por que não pedi umi nhaaj uda?El ame di sseque f ari ase pr eci sasse.

Todas as noites a dúvida mordia a minha mente. E eu odiava saber que ela não precisou de mim. Eu queria estar com ela e para ela, cuidar, protegê-la, amenizar sua dor de alguma maneira, e o meu vazio também. Um vazio peculiar invadiu meu peito desde que ela foi embora. O trabalho no escritório e a preocupação com

Melinda me ajudavam a não pensar nela o tempo todo, mas o vazio voltava muito pior quando eu retornava para casa à noite. Eu tinha me acostumado a ficar sozinho nos últimos anos, mas a cobertura agora parecia excessivamente grande e fria, minha solidão estava mais intensa do que antes e minha cama nunca esteve tão vazia.

Júlia tinha se infiltrado em cada canto, em todos os lugares para onde olhava, eu a via, mas eu não precisava dela em minhas memórias, precisava dela em meus braços, debaixo de mim, sobre mim.

Porra!

Fechei as mãos em punho e dei um soco na mesa, fazendo meu notebook saltar com o impacto.

Sem pensar muito no que eu pretendia fazer e no que aquele meu desespero por Júlia significava, peguei o telefone sobre a mesa e chamei o ramal da minha secretária.

— Estela, venha à minha sala, por favor — pedi quando ela atendeu.

Em questão de segundos, ouvi uma batida e ela irrompeu pela porta.

— A Júlia entrou em contato? — perguntei assim que parou na minha frente.

— Não, senhor.

— Vá até o RH e me traga a ficha de registro dela.

Estela baixou o rosto para as mãos e torceu os dedos daquela forma nervosa que me deixava intrigado.

— Volto em um instante, senhor.

Tentei voltar minha atenção para a documentação que Fábio Castellari — meu cliente VIP — enviou naquela manhã. Mas uma descarga de ansiedade chiava em minhas veias desde o momento em que vi Estela passar pela porta e me vi consultar as horas em meu relógio por mais vezes que eu gostaria. Um minuto… dois… cinco… quinze… meia hora. Voltei a verificar o relógio novamente e tinha se passado apenas um minuto depois da última vez que olhei.

Para tentar manter minha impaciência sob controle, peguei meu celular no bolso e liguei para minha irmã. Diariamente eu recebia atualização de Isadora sobre a segurança de Melinda. Abílio estava fazendo um inferno para ela dentro da empresa, ele a queria fora de qualquer jeito, em contrapartida, Melinda e Greg estavam mais próximos. O que tinha me levado a me questionar se me manter afastado dela era realmente uma boa decisão, porque eu não falava com ela desde a noite que a convidei para sair.

— Oi, Daniel. — Ela atendeu no segundo toque.

— Oi, Melinda. Estou ligando para te lembrar do meu convite para a festa hoje. Ainda não me deu uma resposta.

Eu não esperava que ela fosse aceitar, entretanto, eu precisava de uma desculpa para ter ligado, até que sua resposta me surpreendeu:

— Festa? Vou adorar. Estou mesmo precisando falar com você. — Sua voz doce soou bem animada. — Aonde vamos?

Antes que eu pudesse responder, ouvi uma batida na porta e Estela entrou por ela.

— À inauguração de uma casa noturna de um amigo meu — respondi, e fiz um sinal com a mão para minha secretária esperar.

— Que horas você passa para me pegar? — Melinda perguntou, me deixando ainda mais surpreso.

Certamente minha boca teria caído aberta se eu não estivesse tentando entender porque minha secretária estava diante de mim com as mãos vazias. Silenciei a ligação e me voltei para Estela.

— Conseguiu o que pedi?

Estela ficou em silêncio, mas o que quer que fosse me falar não devia ser bom, porque sua expressão preocupada se aprofundava a cada momento.

Ciente da impaciência crescente combinada com uma ansiedade esmagadora no peito, respirei fundo e decidi terminar de falar com Melinda primeiro ao telefone. Era mais seguro.

— Às 22h00 está bom para você? — perguntei, sem conseguir desviar o olhar da minha secretária.

— Está ótimo, estarei esperando.

Quando finalizamos a ligação, coloquei meu celular sobre a mesa e abri a boca para perguntar, mas fui interrompido por Estela:

— Não foi encontrado nada da Júlia nos arquivos, senhor — disse ela, tão baixo que quase achei que tinha ouvido errado.

— Como não? — rosnei, empurrando minha cadeira para trás. — Desde quando temos funcionários sem registro aqui?

— Não sei, senhor. Não foi encontrado nada.

— Então… — Fiz uma pausa ao perceber que meu tom saiu muito duro. — Por favor, vá falar com os estagiários que entraram junto com a Júlia, e veja se algum deles tem alguma informação dela, qualquer coisa.

— Eu já fiz isso, senhor. Nenhum deles mantém contato com ela fora dos limites do escritório.

— Está bem. Obrigado. Pode deixar que eu mesmo resolvo isso.

Agarrei meu celular de volta na mesa e chamei o número de Isadora. Para aumentar ainda mais minha frustração, chamou até cair na caixa postal. De qualquer forma, deixei uma mensagem:

— Preciso que encontre uma funcionária minha para mim, infelizmente a única coisa que sei sobre ela é que seu nome é Júlia. Mas tenho certeza de que isso não será um empecilho para você encontrá-la.

Desliguei o celular e o enfiei no bolso. Então me dei conta que minha secretária ainda estava na sala, me olhando com uma expressão apavorada. Tenho certeza de que em todos os anos trabalhando comigo ela nunca tinha me visto tão descontrolado.

É i sso o que sua f al t a est á f azendo comi go, J úl i a.

27

"Eu estou sentada, com os olhos bem abertos
E eu estou com essa coisa na minha cabeça
Me perguntando se eu desviei de uma bala
Ou acabei de perder o amor da minha vida, ooh".
(I Don't Wanna Live Forever Taylor Swift &
ZAYN)

Júlia

Enxugando as lágrimas com as costas da mão, passei pela porta do hospital. Respirando fundo, tentei me acalmar, mas a dor que eu sentia me massacrava de uma forma que eu mal conseguia respirar. O medo terrível que vinha congelando meus ossos dia após dia tinha se concretizado. Um soluço escapou através dos meus dentes e eu encobri a boca com minha palma, e baixei o rosto para os meus pés para fugir dos olhares de piedade e curiosidade das pessoas que passavam por mim.

— Então aí está você! — Uma voz profunda e familiar rugiu atrás de mim e meu corpo estremeceu quando uma mão segurou meu braço.

Assustada, ergui o rosto e encontrei um par de olhos ferozes me esquadrinhando.

— Felipe?! — exclamei, com uma mistura de surpresa e inquietação trepidando no meu interior.

Tudo que eu menos esperava no final desse dia terrível era vê-lo. Ele era o culpado por toda dor que eu estava sentindo.

— O próprio e único Felipe de Lins em pessoa. — Procurei o traço de sarcasmo, mas sua voz tinha uma nota estranha.

— Veio visitar nosso pai?

Seus olhos viajaram para o letreiro na fachada do hospital antes de retornar ao meu rosto.

— Estou aqui para falar com você.

— Eu não quero falar com você, Felipe. Não, hoje.

— Não disse que você tinha escolha. — Quando não me movi, ele segurou mais forte meu braço e começou a me arrastar em direção à rua. — Agora venha, entre no carro.

— O que você está fazendo? — guinchei quando ele abriu a porta do carro parado no meio fio e me empurrou para dentro.

Só escutei o baque surdo da porta se fechando ao meu lado.

— O que você está fazendo? — repeti ao ver Felipe ocupar o banco do motorista ao meu lado.

Meu coração começou a rugir no peito. Era possível que meu irmão estivesse me sequestrando? A resposta alarmante logo se formou em meu cérebro cansado. Felipe era completamente desequilibrado, então essa era uma possibilidade.

— Eu só não quis perder tempo explicando e correndo o risco de alguém nos ver juntos — ele disse como se estivesse lendo minha mente, e então colocou o carro em movimento.

— Não acredito que alguém vai nos reconhecer aqui.

— Não conte com isso. Não agora que o Daniel colocou alguém para vir atrás de você.

— Daniel colocou alguém atrás de mim? — Meu choque foi tanto que meu corpo saltou do banco e eu me vi olhando para Felipe. — Por quê? Ele descobriu que eu o estava espionando?

— Acho que não, senão ele teria falado comigo.

— Então por que ele está fazendo isso?

— Não faço ideia. A Estela acha que ele está apaixonado por você.

Apesar de toda a tristeza que eu sentia, suas palavras enviaram uma centelha de alegria ao meu coração congelado, apertado em meu peito. Daniel apaixonado por mim era tudo que a parte tola que havia em mim ansiava. Se isso fosse verdade, eu poderia ser honesta com ele, como eu vinha desejando, e quem sabe ficaríamos juntos. Eu quase sorri feito boba com a ideia. Fixei os olhos na janela, mas minha mente não estava nos carros passando do lado de fora. Por um segundo, parecia que fui transportada para os braços dele, de uma forma tão vívida que eu senti seu calor, o cheiro de sua pele impregnado na minha. Mantive os olhos na janela, pensativa, mas logo a realidade me sobreveio.

Não havia nenhuma chance de Daniel estar apaixonado por mim. Eu nunca teria o seu coração, porque ele jamais o entregaria a outra mulher que não fosse ela — a mulher do seu passado.

Dizem que amor e ódio se colidem, e isso parecia fazer sentido se tratando de Daniel. Por trás de todo o ódio e o rancor que guardou, ele ainda a amava. Ainda que não a amasse, ele nunca me perdoaria se eu lhe contasse a verdade que me levou a me aproximar dele.

— Um homem como Daniel nunca se apaixonaria por mim.

— Isso parece te deixar arrasada

Ignorando seu tom zombeteiro, olhei para longe da janela do carro e me concentrei na pista à nossa frente.

— Para onde você está me levando? — perguntei ao ver que Felipe tinha virado à direita, seguindo em uma direção diferente da que eu costumava pegar para ir para casa.

— Estou te levando para falar com Daniel. É melhor que você o encontre antes que ele te encontre.

— Eu não vou falar com Daniel, nem hoje nem nunca mais. — Tentei deixar minha voz plana. Aquela decisão estava me doendo tanto. — Não vou mais espionar o Daniel para você.

— Por que não? — vociferou, se virando para mim, com o rosto se apertando em linhas implacáveis.

— O dinheiro que você ia me pagar por isso não me servirá de mais nada.

As lágrimas que achei que tinham secado voltaram a cair, escorrendo por minhas bochechas.

— O coma induzido do meu pai evoluiu para um coma profundo — falei quando percebi que Felipe me observava, esperando que eu continuasse. — Os médicos não sabem se ele vai acordar e permanecerão apenas com os cuidados paliativos necessários para o conforto dele.

— Então agora é só questão de tempo para ele morrer?

— Sim — respondi, engasgada pelas lágrimas. — Agora, mesmo se você me der o dinheiro para o tratamento dele, nada trará meu pai de volta.

— Então use o dinheiro para comprar um apartamento para você. Sabe que vai ficar sem nada quando ele morrer.

Raiva fluiu em minhas veias, se misturando à minha dor, formando uma mistura tóxica quando ouvi sua proposta.

— Eu não quero seu dinheiro — gritei, me virando para ele. Minha respiração indo e voltando em jatos curtos. — E no final das contas, você não vai me pagar nada, porque não tem nenhuma informação para descobrir sobre o Daniel. Ou você descobriu algo ilícito nos contratos que te enviei?

— Nada. Seja lá o que for que ele faça para esconder de onde tira o dinheiro que ganha, faz muito bem. Como você conseguiu aqueles contratos?

— Isso não interessa.

As lágrimas que caíam dos meus olhos ficaram mais intensas quando as memórias de como fiz aquilo voltaram. Eu tinha aproveitado que Daniel foi à cozinha colocar nosso jantar no forno e

tirei fotos dos contratos que trabalhamos naquela noite. Enviar os contratos depois de ter feito amor com Daniel me deixou muito mal, foi como se eu tivesse o traindo, me traindo. Levei a mão à boca e um gemido escapou dos meus lábios. Eu não conseguia me imaginar mais fazendo isso, agora que o dinheiro de Felipe não me ajudaria a salvar meu pai, eu não ia conseguir enganar Daniel só para me manter por um tempo depois que meu pai se fosse.

— Pare o carro porque quero descer! — rosnei, entredentes, e segurei a maçaneta.

Felipe agarrou meu pulso. Seu aperto queimando minha pele, seus dedos se fechando como garras.

— Eu preciso que você vá falar com ele e dê alguma desculpa antes de desaparecer. — Sua voz era baixa e letal, então meu foco mudou para algo muito mais perigoso: o brilho feroz em seus olhos. — Se não fizer isso, ele vai continuar te procurando até te achar, e quem sabe, nesse processo, ele descubra que somos irmãos, que você estava mentindo, o espionando.

Daniel não pode descobrir. Ele nunca vai me perdoar.

Meu peito se contraiu com o pensamento horrível e, para meu desgosto, percebi que meu irmão tinha razão, com Daniel atrás de mim eu não tinha escolhas a não ser falar com ele e tentar descobrir o que ele queria. Só de imaginar fiquei apavorada. Eu tinha dado tudo de mim para convencer meu coração que eu precisava me afastar de Daniel, não seria fácil ficar frente a frente com ele de novo e não fraquejar.

— Está bem. Eu vou falar com ele.

— Então é melhor dar um jeito nessa cara e vestir aquelas roupas porque estamos chegando.

Virei para onde ele estava apontando e vi uma sacola largada no assoalho. Com curiosidade, a peguei e olhei o conteúdo.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, erguendo o vestido preto.

— É da Estela. Você pode devolver quando for ao escritório pedir demissão. Já que você pretende não falar com o Daniel nunca mais, suponho que esteja pensando em fazer isso.

— O nosso acordo era que eu tinha que pedir demissão quando tudo terminasse.

— Mas não terminou. — Ele desviou os olhos da pista brevemente e me encarou com uma carranca. — Espero que perceba a tempo que está cometendo um erro. Sem esse dinheiro que eu iria te pagar você vai ficar na miséria quando o velho morrer.

— O único que está cometendo um erro aqui é você, Felipe — acusei, ignorando o sinal de que eu não deveria enfrentá-lo. Ele estava muito bravo comigo. Eu não tinha dúvidas. — Deixou nosso pai morrer mesmo tendo condições de ajudar no tratamento dele, e está desperdiçando seu tempo procurando algo que incrimine o Daniel.

— E vou encontrar. — Suas mãos apertaram com força o volante. — Uma hora eu vou descobrir como ele construiu um império do dia para noite. Ou você acha que o cara ficou milionário em dois anos advogando?

— Eu não sei. — Foi tudo que consegui dizer.

Seguimos em profundo silêncio. Felipe parecia perdido em pensamentos e, pelo aperto em sua mandíbula, e as mãos batucando no volante, deduzi que não eram bons.

Quando ele estacionou junto ao meio-fio, olhei pela janela e analisei a fachada. O letreiro de uma casa noturna brilhava na frente dos meus olhos, intimamente, fiquei agradecida por Felipe ter pensado em levar o vestido. Minutos depois, descobri que ele me servia surpreendentemente bem, ainda que Estela tivesse mais curvas do que eu, o tecido de elastano se ajustou em meu corpo.

— Agora vá. Seu nome está na lista — murmurou Felipe quando saí do carro.

Ele estava mesmo paranoico com o risco de sermos vistos juntos.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele ativou o alarme do carro e seguiu para a entrada.

Minhas pernas estavam fracas e instáveis quando entrei no interior iluminado da boate. A combinação da música alta retumbando nas caixas e a fumaça saindo das máquinas me deixava um pouco zonza. Era como se eu estivesse em um plano diferente das pessoas que pulavam na pista de dança em frente a um pequeno palco onde um DJ tocava. E eu estava. A dor de perder o meu pai latejava em meu estômago. Uma faísca de esperança tentava atravessar a névoa de pânico em meu cérebro, mas sempre que eu me lembrava do olhar de compaixão que o médico me dirigia enquanto falava, minhas entranhas se contorciam. Papai só

sobreviveria por um milagre e eu parei de acreditar neles desde que mamãe morreu. E eu estava prestes a perder Daniel, acabar com algo que sequer tinha começado.

Estabilizando minha respiração, subi as escadas da área VIP. O meu olhar começou a viajar de pessoa em pessoa, procurando por uma que me importava, mas não encontrei Daniel em nenhum lugar. Segurando um gemido de frustração, andei até o bar na outra extremidade, minha garganta ardia como se eu tivesse engolido um rolo de arame farpado.

Aproximei-me do balcão todo feito em madeira talhada. Enquanto a bartender enchia uma taça chique com a água que pedi, me distraí olhando as prateleiras de bebidas, iluminada com luzes azuis e rosa.

Como se uma força me guiasse em sentido contrário, me virei, e então eu o vi. Daniel estava há alguns metros, conversando com Felipe, mas sua presença poderosa parecia preencher tudo à minha volta, e meu corpo inteiro tremeu em reconhecimento. Ele estava vestindo apenas calça jeans de lavagem escura e uma camisa branca, os cabelos bagunçados como se convidasse meus dedos para afundar neles, e ainda conseguia ser sexy pra caramba. Minha excitação evaporou como fumaça e senti meus dedos apertando a haste da taça quando percebi a figura esbelta ao seu lado. Eu a reconheci pelas ondas loiras brilhantes caindo em volta dos seus ombros, seu rosto tão excessivamente belo que ela poderia ser confundida com uma atriz de Hollywood.

Mel i nda.

O nome dela ressoou em minha cabeça como uma maldição e um nó se formou em minha garganta.

A mul her do passado de Dani el .

O que ele estava fazendo ali com ela depois de ela ter lhe causado tanto sofrimento? E por que estava olhando para ela com adoração?

Meu estômago retorceu em um nó, meu pulso se acelerando com o ciúme desconfortável se agitando no meu interior. Era ilógico. Eu sempre soube que Daniel a amava, mas não consegui evitar.

— Quer mais água? — perguntou a bartender atrás de mim.

Talvez ela tenha percebido que o cristal bonito estava prestes a se partir. Exalando uma calma forjada, coloquei a taça sobre o tampo de vidro.

— Não. Obrigada.

Fechei os olhos e respirei com força, tentando controlar a raiva borbulhando em meu interior, ameaçando vir à superfície, e se isso acontecesse, eu iria chorar. Eu sempre chorava quando estava com raiva. Fiquei um tempo assim. E então, abrindo os olhos devagar, vi Daniel vindo em direção ao bar. Deus! Depois de vê-lo com ela eu não ia conseguir falar com ele sem desabar.

Eu quer i a sumi r dal i .

Mas não conseguiria sem cruzar com ele.

Um segundo depois, eu estava forçando minhas pernas em direção à área do banheiro. Antes de entrar no corredor estreito,

olhei por sobre o ombro e encontrei os olhos de Daniel fixos em mim, e os lábios se curvaram em um sorriso magnético. Meu pulso acelerou com a intensidade, mas me obriguei a seguir em frente.

Uma pequena fila havia se formado do lado de fora do banheiro e eu não tinha nenhum interesse em enfrentá-la, já que não pretendia usar. Continuei seguindo pelo corredor estreito. Ignorando a placa "acesso restrito a funcionários", entrei em um pequeno espaço que ficava sobre o palco. Não sei por quanto tempo fiquei ali, encostada ao parapeito de vidro, observando as pessoas se contorcendo na pista de dança, mas acreditei ser tempo suficiente para Daniel ter deixado o bar, ou quem sabe até ter arrastado a loira exuberante para algum lugar escuro.

A ideia dele a tocando, fazendo amor com ela como tinha feito comigo, me deixou corroendo de ciúmes.

Arrumando o vestido no corpo, deixei o pequeno espaço e andei pelo corredor.

O sangue congelou em minhas veias ao ver Daniel encostado no balcão do bar, conversando com um homem de cabelos escuros, rosto duro e masculino, feições perfeitamente simétricas. Eu poderia dizer que ele era o homem mais bonito que já vi se eu não conhecesse Daniel.

Aproveitando que ele parecia distraído, atravessei a área VIP com passos apressados e me pus a descer a escada o mais rápido que minhas pernas permitiam. Tive a impressão de ter ouvido alguém chamar meu nome, o que era quase impossível com aquela música alta. Segui em frente, abrindo caminho entre a multidão, e

estava quase passando pela porta quando senti uma mão segurando meu braço ao mesmo tempo em que uma profunda voz masculina sussurrou no meu ouvido:

— Aonde você vai, minha pequena?

Eu não precisava ouvir para saber de quem era, meu corpo logo a reconheceu e uma onda de calor me invadiu, descendo pela coluna e irradiando por todo o corpo.

A raiva me ajudou a conter a vontade de me atirar em seus braços. Puxei meu braço para fora do seu aperto e na pressa de me afastar esbarrei em alguém.

— Me desculpe — balbuciei, entretanto, o cabeludo intimidante não pareceu me ouvir.

Seu olhar de pedra estava fixo em alguém atrás de mim.

— Júlia! — Daniel chamou quando cheguei à rua.

— O que você quer, Daniel? — Parei e me virei para olhá-lo.

— Você — soprou, e sua voz foi como um incêndio me devorando por dentro.

Ele ergueu a mão e tocou no meu rosto. Os dedos foram gentis sobre minha pele, contrastando com o desejo incontido refletindo em seus olhos.

Em seguida, ele baixou a cabeça e tomou minha boca com a sua. Seus lábios eram inflexíveis sobre os meus, os provocando com sua língua até eles se abrirem dando a ele livre acesso à minha boca. O beijo tinha um gosto mentolado misturado ao gosto de

uísque. Meus batimentos cardíacos dispararam e eu não consegui conter um gemido quando seus dentes se fecharam em volta do meu lábio inferior.

Quando paramos de nos beijar, meus braços estavam em volta dos seus ombros. Eles não deveriam estar lá e ele não deveria ter vindo atrás de mim estando com ela.

A raiva que me queimava por dentro ficou mais forte, e antes que meu cérebro assimilasse, minha mão atingiu seu rosto, o tapa fazendo um som estalado.

Daniel me encarou, confuso, e passou a mão em sua bochecha.

— Desculpe… eu … — Minha voz falhou ao ver as marcas dos meus dedos em seu rosto. — Você estava lá dentro com ela e acha que pode me beijar.

— Não estou entendendo o que está falando.

— Você estava lá dentro com a garota que quebrou seu coração no passado.

Esperei que ele fosse ficar sombrio como sempre ficava quando ela era mencionada, mas ele sorriu.

— Você ficou com ciúmes?

Eu estava me mordendo de ciúmes. Se assumisse aquilo, estaria assumindo também meus sentimentos por ele. Sempre soube que quando isso acontecesse ele iria se afastar. Talvez tivesse chegado o momento de fazer isso. Enquanto tentava chegar

a uma decisão, desviei o olhar para a entrada da boate e vi Melinda indo embora com o cabeludo que esbarrei na entrada.

— Ela está indo embora com outro nesse momento — deixei escapar, amarga. — Parece que encontrou um filho de fabricante de automóveis para colocar no seu lugar.

Daniel acompanhou meu olhar.

— Ele não é filho de um fabricante, é o CEO de uma fabricante e engenheiro mecânico. Um cretino, mas um dos melhores do mundo.

— Você não vai atrás dela?

— Quem eu quero essa noite está aqui na minha frente — Sua voz era um sussurro sensual e ele deu um passo, diminuindo a distância entre nós. — Meu corpo está sentindo sua falta.

Meu coração e minha respiração se aceleraram com sua proximidade. O calor que seu corpo emanava me fez derreter contra ele. Seus dedos subiram pela curva do meu pescoço e se fecharam em minha nuca. Engoli em seco e lambi os lábios quando encontrei seu olhar. Suas pupilas estavam dilatadas, o verde de seus olhos escurecendo de desejo. Seu rosto ficou mais próximo ao meu, o aperto mais firme em minha nuca. Meus mamilos ficaram duros e a excitação quente encharcou minha calcinha.

Como el e consegui a f azer i sso comi go?

— Por que sumiu, minha pequena?

A pergunta me arrancou da bolha sexual que tinha me envolvido.

Meu peito se comprimiu e eu apertei minhas mãos, cavando as unhas sobre a palma. A dor me ajudaria a manter o foco no meu objetivo.

— Estou apaixonada por você, Daniel.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios se moveram, querendo dizer alguma coisa, mas não conseguiu dizer por algum tempo.

— Você me disse que era apaixonada por um cara — murmurou atordoado.

— Eu menti. Eu sabia que se demonstrasse algum sentimento você ia se afastar. Na época, eu achei que estivesse fazendo a escolha certa, que eu me contentaria em só fazer sexo com você, mas eu percebi que estava acreditando que em algum momento seria correspondida.

— Eu… eu… — Ele fez um grande esforço para falar, e seu rosto se contraiu como se sentisse dor.

— Eu sei. Não precisa dizer nada. Você nunca me prometeu coisa alguma. — Puxei uma respiração e me afastei. — Então é por isso que sumi, e por isso que decidi que não quero te ver mais.

Dei alguns passos instáveis, sentindo o olhar de Daniel sobre mim.

— Júlia — ele chamou. Quando o olhei, sua mandíbula estava visivelmente apertada, como se estivesse lutando com as palavras, mas depois ele pareceu recuperar o controle. — Aquela moça não é

quem você está pensando, o nome dela é Melinda Becker. A filha do meu antigo chefe.

Fiquei com a impressão de que ele queria dizer outra coisa, ou talvez eu que desejasse isso. Que me pedisse para ficar, ou que dissesse que também sentia o mesmo por mim. Mas para minha sorte, ou falta dela, minha estratégia tinha dado certo. Ele ia se afastar de mim. Com o coração rasgando em meu peito e lágrimas turvando minha visão, comecei a me mover. Depois de alguns metros, olhei para trás e ele estava parado no mesmo lugar, me encarando.

Era o fim de Daniel Freitas em minha vida.

28

"Amor, amor, eu me sinto como se estivesse louco
Acordado a noite toda, a noite toda e todos os dias
Peço que me dê alguma coisa
Oh, mas você não diz nada
O que está acontecendo comigo?".
(I Don't Wanna Live Forever Taylor Swift & ZAYN)

Daniel

— Senhor Daniel, por gentileza, o senhor está me escutando? Preciso saber se posso ligar para o cliente para confirmar sua presença no jantar.

Balancei a cabeça, afirmando, mas eu tinha parado de ouvir o que Estela dizia no momento em que perguntei se era Júlia que tinha passado no corredor e ela me respondeu que sim. Júlia tinha ido pedir demissão.

Meu coração, que só conhecia a angústia desde que ela foi embora há duas noites atrás, me dizia para ir até lá e pedir para que ficasse.

Mas eu não podia fazer isso. Não sem entregar meu coração a ela.

Quando disse que estava apaixonada por mim, as palavras "Eu também estou apaixonado por você" vieram na ponta da língua, mas não as consegui pronunciar. Eu não estava pronto para enfrentar isso ainda. Era errado e covarde da minha parte, mas eu

não estava pronto para assumir que tinha perdido o controle da minha vida e dos meus sentimentos, assumir que em poucos dias Júlia tinha destruído como papel a geleira em volta do meu coração, e muito menos estava pronto para entregar meu coração de novo e correr o risco de me machucar.

Meu lado racional estava convencido que deixar Júlia ir era a decisão mais acertada, que da mesma forma repentina que esse sentimento surgiu em meu peito ele iria embora. Mas o vazio agonizante dentro do meu peito dizia o contrário. Eu a desejava tanto que isso estava me rasgando por dentro, eu a queria ao meu lado, me contagiar com seu sorriso — o sorriso dela era tão perfeito — queria fodê-la até que não pudesse mais gritar ou fazer sexo gentil com ela ou simplesmente segurá-la em meus braços e acariciar seus cabelos até ela dormir.

Quando Júlia estava comigo, eu sentia que quase valia a pena correr o risco de me decepcionar outra vez. Me sentia quase capaz de amar outra vez.

Antes que eu cedesse ao segundo impulso, empurrei minha cadeira para trás e me levantei.

— Estela, vou sair para almoçar. Por favor, certifique-se de que a Júlia vai receber todos os direitos que cabem a ela mesmo que seus dados tenham sumido do sistema. — Peguei meu terno no espaldar da cadeira, enquanto o vestia, olhei para os edifícios na janela panorâmica. Eu não queria que Estela percebesse o quanto me doía aquela decisão. — Se a Júlia quiser, também podemos transferi-la para a unidade na Vila Clementino.

Na última noite que passou comigo na cobertura, Júlia me ajudou com os contratos e eu fiquei boquiaberto com os conhecimentos dela. Ela seria uma excelente advogada, e eu a queria trabalhando para mim.

— Está bem, senhor. Algo mais?

— Não. Só isso.

Quando ouvi os passos de Estela se afastando e fechando a porta, enfiei minha carteira e o celular no bolso e deixei minha sala. Alguns minutos antes, Isadora tinha me enviado uma mensagem.

"A Melinda está quase chegando."

Se meu humor não estivesse péssimo, eu teria rido com sua mensagem. Desde que me contou no dia anterior, com uma voz cheia de pena, que Melinda e Greg tinham passado a noite juntos, Isadora tinha parado de dizer que Melinda era minha garota e parecia estar enviando sinais para me alertar de que eu não tinha chance. Quem sabe um dia eu poderia contar a ela a verdade por trás do meu interesse.

Não sei o que tinha dado em mim para convidar Melinda para almoçar. Na verdade, eu sabia. Eu precisava trabalhar. Meus compromissos como advogado não podiam esperar que eu resolvesse a confusão sentimental dentro de mim.

Entrei no estacionamento bem no momento em que Melinda saltou do carro de Greg. Não tinha como não saber que o carro era dele, porque ele era a única pessoa no Brasil que possuía um

daquele modelo, ele mesmo o projetou em homenagem à mãe. O cretino estava dando tudo de si para conquistar a Melinda. O que me restava saber era o que ele faria com ela quando a tivesse, para mim não passava de um plano para tirar a minha irmã do caminho.

— Como sabia que eu tinha chegado? Você é vidente? — perguntou Melinda, colocando um sorriso forçado nos lábios.

— Não. Eu só imaginei que estivesse chegando e resolvi descer.

Foi a minha vez de dar um sorriso falso enquanto me aproximava. Ela me analisava de uma forma tão concentrada que eu sentia um frio se arrastando por minha pele e se alojando em minha barriga.

— Será que conheço sua família? — Ela continuou estudando meu rosto, procurando pela resposta que afastaria nós dois.

Eu queria acreditar que ela e a família reagiriam bem aquilo, mas a vida nunca tinha sido gentil comigo. Me obrigando a não pensar nas inúmeras complicações que aquilo teria, fiz um sinal para ela me seguir e a encarei seus olhos azuis pálidos, suplicantes por uma resposta.

— Acho um pouco improvável, minha família não frequenta os eventos da alta sociedade. — Minha voz soou grossa, traindo minhas emoções. — Por que a pergunta?

Seus olhos convergiram do meu rosto para o prédio ao nosso lado, onde ficava meu escritório. Eu podia jurar que naquele momento ela se questionava como eu o tinha conseguido.

— Curiosidade, apenas. — Ela fingiu indiferença.

Começamos a andar pela Avenida Paulista. Enquanto a levava para um restaurante que ficava em uma praça a menos de um quarteirão dali, procurei por Isadora entre alguns rostos que passavam por nós, mas não a encontrei em lugar algum. Eu ainda estava tentando descobrir como ela fazia aquilo sem ser vista quando entramos no restaurante e informei a recepcionista sobre minha reserva.

Assim que nos acomodamos em um local reservado, vi Estela entrando com Júlia ao seu lado e a senti congelar quando nossos olhares se encontraram. A sensação de buraco em meu estômago ficou maior ao encontrar a tristeza misturada com o desejo refletindo neles. Abri o cardápio e baixei o rosto, fingindo prestar atenção nas letras que pareciam dançar, se eu continuasse a olhando não ia conseguir conter meu impulso de ir até ela.

Ainda que não a olhasse diretamente, eu a sentia se movendo até uma mesa no fundo do restaurante.

— Já sabe o que vai pedir?

A voz um tanto rouca me puxou para fora da bolha que me ligava à Júlia. Ergui o rosto e encontrei uma garçonete e Melinda me encarando como se tivesse algo de errado comigo.

— Qual é o prato do dia?

— Hoje é o dia do *Spaghet t i Car bonar a*

— Para mim está ótimo.

Assim que fiz o meu pedido, a garçonete se afastou, deixando-me a sós com Melinda.

— Não é a moça que você estava beijando na festa? — Melinda perguntou, olhando para a mesa que eu sabia que Júlia estava, mesmo sem olhar na direção.

Eu tive que esconder minha surpresa. Não esperava que ela tivesse reparado, já que ela parecia muito envolvida com o Greg.

— Não. Sou o chefe dela. Ela é estagiária no escritório. — Aquela altura, Júlia não era nem mais minha estagiária, ao invés do uniforme, que ficava perfeito nela, ela usava roupas casuais. O conhecimento disso fez o buraco no meu estômago ficar ainda pior. — Quando eu fui te procurar, você já tinha ido embora com o Greg. Você chegou bem ao seu apartamento?

Tudo o que eu queria era desviar do assunto.

A garçonete reapareceu naquele momento e nós dois ficamos em silêncio, esperando que ela colocasse os pratos em nossa frente e fosse embora.

— O que você tinha para me falar? — perguntou Melinda, e levou uma garfada de atum à boca, claramente se esquivando da minha pergunta.

Ela não queria falar sobre Greg, assim como eu não queria falar sobre Júlia e eu preferi não insistir no assunto.

— Acredito que não foi ao banco. Você precisa sacar sua parte do dinheiro na conta de seu pai.

— Não é aquele mesmo dinheiro que você me entregou a documentação no dia que nos conhecemos?

— Não. Esse é da conta pessoal do seu pai e entrou no inventário. Aquele que entreguei a documentação já era legalmente seu antes de seu pai… — Parei de falar quando seu rosto se contraiu.

Falar sobre a morte de Rudolf ainda era um assunto doloroso para ela.

— Fico me perguntando como o meu pai fez tudo isso sem que minha mãe soubesse.

— Muitas pessoas fazem planejamento sucessório. É normal fazer a doação em vida quando se tem um grande patrimônio. Como eles eram casados com separação de bens, ele não precisou da autorização dela.

Seu rosto se apertou e ela baixou o olhar para o próprio prato.

— Sei que tem, ou pelo menos quero acreditar que tenha, uma motivação para meu pai ter feito isso. — Ela respirou fundo e voltou a me encarar. — Ainda assim, não consigo me livrar da sensação de estar traindo-a.

— Acho que não deveria se sentir assim, já que era da vontade dele.

— Ela é minha mãe. Por mais que…

Por mais que você ache que seu pai fez certo em tirar grande parte da fortuna dela, completei em pensamento quando ela deixou o resto da frase pairando no ar.

— Quer que eu te ajude no registro dos bens que saiu para você no processo de inventário, Melinda?

— Como grande parte dos bens, meu pai transferiu para mim em vida, não há muito o que registrar, mas eu ficaria grata se fizesse isso.

— Vou cuidar de tudo.

— Eu também ficaria grata se desse uma olhada nestes contratos.

Puxando sua enorme bolsa para o seu colo, Melinda tirou uma pasta de dentro e a estendeu para mim.

Peguei-a de sua mão e conforme corria os olhos pelas páginas, tentei controlar meu choque, mas certamente falhei. Aquele era sem dúvidas um contrato superfaturado. Ninguém vendia uma quantidade tão baixa de carros por tantos milhões de reais.

— Posso ficar com isso por enquanto? — perguntei, e vi a hesitação tomar seu semblante.

— Você não pode me dizer o que acredita que seja?

— Preciso analisar com calma — menti. Aquela era uma prova valiosa que poderia colocar Abílio, e até mesmo o Greg, na cadeia e eu precisava mostrar aquilo à Isadora. — A única coisa que posso dizer é que se sua suspeita estiver certa, será mais cômodo para você deixar o Greg como CEO e estar longe disso quando essa bomba explodir.

— Por que tem tanta certeza de que suspeito de algo?

Não consegui conter um sorriso.

— Você tem muitos advogados a seu dispor dentro da empresa e preferiu me consultar.

Melinda desviou sua atenção para algo atrás de mim. Segui seu olhar e me arrependi no mesmo instante. Júlia estava indo embora do restaurante com Estela.

— Bem, eu preciso ir — disse Melinda, limpando a boca no guardanapo branco.

— Aproveite que o banco fica a algumas quadras daqui e vá até lá. Quer que eu te acompanhe?

— Não precisa, Daniel. Obrigada!

— Pode passar no meu escritório mais tarde para eu falar o que descobri sobre o contrato?

— Claro.

Paguei a conta e segui com Melinda até o estacionamento do escritório. Quando a vi entrar no carro de Greg, subi para o meu escritório, e antes de entrar na minha sala eu disse a minha secretária que estaria muito ocupado e não devia ser incomodado.

Eu queria acreditar que estava fazendo isso porque precisava analisar melhor o contrato de Melinda ou o caso do cliente com quem eu jantaria mais tarde, mas a dor no meu peito não me deixava dúvidas de que fazia aquilo por causa de Júlia. Estava doendo demais deixá-la ir embora.

Andei até o bar perto da entrada e me servi de dois dedos de uísque *Macallan* levando o copo aos lábios, sorvi um gole extravagante enquanto me movia até o conjunto de sofás pretos perto da parede panorâmica. O Daniel que eu era não costumava beber no horário de serviço, mas eu não reconhecia o Daniel que eu estava me tornando.

Deixei meu corpo cair no assento e fechei os olhos. Deixei o vazio me engolir.

O que pareceu ser minutos ou horas depois meu celular tocou. Pesquei-o no meu bolso e atendi sem nem olhar quem era.

— Daniel, é a Isadora.

— Isadora? — perguntei, tentando fazer minha mente lenta funcionar. — Eu estava mesmo precisando falar com você. Hoje a Melinda me trouxe um contrato que comprova um dos crimes do Abílio.

— Você pretende denunciá-lo?

— Acho que essa decisão precisa partir da Melinda. Preciso convencê-la a fazer a denúncia.

— Se eu fosse você, tentaria fazer isso o quanto antes. — O tom de sua voz colocou meus instintos em alerta.

— O que você está tentando me dizer?

— A Melinda foi assaltada hoje na saída do banco.

Meu coração se transformou em um bloco de gelo. Vagamente, percebi que segurava o telefone com tanta força que

quase o esmagava.

— Ela está bem? — inquiri depois que consegui recuperar minha voz.

— Você não estava me ouvindo? Ela está bem. Um segurança do banco percebeu a movimentação e o cara acabou fugindo, mas estamos no rastro dele.

— Você acha que foi mesmo um assalto?

— Só vamos ter certeza quando o encontrarmos.

Um milhão de pensamentos correram pela minha mente. Era muito estranho o assalto ter acontecido no mesmo dia que Melinda estava com o contrato que podia incriminar Abílio.

Assim que Isadora desligou, liguei para Melinda. Eu precisava convencê-la a ir a uma delegacia comigo o quanto antes.

29

"Estou aqui sem você, amor
Mas você ainda está em minha mente solitária
Eu penso em você, amor
E sonho com você o tempo todo".
(Here Without You -3 Doors Down)

Daniel

Três semanas depois

Senti o colchão afundando ao meu lado e abri os olhos a tempo de a ver subir em mim, montando em minha barriga.

— Eu estava com saudades de você, Daniel — ela sussurrou com a voz suave, e seus olhos tinham um brilho hipnótico enquanto me encarava.

— Eu também, minha pequena. — Acariciei seu rosto e enfiei os dedos em seus cabelos, e a puxei para beijá-la. — Você não faz ideia de como senti saudades.

Nossas bocas se encontraram. Diferente dos nossos outros beijos, que eram rudes e desesperados, esse foi suave, doce e demorado, nenhum de nós parecia querer que terminasse. Minhas mãos desceram por suas costas e ela gemeu baixinho.

— Faz amor comigo, Daniel. — Seus olhos avelãs pareciam quase verdes enquanto pedia.

— Eu faço qualquer coisa com você, minha pequena. Qualquer coisa — murmurei em seu ouvido e mordi o lóbulo.

Meus braços se fecharam em volta de sua cintura com tanta força que eu temia estar a machucando, mas eu tinha tantas saudades.

Abaixando a cabeça, ela beijou meus lábios outra vez, o movimento de sua língua na minha era tão suave, mas desencadeou uma onda de luxúria em mim, acelerando meu ritmo cardíaco. Deslizei seu corpo para baixo e liberei um dos meus braços da sua cintura para poder guiar meu pau em sua boceta molhada, quente e convidativa.

— Estou apaixonada por você, Daniel.

Acordei com meu coração pesado de dor e com os pulmões apertados como se eu estivesse prestes a sufocar. Eu não precisei abrir os olhos para saber que, assim como nas outras noites, ela não estava comigo, e que tudo não tinha passado de um sonho. A única diferença era que nesse ela não estava me deixando. Forcei meus olhos a se abrirem. A cobertura estava escura, o único filete de luz que invadia a sala vinha do prédio vizinho. Correndo os olhos brevemente sobre mim, vi que ainda usava o roupão que vestia após o banho e o copo onde bebi o uísque antes de apagar estava caído no sofá ao meu lado.

Três semanas haviam se passado e eu não consegui esquecê-la, muito pelo contrário, o vazio no meu peito ficava pior. Sua ausência era como uma ferida aberta no meu coração, sangrando mais, doendo mais a cada dia. Meu corpo queimava com a necessidade de tê-la, para sentir aquelas mãos suaves na minha pele. Por mais que eu me odiasse por isso, eu pensava nela o dia todo, sentia a falta dela o tempo todo, e desde que ela se foi eu esperava por sua volta.

— Eu também estou apaixonado por você, Júlia. — Minha voz saiu estrangulada em minha garganta, mas as palavras ficaram mais fáceis na segunda vez. — Estou apaixonado. Em algum lugar do nosso caminho incerto eu me apaixonei por você.

Não havia mais como negar, quanto antes eu aceitasse, antes poderia tê-la de volta. Deus! Eu sentia tanta falta dela e isso estava me consumindo aos poucos. Eu nem conseguia mais trabalhar direito, antes dela o trabalho e o sexo eram minha válvula de escape, mas agora nada me trazia o esquecimento que eu precisava, nem mesmo cheguei a pensar em fazer sexo com outra mulher depois que ela se foi.

Quando Júlia estava comigo eu conseguia não pensar por algumas horas na dor de ter perdido meu filho, e que Dália o tinha tirado de mim de forma tão brutal. Um menino. Um menino que eu tinha escolhido um nome e nunca tive a chance de registrá-lo e nem ver seu rosto, saber se ele tinha algum traço parecido comigo.

Eu precisava dela de volta, preenchendo cada espaço em minha vida.

Tomando uma decisão, me levantei do sofá e praticamente corri escada acima. Uma mistura de animação e ansiedade me invadiu, substituindo os sentimentos sombrios que comprimiam meu peito. Meu corpo parecia estar voltando à vida só com a expectativa de vê-la novamente.

Entrando no closet em meu quarto, me troquei em tempo recorde, vestindo as as primeiras peças que encontrei em minha frente, e vasculhei a pilha de roupas sujas que deixei largada ali mais cedo em busca do meu celular.

Enquanto deixava o quarto, passei o polegar na tela, procurando pelo e-mail de Isadora que eu estava ignorando há dias. Ainda estava esperançoso de que eu ia conseguir esquecê-la, mas isso não iria acontecer. Eu podia finalmente admitir para mim mesmo.

Pareceu ter passado uma eternidade e não apenas segundos, até o relatório sobre Júlia carregar. O nome saltou diante dos meus olhos, cada letra me provocando, trazendo um gosto amargo a minha boca.

J úl i a de L i ns Ber nar di

Fi l i ação: Ál var o de L i ns

Incrédulo, desviei os olhos da tela e me concentrei nos degraus da escada. Meu cérebro corria apressado para processar aquelas informações. Júlia era filha do homem que me vendeu o

escritório e irmã do Felipe. Por que ela escondeu isso de mim? Por que ele mesmo negou que a conhecia?

Quanto mais eu pensava, mais tinha certeza de que havia algo errado por trás disso tudo.

30

"Como nos apaixonamos
Mais intensamente do que uma bala poderia te atingir?
Como desmoronamos
Mais rápido do que um grampo cai?".
(River - Bring)

Júlia

Ouvi a porta se fechando e me apressei em enxugar as lágrimas que desciam por meu rosto. Eu não queria que minha prima me visse assim, ainda que ela não tivesse como saber que aquelas lágrimas eram por causa de Daniel e não por meu pai.

Desde a noite em que o deixei na frente da boate meu coração doía demais. Eu sabia que ia sofrer quando isso acontecesse, mas o sofrimento que eu estava experimentando era muito mais do que cheguei a imaginar.

Cada vez que meu irmão me ligava, dizendo que o Daniel estava agindo estranho desde aquela noite, eu me pegava acreditando, desejando que ele sentisse minha falta como eu sentia a dele. E a necessidade egoísta de me perder em seus braços fortes, de tê-lo dentro de mim, borbulhava sob a superfície. Por mais que meu corpo e coração não se importassem que o melhor para nós dois era que ficássemos distantes, consegui manter minha resolução.

Eu acreditava que um dia a falta dele não machucaria tanto, ainda que tivesse certeza de que nunca conseguiria esquecê-lo, pois nenhum cara tinha tocado meu coração como ele. Daniel dominava meus momentos quando eu estava acordada e consumia meus sonhos. Por várias noites sonhei que ele estava me fodendo e eu o fodia de volta. Os sonhos eram tão vívidos que quase sentia seu gosto, seu cheiro, a sensação de sua pele contra a minha, a intensidade que olhava para mim quando me possuiu pela última vez. Eu ainda me perguntava se aquela noite teve algum significado para ele ou se estava pensando nela?

O som de passos ficava cada vez mais próximo. Instantes depois, Liz entrou no quarto. Eu podia sentir seus olhos pequeninos examinando meu rosto enquanto se aproximava.

— Você está bem? — A suavidade em sua voz não conseguiu ocultar sua preocupação.

Ela deixou seu corpo cair ao lado do meu e se apertou contra mim.

— Estou sim — balbuciei, repetindo a mentira que vinha contando.

— Você não come mais, não dorme direito, está perdendo peso. Estou preocupada com sua saúde.

— Está difícil fazer essas coisas sabendo que é só uma questão de tempo e meu pai não estará mais aqui.

— Mamãe acha que você deveria se mudar para nossa casa. Ela acha que está falhando em cuidar de você.

— Você contou a ela que o apartamento está hipotecado? — inquiri, me virando de lado para encará-la.

— Achei que ela deveria saber — admitiu envergonhada. — Você vai morar com a gente, certo? Ou está pensando em ir morar com o Felipe?

— Não há a menor possibilidade. Ele nunca concordaria. — As palavras escaparam da minha boca e desejei poder pegá-las de volta quando senti seu olhar sobre mim e meu rosto começar a queimar.

— Por que não? Vocês dois estavam se dando bem.

Ela continuou me observando enquanto eu tentava não mostrar reação. Liz estava intrigada com minha aproximação repentina e isso piorou depois que me afastei dele e vinha recusando a maioria das suas ligações.

— Quero ficar aqui enquanto puder — respondi, tentando me esquivar. — Enquanto isso, você pode aproveitar um pouco de privacidade com o Matheo. Não me importo em dormir no sofá.

Ela se colocou sentada e sorriu da forma que fazia quando sabia que eu estava mentindo.

— Então o problema é dormir no sofá? Achei que você não gostasse do Matheo.

— Deus, não. Não é nada com o seu namorado — disse eu, rindo.

— Então o que é?

Na verdade, eu odiava os sons que eles faziam durante o sexo, porque sempre me faziam lembrar de Daniel. Eu odiava porque ele sempre parecia gozar antes dela e isso me fazia lembrar que Daniel me dava vários orgasmos antes de gozar. Depois que conheci Daniel, eu sabia o que esperar de um homem, o que talvez se tornaria um problema no futuro, provavelmente eu não encontraria em outro algo que só sentia com ele.

A campainha tocou antes que eu pudesse pensar em mais uma mentira.

— O Matheo vem dormir aqui hoje?

— Não que eu saiba — respondeu ela, se levantando, e saiu pela porta.

— Estou aqui para falar com a Júlia. — Uma voz grave e rouca chegou aos meus ouvidos alguns segundos depois e senti todo meu corpo arrepiar.

Meu batimento cardíaco se acelerou. Ele estar ali só podia significar que eu tinha problemas, que deveria me esconder e torcer para que não entrasse para me procurar. Mas ele acabaria me encontrando quando eu saísse em algum momento. Também me restava acreditar que ele não sabia o que tinha acontecido e estava ali apenas porque queria me ver tanto quanto eu queria vê-lo.

Antes que eu chegasse a uma conclusão, meu corpo agiu por conta própria e eu me vi saindo da cama e indo até a sala.

— Daniel?! — exalei, sem conseguir esconder meu choque.

— Esse é o meu nome e o seu é Júlia de Lins, não é isso?

Eu não deveria ficar surpresa por ele ter descoberto, mesmo assim, não consegui controlar um tremor que desceu por minha coluna.

— Como você entrou aqui? — devolvi sem responder sua pergunta retórica.

Nosso prédio não tinha um porteiro e ele não tinha tocado o interfone.

— Isso importa? — Sua boca se curvou em um meio sorriso zombeteiro, mas eu podia sentir as emoções voláteis dentro dele.

A frieza que ele costumava me olhar estava mais presente e letal do que nunca. Ele tinha voltado a ser aquele Daniel sombrio que me excitava e me assustava na mesma medida.

— Posso entrar ou você prefere que continuemos a conversar de pé na porta?

— Entre — eu disse com a voz engasgada quando me dei conta de que ele estava parado no corredor.

Daniel deu alguns passos para dentro do apartamento e tive a impressão de que a sala diminuiu, e que ele parecia ainda maior do que eu me lembrava, seus ombros ainda mais largos e as pernas ainda mais poderosas dentro do jeans desgastado. Não pude deixar de notar que seu rosto estava mais magro, sua barba mais espessa. Apesar da fúria gelada em seu semblante, bebi nele sem pressa, devorando-o com o olhar e por alguma razão sua beleza perigosamente magnética ainda conseguiu me chocar.

Seus olhos desceram por meu corpo antes de voltar ao meu rosto, a breve inspeção foi o suficiente para me fazer sentir nua em sua presença. Meus mamilos ficaram duros, marcando o fino tecido da camisola e a umidade quente se acumulou entre minhas coxas.

— Então você é filha de Álvaro de Lins e irmã do Felipe? Por que nunca me contou? — A acusação e mágoa em sua voz me puxaram para fora da conexão sexual estranha que me prendia a ele.

Apenas balancei a cabeça, incapaz de negar.

— Onde está seu pai? Ah, me esqueci. Deve estar viajando a trabalho? — Sua voz era dura e afiada, não havia mais nenhum traço do sarcasmo ácido de antes.

— Liz, você pode nos deixar um minuto a sós, por favor? — perguntei, notando só agora que ela ainda estava parada perto da porta, olhando para ele com um olhar impressionado, do mesmo modo que provavelmente eu também estava.

— Por mim, sua amiga não precisa sair. Não tenho nada a esconder. Você tem, Júlia?

— Na verdade, eu sou prima da Júlia. Talvez não pareça por causa da minha descendência asiática, mas eu sou.

Se eu não estivesse tão nervosa, teria revirado os olhos para ela naquele momento.

— Muito prazer. Sou Daniel Freitas — disse ele, de forma sedutora, e estendeu a mão para ela.

Mesmo a uma curta distância, eu podia jurar que vi um leve tremor na mão dela quando apertou a dele, e achei que fosse desmaiar quando os lábios dele se abriram em um sorriso predatório.

— Liz Jeong — respondeu ela, quase sem fôlego.

— Liz Jeong — repetiu Daniel, como se a informação fosse importante.

O que certamente era. Minha prima pequenina asiática seria uma fonte para todas as informações que ela precisava para descobrir minhas mentiras.

— Liz — gemi ao perceber o que estava acontecendo.

— Vou estar no quarto — respondeu ela, e antes de sumir no corredor, ainda dirigiu um olhar na direção de Daniel.

— Então, Júlia? Onde está o seu pai?

Daniel olhou em volta como se esperasse que meu pai fosse sair por alguma daquelas portas. O que me fez acreditar que ele ainda não sabia sobre o meu pai.

— Ele está no Rio de Janeiro a trabalho.

— Não sabia que seu pai tinha solicitado uma inscrição suplementar para advogar em outro estado.

— Ele fez isso. — Minha voz era apenas um murmúrio.

Ele deu alguns passos em minha direção. O ar na sala desapareceu quando ele parou perto de mim, quase me sufocando com sua proximidade. Apesar da frieza persistente em seus olhos,

senti algo mais neles. Desejo. Ele ainda me desejava. O conhecimento disso fez o meu desejo e a paixão por ele sobrepor a névoa de pânico que me dominava. Meus dedos se contraíram com vontade de tocá-lo. Para minha sorte, ou falta dela, ele desviou o olhar para a janela, onde a única vista possível eram os carros no estacionamento.

— Você sabe que posso checar essa informação, não sabe?

— Eu sei — balbuciei, seu cheiro limpo e masculino penetrou em meu sistema, deixando-me zonza.

— E por que você continua mentindo para mim?

Por que está mentindo? Uma pequena esperança que você não saiba toda a verdade, e não me odeie tanto.

Ao invés disso, me peguei dizendo:

— Você não quer se sentar?

Ele engoliu audivelmente antes de voltar a me encarar.

— Não vim para uma visita. Estou aqui para saber qual era seu interesse ao se aproximar de mim, Júlia.

— Você. — Tentei soar o mais convincente possível.

— Não, Júlia. Não é. Você poderia estar interessada em qualquer coisa, menos em mim. — Uma risada amarga escapou da sua garganta. — Eu queria muito acreditar que não, mas eu caí duas vezes na mesma situação. Você insistir nas mesmas mentiras me fez ter certeza disso.

— Você está falando da mulher do seu passado?

Ele assentiu rapidamente, e meu peito se apertou com uma dor súbita por ele estar me comparando com a mulher horrível que o fez sofrer tanto.

— Eu não sou como ela — rebati, magoada.

— Ah, você não é. Então por que se aproximou de mim? Por que mentiu sobre estar apaixonada?

— Eu não menti, eu realmente me apaixonei por você.

— Você vai continuar insistindo nisso? O que mais você quer, Júlia? — Ele passou as mãos nos cabelos deixando-os ainda mais bagunçados. A tempestade em seus olhos partiu meu coração. — Quer que eu diga que também me apaixonei por você? Eu também me apaixonei por você, Júlia. Está satisfeita?

Suas palavras explodiram em meu cérebro, e eu não conseguia processá-las.

— Daniel eu… — Parei sem conseguir formular uma frase, minha garganta parecia inchada de emoções.

— Não diga nada. Não quero sua pena. — Ele se moveu até a porta, ainda a segurando aberta, se virou para me encarar. — A única coisa que quero agora é não te ver nunca mais.

— Espere, por favor! — supliquei com a voz tremendo enquanto as lágrimas pinicavam meus olhos.

Minhas pernas se moveram em sua direção. Então eu o vi agitar a porta e a bater com força.

Não! Não! Não!, protestei quando o nó na minha garganta se expandiu e caiu em forma de lágrimas. Aquilo não poderia estar acontecendo eu estava o perdendo de vez logo após ele dizer que estava apaixonado por mim. Sentindo as paredes da sala se fechando em volta de mim, me arrastei até o sofá e me encolhi em uma bola. Um soluço sufocado escapou da minha garganta. Só me dei conta de que não estava sozinha quando senti uma mão tocar meu cabelo e a voz de Liz penetrar meus ouvidos:

— Vai ficar tudo bem.

Eu queria acreditar nela, mas eu sabia que só estava tentando me acalmar. Quando eu me sentisse melhor, me encheria de perguntas, e, dessa vez, eu não teria como escapar. Minha vida sem Daniel nunca mais será a mesma.

31

"Você me segura sem me tocar
Você me mantém sem correntes
Eu nunca quis tanto algo
Quanto afundar no seu amor".
"Gravity - Sara Bareilles"

Daniel

— Você deveria se levantar — murmurou Júlia, parando ao lado da minha cama.

Ela estava tão linda e deliciosa vestindo uma camisola vermelha transparente. Meus olhos passearam pelo seu corpo e demoraram na curva de sua bunda pequena e arrebitada.

Estiquei o braço para tocá-la, mas ela se afastou, rindo. Fiz uma careta para ela e tentei agarrá-la. Meu pau pulsava com a necessidade de estar dentro dela, sentir as bochechas de sua bunda pressionando contra minha virilha, as costas coladas em meu peito como no dia que a fodi no escritório.

A pressão no meu ombro se intensificou, me deixando desperto e, ainda que suave, a voz não lembrava mais a de Júlia. Eu estava sonhando com ela de novo.

— Daniel, filho…

Com as pálpebras semicerradas, olhei em volta e a mobília começou a ganhar foco.

— O que aconteceu? — perguntei com a voz rouca quando minha mãe entrou no meu campo de visão.

Minha língua estava densa e incômoda, a garganta ardendo como se eu tivesse gritado por horas.

— Você que precisa me dizer o que aconteceu. — Sua voz era firme, mas eu sentia um esgar de preocupação nela.

Franzi o cenho, tentando lembrar o que tinha acontecido. Depois que saí da casa de Júlia transtornado, fui para a casa de minha mãe e subi direto para o meu quarto. Mas, como não conseguia dormir, desci para a sala e comecei a beber um conhaque que meu padrasto reservava para as visitas. A julgar pelo sol brilhante do lado de fora, denunciando que já era tarde, eu realmente tinha conseguido dormir, e muito.

Ao perceber que eu estava deitado no sofá e vestindo somente a calça do pijama, forcei meu corpo para cima e me coloquei sentado. No mesmo instante, senti uma dor lancinante. Meu crânio parecia que iria se partir a qualquer momento e cada vez que eu tentava abrir meus olhos era como se um instrumento de percussão batesse dentro do meu cérebro.

Fechei os olhos e apertei as mãos contra a têmpora, me esforçando para não vomitar. Mas a dor na minha cabeça nem se assemelhava à dor no meu peito. Mais uma vez eu tinha entregado meu coração a alguém que não me queria de verdade. Pensei que nada nem ninguém mais me infligiria dor como no dia que Dália me deixou, mas Júlia me provou que isso era possível. Ela me fez acreditar na possibilidade de dias felizes em meu futuro. Me fez

amar de novo quando eu acreditava que não seria mais possível. Me fez ter esperanças e tirou tudo de mim. Ela tinha feito meu coração voltar a bater para depois o arrancar do meu peito.

Se tivesse um novo furacão em alguma parte do mundo, ele deveria se chamar Júlia, pois era isso que ela era: uma força da natureza altamente destrutiva. Eu tinha recusado os sinais que estavam lá desde o primeiro dia que a conheci — sim, eu os recusei — e agora estava sentindo um aperto no peito que mal podia respirar direito. E o pior de tudo: eu continuava a desejando. Precisei fazer muito esforço para suprimir a onda de desejo que se abateu sobre mim quando a vi, ela tinha perdido peso, mas estava estonteante com uma camisola vermelha que mal cobria seu corpo, ela estava sem sutiã e seus peitos deliciosos marcavam o tecido rendado.

Não era à toa que eu tinha sonhado com ela, porra! Não era à toa que eu estava preocupado, seu rosto estava pálido, os olhos vermelhos e cercados por círculos escuros, como se ela estivesse doente.

— Que horas são? — perguntei quando consegui manter os olhos abertos.

— Passa da uma da tarde.

— Caramba! Tenho que correr para o escritório. Tenho uma reunião importante daqui a pouco — falei, ficando de pé e tudo girou à minha volta, e eu tive que me segurar no braço do sofá.

— É melhor você descansar. Além do mais, sua secretária ligou e eu disse a ela que você não vai para o escritório hoje.

— Não sabia que minha secretária tem seu número.

— Ela não tem, eu acho. Atendi seu celular, porque não parava de tocar. — Ela tirou o aparelho do bolso e o estendeu para mim. — Você tem um monte de ligações perdidas.

— Obrigado — foi tudo que consegui dizer enquanto pegava o celular de sua mão.

Seus olhos negros estavam presos em meu rosto, me estudando, me deixando antever que o assunto que eu estava evitando desde a noite anterior estava prestes a vir à tona.

— O que está acontecendo, filho? Nunca te vi assim antes.

Era verdade. Eu nunca tinha bebido tanto.

Deixei meu corpo cair de volta no sofá e desviei o olhar para o chão para fugir de seu olhar inquisidor.

— Ainda está relutando para não aceitar seus sentimentos pela Júlia? — perguntou ela, diante do meu silêncio.

— Por que você acha que tem a ver com a Júlia?

— Você está diferente desde que a Júlia entrou em sua vida. — Ela se aproximou, colocou a mão no meu queixo e o ergueu para encontrar seu olhar. — Já está na hora de assumir seus sentimentos. Negar não vai mudar o que você sente por ela.

Pensei em dizer que estava imaginando coisas, mas sabendo que seria uma causa perdida, reconsiderei. Minha mãe me entendia como ninguém, me conhecia como nenhuma outra pessoa. Sempre

que eu precisava desabafar com alguém, essa pessoa em minha vida era ela.

— Eu já fiz isso, mãe. Estou apaixonado pela Júlia. — Respirei fundo antes de continuar. — E mais uma vez me apaixonei pela pessoa errada.

— Por que você diz isso?

— A Júlia mentiu e escondeu de mim que era filha do Álvaro de Lins. O advogado que me vendeu o escritório.

— Mas o que tem de errado nisso? — Minha mãe arqueou as sobrancelhas. — Eu não saio por aí falando quem são meus pais.

Talvez não pareceria errado se ela praticamente não tivesse pedido para um estranho tirar a virgindade dela.

Se ela não tivesse sido admitida no meu escritório estando no segundo ano do curso.

Se o próprio Felipe não tivesse fingindo que não a conhecia.

Se os dados dela não tivessem sumido do sistema quando eu quis encontrá-la.

Sem falar também que Júlia vinha repetindo o mesmo padrão estranho das mesmas mulheres que passaram pela minha cama que queriam saber de onde vinha o meu dinheiro e como me tornei bem sucedido.

Se isso vinha se repetindo há um tempo, não partiu da cabeça de Júlia. Tinha alguém por trás de tudo.

Por que alguém quer descobrir isso? E quem quer descobrir?

— Eu também estou tentando decifrar o que há de errado — respondi pensativo.

— Você está tentando achar uma desculpa para não se entregar, é isso — acusou minha mãe e deu alguns passos, se afastando.

— Talvez eu esteja. Mas não será por muito tempo. — Dei um sorriso para tranquilizá-la. Se não tinha dado certo colocando Júlia contra a parede, talvez seria mais sábio se eu jogasse o jogo dela. — Amanhã mesmo vou falar com a Júlia.

— E por que não hoje?

— Tenho algumas coisas importantes para fazer — falei, tentando encerrar de vez o assunto.

Mas apesar da excitação para fazer exatamente o que ela estava falando, era melhor esperar. Júlia poderia ficar desconfiada se eu aparecesse um dia depois de ter dito que não queria vê-la nunca mais.

— Vou fazer um suco de frutas e algo leve para você comer, para ajudar a acelerar o processo de metabolização do álcool.

Quando a vi desaparecer pela porta da cozinha, corri o dedo pela tela e vi que tinha várias ligações perdidas, a maioria delas da minha secretária, mas a que mais me chamou a atenção foi a de Isadora.

No mesmo instante, chamei o número dela. Quando achei que ia cair na caixa postal, ela atendeu.

— Consegui a informação que você tanto queria.

O entusiasmo em sua voz me deixou curioso.

— Qual delas? — Franzi a sobrancelha, e o simples movimento fez minha cabeça dar uma pontada. — Ultimamente tenho te pedido tantas.

— Verdade. Se continuar assim, vou poder abrir mão do meu salário na polícia e trabalhar só para você — ela concluiu, sarcástica.

— Nós dois sabemos que você não está na polícia e fazendo isso para mim porque precisa de dinheiro. — O silêncio dela em resposta foi ensurdecedor e eu continuei: — Mas qual era a informação que você tinha para me passar?

— Depois de analisar as câmeras de segurança do banco, conseguimos prender o cara que atacou a Melinda.

— E então? O que ele disse?

— Ele confessou ter sido pago pelo Abílio para dar um susto nela.

Ainda que eu já soubesse disso, uma raiva explodiu em meu peito.

— Vocês agora vão abrir uma investigação contra aquele pilantra?

— Com certeza vamos. Mas essas coisas podem levar tempo.

— Enquanto isso, a Melinda vai estar em perigo.

— Vou tentar reforçar a segurança.

— Isso não será o suficiente. Abílio é o padrasto dela, terá acesso a ela quando quiser.

Ela soltou um suspiro e quando voltou a falar, sua voz tinha assumido um tom sério.

— Talvez a única forma de protegê-la de agora por diante seria fazendo-a saber que ele é um perigo para ela.

— Tenho a impressão de que ela já se deu conta disso. Mas vou falar com ela para ter certeza. Vou ligar para a Melinda agora mesmo e ver se ela pode jantar comigo.

— Ah, o resultado da perícia do carro da Melinda que você me pediu está no seu e-mail — disse Isadora quando eu ia desligar.

Fiquei olhando para a tela por alguns segundos, quando ergui os olhos minha mãe estava parada na porta, encostada no batente, me olhando, parecendo decepcionada.

— Desculpe, mas não pude deixar de ouvir. Você está pensando em chamar a Melinda para jantar?

Olhei bem para ela, tentando encontrar o que responder sem magoá-la, mas percebi que aquilo seria impossível, e apenas assenti.

— Não estou acreditando que continua vendo *el a* — Seu rosto se contorceu em descrença. — Você me prometeu que ia parar de vê-la assim que terminasse o inventário de seu pai.

— Eu não tive como cumprir essa promessa — admiti, pesaroso. — A Melinda precisa de mim e não ia conseguir ficar bem comigo mesmo se tivesse virado as costas para ela.

— Mas não se sente mal virando as costas para a promessa que fez para mim.

— Eu sinto muito, mãe. Sempre fiz de tudo para ser um bom filho, mas dessa vez não posso, não com a vida da Melinda em risco.

— A Melinda em risco?

— É uma história um pouco extensa, prometo te contar em outro momento. — Inquieto, me levantei e dei algumas voltas pela sala, testando minhas pernas. — Agora vou ligar para a Melinda e ver se ela pode jantar comigo hoje na cobertura.

— Por que na cobertura? E se ela souber de alguma forma que foi o pai dela que comprou.

— A Melinda não é do tipo que se interessava pelos negócios do pai. E eu preciso conversar com ela em um lugar reservado.

— Então a convide para vir aqui.

Sua sugestão me pegou de surpresa e eu levei um tempo até poder falar novamente:

— Por quê?

— Quero conhecê-la.

Aceitando que não teria como escapar daquela situação facilmente, liguei para Melinda e, para minha surpresa, ela aceitou meu convite sem hesitar.

— Está feito, mãe. Ela vem jantar aqui hoje.

32

"Já que o amor que você me deixou é tudo que eu tenho
Eu quero você que saiba que
Se eu não posso estar perto de você
Vou me conformar com o seu fantasma."
(Ghost - Justin Bieber)

Júlia

Ao voltar para casa na noite seguinte, dispensei o elevador e me torturei ao subir os cinco andares de escada. Em partes porque depois de ter contado à minha prima as coisas decadentes que eu tinha feito — eu estava com vergonha de encará-la e queria postergar ao máximo esse momento — e em partes porque a presença de Daniel se tornou esmagadora no meu apartamento. Outra coisa da qual eu estava tentando fugir: as lembranças dele lá dentro.

Seu cheiro parecia estar em cada parte, me lembrando que aquele homem perfeito e quebrado tinha se apaixonado por mim, mas nunca confiaria o bastante para me perdoar ou me deixar entrar em sua vida. Quando eu me deixava me levar pelos pensamentos, quase conseguia ver a raiva e a dor brilhando nas profundezas verdes de seus olhos. E eu me odiava por tê-lo machucado dessa maneira, por ter aberto a ferida purulenta no seu coração, deixada pela mulher de seu passado, quando ele finalmente permitiu que ela curasse.

A sensação de buraco no estômago aumentou quando cheguei ao meu andar. Respirei fundo e procurei as chaves na minha bolsa. Sentindo subitamente a presença de alguém, me virei e meu corpo congelou quando encontrei um par de olhos fixos em meu rosto.

— *Fel i pe*— tentei dizer, ainda que desconfiasse que minha garganta não tinha produzido nenhum som.

— Olá, Júlia. — A voz dele estava enganadoramente suave, mas havia algo em seus olhos que me fez estremecer.

— O-oi.

— Achou que fosse fugir de mim para sempre? — perguntou ele, andando em minha direção com passos seguros e calculados.

— Eu não estava fugindo — balbuciei, e fiquei surpresa pela minha voz ainda funcionar depois do susto.

— É mesmo?

Com um movimento rápido, ele pegou as chaves de minhas mãos e encontrou a chave certa em menor tempo do que eu teria encontrado, e abriu a porta, entrando em seguida.

Assisti paralisada por alguns segundos até tomar coragem de me mover para dentro. Ele girou a cabeça, olhando ao redor. Achei que fosse dizer alguma coisa sobre nosso apartamento, mas sua cara enojada dizia tudo.

— Por que não me disse que Daniel esteve aqui na noite passada? — perguntou ele, se virando para mim.

— Achei que soubesse. Você sempre sabe de tudo. — Tentei soar inocente.

Eu jamais contaria isso a ele para dar a chance de preparar um contragolpe e colocar Daniel em risco.

— E o que ele disse? Ou melhor, o que descobriu.

— Ele só descobriu que somos irmãos.

Suas mãos se contraíram, se fechando em punho, e eu senti a fúria queimando em seu semblante.

— Mas será questão de tempo até que ele descubra o restante.

— Não acho que isso vai acontecer, nem mesmo que vá levar esse assunto adiante.

Apertei minha bolsa contra o corpo e dei alguns passos para longe dele, mas antes que eu fosse muito além, sua mão se fechou em volta do meu braço e me girou para encará-lo.

— Você acredita nisso ou está tentando fazer que eu acredite? — Ele aproximou o rosto do meu e eu senti seu hálito em minha pele. — Ele não vai descobrir porque não vou dar essa chance a ele.

— O que você quer dizer? — Minhas palavras saíram apressadamente e eu me afastei o máximo que seu aperto de aço me permitia.

— Até mesmo uma pessoa jovem pode ter um ataque cardíaco durante o sono.

A sensação de terror se espalhou pelo meu corpo inteiro. E enquanto o encarava, vi o monstro dentro dele emergindo na superfície. Um monstro que qualquer pessoa sensata temeria e detestaria.

— Sei que está blefando. Você já teria feito isso se tivesse a pretensão de matá-lo.

— Nada me daria mais prazer do que destruir o Daniel, vê-lo perder a reputação, o escritório, tirar aquele sorriso arrogante dos lábios dele, mas vou ter que me contentar em vê-lo morto.

Comecei a tremer e ele provavelmente percebeu porque seus lábios se repuxaram em um sorriso.

— Você se importa com ele, fedelha? Sua voz soou baixa e mórbida.

— Não... — Meu sussurro foi quase inaudível.

Seu sorriso se alargou ainda mais deixando claro que sabia que eu estava mentindo.

— A única forma de eu não tomar uma atitude drástica seria eu conseguir as informações que eu preciso.

Meu cérebro paralisado de terror começou a funcionar então a percepção do que havia por trás de suas palavras me sobreveio. Passei a língua sobre os lábios secos, reunindo o máximo de coragem que consegui. Eu sabia que o que eu pretendia fazer era arriscado, mas precisava tentar.

— E se eu conseguir essas informações para você?

Ele me soltou e colocou alguma distância entre nós. Arrastei os olhos até as marcas que seus dedos deixaram em minha pele. Aquilo com certeza deixaria nódoas.

— Quem te garante que ele vai querer te ver depois de descobrir que somos irmãos? — perguntou ele, com falso desinteresse.

— Provavelmente não vai querer, mas eu posso tentar. — Felipe ficou me analisando em silêncio. — Vou falar com ele agora mesmo. Sabe onde posso encontrá-lo?

— Na casa da mãe. Vou mandar o endereço para seu celular.

Quando Felipe saiu pela porta, fiquei um longo tempo olhando para os veios na madeira e senti meu ritmo cardíaco se acelerar ao ver a maçaneta girar. Respirei aliviada quando Liz entrou pela porta.

— Você não vai fazer isso, vai? Não percebeu que ele disse aquelas coisas só porque sabia que você cederia?

— Você estava ouvindo a conversa atrás da porta?

— Eu queria ter certeza de que ele não iria fazer mal a você. — Comecei a me mover em direção ao meu quarto com ela atrás de mim. — Você não vai sair dessa conversa tão facilmente.

Puxei minha blusa pela cabeça e me virei para ela.

— Ele não está blefando, mas não vou fazer o que ele quer. Acho que chegou a hora de eu contar a verdade ao Daniel.

Algum tempo depois, parei o carro em frente a casa da mãe de Daniel. Desliguei o motor e voltei meu olhar para a casa de dois andares do outro lado da rua. Tudo em mim me dizia para ir embora, que era loucura estar ali. Aquilo poderia me trazer muitos problemas.

Como você vai se sentir quando o Felipe for real gummal a ele e sabendo que você poderia ter evitado?

Com esforço, desci do carro e forcei minhas pernas a se moverem até o portão de aço. Minha mão tremeu um pouco quando a ergui para tocar o interfone.

— Quem é? — perguntou uma voz feminina do outro lado.

— Júlia — respondi baixinho.

— Júlia? — repetiu, e eu quase pude ver suas sobrancelhas se erguerem em surpresa através de sua voz.

— Sim, estou aqui para falar com o Daniel.

— Só um instante — respondeu ela depois de um tempo em silêncio.

Outro silêncio se seguiu, ainda mais longo do que o anterior. Minha garganta ficou seca e minhas mãos pegajosas ao imaginá-la ir até onde ele estava para perguntar se ele queria me ver.

"A única coisa que quero agora é não ter ver nunca mais."

As palavras raivosas de Daniel ressoaram em minha mente, eu me preparei para a possibilidade de ouvi-las sendo repetidas pelo

interfone, mas pisquei surpresa quando ouvi um *cl i ck*e o portão abriu, revelando a mãe de Daniel.

— Que bom te ver, entre! — disse ela, com um sorriso caloroso nos lábios.

— O Daniel sabe que estou aqui? — perguntei enquanto a acompanhava até a entrada.

— Não, ele ainda não sabe. Mas talvez seja melhor assim. — Ela me olhou de soslaio, com uma sobrancelha erguida. — Você veio para acertar qualquer mal entendido entre vocês, certo?

O mai s pr ovável é que vou causar mai s desent endi ment ai nda.

— Não sei se ele vai querer falar comigo — respondi com tristeza quando ela se colocou de lado para eu entrar na sala.

— Conhecendo bem meu filho, isso seria uma possibilidade. Por isso não vamos dar chance a ele. O quarto dele é o último do corredor, à direita. — Ela apontou para a escada.

— Vou, ahnnn, lá falar com ele.

— Se precisar de mim, estarei na cozinha. Vou ver terminar o jantar.

Olhei para o alto da escada, me perguntando se eu teria coragem de subir. As lembranças de suas palavras raivosas e os olhos frios ainda estavam frescas na minha memória. Antes que eu tivesse a chance de descobrir, eu o vi descendo. Se eu já não o tivesse visto nu, diria que estava muito sexy, vestido casualmente com jeans e suéter preto, os cabelos estavam molhados

denunciando que ele tinha acabado de sair do banho. Por um instante parei de respirar olhando seu corpo forte e toda sua altura se movendo em direção a mim.

Seu corpo congelou por alguns segundos quando ele desviou os olhos da tela do celular, o guardou no bolso e fixou em mim. Seus olhos se arregalaram, surpresos ao me ver, mas logo ele apertou o maxilar, seu semblante se tornou duro e impenetrável, como eu costumava me lembrar.

— Júlia?! — murmurou rispidamente.

— Oi. Eu preciso falar com você — falei, tentando soar firme, mas até eu mesma percebi o tremor em minha voz.

Suas sobrancelhas grossas arquearam em uma carranca conforme se aproximava.

— Como sabia onde me encontrar?

— Eu… eu — Tentei articular, mas não encontrei palavras.

Ele sorriu, formando uma curva sensual em seus lábios, mas seus olhos verdes quase azuis não refletiram isso.

— Vou atender uma cliente e já falo com você. — Ele ergueu a mão e tocou meu lábio inferior com o polegar. — Talvez seja melhor a gente conversar na minha cobertura, nossa conversa será demorada. Estou com muita saudade da sua bocetinha.

Apesar do seu toque queimando minha pele e das coisas que falava, sua voz era fria e sem emoção. Mas ainda assim senti um estremecimento me varrendo e um calor líquido que se acumular em

minha boceta, fazendo-a apertar com uma dor ardente. Até a parte sombria de Daniel me excitava.

— Você vai atender a cliente aqui?

— Sim. Tenho um pequeno escritório aqui. Sente-se, já volto.

Daniel saiu pela porta. Minhas pernas estavam instáveis e fracas quando me movi até o sofá branco. Inclinei meu corpo de encontro ao espaldar macio e fiquei ali paralisada, tentando silenciar a voz na minha cabeça que dizia que Daniel não me queria de fato e só tinha dito aquilo para se esquivar educadamente.

Depois de alguns minutos, ouvi um som de vozes se aproximando, e a mãe de Daniel também parecia ter ouvido, porque ela saiu da cozinha no exato momento em que Daniel retornou, acompanhado por Melinda.

Engoli em seco. Ainda que ele tivesse me dito na boate que ela era filha do seu antigo chefe, uma dor que só descobri depois que conheci Daniel apertou meu coração e logo descobri qual era o problema: ciúmes.

Os dois eram perfeitos juntos: incrivelmente bonitos.

— É ela? — indagou a mãe de Daniel com a voz embargada, se aproximando deles.

— Sim, mãe. Essa é a Melinda que te falei.

— Meu Deus! — A mãe de Daniel levou a mão à boca, parecendo emocionada. — Como ela é parecida com ele.

Daniel lançou-lhe um olhar significativo, em uma advertência muda para tomar cuidado com as palavras.

— Me pareço com quem? — perguntou Melinda, com seu olhar oscilando entre um e outro.

— Com ninguém especial. Venha, temos muito o que conversar — rebateu Daniel da forma que ele sempre fazia quando queria encerrar um assunto.

Meu coração se afundou no peito quando Daniel segurou o braço de Melinda e a conduziu pela sala. Enquanto seguia ao lado dele, notou minha presença. Os olhos azuis enormes se fixaram em mim. Incapaz de sustentar seu olhar, baixei a cabeça.

Senti Sônia se aproximando e o assento afundando ao meu lado.

—Acho que eu deveria ir embora — balbuciei, mas meus olhos continuaram presos a porta de madeira maciça por onde Daniel e Melinda tinham entrado

— Não é o que está pensando, querida. — Ela colocou a mão sobre a minha. — Meu filho não está interessado nela.

— Ele até fala com você sobre ela.

— Mas não da forma que você está achando. — Ela deu um tapinha na minha mão. — Vou colocar a mesa, quer me ajudar?

— Eu adoraria, mas eu queria estar bem aqui quando ele voltar — recusei educadamente. Entendi que ela tinha me convidado apenas para me proporcionar alguma distração.

Depois do que pareceu uma eternidade, Melinda e Daniel saíram do escritório. O assunto da conversa não parecia ter sido bom, porque os dois estavam visivelmente estressados, e mesmo por trás da pose controlada dava para ver que Melinda parecia à beira de um ataque de nervos.

— Filho, o jantar está servido — falou a mãe de Daniel, surgindo de algum lugar.

— Está bem. Leve a Melinda e a Júlia para a mesa. Vou fazer uma ligação, e já volto.

Tentei não sorrir por ele ainda se lembrar que eu estava ali, mas foi inevitável.

Melinda ficou observando Daniel se afastar e seu rosto perdeu o foco, como se sua mente estivesse em outro lugar.

— Está tudo bem com você? — a mãe do Daniel perguntou, se aproximando dela.

— Você tem outros filhos? — indagou Melinda, sem responder à primeira pergunta.

Me juntei a ela, em expectativa pela resposta, porque me dei conta naquele momento que eu não sabia nada sobre Daniel. O homem que eu amava era um completo enigma para mim.

— Tenho, mas não puderam vir. — Sônia deu um tapinha no braço de Melinda. — Venha se servir.

— Fica para outra ocasião, agora eu preciso ir.

— Ah não, fique e coma conosco. Será um prazer. Só vou avisar meu filho e pedir para não demorar.

Isso mesmo, Melinda. Fique para a outra ocasião. De preferência nunca.

Eu deveria me envergonhar dos meus pensamentos, mas eu temia que se demorasse muito tempo perderia a coragem de contar a verdade a Daniel.

Sem esperar por sua resposta, Sônia deixou a sala com passos apressados. Melinda olhou para mim, encolhida no sofá e sorriu. Fuzilei-a com o olhar por um momento e ao invés de sorrir, apertei os lábios em uma linha fina.

Ela caminhou até a porta e saiu da sala, me deixando sozinha. Sua postura levemente decepcionada me fez perceber o quanto eu tinha sido rude.

Disposta a me desculpar, me levantei e fui atrás dela. Quando cheguei no limiar da porta, vi Daniel conversando com a mãe, seguido de um grito de Melinda.

— Pai?! Daniel é filho do meu pai?! Isso é uma mentira. Eu não acredito em vocês.

Eles olharam para ela chocados, como se tivessem percebido a presença dela naquele momento.

Daniel e Melinda são irmãos.

Minha mão voou para minha boca para conter uma exclamação. Sentindo que eu estava ouvindo algo que não devia, afastei minha curiosidade e voltei para a sala.

33

"Não ache que sou bobo
Eu comando as regras nesse jogo
Você era minha atriz favorita
Eu te assistia, eu ria e nós fingíamos juntos também".
(Entertainer - Zayn)

Júlia

Minutos depois, ouvi o ronco de um motor que não demorou a se tornar imperceptível, e, em seguida, Sônia entrou na sala, passando as duas mãos no rosto.

— Meu Deus! O que eu fiz? O que eu fiz? — balbuciou ela, levando uma mão à boca, produzindo um ruído abafado. Apesar de não estar chorando, cada célula do corpo dela parecia gritar em desespero.

— Sônia — chamei, sem saber bem o que dizer.

Seu corpo estacou no lugar ao se dar conta de que eu ainda estava ali. Respirando fundo, se voltou em minha direção com um sorriso trêmulo nos lábios.

— Oi, querida — murmurou ela. Sua voz estava tensa e um pouco embargada, mas ela ergueu o queixo, encarando-me sem vacilar. — Você não quer jantar? A comida está esfriando.

— Vou esperar o Daniel. — Meus olhos automaticamente se voltaram para a porta e Sônia balançou a cabeça.

— O Daniel foi levar a Melinda em casa. Ele não deve demorar.

Senti algo dentro de mim murchar. Ele não voltaria tão cedo para casa, pois tinham muito o que conversar. Meu estômago estava bem apertado, eu não sentia fome, ainda que mal tivesse comido o dia inteiro, mas resolvi aceitar. Seria bom me manter ocupada até Daniel voltar.

Seguimos para a sala de jantar e comemos em profundo silêncio. A comida era deliciosa, a abobrinha recheada e a massa nadando em molho como eu gostava, mas eu mal pude prová-los. Olhando para Sônia sentada à minha frente, percebi que seu prato estava quase intacto e ela parecia distante, apertando o garfo distraidamente entre os dedos. Enquanto analisava seu rosto triste e cheio de culpa, me perguntei como um segredo que claramente ela não queria que fosse descoberto acabou sendo exposto em alguns minutos.

As catracas na minha mente começaram a girar e algumas coisas começaram a fazer sentido. Se Daniel era filho de um homem muito rico, provavelmente era disso que vinha seu dinheiro. Como não era reconhecido pelo pai, mantiveram a origem em sigilo.

Se meu irmão descobrir que o dinheiro de Daniel não é ilícito ele vai matá-lo.

Um estremecimento sacudiu meu corpo, temendo o mero pensamento. Uma onda de náusea me atingiu, agitando meu estômago furiosamente. Eu estava prestes a vomitar. Em pânico,

olhei em volta procurando um banheiro, mas não vi um. A saliva começou a se acumular na minha boca.

— Preciso de um banheiro — balbuciei, levando a mão à boca.

Quando Sônia apontou para uma porta fechada do outro lado da sala, levantei-me desajeitadamente da cadeira e corri para lá. Ignorando meu reflexo no espelho, debrucei-me sobre a bancada, molhei minha mão na água fria e passei no rosto. Aquilo sempre funcionava. Depois de algum tempo agarrada à bancada, meu estômago se acalmou e eu voltei para sala.

Os olhos de Sônia voaram para o meu rosto, com preocupação aparente. Mas foi o homem sentado ao lado dela que chamou minha atenção. Ele parecia ser tão alto e forte como Daniel, e algo nele me lembrou o Michael B. Jordan[4].

— Você está bem, querida? — perguntou Sônia, me encarando como se eu fosse desmaiar a qualquer momento.

Confirmei com um aceno de cabeça, não sabia se minha voz funcionaria se eu tentasse falar.

— Vinícius, essa é a Júlia. Namorada de seu irmão.

Seus olhos se arregalaram um pouco e ele me encarou como se tivesse nascido um terceiro braço em mim.

— O Daniel tem uma namorada? Isso é uma piada? — Ele riu.

— Nós ainda não estamos realmente namorando — admiti, e minha voz soou triste até para mim.

— Você é muito bonita, Júlia. Se o Daniel não quiser…

— Vinícius — ralhou Sônia antes que ele pudesse terminar, e foi minha vez de dar um sorriso tímido. — Tem certeza de que você está bem, querida? Está pálida.

— Estou… só estou…

Antes que eu formulasse uma resposta, Sônia se levantou.

— Quer se deitar um pouco? Venha.

Segurando meu braço, ela me guiou para a escada, me levando para o andar de cima.

— Não dê importância para as coisas que o Vinícius fala — disse ela, me conduzindo por um corredor com portas fechadas.

Quando ela abriu a última à direita, me dei conta de que tinha me levado para o quarto de Daniel.

Ao me ver sozinha, deixei meus olhos percorrerem o ambiente devagar. Diferente do seu quarto na cobertura, aquele era simples, menor. A decoração era bem masculina, em tons de azul, amarelo e cinza. Alguns quadros de figuras abstratas ocupavam as paredes.

Será que ele vai gostar de saber que estou aqui? me perguntei quando deixei meu corpo cair na cama. A maciez do colchão me envolveu quase como uma carícia. O cheiro de Daniel penetrou em meus sentidos quando me acomodei nos travesseiros. Fechei os olhos e deixei minha mente divagar que ele estava ali comigo, que era seu peito largo que me acomodava.

— Júlia. Acorda!

A combinação da voz sussurrada no meu ouvido e dos lábios raspando em minha orelha me deixou imediatamente desperta.

Dani el !

No mesmo instante, me tornei consciente do seu corpo grande e duro pressionando contra as minhas costas, e sua barba por fazer roçando em meu pescoço quando traçava a ponta da minha orelha com a língua. Meu corpo todo tremeu em antecipação e minha respiração falhou no peito. Virei-me, ficando de costas na cama e o descobri completamente nu. Meus olhos caíram para o seu pau — que estava totalmente duro e curvando-se para o seu umbigo.

— Você voltou — falei, constatando o óbvio.

— Voltei. Sinto muito por deixá-la esperando — sussurrou, deslizando a mão por minha barriga. — Aconteceu algo e eu precisei ir levar a Melinda em casa.

— Eu sei… — Ele parou o movimento e seus olhos voltaram para o meu rosto. — Sei o que aconteceu. Ouvi a Melinda gritar.

— Minha mãe disse que passou mal. Está se sentindo melhor agora?

— Sim, estou bem.

— Que bom! Porque eu estou desesperado para te foder. Você também quer? — Seu olhar se fixou e ele apertou meu seio sobre a camiseta. Suas pupilas se dilataram, tornando a frieza da sua íris uma lava escaldante.

— Quero! — murmurei, sentindo meu interior liquefazer e encharcar minha calcinha.

Eu o queria, tudo em mim estava gritando por ele desde a noite que o vi na boate, desejando desesperadamente sua posse.

Um instante depois, suas mãos estavam sobre mim, puxando a blusa sobre a cabeça e alcançando o zíper da calça jeans, a arrastando por minhas pernas. Ao me ter nua, ele abriu meus joelhos com sua coxa, se acomodando entre elas.

Meus braços subiram por seus ombros, envolvendo seu pescoço, o puxando para mim, para que seus lábios quentes e famintos pudessem encontrar os meus. Nosso beijo foi duro e desesperado, refletindo a necessidade que sentíamos naquele momento.

Segurando meus braços acima da cabeça, prendendo-me contra o colchão com seu corpo pesado, Daniel chupou minha língua, fazendo-me gemer em sua boca e me contorcer embaixo dele.

Sua ereção tocou minha boceta, a cabeça grande deslizou por entre meus lábios vaginais e pressionou meu clitóris, me deixando ainda mais molhada. Meus músculos internos se contraíram com a necessidade de senti-lo dentro de mim. Gemendo, esfreguei-me contra ele, buscando algum alívio para a dor latejante entre minhas pernas.

— Foda-me! Foda-me, por favor — supliquei, abrindo os olhos para encontrar os seus.

— Pode ter certeza de que eu vou. Mas não pode gritar. Minha mãe e meu irmão estão nos quartos ao lado. Se for demais para você, me peça para parar. Está bem?

Concordei com um meneio de cabeça e o vi se erguer em seus joelhos, pegou um pacote laminado sobre a mesinha de cabeceira, abrindo-o com os dentes e enrolou o preservativo em seu pau grosso e longo.

Seu peito subia e descia com respirações superficiais e seus olhos tinham um brilho selvagem quando se posicionou em minha entrada e me penetrou com um golpe profundo. O ar foi arrancado dos meus pulmões e um grito me veio à garganta, mas o contive. Ele era grande, muito grande, meu corpo parecia ter se esquecido disso. Foi como a primeira vez novamente, mas dessa vez ele não me esperou me ajustar. Suas estocadas eram duras e profundas, seus golpes eram impiedosos me fazendo crer por um momento que fosse me partir em duas.

Cada golpe tocava em um ponto, ativando todas as minhas terminações nervosas. Minhas unhas cravaram nos músculos dos seus braços e eu abri ainda mais as pernas, recebendo-o ainda mais fundo.

— Abra os olhos e olhe para mim, Júlia — ordenou ele com a voz rouca e obedeci no mesmo instante. Meu nome em seus lábios agora parecia algo muito errado. Eu era a sua "pequena". Ouvi-lo me chamar de Júlia me causava uma sensação de desamparo e apesar de estar sobre e tão profundamente dentro de mim, parecia que ele estava distante.

Qualquer pensamento coerente que eu poderia ter se perdeu quando ele saiu, deixando apenas a cabeça entre meus lábios, e voltou a empurrar tudo.

O grito mais uma vez ficou preso na garganta quando sua mão grande se fechou em volta do meu pescoço e minhas costas se arquearam, buscando pelo prazer da sua pélvis batendo contra meu clitóris, buscando por ar. Uma sensação de entorpecimento me atingiu, a mesma sensação que eu senti quando ele fodeu minha boca no banheiro. E eu queria mais daquilo, eu queria aquele prazer sombrio que só ele sabia me dar. Todos os meus sentidos se concentraram em seu ritmo pulsante dentro de mim, a falta de oxigênio aumentando ainda mais as sensações. Tudo se perdeu à minha volta, só havia ele e o meu corpo ardendo em brasas.

Senti a tensão familiar do orgasmo crescendo dentro de mim, meus mamilos apertando. Tudo em mim vibrava, como se ele estivesse me possuindo em todos os lugares. Era intenso, muito intenso. Agarrando os lençóis, gozei, explodindo com um grito estrangulado. Com uma última investida forte e profunda ele também gozou, seu corpo coberto de suor caindo em cima de mim, seu pau pulsando em meu interior conforme me agarrava a ele para abraçá-lo. Meu corpo inteiro tremia e minha boceta apertava, ordenhando seu comprimento, extraindo até a última hora do prazer que ele podia me dar.

— Eu amo você, Daniel — me peguei dizendo quando consegui respirar de novo.

Senti seu corpo ficar tenso em cima de mim, e ele ergueu o rosto para me encarar.

— Se me ama, por que mentiu para mim? — A aspereza de sua voz combinada com o brilho feroz dos seus olhos, fez a névoa que o orgasmo tinha deixado em minha mente dissipar.

— Eu vou te contar — gemi, sentindo lágrimas queimarem minha garganta.

— Vai? — Sua boca se curvou em um sorriso zombeteiro e ele rolou para o lado, mas dessa vez não me puxou para perto. — Vai mesmo ou vai continuar mentindo como fez mais cedo.

— Eu vou. É por isso que estou aqui.

Ele ficou em silêncio, esperando que eu continuasse. A dureza de sua expressão fez tudo em mim querer desistir, mas mantive minha resolução.

— Quando esteve no meu apartamento na noite passada, você queria saber onde estava meu pai e por que me aproximei de você.

— Eu ainda quero.

— Meu pai está internado em uma UTI neste momento. A doença do meu pai foi o que me levou a me aproximar de você.

— Eu sinto muito — ele disse, com o rosto suavizando, mas eu sabia que aquilo não tinha chegado nem perto de arranhar a superfície dura que ele foi moldado a ter ao longo dos anos.

— Um tempo atrás fui visitá-lo e um médico me chamou para conversar. Naquele dia, ele me disse que meu pai estava com um câncer raro e o nosso convênio não cobria o tratamento. Toda a fortuna que meu pai tinha, ele foi perdendo ao longo desses e eu não tinha como pagar, nem nenhum bem que eu pudesse vender.

Meu corpo ficou ainda mais tenso e lágrimas silenciosas começaram a descer por meu rosto conforme a verdade ficava mais

próxima, o momento em que eu ia perdê-lo para sempre ficava mais próximo.

— Fiquei desesperada com medo de perder meu pai — recomecei, com a voz embargada. — Perdi minha mãe há pouco tempo e não queria passar por todo aquele sofrimento novamente, e resolvi recorrer à única pessoa da minha família que tem dinheiro. Você sabe quem é?

— O Felipe.

— Sim, o Felipe. Mas ele só arcaria com o tratamento do meu pai se eu fizesse algo em troca.

— O que ele te pediu, Júlia? — soprou ele, com os olhos brilhando de curiosidade.

— Ele me pediu para te espionar.

— Me espionar? — Seu rosto se retorceu em confusão. — Mas com qual propósito?

— O Felipe não suporta a ideia de você ter comprado o escritório do meu pai. Aquele escritório estava na minha família há muitas gerações e ele acha que você e meu pai tiraram a chance dele de assumir.

— Meu Deus, isso...

— É ilógico. Eu sei. Isso não faz nenhum sentido. Mas ele está obcecado para tirar o escritório de você.

— E como ele pretende fazer isso?

— Ele quer descobrir de onde vem o seu dinheiro.

Ele franziu o cenho, como se tivesse assimilando minhas palavras e vi o sorriso zombeteiro voltar ao seus lábios, mas não havia nenhum traço de humor quando ele disse:

— Agora você sabe. Agora você conseguiu a informação que precisava, basta contar ao Felipe.

— Eu não vou contar isso a ele, Daniel — respondi, e me coloquei sentada, virando-me de frente para ele.

— Por que não?

— O meu irmão alimentou durante esses anos todos a ideia de que seu dinheiro era ilícito. Mas quando ele descobrir que não é, ele vai te matar, Daniel.

— O quê? O Felipe pretende te matar.

— Sim…

— E por que você está me contando tudo isso?

— É tão difícil saber? Eu amo você e não ia me perdoar se acontecesse alguma coisa a você. — Minha respiração chiou entre os dentes. Esperei que fosse dizer alguma coisa, mas sua expressão tornou-se sombria. — Acha que um dia vai conseguir me perdoar?

— Não sei... Preciso de um tempo para absorver tudo isso.

Enxuguei as lágrimas com as costas das mãos, saí da cama e peguei minhas roupas no chão.

— O que está fazendo? — perguntou ele, sem nem olhar para mim.

— Estou indo embora.

— Está muito tarde. Eu posso estar com muita raiva de você, mas vou ficar muito preocupado se você for.

— É melhor eu ir.

— Não, fica.

Concordei. Em partes porque sabia que ele tinha razão e porque eu queria aproveitar mais alguns momentos ao lado dele, voltei para a cama. Daniel virou de lado, se deitando o mais longe que a cama permitia. O espaço vazio entre a gente era como um precipício. Depois de muito tempo em silêncio, ouvi o ritmo regular de sua respiração, ele tinha pegado no sono. Enquanto olhava para a escuridão, meus olhos começaram a pesar e eu sentia as primeiras letargias do sono quando ouvi sons abafados e sofridos escapando de sua garganta. Entre eles, reconheci meu nome e o de Dália.

Dál i a

Então o nome dela era Dália, e ele agora me odiava tanto quanto a ela.

34

"Você está me matando lentamente
Tão lentamente, oh não
Eu sinto como se estivesse me afogando
Me afogando".
(I Feel Like I'm Drowning- Two Feet)

Daniel

Acordei com um sobressalto, ainda que eu soubesse que tinha sonhado, não consegui lembrar nada sobre ele. Júlia dormia ao meu lado, os cabelos castanhos espalhados no travesseiro e os lábios ligeiramente abertos. Os seios que cabiam perfeição em minhas mãos se moviam a cada respiração. Meus dedos coçaram para tocá-la, para sentir sua pele, mas uma raiva inflamou dentro de mim, afastando o meu desejo. O maior motivo para eu estar assim não era pelo que ela tinha feito e sim porque eu estava inclinado a perdoar.

El ament i upar avocê. Ni nguémgar ant eque não est áment i ndo agor a.

Um telefone tocou em algum lugar, acordando Júlia, que se levantou e correu para sua bolsa, silenciando a maldita coisa. Ela pegou suas roupas no chão e começou a se vestir. Quando terminou, ela se virou em minha direção, fechei os olhos, fingindo estar dormindo.

Senti a cama se afundar ao meu lado e ela me deu um beijo suave, os lábios mal tocaram os meus, mas parecia que ela estava me consumindo, me fazendo queimar. Por pouco não afundei os dedos em seus cabelos e a puxei para a cama para fazer amor com ela, possuí-la sem pressa, sem a urgência que me dominou durante a noite.

— Eu te amo, Daniel. Passe o tempo que passar serei sempre sua pequena — exalou, seu hálito quente tocando meus lábios.

Suas palavras me atingiram, me enchendo de calor, parecendo preencher todo o espaço vazio dentro do meu peito.

Eu t ambém…

Quase me peguei falando de volta. Meu corpo se enrijeceu, uma revolta súbita me tomou. Júlia pareceu perceber minha mudança porque se afastou e saiu silenciosamente do quarto.

Fiquei um tempo de olhos fechados, com a sensação de que meu coração tinha sido arrancado do peito. Mas eu ia superá-la. Assim como Dália, um dia Júlia ficaria no passado.

Demorei poucos minutos para me arrumar e sair do quarto. Quando cheguei no andar de baixo, minha mãe estava à mesa com meu irmão.

— Quem diria, hein! Finalmente você arrumou uma namorada. — Diferente do tom sarcástico que ele costumava usar ao falar comigo, dessa vez ele estava sério. — A Júlia é…

Ele fez um movimento com as mãos, imitando as pequenas curvas do corpo dela e seus olhos brilharam de uma forma que fez

algo se contorcer nas minhas entranhas.

— A Júlia é o motivo que vou arrancar esse sorriso da sua cara bonita se continuar com esses pensamentos sobre ela — rosnei, e o cretino do meu irmão riu, me deixando ainda mais irritado.

— Fica frio. Não estou tendo nenhum pensamento errado — rebateu Vinícius, com um sorriso cínico.

— Não é o que está parecendo.

— Você já viu o Daniel todo possessivo assim com alguma garota? — Vinícius se voltou para minha mãe e ela negou com um aceno de cabeça. — Parece que ele está ferrado!

— Meu Deus, cara. Cala essa boca. — Dei um passo em sua direção.

— Não dê ouvidos ao seu irmão, sente aqui com a gente e tome café.

— Bem, eu estou de saída — disse Vinícius. —, senão vou me atrasar para o trabalho.

Meu irmão deixou a mesa e eu me sentei ao lado de minha mãe e me servi de uma xícara de café.

— A Júlia saiu daqui muito triste, vocês não se acertaram? — perguntou minha mãe, virando o rosto de lado para olhar para mim.

— Não, mãe. A Júlia se aproximou de mim porque precisava de dinheiro para salvar a vida do pai.

— Pelo menos é para salvar a vida e não para expandir os negócios do pai.

Antes de responder, peguei minha xícara e tomei um gole do líquido quente.

— O erro da Dália não justifica o que a Júlia fez comigo.

— Todos nós tomamos medidas desesperadas para salvar quem a gente ama. Ou para manter quem a gente ama por perto. — Minha mãe estendeu a mão e tocou a minha sobre a mesa. — Se fosse você no lugar dela, faria diferente?

Imaginei minha mãe, que era a pessoa mais importante para mim, em uma situação semelhante, e eu nem precisei refletir muito para chegar àquela resposta.

— Eu não faria diferente, mãe — admiti depois de um momento.

— Sei que como mãe talvez o correto seria eu dizer para você se afastar dela, mas ela parece bem arrependida e apaixonada por você e você por ela. Pense bem, filho.

— Vou pensar, mãe. — Coloquei a xícara sobre a mesa, me preparando para me levantar. — Agora eu também preciso ir. Tenho muita coisa para fazer no escritório hoje.

— Não, espera. — Ela segurou meu braço. — Tem uma coisa que eu preciso te contar.

Acomodei meu corpo de volta na cadeira e a encarei. Ela estava nervosa, a julgar pelo fino tremor em suas mãos.

— Se for sobre a Melinda ter descoberto que somos irmãos, não se preocupe, vai ficar tudo bem. — Tentei injetar um pouco de ânimo na minha voz, mas nem eu acreditava naquilo.

Eu esperava que Melinda não reagisse bem à descoberta de que éramos irmãos, entretanto, tinha sido pior do que eu pensava.

Minha mãe arrastou uma respiração profunda.

— Eu menti para você em todos esses anos, Daniel.

— Mentiu, sobre o quê? — perguntei confuso, eu não conseguia imaginar minha mãe mentindo para mim.

— Você sabe que eu era empregada na casa do seu pai. Nos apaixonamos e pouco tempo depois, engravidei de você. — Assenti, ela tinha me contado aquela história várias vezes. — O seu pai estava feliz e planejava se casar comigo.

— Feliz? — Arqueei as sobrancelhas. — Você sempre me disse o contrário.

— A ex-noiva de seu pai descobriu que íamos nos casar e começou a fazer da minha vida um inferno. Ela era obcecada por ele, ou pelo dinheiro que ele tinha, e eu sabia que ela não ia parar até o tivesse de volta. Eu tive medo de quando isso acontecesse seu pai tirasse você de mim. Então menti para ele, disse que tinha perdido o bebê e aceitei um dinheiro que a Luciana me deu e desapareci com a promessa de que seu pai nunca saberia sobre você. Muitos anos depois, ele descobriu sobre você e veio aqui com a Melinda para te conhecer, mas eu não deixei. Porém, não desistiu

até que conseguiu levar você para trabalhar com ele e ele mesmo te contou que era seu pai.

— Então o meu pai nunca abandonou nós dois? — Ela afirmou com um gesto de cabeça. — Por que você está me contando isso só agora? Sempre odiei meu pai esses anos todos.

— Agora que a verdade sobre sua paternidade veio à tona, acho que a Luciana pode tentar algo contra você. Por isso estou te contando isso agora.

— Eu não sei o que dizer. — Arrastei a cadeira para trás com um guincho e me levantei. — Passei esses anos todos odiando meu pai porque achei que ele tinha me abandonado.

— Eu sei, eu fiz você odiá-lo, mas foi para te proteger, filho. Eu…

Antes de ouvir o que ela tinha a falar, saí pela porta.

Parece que todas as pessoas mentem, depois dizem que estão contando a verdade para te proteger

Irritado, entrei no carro e saí para a rua. Depois de um tempo, meu celular tocou e o nome da Isadora brilhou na tela.

— Pelo visto, você não tem assistido ao noticiário — ela disse quando atendi.

— Aconteceu alguma coisa que eu deveria ver? — perguntei, deixando de lado a justificativa que eu pretendia dar.

— Fizemos uma ação ontem à noite para prender o Abílio.

A surpresa foi tanta que eu não consegui falar por alguns segundos.

— E conseguiram?

— Não. O desgraçado deu um tiro na própria cabeça.

— Então o Abílio está morto?

— Mais morto impossível — respondeu ela, como se estivesse me contando o que comeu no jantar.

— Mas por que vocês fizeram uma ação para prendê-lo? Não tem a ver com o ataque à Melinda. Você me disse que ia demorar.

— Estávamos investigando o Abílio há algum tempo por corrupção e lavagem de dinheiro, acreditando que ele fazia parte de um forte esquema. E ontem o Greg nos entregou algumas provas que nos permitiu abrir um mandado de prisão.

— O Greg?

— Sim, o Greg? Você consegue imaginar por que ele fez isso?

— Não faço ideia.

— Antes de morrer ele confessou vários crimes, entre eles que matou o pai da Melinda e pretendia matá-la também.

Aquilo não era nenhuma surpresa para mim e, por mais que fosse errado, fiquei aliviado por Abílio estar morto.

— Ele deve gostar muito da Melinda — falei, pensativo.

— Eu nunca tive dúvidas. Achei que eu ia poder sair da polícia e ficar trabalhando só para você, mas agora a Melinda não precisa

mais da minha proteção.

— Mas eu preciso. — Fiz uma pausa, e eu podia praticamente ouvir sua mente pensando. — Pelo visto, meu sócio pretende me matar, e eu preciso de sua proteção até que ele seja investigado.

— Isso é sério?

— Sim. Você está em casa? Posso ir aí para a gente conversar?

— Claro. Pode vir. Te aguardo.

Depois de ler pela décima vez o mesmo trecho de um processo que eu trabalhava e minha mente dispersava sempre para os problemas que me atormentavam, fechei o notebook, me levantei e andei até o parapeito do terraço. Enquanto via a cidade piscando em uma infinidade de cores lá embaixo, fiz uma nota mental de transformar o quarto do andar de baixo em um escritório improvisado. Até resolver minhas intempéries com Felipe e ter coragem de olhar no rosto da minha mãe de novo, eu ia precisar me afastar do escritório o máximo possível.

Esse foi o motivo para eu ter ido para a cobertura depois do meu encontro com Isadora. Não seria fácil ficar frente a frente com o filho da mãe e manter o sangue frio. Confrontá-lo não me levaria a nada, nem as autoridades poderiam abrir um inquérito ou prendê-lo apenas por estar planejando me matar. Mas eu não poderia simplesmente ficar parado esperando o momento em que ele

decidiria fazer isso. A raiva que eu tentava conter fluiu por minhas veias me fazendo ver tudo vermelho. Porra! O peso do mundo pareceu desabar sobre os meus ombros de uma vez só. Mas o que mais me doía era a falta de Júlia. Meu coração me pedia para ir atrás dela, perdoá-la, trazê-la para os meus braços e nunca mais deixá-la ir. Depois de tudo o que ela me contou, eu não devia sentir nada por ela além de ódio, mas não conseguia tirá-la da minha cabeça. Eu a queria, por mais irracional e errado que fosse.

Horas mais tarde, estacionei em frente ao prédio em que Júlia morava. Silenciando a voz na minha cabeça que dizia que era uma insanidade estar ali, desci do carro e chamei o número do apartamento dela no interfone. Eu quase podia ver a cara de surpresa que ela faria ao saber que eu estava lá para vê-la. Algum tempo se passou e nada aconteceu. Chamei de novo e só obtive o silêncio como resposta. Acreditando que ela não estava em casa, peguei o celular e liguei para ela, agradecendo mentalmente à Isadora por ter descoberto o número para mim. A chamada estava quase no final quando ela atendeu com a voz rouca e sonolenta.

— Oi! Te acordei? — exalei sem saber ao certo o que dizer.

— Daniel? — Sua voz rachou com surpresa, mas ainda pude notar um nota de temor nela.

Talvez achou que eu ainda estava bravo.

— Você está no seu apartamento? Estou aqui embaixo e queria falar com você.

Ouvi quando ela suspendeu a respiração.

— Falar comigo? Por quê?

— Você disse que sempre será minha pequena, então vim reivindicar o que é meu.

— Espera! Você me quer é isso?

— Você não faz ideia do quanto te quero. Te quero na minha vida, na minha cama, em cima, por baixo, tomando o meu pau bem fundo. — Ela soltou um suspiro que fez um calor se espalhar em meu peito. — Mas eu prefiro falar essas coisas pessoalmente. Pode me deixar subir?

— Vou liberar sua entrada.

Alguns instantes depois, ouvi o *cl i ck* da fechadura e entrei no pequeno saguão.

— Pequena, o Felipe sabe que você me contou os planos dele? — perguntei, ao me dar conta de que Júlia estaria em riscos se o irmão soubesse que estávamos realmente envolvidos.

— Não. Se o Felipe souber que eu te contei a verdade, ele me mata. No sentido literal da palavra. Felipe — ela arquejou, quase sem fôlego, e a ligação ficou muda.

Quando percebi o que tinha acabado de acontecer, meu coração bateu pesadamente no peito. Felipe estava no apartamento dela e a ouviu falando comigo. Na minha ânsia por protegê-la, acabei a colocando em perigo. Ele não iria poupá-la, meus instintos racionais diziam. Um homem que não se compadeceu do próprio pai não pouparia a irmã.

Como se minhas pernas tomassem vida própria, comecei a correr escada acima, subindo o mais rápido que pude. Não quis perder tempo com o elevador, aquela maldita coisa era muito lenta.

Assim que cheguei ao apartamento de Júlia, parei junto à porta, tudo parecia silencioso lá dentro. A única coisa que eu ouvia era o rugido do meu coração. Testei a maçaneta e ela girou sob meus dedos, empurrei-a lentamente e dei de cara com Felipe apontando uma arma para mim. Com a outra mão, ele segurava os cabelos de Júlia, que estava de joelhos na sua frente.

— Felipe, não, por favor — choramingou Júlia, olhando diretamente para mim.

Seu rosto estava banhado de lágrimas e um lado tinha marcas vermelhas do que provavelmente era uma tapa. O desgraçado bateu nela, percebi horrorizado.

— Quieta, sua cadela — ele rosnou, a puxando para cima pelos cabelos.

— Larga, ela — pedi. A fúria assassina em seus olhos me diziam que eu deveria ficar longe, entretanto, dei um passo hesitante para dentro. — Seu problema é comigo. Deixa *el a*ir.

Felipe sorriu de um jeito doentio que me embrulhou o estômago.

— Meu problema agora é com vocês dois. Primeiro você, depois ela — assinalou, apontando a arma para a cabeça de Júlia por alguns segundos.

— O que você quer para deixar *el a*ir?

— Quer dizer que está disposto a negociar? Ela significa tanto assim para você?

— Eu estou disposto. — Me aproximei um pouco mais.

— Mas eu não.

Uma ideia brotou em minha mente e antes que eu pudesse pensar melhor, me peguei dizendo com firmeza:

— Nem mesmo se eu der 25% das ações do escritório para você?

— Não perca seu tempo. Sei que está blefando. Você pode até ter fama de bom advogado, mas sou melhor do que você. E vou provar isso assim que tirá-lo do meu caminho.

A raiva me atingiu, desafiando todas as tentativas lógicas, e dei um passo pesado em sua direção. Seus olhos adquiriram um brilho insano e seu dedo começou a puxar o gatilho, sem qualquer hesitação.

— Felipe, não! — gritou Júlia, se levantando.

Eu tive apenas uma fração de segundos para processar, porque no momento seguinte escutei um estampido de um tiro. Meus pulmões ardiam e eu levei mais tempo do que o normal para perceber que eu não tinha sido atingido.

Fiquei paralisado, olhando em horrorizada descrença quando vi a blusa fina da camisola de Júlia manchada de sangue e seu corpo caído no chão. Felipe olhou em minha direção, atordoado, mas logo sua expressão voltou a ficar sombria e ele apontou a arma para mim. Seguindo o instinto assassino que tingiu minha visão,

avancei em sua direção. Ouvi o barulho de outro tiro, seguido de um vidro explodindo, no momento em que meu punho acertou sua mandíbula, e ele caiu inconsciente no chão.

— Júlia… Júlia — gritei, caindo de joelhos ao lado dela. — Não, Júlia, por favor, não. Meu coração se apertou em uma bola dolorida e eu segurei seu rosto com as duas mãos. — Vim aqui para dizer que te amo e não para perdê-la.

Trouxe o seu corpo para junto do meu e ouvi um grito desesperado, e depois de um tempo, descobri que o som saía de mim.

Vi uma figura morena entrando na sala, se aproximando, pedindo para eu me afastar, mas meu cérebro não registrava mais nada. Eu só queria, e precisava, que Júlia estivesse viva.

35

("Dance comigo sob os diamantes
Me veja como uma respiração no frio
Durma comigo aqui no silêncio
Venha me beijar, de todos os jeitos".
Ghost - Justin Bieber)

Daniel

Sentado na beira da cama de hospital eu não parava de olhar para Júlia dormindo com o cabelo espalhado no travesseiro. Debrucei-me lentamente, com cuidado para não acordá-la, corri a ponta dos dedos por seu rosto pálido, evitando a parte que tinha um hematoma avermelhado.

Ela quase morreu por minha causa.

A médica me assegurou que o tiro tinha sido de raspão e logo ela iria acordar, mas o medo de perdê-la ainda corroía meu estômago como quando achei que ela tinha morrido.

Depois de uma batida suave, ouvi o som da porta se abrindo e me virei a tempo de ver Isadora entrar, vestindo preto da cabeça aos pés.

— Como ela está? — questionou Isadora, colocando a mão em meu ombro e apertando de leve.

— Preciso acreditar que ela está bem — respondi, e soltei um suspiro pesado. — Como você sabia que eu estava lá?

Na pressa de encontrar Júlia eu tinha me esquecido totalmente de entrar em contato com ela para avisar que ia sair de casa.

— Eu estava seguindo o Felipe. Gosto de estudar meu inimigo. Quando ouvi o tiro, meu lado policial entrou em ação.

— Nem sei como agradecer por você estar lá e aquele filho da mãe do Felipe ter sido preso.

— Agora acabou. Ele vai passar uns bons anos na cadeia. Vou indo, se precisar de mim, me liga. — Isadora deu alguns passos em direção a porta e parou. — Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Imagino que você esteja apaixonado por essa garota, e a Melinda? Por que toda aquela preocupação em protegê-la?

Encarei-a em silêncio por um tempo, até que decidi que Isadora merecia ouvir a verdade.

— A Melinda é minha irmã.

— Irmã? — Sua boca abriu ligeiramente. — Mas ela não sabe disso?

— Não sabia até a noite passada.

Quando Isadora nos deixou sozinho de novo, tomei a mão de Júlia entre a minha, ansiando sentir o calor de sua pele, ansiando confirmar que ela estava viva e eu não tinha a perdido. Incapaz de me parar, trouxe sua mão até meu rosto e fechei os olhos.

Felipe ia pagar pelo que fez a ela. Se fosse preciso, eu moveria céus e terra para vê-lo apodrecer atrás das grades.

— Da-Daniel?

Um grunhido baixo fez minhas pálpebras se abrirem de imediato para encontrar os olhos de Júlia presos em mim.

— Estou aqui, minha pequena — balbuciei e me levantei, inclinando-me sobre ela.

— Você está bem? O tiro… ? — Sua voz estava rouca e sonolenta.

Ela tentou se colocar sentada e eu segurei seus ombros, a mantendo no colchão.

— Estou bem. Ele não me acertou. Infelizmente, só você. Por que você fez aquilo, minha pequena?

— Ele ia te matar e… — Ela engoliu. — Só pensei que precisava impedir.

El a quase mor r eu par a me sal .var

Senti minha garganta se fechar e um tipo de emoção que não sei descrever se expandir em meu peito. Meu desejo era me inclinar sobre ela, tomar seus lábios nos meus até não restar nada em mim além do prazer de consumir sua boca.

Uma batida na porta foi seguida pela médica voltando ao quarto.

— Então você já acordou. — disse ela, cruzando o quarto e se aproximando da cama. — Como você está?

— Bem. Um pouco dolorida — murmurou Júlia, levando a mão até a costela esquerda onde ela foi atingida.

— Isso é normal. Não podemos dar os remédios mais fortes de rotina por causa do bebê.

Senti meu sangue congelar nas veias e tudo ao meu redor se transformou em um borrão. Meu cérebro se esqueceu de tudo o que a médica falou e se fixou em uma palavra que não tinha sentido. *Um bebê?*

Meus pensamentos ficaram desconexos, paralisados com o choque. *Júlia vai ter um bebê?* Chocado, busquei seu olhar e vi sua expressão passar de confusa para atordoada, e depois para temerosa. O sangue pareceu fugir todo do seu rosto e seus lábios tremeram quando ela perguntou:

— Você está…? Eu vou ter um bebê?

— Você não sabia? Minha nossa! Pensei que você sabia, está grávida de cerca de 5 semanas, mas está tudo bem com vocês dois. Amanhã poderá voltar para casa.

Uma onda de emoção me tomou novamente, comprimia meu coração, e depois o fez se expandir por toda caixa torácica. Eu ainda não acreditava que aquilo estava acontecendo. Júlia iria ter um filho meu, eu iria ser pai novamente. Finalmente teria a chance de segurar um filho meu nos braços.

Enquanto a médica continuava examinando Júlia, fui até a janela e tentei me acalmar. Minha felicidade era tão grande que chegava a ser aterrorizante. Eu não via a hora da médica sair do quarto para eu saber se Júlia estava feliz ou emocionada — ainda que as lágrimas silenciosas descendo em seu rosto me fizessem acreditar que era o contrário.

— Vou cuidar de você e do nosso bebê. Não vou deixar faltar nada a nenhum dos dois — soltei em um fôlego só quando finalmente ficamos sozinhos.

Sentei na cadeira ao lado da cama e cobri sua mão pequenina com a minha.

— O que você quer dizer?

— Vou te levar para a minha torre e nunca mais vou te deixar ir embora. Nós três seremos uma família.

— Eu não sei se quero que você faça isso. — A voz de Júlia foi morrendo pouco a pouco, transformando-se em um sussurro.

Ela não me queria?

Senti minha garganta secar.

— Eu entendo — murmurei quando reencontrei minha voz. — Você é muito nova ainda. Tem uma vida toda para viver antes de pensar em começar uma família.

— Não. Eu acho que você não entendeu. — Ela passou as costas da mão contra a minha bochecha e pela barba por fazer. — Tudo o que mais quero é ter uma família com você, mas eu não quero que você fique comigo pelos motivos errados. Quero que fique comigo por nutrir algum sentimento por mim e não somente pelo bebê.

— Você ouviu o que eu disse mais cedo ao telefone? Quando disse que tinha ido para reivindicá-la, eu não estava brincando.

— Ontem a noite você ficou tão chateado comigo. — Sua voz ficou triste e ela desviou o olhar.

— Eu fiquei, mas percebi que o que eu sinto por você é forte demais para ser jogado fora por causa de uma chateação. — Trouxe sua mão até meus lábios e dispensei beijos em sua palma. — Estou muito apaixonado por você. Eu amo você, e acho que você me ama também, certo?

Depois de tudo que fez por mim, eu não tinha dúvidas dos seus sentimentos, mas eu queria ouvir isso dos seus lábios.

— Eu amo você, meu Daniel — disse com entusiasmo e um sorriso nos lábios —, amo você e esse... esse bebê! Ah, meu Deus, nós vamos ter um bebê!

Um calor terno encheu meu peito.

— Minha pequena, olhe para mim. — Minha voz tinha uma nota rouca enquanto beijava seu pulso.

Seus olhos cor de avelã encontraram os meus e vi suas pupilas se dilatarem, assumindo um brilho intenso.

— Preciso te beijar — falei de modo desesperado, me levantando e me inclinando sobre ela.

Encostei meus lábios nos seus e não me movi, apenas fiquei parado, sentindo o calor contra minha boca, mas só aquilo parecia suficiente para mim, até sentir seus dedos agarrando meus cabelos e abrir sua boca sobre a minha.

— Espere, você ainda …

Meu protesto foi sufocado quando ela empurrou a língua entre meus lábios. Não era o lugar certo, nem a hora certa, mas me rendi, e invadi sua boca, devolvendo o gesto como se fizesse amor da forma como eu queria fazer com outra parte do seu corpo. Enquanto gemiamos, colados um ao outro, as barreiras do nosso começo desajustado caíram, deixando-nos só com o presente e a chance de recomeçar.

O sol da manhã que entrava pelas janelas banhava o corpo de Júlia mal coberto pela camisola do hospital. Eu não me cansava de olhar para ela. Mesmo com os olhos e lábios ainda inchados de sono, parecia uma visão etérea. Ela se colocou sentada e puxou a camisola sobre a cabeça.

— Quando você comprou todas essas roupas? — ela perguntou enquanto mexia nas sacolas que entreguei.

Respirei fundo e me afastei. Era difícil me concentrar em outra coisa vendo seus peitos, que estavam mais arredondados e fartos, ainda que ela tivesse emagrecido.

— Não fui eu que comprei. Pedi para uma das secretárias do escritório.

— E a sua secretária? — Seu tom diminuiu, mas ainda captei o interesse por trás daquela pergunta.

— Ela está temporariamente afastada. Quer ajuda para se vestir? — indaguei querendo por um final naquele assunto.

Naquela manhã, Isadora me mandou um e-mail com todos os nomes de pessoas que o Felipe contratou ou usou para me investigar e minha secretária era uma delas. Mas eu não queria falar com Júlia sobre isso naquele momento.

Alguns minutos depois, deixamos o quarto do hospital e entramos no elevador. Em vez de apertar o botão para o térreo, Júlia apertou um que ficava alguns andares acima de onde estávamos.

— Preciso ver uma pessoa antes da gente ir embora — murmurou ela, respondendo à minha pergunta não feita.

Quando as portas do elevador resvalaram na nossa frente, entrelacei seus dedos pequenos nos meus e a conduzi para fora. No momento em que entramos naquela ala, o cheiro mudou, o cheiro característico de hospital era tão forte ali que ardeu meu nariz. Como se fosse familiarizada com o local, Júlia me conduziu por um corredor e paramos em frente a uma janela de vidro.

— O meu pai está ali. — Ela apontou para um homem imóvel sobre uma cama.

Seu corpo parecia frágil e sem vida.

Senti um aperto no estômago quando vi seus olhos nadando em lágrimas.

— Só um instante. Já volto.

Ouvi os passos dela se afastando, mas meus olhos continuaram fixos no rosto de Álvaro. Se eu estivesse sozinho, não o teria reconhecido.

Júlia apareceu do outro lado do vidro e andou até a cama. Com o semblante quebrantado, ela tocou o rosto dele com as pontas dos dedos e seus lábios se moveram, dizendo algo que eu não pude decifrar.

— Eu queria que ele soubesse que vou ter um bebê, que ele vai ser avô — ela disse quando retornou para o meu lado.

Passei um braço em volta de sua cintura e a conduzi de volta ao elevador.

— Quando ele sair daí, provavelmente vai querer me matar por isso.

Seu semblante ficou ainda mais triste. Apertei-a contra mim, me perguntando o que eu tinha dito de errado.

— Ele não vai poder fazer isso. Os médicos não sabem se ele vai acordar.

36

"Amor, me deixe ser seu homem
Para que eu possa te amar
E se você me deixar ser seu homem
Então eu vou cuidar de você".
(Let me - Zayn)

Daniel

Uma semana depois

Acordei com Júlia enroscada em mim. Seu braço estava enrolado em volta do meu pescoço e uma perna em cima do meu abdômen. Lentamente, empurrei os cabelos dela, tirando-os do seu rosto e pressionei meus lábios sobre os seus. Minha nossa, ela era linda! Poderia ficar horas deitado ao seu lado somente vendo-a dormir, mas, com cuidado para não acordá-la, me obriguei a me afastar dela e saí da cama. Se eu continuasse ali, ia acabar quebrando minha resolução de não fazer sexo com ela enquanto não estivesse totalmente curada. Seus pontos estavam quase fechados, entretanto, eu conhecia a intensidade do meu desejo selvagem por ela.

Fui ao chuveiro, e imaginando que fosse sua boceta apertada que me envolvia, fechei meus dedos em volta do meu pau, e levou

apenas alguns segundos para que eu gozasse, gemendo o nome de Júlia.

Ela ainda dormia quando saí do banheiro, me vesti rapidamente e deixei o quarto.

Eu colocava nosso café da manhã na mesa e levantei os olhos ao sentir sua presença. Ela estava encostada no batente, vestida com um moletom e camiseta larga, seus cabelos castanhos pareciam uma confusão em volta do seu rosto, mesmo assim não pude deixar de correr meu olhar cobiçoso sobre ela.

— Como está se sentindo? — indaguei quando ela se aproximou.

— Bem. Melhor impossível. Acho que nunca fui tão mimada. — Ela me abraçou por trás e encostou a cabeça em minhas costas, meu corpo se agitou, reagindo à sua proximidade da mesma forma como sempre. — Você vai sair?

— Tenho uma reunião agora pela manhã. — Me virei para ficar de frente a ela e encostei o quadril no balcão, puxando-a para mim. — Infelizmente não pude desmarcar. Tudo bem para você ficar algumas horas sozinha?

— Bem… bem... não vou ficar, mas acho que vou sobreviver a sua falta por algumas horas. — Ela sorriu e olhou para cima, fixando seu olhar em meu rosto. — Estou brincando, acho que está na hora de você voltar para seus compromissos e eu voltar para a universidade.

Não era isso que meu coração dizia, por mim, eu ficaria trancado em casa até me intoxicar com sua presença. Deus! Não me lembro de um dia ter estado tão feliz. À svezes eu tinha medo de que se eu fechasse meus olhos tudo se tornasse um sonho.

— Quer ir para o escritório comigo? — perguntei, empurrando uma mecha de cabelo para trás da sua orelha. — Você pode se distrair com alguns processos ou ser minha secretária por um dia.

— Vou colocar meu uniforme agora mesmo.

— Agora que você foi promovida à minha dona, não precisa usar o uniforme.

Júlia deslizou as mãos pelo meu peitoral até chegar ao meu pescoço. A proximidade do seu corpo, seus seios esfregando no meu tórax, me deixou duro novamente.

— Sou sua dona, é? — Suas pupilas dilataram, deixando o aveludado dos seus olhos quase verdes. — Repete.

— Você é minha dona, meu amor, meu tudo — sussurrei, intercalando cada palavra com um beijo em seus lábios. — Agora vá se arrumar para a gente ir. Ou prefere tomar seu café primeiro?

— Estou um pouco enjoada.

Inebriado, fiquei a olhando até sair pela porta. Com um sorriso incontido, enchi uma xícara de café e a levei aos lábios. Quando ouvi a campainha tocando, deixei a xícara sobre a ilha e corri até a porta, tentando ignorar a agitação no estômago, eu tinha quase certeza de que sabia quem estava do outro lado.

— Oi, Mãe?! — balbuciei, quando abri.

— Oi, filho. Vim trazer um pouco de comida, você não tem aparecido. — Ela ergueu uma sacola, mas eu sabia que aquele não era o motivo para ela ter aparecido.

Vinícius tinha passado todos os dias a pedido dela para deixar comida.

Peguei a sacola de suas mãos e, devagar, a coloquei no chão. Seus olhos brilhando em lágrimas vieram para os meus e nos encaramos em silêncio.

— Ai, meu filho — ela gemeu. — Me…

Antes de ela terminar a frase, meus braços se fecharam em volta do seu corpo, abraçando-a apertado.

— Eu te perdoo, mãe. Eu te perdoo.

Ficamos abraçados por um longo momento, com ela chorando no meu peito.

— Tive tanto medo da Luciana fazer algum mal a você — disse, com a voz embargada, lágrimas grossas descendo em sua face.

— Não se preocupe com isso agora. Está bem? Isso agora é coisa do passado. A Luciana no momento está muito ocupada com as merdas dela para prestar atenção em mim. — Peguei sua mão entre a minha e a conduzi para dentro. — Por que você demorou tanto para vir?

— Eu quis dar o tempo que você precisava. Seu irmão me assegurou que você estava bem.

Eu já contava com isso. Na segunda vez que veio, ele quase me obrigou a ficar nu para ver se eu tinha algum ferimento.

— Pela primeira vez seu coração se enganou, mãe. Eu não precisava de um tempo. Quando amamos alguém somos capazes de fazer tudo para protegê-la, mesmo que nossas escolhas não sejam as melhores. Experimentei um pouco disso quando a Dália engravidou do meu filho, mas ficou mais nítido agora. — Seus olhos baixaram para onde nossas mãos se conectavam antes de voltarem para o meu rosto. — Eu vou ser pai. A Júlia vai me dar um filho.

Seu rosto ficou lívido por alguns instantes, mas seus braços logo se fecharam em volta de mim quando ela processou a informação.

— Ai, meu filho. Estou tão feliz por você que nem sei o que dizer.

Uma hora depois, entrei no escritório com Júlia ao meu lado, seus dedos pequenos e finos possessivamente entrelaçados entre os meus. Eu podia sentir os olhares vindo em nossa direção, mas não me importei. Sempre fui muito reservado em meus relacionamentos — se é que podia chamá-los assim. Entretanto, agora eu queria que todos soubessem que eu era dela, que meu coração era dela.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntei quando paramos em frente à mesa que era da minha secretária. — Você pode ficar na minha sala descansando.

— É claro que quero fazer isso. Vou ser a melhor secretária que você já teve.

Com certa relutância, me virei para minha sala e me ajeitei em minha cadeira, me preparando para o trabalho. Eu estava tirando meu notebook da pasta de couro quando ouvi uma batida na porta seguida da entrada de Júlia.

— Mudou de ideia. — Sorri para ela. — Vem aqui, senta do meu lado.

— Não, não é isso. — Gesticulou parecendo nervosa. — Tem um homem aí. Não entendi nada do que ele falou, mas tenho certeza de que quer falar com você.

— Mande ele entrar.

— Não tenho certeza de que vou conseguir fazer isso, mas vou tentar.

Júlia abriu a porta totalmente e apontou para a minha sala. Eu tentava imaginar por que ela não conseguia falar com o homem quando o vi entrar, preenchendo todos os espaços do cômodo com sua presença. Excessivamente grande e intimidante, ele cruzou o ambiente, me analisando com uma expressão dura e sombria.

— Sou Herbert Becker — disse ele com um inglês tão americano quanto o meu, sem sequer um toque de sotaque do leste europeu. — Suponho que você seja…

— Daniel Eduardo Freitas — respondi, lhe estendendo a mão. — Sente-se.

Ele arqueou uma sobrancelha, seu olhar de um tom muito azul correndo irrestritamente por meu rosto.

— Acredito que saiba porque estou aqui. — Ele se sentou na cadeira do outro lado da minha mesa.

— Sim, eu sei — afirmei, sustentando seu olhar penetrante sem vacilar. — Você veio porque queria se certificar de que sou filho de Rudolf Becker.

— Exatamente. Meu irmão nunca nos contou que tinha um filho. A sua declaração é muito delicada e precisa ser confirmada.

— Entendo. Tenho um exame de DNA em algum lugar.

Peguei minha pasta e comecei a procurar pelo papel amarelado que guardei ali porque tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde precisaria dele. Ele conferiu o papel com falso desinteresse e o colocou de volta na mesa.

— É um laudo muito antigo. Seria mais prudente fazer um novo. Estou certo de que a Melinda não irá se opor.

Dei um sorriso friamente divertido. Ele desconfiava que o exame fosse falso. O que era esperado. No mundo de Herbert Becker as pessoas faziam qualquer coisa por causa de dinheiro e naquele momento ele me considerava uma delas.

— E se eu não estiver interessado? — perguntei, sem me deixar abalar.

Seus lábios se repuxaram em uma diversão sombria.

— E por que não estaria?

— Nunca tive interesse em ser um Becker. Quando Rudolf me contou que era meu pai, eu mesmo propus que fizéssemos o exame para provar que ele estava mentindo.

— E por que trouxe isso à tona agora?

Sabia exatamente onde ele queria chegar com aquilo. Senti minha irritação crescendo, mas não consegui evitar cair no seu jogo.

Me ajeitei na cadeira e me inclinei ligeiramente para frente.

— Você já tem essa resposta. Aliás tem todas as respostas. Eu não queria que a Melinda descobrisse. Assim como não tenho nenhuma pretensão de ir aos tribunais brigar com ela pela fortuna que Rudolf deixou. Se quisesse, teria feito isso há muito tempo.

— Independente se você fizer o exame ou não, minha família na Alemanha vai querer te conhecer.

— Eu não sei se estou interessado. Não tenho tempo para lidar com as dúvidas de vocês.

— Você não vai sair dessa tão fácil. Minha mãe vai ficar em êxtase quando descobrir que tem um neto que se chama Eduardo.

Ao me lembrar que meu pai só me chamava assim, uma curiosidade súbita me tomou.

— O nome tem algum significado especial para ela? — perguntei, abrandando minha voz.

— O nome do meu pai era Edward. Ele foi um grande homem. Seu pai e eu tínhamos muito orgulho dele.

— Nossa... — exclamei, passando a mão nos cabelos. — Eu fico surpreso... E até lisonjeado.

Conversamos por algum tempo sobre a minha suposta família e eu estava me sentindo parte de algo onde jamais imaginei caber. Até as dúvidas sobre a minha paternidade se dissiparam. Então o telefone dele soou com o que deveria ser uma mensagem e logo após checar o celular, ele se levantou.

— Bom, já vou indo. Foi bom te conhecer, Eduardo. Te espero na Alemanha.

Fiquei olhando até ele passar pela porta. Pensativo, baixei meus olhos para o exame de DNA à minha frente. Nunca quis que ninguém soubesse que eu era filho do Rudolf porque acreditava que ele tinha me abandonado. Agora que eu sabia que isso não tinha acontecido, talvez estivesse na hora de baixar um pouco minhas armaduras.

O barulho da porta se abrindo e Júlia entrando segurando uma agenda de couro me sacudiu dos meus pensamentos. Ela estava deliciosa com uma saia justa preta e terninho combinando, mas não pude deixar de notar seu rosto se contorcendo com preocupação incontida.

Com passos cautelosos, ela deu a volta na mesa, se encostou na beirada e perguntou:

— Aquele era seu pai?

— Era o meu tio. — Segurei sua mão e a trouxe até o meu rosto, deslizando a palma macia em minha pele. Eu não fazia ideia

de que precisava tanto do seu toque. — O meu pai morreu há quase sete anos.

Sua boca caiu aberta.

— Vim trazer a agenda do seu dia — ela disse depois de um tempo, e eu fiquei grato por não prosseguir naquele assunto.

— Minha agenda do dia é só uma reunião e depois ir para casa cuidar de vocês dois. — Estiquei a mão e toquei sua barriga plana.

— Não é o que está dizendo aqui. — Ela ergueu a agenda no ar. — Além dessa reunião com sua equipe, você tem uma reunião com um cliente super importante que já foi remarcada várias vezes e um jantar com a Melinda que precisa ser confirmado.

— Isso vai me tomar muito tempo.

— Não precisa cancelar seus compromissos por minha causa. Estou bem, e à noite pretendo ir visitar meu pai.

— Tem certeza?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

Era começo de noite quando entrei no restaurante exótico e luxuoso. Imediatamente vi Melinda em uma mesa perto da frondosa figueira. No mesmo instante, senti falta de Júlia ao meu lado, insisti para que fosse junto, mas ela foi reticente em não ir, porque queria visitar o pai. O curto espaço de tempo separados tinha sido

suficiente para eu sentir sua falta. Queria acreditar que era por termos passado a última semana juntos, mas desconfiava que o meu vício por ela tivesse aumentado. Eu nunca parecia ter o suficiente dela.

Mi nha pequena. Mi nha!

A sensação de prazer que o pensamento me trazia era quase irracional.

Antes de me sentar, estudei o rosto de Melinda, buscando algum sinal de que ela ainda estava descontente com a descoberta de sermos irmãos, não encontrei rancor em seus olhos azuis pálidos, mas eles estavam mais tristes do que o habitual.

— Fiquei sabendo que você conseguiu o cargo de CEO, é verdade?

Ela respondeu com um monossílabo e voltou os olhos para o cardápio. O garçom apareceu para anotar nossos pedidos, e mesmo depois de ele nos deixar a sós, Melinda continuou distante e retraída. Algo estranho acontecia com ela, que parecia querer estar em outro lugar, e não ali comigo.

— Posso saber por que você sugeriu esse jantar? — perguntei, querendo abreviar o nosso tempo ali.

— Quero falar sobre essa coisa toda de sermos irmãos.

— Esse assunto ainda não parece confortável para você. Talvez ainda não seja o momento para falarmos sobre ele.

— Estou bem, só estou… — ela moveu as mãos enquanto procurava pela palavra certa.

— Confusa? — completei, tomando um pequeno gole de vinho.

— Isso. Mas não em relação com a gente.

— Pode se abrir comigo se quiser.

Nossos pratos chegaram naquele momento e nós dois ficamos em silêncio, esperando que o garçom nos servisse.

Comemos sem falar nada até que nosso prato estivesse quase vazio. Os frutos do mar, ricamente combinando com a massa, estavam deliciosos, mas eu ansiava em voltar para Júlia na mesma medida que queria descobrir o que se passava com minha irmã.

— Melinda! — chamei, e ela teve um sobressalto, comprovando que sua mente estava distante dali.

— Me desculpe, o que você disse?

Segurando a haste da taça, a estudei atentamente antes de voltar a falar.

— Seu tio esteve no meu escritório.

— Eu contei a ele sobre você. Talvez eu devesse ter te consultado, mas achei que era uma informação muito importante para esconder da minha família.

— Você contou para sua mãe? — perguntei para me precaver, ainda que desconfiasse que ela tinha muita coisa no momento para lidar.

— Sim. Ela já sabia, sempre soube. Acredito que seja por isso que Abílio teve aquela explosão de raiva quando nos viu juntos.

— O seu tio disse que, possivelmente, sua família da Alemanha vai querer me conhecer. — Soltei um suspiro cansado.

— Você não está confortável com a ideia?

— Eu não tinha a intenção de…

— Estou certa de que a vovó Magdeleine vai querer, e você não pode negar isso a ela — me interrompeu.

— Mostrei um exame de DNA antigo ao seu tio. Como era esperado, ele duvidou da autenticidade e sugeriu que eu fizesse outro. Quero deixar claro que não tenho nenhum interesse nos bens do seu pai. Quando ele fez a partilha em vida, fui um dos beneficiários, porém quero saber se você está disposta a fazer o exame para não ficar nenhuma dúvida.

— A gente faz o exame quando você estiver pronto. Eu sei que você não tem interesse. Eu disse aquilo em um momento de raiva. Depois que esfriei a cabeça, me convenci de que você é meu irmão e isso encheu meu coração. — Ela esticou o braço e tocou o meu por cima da mesa. — Você é um excelente advogado. Já teria movido céus e terra se tivesse interesse.

Queria me levantar e abraçá-la, mas me contentei em observá-la, com meu peito borbulhando de sentimentos fraternais.

— E por falar em excelente advogado, você conseguiu descobrir quem denunciou o Abílio? — continuou ela, com interesse indisfarçável.

Coloquei meus talheres no prato e bebi mais um longo gole de vinho antes de responder.

— Greg.

— Greg?!— repetiu. — Por que será que ele fez isso?

— Eu acredito que foi para te proteger. Ele estava sendo chantageado pelo pai. E pelo que eu soube, todas as ameaças do Abílio eram relacionadas a você. — Seus pensamentos pareciam girar com tanta intensidade que eu quase podia ouvi-los. — Você não me contou como ficou a situação dele na empresa.

— Ele vai embora. — Sua voz se tornou apenas um sussurro e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela gostava mesmo dele. — Ele vai trabalhar com o tio Herbert na Alemanha.

— E você não quer que ele vá?

Ela desviou o olhar.

— Ele é um ótimo profissional, mas não posso mantê-lo aqui. Pelo que descobri hoje, ele sempre teve vontade de trabalhar na matriz na Alemanha. Ele já tinha pedido o afastamento do cargo de vice-presidente para aceitar a proposta do meu tio.

— Essa é a sua melhor desculpa? Do que você tem medo, Melinda?

Nossos olhares se prenderam enquanto eu esperava por sua resposta.

— Eu não sou forte o bastante para lutar por nós dois.

— Talvez porque seja hora de parar de lutar e deixar seu coração ditar o ritmo.

Ter deixado meu coração me guiar certamente foi a decisão mais acertada que tomei. Eu não aguentava mais viver sem Júlia. Lembrar dela fez um sorriso brotar em meus lábios e ansiar para voltar para ela.

— Sabe o que é mais engraçado nisso tudo? — continuei. — Se você não tivesse vindo para o Brasil e Greg tivesse aceitado a proposta do seu tio, vocês teriam se encontrado na Alemanha. Seu destino está realmente ligado ao dele. Ouça seu coração, Melinda!

Senti meu telefone vibrando no meu bolso. Qualquer boa maneira que eu deveria ter a mesa foi esquecida no momento em que vi o número de Júlia brilhando na tela.

— Sim, minha pequena — disse eu, atendendo.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então ouvi sua voz chorosa.

— Meu pai morreu, Daniel. Ele morreu.

— Estou a caminho.

37

"Você não precisa dizer que me ama
Eu só quero te dizer uma coisa
Ultimamente você anda nos meus pensamentos
Amor
Eu andaria no fogo por você".
(Adorei you - Harry Styles)

Daniel

Um dia depois

Estávamos sentados no sofá da sala. Meu coração se comprimiu quando Júlia tirou a cabeça do meu peito e olhou para cima, e seus olhos vermelhos e inchados encontraram meu rosto. Sabia que era inevitável que ela sofresse pela perda do pai, mas eu queria poder tirar a dor dela. Ver a mulher que amava sofrer tanto estava me dilacerando. Depois que seus soluços se acalmaram, ergui-a nos braços e a levei para o banheiro. Eu queria entrar com ela, poder mimá-la mais um pouco, mas me contive em observá-la afundada na espuma, com a cabeça apoiada na beirada da banheira, os olhos fechados, acentuando suas feições delicadas.

— Vou preparar alguma coisa para você comer — eu disse, e a vi piscar algumas vezes antes de seus olhos se abrirem.

— Estou sem fome — murmurou com a voz rouca.

— Então coma pelo nosso bebê. Você mal tocou na comida o dia todo.

Deixei-a sozinha por alguns instantes. Quando voltei, ela olhava pela janela acima da banheira, seu semblante distante me dizia que a vista panorâmica não trazia a distração que ela precisava naquele momento.

Sentindo meu olhar sobre ela, Júlia se virou em minha direção.

— Venha! — disse eu, abrindo uma toalha.

Ela ficou de pé, e eu envolvi seu corpo com o tecido felpudo, a carreguei para o quarto e a coloquei na cama. Repetindo o ritual que fizemos na última semana.

— Você que fez essa sopa? — ela perguntou quando entreguei a tigela com o líquido fumegante.

Sorrindo, me sentei na outra extremidade para olhá-la.

— A minha mãe fez.

— Você nunca pensou em contratar uma cozinheira ou algo do tipo?

— Nunca pensei em contratar uma cozinheira ou algo do tipo. — Apontei para a colher que ela sequer tocou. — Minha mãe parece ter prazer em me alimentar e não podia tirar isso dela. Confesso que fico feliz em saber que ela pensa em mim enquanto prepara suas receitas.

— Ela pensa muito em você pelo jeito.

— Tenho certeza de que ela fez muito isso nos últimos dias, mas acho que de agora em diante a atenção dela vai ser para você — confidenciei, com meu sorriso se alargando. — Ela mandou perguntar se tem algo que você queira comer.

— Você.

Meu corpo reagiu de forma instantânea a sua resposta, meu pau endureceu pela intensidade que ela me encarava. Queria puxá-la para mim, mergulhar em seu calor.

— Faz amor comigo — choramingou, e colocou a tigela sobre a mesinha de cabeceira. — Eu preciso de você.

Nos últimos dias eu tinha me reservado a dar prazer a ela com minha boca, mãos e palavras, mas eu sabia que, assim como eu, ela sentia falta de nossos corpos juntos.

Toquei seu rosto com as pontas dos dedos e deslizei até seus lábios macios, onde rapidamente os substituí por minha boca. Suas unhas se cravaram em meu couro cabeludo, aumentando minha fome por ela, mas me concentrei no toque lento e macio dos seus dedos e continuei a beijando de forma lenta, gentil e demorada, nossas línguas se movendo em sincronia. Soltei a toalha de seu corpo e salpiquei beijos por seu pescoço, descendo pelo colo até seus seios redondos. Ela gemeu quando fechei os lábios em um mamilo e corri a língua em volta. Meus instintos selvagens, que não conheciam limites quando se tratava dela, queriam chupar com força, levá-lo fundo em minha boca. Mas eu também desejava dar a ela o carinho gentil, queria que meu toque fosse o reflexo dos meus sentimentos pacíficos por Júlia.

Segurei-a pelas coxas e a ergui até que sua boceta lisa e macia ficasse na altura do meu rosto.

— Eu quero seu… — Seu protesto foi silenciado com um gemido quando lambi sua boceta, passando a língua entre os lábios inchados. Com a outra mão, trabalhei em seu clitóris até que ela ficasse bem molhada e pulsando sob minha língua.

— Você é tão linda! — sussurrei, escorregando meus lábios por sua barriga. — Tão linda por toda parte.

Quando ergui o rosto, vi que ela estava com os olhos bem fechados e a cabeça inclinada para trás, os lábios entreabertos em um sensual abandono.

— Olhe para mim, minha pequena — pedi, cobrindo seu corpo com o meu, sustentando meu peso em meus cotovelos.

Imediatamente, ela me obedeceu, e a ternura que encontrei em seus olhos fez meu coração palpitar.

— Daniel, eu … — Ela suspirou.

— Você quer o meu pau? — murmurei, guiando-o para sua entrada.

Suas pupilas se dilataram, seus olhos escurecendo quando a penetrei, entrando nela lentamente, sentindo a textura úmida e sedosa de sua boceta me envolvendo. Fazer amor com ela sem preservativo provavelmente era semelhante a entrar no céu, eu não conseguia imaginar algo melhor do que isso, suas paredes me apertando tão perfeitamente que eu queria mergulhar nela mais e mais. Enquanto comecei a me mover lentamente entrando e saindo

dela, tentei me lembrar de quando eu tinha transado com Júlia sem camisinha, mas minha mente estava em branco. Porra! Eu devia estar muito louco por ela para não ter me dado conta.

— Eu te amo — murmurou, e levantou o rosto para me beijar. — Eu te amo tanto, Daniel.

— Eu também te amo e sempre vou amar, minha pequena.

Ela ergueu a mão e tocou meu rosto.

— Obrigada por ter cuidado de tudo… — Imaginei que estivesse falando dos preparativos para o sepultamento de seu pai, mas não perguntei. — Obrigada por estar cuidando de mim, mesmo sem eu merecer.

— Olha para mim! — ordenei quando ela quis desviar o olhar. — Sempre vou te cuidar, sempre vou te proteger. Você é a mulher que meu coração escolheu para amar, que me fez experimentar um amor tão avassalador que eu não posso mais imaginar minha vida sem você, sem seu sorriso no café da manhã, sem meus braços em volta do seu corpo à noite.

Cada frase era intercalada por estocadas em seu calor, e ela respondia gemendo, sem fôlego.

— Oh, Daniel. — O meu nome era um sussurro ofegante em seus lábios.

Eu pude sentir sua boceta se contraindo, abraçando meu pau conforme a liberação do seu prazer aproximava. Seu corpo arqueou debaixo de mim e seus músculos internos me apertaram tão forte,

enviando uma pressão para minhas bolas, que eu gozei, me derramando dentro dela.

Ofegante, saí de cima de Júlia e a puxei para os meus braços, e a apertei contra mim até a nossa respiração normalizar.

Quando senti meu corpo novamente, abri a mesinha de cabeceira e tirei uma caixinha de lá de dentro. O pequeno objeto que antes fazia a bile no meu estômago subir, não me provocava mais nada de ruim.

Os olhos de Júlia se voltaram curiosos para minha mão.

— Anos atrás meu pai me deu esse anel — expliquei, abrindo a caixa. — Ele me disse que está na família Becker há muitas gerações e que era passado para os filhos mais velhos darem às noivas quando as pedissem em casamento.

— Ele te deu o anel quando você ia pedir a Dália em casamento? — perguntou ela, sem desviar o olhar do anel — um solitário de diamante, ouro branco e platina.

— Sim. Tanto que não cogitei dar a você por esse motivo. Mas depois que conversei com meu tio me senti privilegiado por meu pai tê-lo dado a mim e, que não há pessoa mais apropriada para usá-lo a não ser você.

Sua respiração escapou, fazendo barulho entre os dentes e, estarrecida, levantou o olhar para encontrar o meu.

— Oh, meu Deus! Você está me pedindo em casamento? Você quer se casar comigo.

— Na verdade… — Estendi a mão para pegar a sua mão esquerda e ergui o olhar, prendendo o dela. — Quero me casar com você, mas não agora. Você ainda é muito nova, tem uma vida de possibilidades pela frente. Estou te dando o anel porque quero que saiba que sou seu pelo tempo que você quiser, que estou entregando meu coração para você, entregando não, porque ele já é seu desde a primeira vez que te vi na boate. Estou reafirmando que ele é seu, que eu sou seu… seu Daniel. Se um dia você quiser ser para sempre a minha pequena, aí sim, você me pede em casamento.

— Eu sou sua pequena — ela disse, se erguendo nos joelhos, me abraçou e enfiou a cabeça em meu peito. — Não tenho dúvidas de que sempre vou querer ser.

EPÍLOGO

"Eu preciso ter certeza de que você sabe
Que você é a única que eu irei amar
Eu preciso te dizer
Sim, você, se não for você, não será ninguém".
(Anyone - Justin Bieber)

Cinco anos depois

— Ele chegou! — alardeia Sara, a irmã de Daniel, entrando em um rompante no quarto. — E está subindo.

Eu sei que ele faria isso. Daniel tinha viajado para Buenos Aires no dia anterior. Ainda que estejamos separados há apenas algumas horas, sinto sua falta e, conhecendo-o bem como eu conheço, ele também sente a minha e das crianças. Em uma fração de segundos, alcanço meu robe, enfiando-o pelos braços, e ando até a porta.

— A mamãe precisa que vocês fiquem aqui, está bem? — falo, olhando para os meus filhos sentados na *chaise longue* aos pés da cama.

— Está bem, mamãe — a pequena Mia concorda com sua vozinha infantil.

Nosso filho tinha um ano e meio quando ela nasceu. Foi outra gravidez não planejada, mas que nos deixou tão felizes quanto a primeira. Daniel e eu éramos provas de que coisas boas não precisam ser planejadas para acontecer.

Ela parece um pequeno anjo, com o vestido branco e os cabelos castanhos, quase dourados — da cor dos do pai — caindo em pequenas ondas em volta do seu rostinho, que é uma réplica em miniatura do meu. Minha vontade é ir até ela e beijar suas bochechas coradas, mas me apresso em deixar o quarto.

No momento em que saio para o corredor, Daniel surge no último degrau da escada. Meu coração se agita no peito e sinto um leve tremor nas pernas ao mesmo tempo em que todo o meu corpo se aquece. Cinco anos tinham se passado e ele ainda causa o mesmo impacto em mim, ou talvez até mais do que antes. No auge dos seus 35 anos, ele parece ainda mais másculo e letalmente bonito.

— Oi, minha pequena. — Sua voz profunda me alcança, aumentando o efeito do que sua presença me causa.

— Por que você demorou tanto? — Deslizo as mãos por seu tórax sólido e fico na ponta dos pés para beijá-lo.

— Me perdoe, meu amor. Acabou demorando um pouco mais do que o previsto. — Sua mão quente se fecha em volta do meu queixo, seu polegar roçando suavemente minha bochecha. — Você deveria ter ido comigo.

— Eu gostaria de ter ido, mas precisava cuidar da organização do jantar e também ver o contrato daquele cliente — repito a história que eu disse a ele, mas só parte dela é verdadeira.

Me tornei advogada há dois anos e desde então comecei a atuar, mas nos três anos anteriores me tornei o braço direito dele no escritório, o ajudando com os processos ou debaixo dele, e também

por cima, sendo fodida com força ou fazendo amor docemente até quase me enlouquecer de desejo. Solto um suspiro profundo e ele sorri para mim, fazendo-me lembrar como seus lábios ficam nos meus seios, nos mamilos, entre minhas pernas. Minhas bochechas ficam afogueadas. E não apenas um pequeno rubor que poderia passar por nervosismo — ainda que eu estivesse nervosa, minhas mãos estavam pegajosas de suor — É do tipo que diz qual pensamento passa por minha mente.

— Sentiu saudades de mim, minha pequena? — pergunta, com um sorriso meio zombeteiro em sua boca tentadora.

— Você sabe que sim, meu amor.

— Na primeira oportunidade a gente vai para casa. — Seus olhos percorrem meu corpo, e mesmo vestida com uma camisola e robe, me sinto nua. — Se eu pudesse, ficava sozinho agora mesmo com você.

— Somos os anfitriões esta noite. Melinda nos cedeu a mansão, mas você sabe, a recepção dos convidados é por nossa conta.

— Por que você ainda não está pronta?

— Estou terminando de arrumar as crianças.

— Eu posso cuidar disso enquanto você se troca. — Ele estende a mão, segurando a maçaneta, e eu agarro seu braço.

— Sua irmã, a Sara, está me ajudando. Prefiro que você fique lá embaixo, recepcionando os convidados.

— Está bem. Me chame se precisar.

No momento em que Daniel começa a se afastar, a porta se abre do lado de dentro e nosso filho aparece.

— Papai! Papai! — grita, lançando seu pequeno corpo sobre Daniel a toda velocidade.

Com um sorriso bobo nos lábios, o pai pega-o em seus braços poderosos, levantando-o para abraçá-lo.

Eu deveria ter previsto isso. Eles são completamente loucos um pelo outro. Teodoro é o bebê arco-íris de Daniel — o filho que nasce depois de uma perda prematura — a luz que veio depois da tempestade. Ele mesmo escolheu o nome, que traduz com perfeição o que a chegada do nosso bebê significa nas nossas vidas. É um nome comum no Brasil e na Alemanha, o que facilita as coisas, pois agora nos reunimos com sua família alemã com frequência.

— Você está bonito! — elogia Daniel, olhando para o smoking do nosso filho.

— Mamãe disse que era para eu ficar igual a você.

— Mas você já é igual ao papai, a cópia exata do papai — responde Daniel, colocando-o no chão.

Segurando a mãozinha do nosso filho entre as suas, Daniel caminha para a escada. Preciso que Téo fique comigo, mas nem discuto, é causa perdida.

Alguns minutos mais tarde, ouço uma batida na porta. Meu coração falha uma batida e depois volta a bater em um ritmo acelerado. Sara lança um olhar encorajador em minha direção e eu

abro a porta para encontrar Melinda. Ela leva a mão à boca e seus olhos se expandem conforme me analisa.

— Você está perfeita!

Melinda também está linda, usando um vestido preto acinturado de um ombro só. Suas ondas loiras brilhantes caem em torno de seus ombros. Ela podia facilmente ser confundida com uma estrela de Hollywood.

— Obrigada! — Sorrio e começo a caminhar ao seu lado. — Onde está a Mavie?

Minha cunhada dá um sorriso com covinhas.

— Com o pai. Minha filha ama ficar com o pai.

Quando chegamos ao imenso jardim, vejo os convidados posicionados com suas roupas caras e taças de espumante nas mãos. Acho que vou desmaiar quando a música começa a tocar, sinalizando minha chegada. Os convidados tomam seus assentos. Procuro Daniel com o olhar, me perguntando se ele já percebeu o que está prestes a acontecer, o vejo ao lado da mãe, com Téo no colo, parecendo completamente alheio, mas isso só dura até nosso filho começar a falar:

— Me põe no chão. Vou entregar as alianças.

Parecendo ainda assimilar o que Téo disse, Daniel o coloca no chão, e seu olhar começa a vagar em volta até parar em mim.

Da distância em que estamos, não consigo ver se ele está chocado, feliz ou uma mistura dos dois.

É impossível não pensar nos meus pais enquanto eu avanço sozinha até o pequeno altar, onde o Daniel já está posicionado, olhando para mim, os olhos arregalados e os lábios macios entreabertos. Com um sorriso nervoso, me ajoelho à sua frente.

— Quer se casar comigo? — Minha voz sai rouca, emocionada.

Fazia tempo que eu estava sonhando com esse momento, mas ele sempre me dizia que não devíamos nos apressar. Ainda agora, eu com 24 anos, ele me acha muito nova, e que eu poderia me arrepender futuramente. Mas eu não iria. Daniel é o homem que meu coração escolheu, o homem que mexe comigo como nenhum outro, e faz meu coração e corpo palpitar apenas com um olhar.

Quando ele demora para falar, minha garganta começa a secar.

— Sim, eu quero me casar com você — responde ele, emocionado. — Sempre quis.

— É agora que tenho que dar as alianças, mamãe? — pergunta Téo, se aproximando.

— Daqui a pouco.

Pelos próximos minutos, ouvimos o juiz de paz fazendo um pequeno discurso. Mas minha atenção está somente no homem lindo e intimidante ao meu lado, segurando com firmeza minha mão entre a sua. Mesmo sendo observados, bebo nele com o olhar, hipnotizada. O smoking elegante enfatiza ainda mais as formas poderosas do seu corpo, contrastando com meu vestido todo branco

com referências Vitorianas, o modelo foi feito em musseline e georgette de seda, tem detalhes em renda francesa, uma leve cauda, e é arrematado por um decote quadrado e sem brilho.

— Você, Júlia de Lins Bernardi — começa o juiz de paz, me obrigando a voltar minha atenção para ele. — Aceita Daniel Eduardo Freitas como seu esposo?

— Sim — respondo com a voz embargada, que mal tenho certeza se nosso pequeno público pode ouvir. — Eu aceito

— Você, Daniel Eduardo Freitas, aceita Júlia de Lins Bernardi como sua esposa?

— Sim — diz ele calmamente.

— Agora você pode beijar a noiva — diz o juiz, e Daniel se vira para mim, se inclinando em minha direção escovando os lábios gentilmente nos meus.

Naquele momento, Teodoro e Mia aparecem ao nosso lado e trocamos as alianças. Confirmando o que todos ali sabiam: Meu coração é dele e o dele é meu.

— Como você conseguiu me levar para o altar sem que eu soubesse? — pergunta Daniel quando estamos deitados na cama algumas horas depois.

Suas mãos percorrem meu corpo suado e exausto. Acabamos de fazer sexo depravado e depois de três orgasmos, eu mal posso me mexer. Ainda assim, forço minhas pálpebras a se abrirem e enquanto penso na melhor forma de responder, deixo meu olhar

vagar para a vista do prédio vizinho. Um outdoor piscando em várias cores rouba minha atenção.

Fr ei t as e L i ns advogados

— Aquilo é o que estou pensando que é? — Apesar da empolgação que revolve em meu interior, minha voz sai lânguida pelos efeitos da letargia pós-orgasmo.

— É sim — responde ele, acompanhando meu olhar. Acho que é justo que o escritório volte a ter o nome da sua família.

— Deus... Eu ... Estou tão... Quando você fez isso?

— Pedi que fosse colocado hoje, porque sabia que você não estaria em casa, e eu queria te fazer essa surpresa quando voltássemos.

— Obrigada — balbucio, e beijo seu peito.

Segurando a parte de trás da minha cabeça, ele me força a encará-lo.

— Você ainda não me respondeu. Como me levou para o altar sem que eu soubesse?

Sorrio para ele antes de responder:

— Não deveria confiar tanto em uma mulher fazendo dela sua procuradora quando ela quer se casar com você.

— O que me dá o direito de castigá-la por ter me enganado — sussurra ele, rolando seu corpo pesado para cima do meu.

— Me castigar? Como? — Engulo em seco quando encara-me com uma expressão de desejo somada com amor.

— Me esforçando para fazê-la feliz todos os dias, te amando cada vez mais. Eu amo você, minha pequena.

— Eu também… — começo a dizer, mas ele me cala com um beijo… um beijo tão avassalador quanto nosso amor.

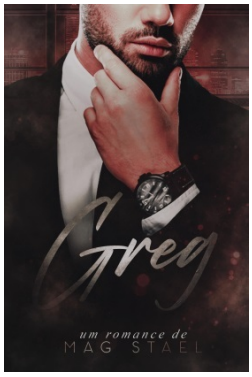
"Todo mundo merece viver um amor avassalador, que chega com tudo. Um amor que vem do nada, que muda tudo que estávamos planejando. Tumultua e faz bem".

(Autor desconhecido.)

OUTROS TRABALHOS DA AUTORA

Quer conhecer mais desses personagens? Então não perca:

Greg: Livro que conta a história de Melinda e Greg, onde Daniel é personagem secundário.



TRECHO DE GREG

Depositei as malas no chão, joguei minha bolsa no pequeno sofá creme e tirei o cardigã, deixando-o em um canto qualquer. Esfreguei o rosto e me dirigi para o banheiro, sentindo meu corpo reclamar de cansaço. Eu precisava de um banho quente e de uma cama confortável, mesmo que dormir estivesse fora de cogitação. A música que vinha lá de baixo ficava cada vez mais alta. Era uma batida ininterrupta que penetrava meu cérebro. Arranquei as roupas e atirei-as para longe conforme caminhava para o chuveiro. Ouvi batidas na porta e estanquei no lugar.

— Abra a porta! — disse uma voz masculina. Decidi ignorar e as batidas recomeçaram, cada vez mais fortes. Corri os olhos em volta, procurando algo para me cobrir.

— O que você quer? — perguntei e encostei na porta.

— Saber quem está aí dentro. — Melinda Becker — respondi.

Quem quer que estivesse do outro lado ficou em silêncio por um momento. — Isso só pode ser uma piada. — Eu o ouvi dizer. — Traga uma chave reserva.

— Merda! — praguejei.

Recolhi minha blusa no chão, enfiei-a pela cabeça e abri a porta pronta para enfrentar quem quer que fosse. Greg estava do outro lado da porta. Eu não estava preparada para a reação que tive ao vê-lo ali. Meu coração acelerou e parecia querer saltar pela boca, o ar escapou dos meus pulmões. Sua boca se abriu levemente e seus olhos se arregalaram de surpresa. Não pude deixar de lançar-lhe um olhar discreto. Ele era impressionante. Moreno, parecia um modelo, era alto e musculoso. Vestia uma bermuda preta e uma camiseta branca. Seus cabelos castanhos agora estavam longos, e seu braço esquerdo coberto por tatuagens, dando a ele um aspecto lindamente selvagem. Mas não era só no porte físico que Greg exalava magnetismo, era muito sensual, e as mulheres que conviviam à sua volta não faziam nenhum esforço para esconderem o deslumbramento que tinham por ele.

— Mel? — balbuciou.

Sua voz rouca penetrou em meus ouvidos causando um verdadeiro estrago dentro de mim.

Continue lendo: https://amzn.to/3AAnGAq

Um Minuto: O CEO e a Viúva: Livro que conta a história de Mariana e Fábio Castellari. O cliente que o Daniel sempre menciona.



TRECHO DE UM MINUTO: O CEO E A VIÚVA.

Já estava há um bom tempo caminhando e nem tinha me dado conta disso. O prédio onde eu morava e a minha rua ficaram para trás. Um carro passou por mim, em baixa velocidade. Segui por alguns metros e engatou a marcha ré, parando ao meu lado.

Olhei por um tempo para o coupé preto luxuoso. Um Mercedes Classe S novinho. Reconheci o modelo porque tinha sido casada com um aficionado por carros de luxo. Gustavo passava horas falando sobre o assunto e eu era sua principal ouvinte.

Enquanto assistia hipnotizada o vidro do motorista baixando com um ruído suave, meu cérebro emitiu um alerta. Me dei conta de que poderia ser um conhecido ou ex-cliente do banco e eu teria que encontrar uma explicação para estar ali àquela hora.

— Oi! — uma voz rouca e máscula soou de dentro do carro.

Alguma coisa nela fez um frisson percorrer minha coluna. Inclinei-me um pouco para frente e apertei os olhos, tentando saber quem era o dono daquela voz, mas a escuridão no interior da Mercedes não me permitiu ver nada.

Ainda que não pudesse enxergar seu rosto, pude sentir os olhos passeando por cada parte do meu corpo. Apesar de não me achar atraente ou coisa do tipo, aquela inspeção minuciosa deixou-me inquieta, pois só poderia significar que tinha algo errado comigo.

Baixei os olhos para meu próprio corpo e só então me dei conta de que estava na rua de pijama. Um pijama velho que algum dia se moldou às medidas do meu corpo, mas agora… Senti meu rosto começar a arder ao imaginar que o cara dentro do carro poderia estar rindo de mim.

— Está tudo bem?

— Está, sim.

— Precisa de ajuda? Parece perdida. — Conheço meu caminho. — Abracei meu corpo.

— Já é tarde. Você está sozinha? — Fiquei insegura com sua pergunta e não respondi.

— Se quiser posso te dar uma carona.

Continue lendo: https://amzn.to/3mJ1Dm1

REDES SOCIAIS

Visite e acompanhe a autora nas suas redes sociais.

Facebook



Página Autora



Instagram



Twitter



E-mail



---

[1] Two Feet, é um cantor, compositor e produtor americano de Nova York.

[2] Taís Bianca Gama de Araújo Ramos é uma apresentadora e atriz brasileira de televisão e cinema.

[3] Recursos Humanos. Mais especificamente é o conjunto de colaboradores de uma organização. A base do setor responsável são as funções de recrutamento, seleção, treinamento, remuneração e benefícios aos trabalhadores.

[4]

Michael Bakari Jordan é um ator norte-americano.